



# Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social





Estudo de Recepção dos  
**Meios de Comunicação Social**

Título: Os Públicos dos Meios de Comunicação Social Portugueses

Edição: Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Revisão:

Depósito legal: 282326/08

Gráficos e quadros:

Design: Atelier João Borges

Produção:

1 Edição

2008



JOSÉ REBELO (Coordenação)

CRISTINA PONTE

ISABEL FÉRIN

MARIA JOÃO MALHO

RUI BRITES

VIDAL DE OLIVEIRA





## Índice Geral

|   |     |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO  | 15  |
| PARTE I METODOLOGIAS  | 27  |
| A. Sondagem Nacional  | 29  |
| B. Inquéritos em Escolas da Grande Lisboa (Crianças/jovens dos<br>9 aos 14 anos e respectivos pais ou encarregados de educação) | 37  |
| C. Idosos   | 42  |
| D. Imigrantes   | 49  |
| PARTE II ANÁLISE GERAL DOS DADOS  | 65  |
| A. Uma visão panorâmica dos media em Portugal   | 67  |
| 1. Utilização   | 67  |
| 2. Funções  | 71  |
| 3. Credibilidade  | 73  |
| 4. Usos   | 76  |
| 5. Os media como estímulo do sentido crítico  | 77  |
| 6. Avaliações   | 78  |
| B. Televisão  | 80  |
| 1. Os canais preferidos   | 80  |
| 2. Os públicos de cada canal  | 83  |
| 3. Os programas mais visionados   | 84  |
| 4. O comando à distância: estabilidade/mobilidade   | 87  |
| 5. Preferências/credibilidade   | 88  |
| 6. O cabo   | 89  |
| 7. A programação em horário nobre: satisfação quase generalizada  | 90  |
| 8. Um factor de preocupação: a pornografia  | 93  |
| 9. O que seria preciso para melhorar a televisão?   | 94  |
| C. Rádio  | 98  |
| 1. As estações de rádio mais ouvidas  | 98  |
| 2. A credibilidade da informação radiofónica  | 100 |
| 3. A importância relativa dos debates   | 102 |
| D. Imprensa   | 104 |
| 1. Jornais diários de informação geral  | 105 |
| 2. Semanários de informação geral   | 110 |
| 3. Revistas especializadas  | 111 |
| 4. Imprensa desportiva  | 115 |
| E. Internet   | 115 |

|  |     |
|--|-----|
| PARTE III CRIANÇAS E JOVENS  | 121 |
| A. Os lares como unidades de análise                                       | 125 |
| 1. Acessos e usos dos media nos lares: questões orientadoras               | 131 |
| B. Geografias e ambientes familiares                                       | 132 |
| 1. Olhares cruzados: os pais   | 134 |
| 2. Olhares cruzados: as crianças e jovens                                  | 136 |
| C. Ambientes dos media em lares portugueses com crianças dos 9 aos 14 anos | 136 |
| 1. Relação dos pais com os meios de comunicação social                     | 137 |
| 2. O lugar dos media nas preocupações parentais                            | 139 |
| 3. Satisfação com a programação televisiva para crianças                   | 141 |
| 4. Benefícios e malefícios na perspectiva dos pais                         | 143 |
| 5. Actividades e interesses das crianças                                   | 147 |
| 6. Os quartos das crianças   | 154 |
| 7. Modos de ver televisão e regulações em casa                             | 160 |
| 8. Ver e falar das notícias  | 177 |
| 9. Domínios da Internet  | 179 |
| D. Os meios de comunicação na vida dos jovens dos 15 aos 17 anos           | 187 |
| 1. Uso dos meios: a geração das escolhas e da mobilidade                   | 188 |
| 2. O domínio do audiovisual e do digital                                   | 191 |
| 3. A Internet  | 193 |
| 4. A Televisão   | 195 |
| 5. A Rádio   | 197 |
| 6. A Imprensa  | 198 |
| 7. Considerações sobre serviço público de Televisão e Rádio                | 200 |
| PARTE IV IDOSOS  | 203 |
| A. Televisão   | 205 |
| 1. Sondagem nacional   | 205 |
| 2. Grupos de Foco  | 213 |
| B. Imprensa  | 219 |
| 1. Sondagem nacional   | 219 |
| 2. Grupos de Foco  | 223 |
| C. Rádio   | 225 |
| 1. Sondagem nacional   | 225 |
| 2. Grupos de Foco  | 228 |
| D. Internet  | 230 |



|   |     |
|---|-----|
| PARTE V IMIGRANTES  | 231 |
| A. Televisão  | 233 |
| 1. Sondagem nacional: “Nascidos e não nascidos em Portugal” | 233 |
| - Práticas  | 234 |
| - Satisfação, Credibilidade e Expectativas                  | 238 |
| 2. Grupos de Foco   | 242 |
| - Cidadãos dos PALOP e seus descendentes                    | 242 |
| - Cidadãos de países do Leste da Europa                     | 249 |
| - Cidadãos brasileiros                                      | 253 |
| - Grupo de Foco “Misto”                                     | 258 |
| B. Imprensa   | 261 |
| 1. Sondagem nacional: “Nascidos e não nascidos em Portugal” | 261 |
| 2. Grupos de Foco   | 268 |
| - Cidadãos dos PALOP e seus descendentes                    | 268 |
| - Cidadãos dos países do Leste da Europa                    | 269 |
| - Cidadãos brasileiros                                      | 271 |
| - Grupo de Foco “Misto”                                     | 271 |
| C. Rádio  | 273 |
| 1. Sondagem nacional: “Nascidos e não nascidos em Portugal” | 273 |
| 2. Grupos de Foco   | 278 |
| D. Internet   | 279 |
| 1. Sondagem nacional: “Nascidos e não nascidos em Portugal” | 279 |
| 2. Grupos de Foco   |     |
| PARTE VI RESUMOS E COMENTÁRIOS FINAIS                       | 285 |
| A. Análise geral dos dados                                  | 287 |
| B. Crianças e jovens  | 290 |
| C. Idosos   | 294 |
| D. Imigrantes   | 296 |
| PARTE VII BIBLIOGRAFIA                                      | 301 |
| A. Geral  | 303 |
| B. Públicos sensíveis                                       | 305 |

## Índice Geral

|  |     |
|--|-----|
| ANEXOS   | 311 |
| A. A equipa de investigação  | 313 |
| B. Sondagem nacional: questionário   | 321 |
| C. Inquéritos em escolas da Grande Lisboa: questionários<br>para crianças/jovens e pais/encarregados de educação | 331 |





# Apresentação



**N**os termos do art. 24.º, n.º 2, al. ab) dos seus Estatutos, a Entidade Reguladora para a Comunicação Social deve “[a]ssegurar a realização de estudos e outras iniciativas de investigação e divulgação nas áreas da comunicação social e dos conteúdos, no âmbito da promoção do livre exercício da liberdade de expressão e de imprensa e da utilização crítica dos meios de comunicação social”.

Se, olhando à prática da ERC ao longo de mais de dois anos, o cumprimento desta obrigação estatutária parece, inquestionavelmente, assegurado (olhados os estudos já promovidos ou em processo de conclusão), o estudo de recepção dos meios de comunicação social que agora se divulga bem mais fundo conforta esta convicção.

Na verdade, se entre nós são conhecidos alguns estudos, os mais deles provindos da Academia, que com valia e muito mérito se debruçam sobre a forma como “recebemos” os meios, este projecto é, a meu ver pioneiro, pelos meios materiais e humanos envolvidos, envergadura, profundidade e natureza transversal que comporta.

Não só, realmente, a forma como determinados grupos específicos vêem e percebem os meios, como uma sondagem verdadeiramente nacional, para melhor compreender, e assim poder analisar o conjunto de questões de *cidadania* que envolve a questão da recepção dos meios. O que vemos? Como vemos? O que lemos e o que ouvimos? De que gostamos? O que é que nos preocupa mais? Que avaliação fazemos dos meios? Que diferenças entre faixas etárias, aqui se incluindo – e destaco o ponto – os idosos?

A todas estas questões, os dados colhidos, e a profundidade e qualidade científica irrepreensível da análise que lhes está associada, procuram responder. É, por isso, tanto uma obra para profissionais como, ainda, em geral, que interessa a todos os cidadãos.

Para poder concretizar este projecto, teriam, necessariamente, que estar envolvidos investigadores e académicos de várias Universidades. Em concreto, se a “empreitada” foi liderada pelo ISCTE e, especificamente, coordenada com

## Apresentação

proficiência pelo Professor José Rebelo, é meu dever elementar agradecer aos restantes membros da equipa, que com incedível profissionalismo e dedicação nos dotaram com aquele que, certamente, todos considerarão, doravante, um marco e uma referência.

Para a Entidade Reguladora – perdoe-se o egoísmo – fica a possibilidade de, com mais sustentação, exercer as suas competências, nem que seja nas áreas relacionadas com os conteúdos difundidos pelos meios.

Uma última palavra.

Na ERC, deve-se à minha colega Estrela Serrano ter começado a sonhar este projecto, ter-me convencido, assim como aos restantes membros do Conselho Regulador, da sua importância, bem para lá dos muros da Entidade. Merece, também, que se dê público testemunho do facto de a ela se dever todo o processo, moroso e de filigrana, de acompanhamento do projecto, em articulação com a equipa de investigação que, com total independência, o levou a bom porto. É muito. E, também por isso, lhe agradeço.

J. A. Azeredo Lopes  
Presidente do Conselho Regulador

# Introdução







Em 20 de Novembro de 2006, um grupo de investigadores, constituído no âmbito do ISCTE, candidatou-se a um concurso aberto pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social com vista à realização de um estudo sobre «Os Públicos dos Meios de Comunicação Social Portugueses». Aprovada essa candidatura, o contrato foi assinado pelos presidentes das duas instituições – ERC e ISCTE – em 29 de Março de 2007.

O texto que, a seguir, se apresenta, é o Relatório final do estudo referido.

### I

Começemos por questionar o seu objecto: poder-se-á falar de “públicos”, a propósito dos meios de comunicação social?

A resposta à pergunta assim formulada exige uma reflexão a dois níveis: ao nível do estatuto dos sujeitos envolvidos e ao nível do seu grau de envolvimento.

Numa tese de doutoramento em Ciências da Informação e da Comunicação que apresentou à Universidade de Paris II, em Dezembro de 2006, intitulada *Télévision, migrations et enjeux identitaires: l'exemple de RTPi*, Manuel Antunes da Cunha, ele próprio filho de imigrantes, analisou profundamente as razões pelas quais a sociologia francesa ignorou, durante grande parte do seu percurso, os consumos mediáticos, sistematicamente associados aos graus inferiores da escala social. Citou, a esse propósito, Pierre Bourdieu que, nos anos sessenta, revisitou as diferentes práticas culturais em função do grau de legitimidade de cada uma delas e do estatuto social dos respectivos públicos. Da observação empreendida, Bourdieu concluiu pela existência de uma homologia entre produção e recepção de bens simbólicos. Destes, os mais elaborados estariam reservados às classes socialmente favorecidas enquanto os mais ordinários, deslegitimados pelos actores sociais, investidos do poder de construir a norma dominante, ficariam confinados às classes populares. Tal estruturação do campo sociocultural iria ter como corolário uma definição elitista de “público”. O verdadeiro “público” seria interessado, conhecedor, dotado de elevada capacidade de reflexão, consciente do significado e do alcance dos seus actos.

Assim sendo, os “públicos” dos media, em particular da televisão, nunca o seriam verdadeiramente. Porquê? Porque seguir pela TV um qualquer *fait-divers*, uma qualquer telenovela, um qualquer jogo de futebol não obrigaria a especial

competência. Meras banalidades do quotidiano. Destituídas de sentido. Praticadas por quem estaria excluído de aceder a formas nobres de cultura.

Sabe-se como, na segunda metade da sua vida de investigador, Pierre Bourdieu recuou nos conceitos anteriormente proclamados, arvorando a televisão e os seus efeitos na estruturação do espaço público em objecto de estudo fundamental. Uma televisão que lhe passou a merecer, aliás, doses idênticas de paixão e de ódio.

A moderna investigação sobre os media determina fronteiras e interdependências. Não se constrói um artigo para um jornal como para a televisão, embora os conteúdos jornalísticos e televisivos estabeleçam, entre si, relações miméticas. O público de um jornal é definível e a observação empírica, mais elementar, prova que ele não se reduz às classes populares. Nunca foi assim. Bem pelo contrário. E a evolução em curso, no campo dos media, prova que a tendência vai, cada vez mais, no sentido inverso. Com efeito, a Sondagem nacional que serviu de base ao nosso estudo mostra, sem ambiguidades, a relação directamente proporcional entre hábitos de leitura de jornais e níveis de escolaridade.

O erro poderia ter origem na confusão entre “media” e “televisão”, ou seja, ao relegar-se os media para o reino da banalidade, estar-se-ia a pensar, não nos media, em toda a sua diversidade, mas na televisão.

Só que, mesmo assim, a associação entre recepção televisiva e estatuto do telespectador não colhe. A Sondagem efectuada, também não admite dúvidas a este respeito. A televisão é transversal. É vista por todos. Independentemente do género. Dos anos de escolaridade. Da idade. Da profissão.

É certo que as telenovelas são seguidas em maior número por mulheres. Que o futebol interessa, sobretudo, os homens. Mas estes e aquelas não têm o exclusivo do visionamento de tais programas. Longe disso. Da mesma forma, os mais diversos estratos socioculturais coabitam no público do futebol. E no público das telenovelas

Como salienta Manuel da Cunha, na sua tese de doutoramento, mesmo se persistem desigualdades no acesso à cultura, o leque de gostos de todas as classes sociais é marcado, agora, por um notório ecletismo.

Decididamente, a mestiçagem é traço dominante na esfera de recepção televisiva.

Mas, para responder por completo à pergunta inicial, interessa analisar a natureza do comprometimento dos sujeitos nessa esfera de recepção.

Sociologicamente, o conceito de “público” vai para além de um aglomerado de indivíduos. Não se trata de uma entidade abstracta. Implica, antes, intencionalidades e imaginários sociais comuns (Defaï e Pasquier). Implica, como sublinha Louis Quéré, experiências específicas e específicas maneiras de agir e de resistir colectivamente. Implica, acrescenta Daniel Dayan, “estabilidade”.

Ora, e na sequência da investigação que levou a cabo, com Elihu Katz, sobre as grandes cerimónias televisivas, Dayan concluiu que havia tudo menos estabilidade na recepção de um programa de televisão. Uma recepção volátil. Efémera. “O público da televisão apresenta-se como um público imperfeito”, considerou. Donde a curiosa expressão que utilizou para o caracterizar: um “quase público”.

Assumimos a existência de “públicos” dos media.

Postulamos que a recepção de uma emissão de televisão ou de rádio, a leitura de um jornal ou de uma revista e, mais ainda, a participação num *blog* ou a troca de mensagens MSN realizam-se num lugar aberto de circulação de sentido, de cruzamento de histórias e projectos. Remetem para territórios sociais comuns. Daí a impressão de que, naquele preciso momento, mais alguém vê o que estamos a ver, ouve o que estamos a ouvir, lê o que estamos a ler. De que alguém comunga dos sentimentos que exprimimos via Internet.

Tacitamente, gera-se a percepção de uma experiência, de uma acção colectivas: nós e outros que desconhecemos em concreto, mas cuja existência adivinhamos, seleccionamos este mesmo jornal, esta mesma estação de rádio, este mesmo canal de televisão. Seleccionamos este mesmo artigo, este mesmo programa. Seleccionamos, enfim, este mesmo espaço virtual. E, depois, nós e outros gostaremos, ou não, mais ou menos, daquilo que seleccionámos.

Resta a questão da volatilidade, do efémero a que se refere Daniel Dayan e que o conduz a modalizar, na sua aplicação aos media, o conceito de “público”.

À ideia de um público estático, porque estável (estabilizado?), preferimos a ideia de um público dinâmico, porque aposta na mudança. Quando alguém muda de jornal, de canal de televisão, de estação de rádio ou de sítio na rede, inscreve-se no público que partilha, ou que imagina partilhar, a sua nova escolha.

Por isso, no campo dos media, cada entidade tem os seus públicos. Compósitos. Mutantes. E porque o real é segmentado e porque existimos numa pluralidade de contextos, cada um de nós é público de diferentes entidades mediáticas. Em simultâneo.

## II

O estudo encomendado pela ERC inclui capítulos dedicados aos “públicos sensíveis”, expressão que convém, igualmente, clarificar.

Consideramos “públicos sensíveis” os que encontram, por motivos de ordem política, económica ou social, por incapacidades cognitivas ou por vulnerabilidade física, dificuldade em aceder ao espaço público e exercer plenamente a sua cidadania.

Os direitos destes públicos estão consignados na Constituição da República Portuguesa, na Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, assinada em 2007, e na Convenção sobre Direitos da Criança, ratificada em 1990.

1. A Constituição Portuguesa, através do Art. 13, consagra o Princípio da Igualdade, determinando que todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei, independentemente de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual. De forma mais específica, o Art. 15 define como iguais aos portugueses, em direitos e deveres, os estrangeiros que se encontram ou residem em Portugal.
2. A Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia reconhece a dignidade do ser humano (Título I, Art.1) e o direito à sua integridade (Título I, Art.3); proíbe toda a espécie de discriminação, nomeadamente em razão da idade (Título III, Art.21); reafirma os direitos das pessoas idosas a

uma existência condigna e independente, bem como à sua participação na vida social e cultural (Título III, Art.25).

3. A Convenção sobre Direitos das Crianças inclui o direito a serem ouvidas em matérias que lhes digam respeito e debruça-se sobre o modo como os meios de comunicação social as representam e as consideram enquanto públicos

No âmbito dos meios de comunicação social portugueses, esses direitos encontram-se salvaguardados e protegidos pelas Leis da Rádio, de Imprensa, de Televisão, Contratos de Concessão de Serviço Público da Radiodifusão Sonora e da Televisão, Código de Publicidade, Lei que regula a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), Directivas Comunitárias.

Distinguimos, de entre os “públicos sensíveis”, as crianças e jovens, os idosos e os imigrantes pelas razões a seguir enunciadas

1. Em Portugal, a atenção às vozes das crianças e às suas perspectivas está ainda relativamente ausente nos estudos de opinião e, mesmo, na própria pesquisa sobre crianças que se desenvolveu a partir da segunda metade dos anos noventa. Com frequência, as crianças estão ausentes das estatísticas, como que invisíveis ou silenciadas, embora tenha vindo a crescer o reconhecimento do seu peso nas economias familiares e respectivos consumos.
2. Na II Conferência Mundial sobre o Envelhecimento, realizada em Madrid em 2002, a ONU apresentou um quadro geral sobre as perspectivas de envelhecimento da população mundial e as suas consequências económicas, políticas e sociais nas próximas décadas. Nas recomendações finais, salienta-se o direito ao envelhecimento digno, à autonomia individual e aos cuidados básicos de saúde e habitação. Ao mesmo tempo, apela-se à implementação de medidas que promovam o envelhecimento activo, garantia de coesão social entre gerações, com destaque para as que encorajem a aprendizagem ao longo da vida e a utilização dos novos media e das novas tecnologias de informação e comunicação. É certo que o aumento da esperança de vida, fez avançar a idade a partir da qual se pode considerar alguém como idoso, termo cuja utilização não

é pacífica, aliás. Por outro lado, o ser-se “idoso”, ou “pessoa mais velha”, ou “cidadão sénior” – a designação varia de país para país – não significa, de imediato, ser-se particularmente “sensível”. Tudo depende, afinal, do contexto pessoal, económico, social e cultural em que se vive.

Dados referentes a Portugal indicam-nos, no entanto, que as carências, neste sector da população, se fazem sentir de uma forma mais profunda. No dealbar do milénio, a maioria dos pobres em Portugal era constituída por idosos e 41,6% dos reformados estavam incluídos na população pobre. Também o Roteiro para a Inclusão, editado pela presidência da República, em 2006, chamou a atenção para as elevadas taxas de pobreza entre idosos, muitos dos quais a viver sozinhos, sem escolaridade nem qualquer participação em actividades de grupo.

Pobres, socialmente desqualificados e não raras vezes sós. Mais vulneráveis, portanto a pressões perturbantes. Destabilizadoras. Incluindo as dos media

3. A década de 90, tal como se encontra exposto em relatórios nacionais e internacionais especializados e se tornou matéria de domínio público, trouxe grandes alterações ao tecido económico e social português, decorrentes da aplicação dos Quadros de Apoio Comunitário e da abertura da economia aos mercados globalizados. Portugal entrou na rota das migrações internacionais e os media, sobretudo a imprensa e a televisão, passaram a agendar com frequência estes fenómenos.

Análises quantitativas sobre a informação produzida, apontam para o crime e a violência como sendo as temáticas mais associadas às minorias, embora, nos últimos anos, tenham surgido temas mais abrangentes, introduzindo perspectivas mais favoráveis.

Atestam-no, múltiplos depoimentos registados nos Grupos de Foco que constituímos.

Paralelamente tenta-se avaliar, com base em metodologias de recepção, o modo como os conteúdos veiculados pelos media, sobre as minorias, são percebidos pelas mesmas minorias. Ainda muito parcelares e circunscritos, estes estudos apontam para a capacidade, sobretudo da televisão, em criar *atmosferas propícias* à eclosão de conflitos e tensões entre a sociedade dita maioritária e os grupos minoritários. Mas, embora cientificamente provada, a influência dos media na formação da opinião não autoriza determinismos.

Sem descurar os efeitos de dominação inerentes aos media, autores, como Michel de Certeau, consideram que consumir não é sinónimo de passividade ou docilidade. Reconhecendo que certas categorias da população, imigrantes, por exemplo, não dispõem, face aos órgãos de comunicação social, de igual capacidade crítica, quando comparados com naturais do país de acolhimento, Michel de Certeau empenha-se, contudo, em apurar as competências do consumidor para se apropriar do produto que consome e não ser inevitavelmente consumido por este. Nesta desigual relação de forças, às estratégias dos que detêm o poder, impondo os termos do debate público, responderiam os mais fracos com táticas decorrentes das suas próprias experiências e necessidades pessoais.

Tal habilidade, foi visível nos Grupos de Foco cujas conclusões constam da V Parte deste estudo: imigrantes brasileiros encontram, nos meios de comunicação social portugueses, a forma de recordar músicas, paisagens, usos e costumes da sua terra; imigrantes, provenientes dos PALOP, depositam, neles, a esperança de saber o que se passa no seu país de origem; imigrantes dos países do Leste da Europa utilizam-nos como instrumento de aprendizagem da língua – factor indispensável a qualquer tentativa de integração económica, social e cultural, por mínima e temporal que seja.

### III

Toda a investigação tem pontos fortes e pontos fracos. Nesta, destacamos como pontos fortes a qualidade da equipa reunida; o valor da base de dados criada, as pistas de investigação que abriu, no domínio das ciências sociais e humanas.

Coube-nos coordenar um grupo de investigadores de larga experiência e de competência reconhecida (ver Curricula em Anexo 1): Cristina Ponte, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e Maria João Malho, do Instituto de Apoio à Criança, responsáveis pela parte respeitante a crianças e jovens; Isabel Férin, do Instituto de Estudos Jornalísticos, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que se encarregou das partes relativas a idosos e imigrantes; Vidal de Oliveira, da Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa que preparou e supervisionou a Sondagem nacional; Rui Brites, do ISCTE, que chamou a si o processamento de dados. Todos foram inxcedíveis



na sua entrega ao projecto. Mas uma palavra muito especial é devida a Rui Brites, sempre pronto a responder às nossas solicitações. E que numerosas foram.

Aos investigadores principais, é justo acrescentar os assistentes de investigação cuja colaboração se revelou imprescindível, da tradução de textos, construção e ilustração de questionários e organização de Grupos de Foco à digitalização de dados: Marina Mendes, Isabel Pato, Liliana Lobo, Inês Gomes, Ana Margarida Jorge, Ana Filipa Duarte, Isabela Salim, Karita Francisco, Tiago Pereira, Luís Campos e Sousa.

As análises e as apreciações desenvolvidas neste Relatório sobre «Os Públicos dos Meios de Comunicação Social» constituem, apenas, um aproveitamento, entre muitos outros, da base de dados extremamente rica que a iniciativa da ERC possibilitou reunir. Colocada à disposição de estudantes e professores, de profissionais e empresários da comunicação social, do público que se interessa por questões desta natureza, ela poderá constituir um extraordinário ponto de partida para o conhecimento de uma actividade que, indiscutivelmente, condiciona o nosso quotidiano.

Verificou-se nas escolas da Grande Lisboa, onde lançámos o questionário que a mobilização de crianças e respectivos pais ou encarregados de educação dependia, directamente, do envolvimento dos professores. Se necessário fosse, estaria provado, assim, o papel insubstituível, como animadores de grupo, que os professores podem e devem desempenhar. Estaria igualmente provado, pelo entusiasmo com que as crianças aceitaram o desafio, a importância pedagógica de as confrontar com novos materiais, novas situações, novos objectivos.

A investigação permitiu constatar, também, o desconhecimento de muitos pais quanto aos assuntos que retêm, prioritariamente, a atenção dos filhos. Desconhecimento ou processo de auto-convencimento. Os filhos declaram utilizar a Internet, em primeiro lugar, para conversas e, depois, para jogos *on-line*. Interrogados sobre a mesma questão, os pais acham, ou dizem/querem achar, que os filhos utilizam a Internet sobretudo para procurar informação e para fazer os trabalhos de casa. Mais de 11% das crianças confessou abrir *sites* pornográficos. Quanto aos pais, raros foram os que admitiram essa possibilidade: 0,7% dos inquiridos.

Mas a investigação permitiu, ainda, estabelecer um paralelismo entre estatutos sociais e aquisição de equipamentos. É, justamente, nas famílias da pequena

burguesia - de execução, técnica ou de enquadramento – que se detecta a maior concentração, no quarto dos filhos, de computadores, televisores, telemóveis, consolas de jogos assim como uma panóplia de aparelhos de audição musical: Walkman, Mp3, Mp4, etc. Como se a vontade deliberada de promoção social se traduzisse pela propensão a rodear os filhos de todos os dispositivos susceptíveis de ajudar à sua educação/instrução. Em contrapartida, o que parece provar a hipótese anterior, nas famílias de alta e média-alta burguesia, os quartos dos filhos estão bem menos guarnecidos. É nestas famílias, também, que se regista uma avaliação menos positiva no que respeita à programação televisiva para crianças. Ao ponto de muitos pais declararem, peremptoriamente, não querer que os filhos disponham de televisão no seu espaço íntimo – o quarto.

E permitiu confirmar o papel fulcral da televisão junto dos idosos que nela encontram a desejada companhia. O receio manifestado pelas mulheres idosas no que toca a programação pornográfica. A convicção dos imigrantes de que a narrativa mediática distorce a sua imagem. O pouco sentido crítico da população em geral quanto à programação em horário nobre, que aprova; quanto à informação transmitida, na qual confia (embora, contraditoriamente, ache que os governos intervêm nos conteúdos noticiosos). Permitiu confirmar, enfim, a confiança, quase sem falha, no serviço público de Rádio e de Televisão como garante da pluralidade.

E pontos fracos?

O principal terá a ver com o grau de representatividade da sondagem. Duas hipóteses se nos deparavam à partida: ou uma amostragem mais vasta com um questionário mais ligeiro e entrevistas por telefone, ou uma amostragem mais reduzida com questionários longos e entrevistas directas e pessoais. Optámos pela segunda hipótese, situando-se em 2.205 o número de entrevistas efectuadas com uma duração média de 50 minutos. Ganhámos em profundidade, perdemos em extensão. Sobretudo no que respeita às regiões autónomas: 321 entrevistas, das quais 176 para a Madeira e 145 para os Açores, é manifestamente pouco.

A legislação em vigor condiciona a realização de sondagens junto de indivíduos com menos de 15 anos de idade. Para ultrapassar essa lacuna, e tirando proveito da colaboração prestada pela Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular – DGIDC, assim como pelos Conselhos Executivos das escolas, dirigimos

um questionário a alunos com idades compreendidas entre os 9 e os 14 anos e outro aos respectivos pais ou encarregados de educação. Recebemos mais de 500 respostas emparelhadas. Por outro lado, e na perspectiva de resolver a aridez estatística que rodeia qualquer sondagem, organizámos doze Grupos de Foco, com idosos e com imigrantes, susceptíveis de nos transmitirem imagens reais, testemunhos vividos que nos transportassem para lá das medias, das maiorias e das minorias.


Só que, por razões logísticas, tivemos que nos limitar às escolas integradas da Grande Lisboa e, para os Grupos de Foco com imigrantes, aos protagonistas nomeados por Associações de imigrantes, também elas da região de Lisboa. Resultado: as opiniões recolhidas situam-se num quadro relativamente privilegiado. Pais mais informados. Imigrantes política e socialmente mais intervenientes.

Daí o contraste entre o tom acomodatório que ressalta das respostas à sondagem nacional, moldadas pelo “politicamente correcto”, e o ambiente de denúncia e, até, de revolta que perpassa em muitos dos testemunhos de imigrantes.

Uma palavra sobre a organização dos Grupos de Focos com idosos. Muitas foram as tentativas. Quase tantas como as recusas: apenas a Junta de Freguesia de Odivelas e o Centro de Apoio a Jovens e Idosos do Lumiar aceitaram participar no nosso projecto. Nos chamados Lares de Terceira Idade, que contactámos, sempre as portas se nos fecharam. Com o argumento de que o pedido era inoportuno. Seria interessante saber-se porquê...

Terminada a investigação – ou, pelo menos, parte da investigação já que, numa segunda fase, importaria fazer comparações à escala internacional – fica-nos a sensação de trabalharmos com uma realidade fluida, em transformação permanente. Ao longo de dezoito meses, tempo de duração deste estudo, a situação foi evoluindo. Qual a actualidade dos dados que reunimos e das observações que alinhámos?

JOSÉ REBELO



Parte I  
Metodologias



## SONDAGEM NACIONAL

### 1. Definição de objectivos

Constituem objectivos da sondagem nacional:

- a) Descrição sociográfica dos públicos dos meios de comunicação social portugueses de âmbito nacional (televisão, rádio, imprensa, Internet);
- b) Caracterização das necessidades, expectativas e representações da generalidade dos públicos, face aos conteúdos mediáticos disponibilizados;
- c) Caracterização das necessidades, expectativas e representações dos “públicos sensíveis”, nomeadamente, crianças/jovens, idosos e imigrantes.

### 2. Caracterização do universo

O universo do estudo é constituído pela população com 15 ou mais anos de idade, residente em Portugal continental e regiões autónomas dos Açores e da Madeira (8.961.458 indivíduos, segundo dados do INE para 2006).

### 3. Procedimento de amostragem e definição da amostra

Para se obter uma amostra com a máxima representatividade do universo enunciado e testar as hipóteses formuladas, recorreu-se a uma amostragem aleatória polietápica.

Primeira etapa: estratificação do universo segundo duas variáveis que se cruzaram:

a) Variável *Região*

- Norte (distritos de Viana do Castelo, Braga, Bragança/Guarda/Vila Real);
- Porto (distrito do Porto);
- Centro (distritos de Aveiro/Viseu, Castelo Branco e Coimbra/Leiria);
- Lisboa (distrito de Lisboa);
- Setúbal e Vale do Tejo (distritos de Portalegre/Santarém e Setúbal);
- Sul (distritos de Beja/Évora e Faro);
- R.A. Açores e R.A. Madeira

b) Variável *Dimensão da localidade*

- até 2.000 habitantes;
- de 2000 a 20.000;
- mais de 20.000 habitantes.

Dentro das regiões consideraram-se *Sub-regiões*, ou seja, os distritos ou grupo de distritos a individualizar em cada *Região* criando-se, assim, um total de 39 estratos, com 1 estrato vazio.

Segunda etapa: distribuição não proporcional da amostra-base de 1800 entrevistas, pelas diferentes *Sub-regiões*, de modo a existir bases de análise e, dentro de cada uma delas, proporcionalmente à dimensão das localidades. Para efeitos de distribuição da amostra e sua representatividade, as Dimensões de localidade 2.000 a 20.000 e mais de 20.000 foram ainda subdivididas, como mostra o quadro seguinte de distribuição da amostra:

QUADRO I

| REGIÃO e<br>SUB-REGIÃO            | DIMENSÃO DA LOCALIDADE |            |                   |                |                  |                   |                    |                    |                     |                    |
|-----------------------------------|------------------------|------------|-------------------|----------------|------------------|-------------------|--------------------|--------------------|---------------------|--------------------|
|                                   | Total                  | Até 2.000  | 2.000 a<br>20.000 | Mais<br>20.000 | 2.000 a<br>5.000 | 5.000 a<br>10.000 | 10.000 a<br>20.000 | 20.000 a<br>50.000 | 50.000 a<br>100.000 | Mais de<br>100.000 |
| <b>NORTE</b>                      | <b>300</b>             | <b>130</b> | <b>65</b>         | <b>105</b>     | <b>35</b>        | <b>10</b>         | <b>20</b>          | <b>50</b>          | <b>10</b>           | <b>45</b>          |
| Viana do Castelo                  | 50                     | 30         | 10                | 10             | 10               | -                 | .                  | 10                 | -                   | -                  |
| Braga                             | 140                    | 50         | 25                | 65             | 15               | -                 | 10                 | 10                 | 10                  | 45                 |
| Braga/Guarda/ Vila Real           | 110                    | 50         | 30                | 30             | 10               | 10                | 10                 | 30                 | -                   | -                  |
| <b>PORTO</b>                      | <b>200</b>             | <b>40</b>  | <b>60</b>         | <b>100</b>     | <b>15</b>        | <b>15</b>         | <b>30</b>          | <b>40</b>          | <b>10</b>           | <b>50</b>          |
| Porto                             | 200                    | 40         | 60                | 100            | 15               | 15                | 30                 | 40                 | 10                  | 50                 |
| <b>CENTRO</b>                     | <b>250</b>             | <b>115</b> | <b>75</b>         | <b>60</b>      | <b>20</b>        | <b>25</b>         | <b>30</b>          | <b>40</b>          | <b>-</b>            | <b>20</b>          |
| Aveiro/Viséu                      | 100                    | 50         | 30                | 20             | 10               | 10                | 10                 | 20                 | -                   | -                  |
| Castelo Branco                    | 50                     | 25         | 15                | 10             | -                | 5                 | 10                 | 10                 | -                   | -                  |
| Coimbra/Leiria                    | 100                    | 40         | 30                | 30             | 10               | 10                | 10                 | 10                 | -                   | 20                 |
| <b>LISBOA</b>                     | <b>350</b>             | <b>45</b>  | <b>105</b>        | <b>200</b>     | <b>35</b>        | <b>30</b>         | <b>40</b>          | <b>30</b>          | <b>30</b>           | <b>140</b>         |
| Lisboa                            | 350                    | 45         | 105               | 200            | 35               | 30                | 40                 | 30                 | 30                  | 140                |
| <b>SETÚBAL e<br/>VALE DO TEJO</b> | <b>200</b>             | <b>55</b>  | <b>80</b>         | <b>65</b>      | <b>25</b>        | <b>25</b>         | <b>30</b>          | <b>45</b>          | <b>20</b>           | <b>-</b>           |
| Portalegre/Santarém               | 100                    | 40         | 35                | 25             | 10               | 10                | 15                 | 25                 | -                   | -                  |
| Setúbal                           | 100                    | 15         | 45                | 40             | 15               | 15                | 15                 | 20                 | 20                  | -                  |
| <b>SUL</b>                        | <b>200</b>             | <b>70</b>  | <b>85</b>         | <b>45</b>      | <b>30</b>        | <b>30</b>         | <b>25</b>          | <b>45</b>          | <b>-</b>            | <b>-</b>           |
| Beja/Évora                        | 100                    | 35         | 40                | 25             | 20               | 20                | -                  | 25                 | -                   | -                  |
| Faro                              | 100                    | 35         | 45                | 20             | 10               | 10                | 25                 | 20                 | -                   | -                  |
| <b>R. AUTONOMAS</b>               | <b>300</b>             | <b>115</b> | <b>125</b>        | <b>60</b>      | <b>75</b>        | <b>20</b>         | <b>30</b>          | <b>-</b>           | <b>-</b>            | <b>60</b>          |
| Açores                            | 150                    | 45         | 105               | -              | 55               | 20                | 30                 | -                  | -                   | -                  |
| Madeira                           | 150                    | 70         | 20                | 60             | 20               | -                 | -                  | -                  | -                   | 60                 |
| <b>TOTAL</b>                      | <b>1800</b>            | <b>570</b> | <b>595</b>        | <b>635</b>     | <b>235</b>       | <b>155</b>        | <b>205</b>         | <b>250</b>         | <b>70</b>           | <b>315</b>         |

Terceira etapa: selecção aleatória, proporcional à sua dimensão, de Pontos de amostragem (“Sampling points”) em cada estrato, com base no Censo de localidades. Consideraram-se 138 Pontos de amostragem com a seguinte distribuição:

QUADRO II

| REGIÃO e<br>SUB-REGIÃO        | DIMENSÃO DA LOCALIDADE |           |                |             |               |                |                 |                 |                  |                 |
|-------------------------------|------------------------|-----------|----------------|-------------|---------------|----------------|-----------------|-----------------|------------------|-----------------|
|                               | Total                  | Até 2.000 | 2.000 a 20.000 | Mais 20.000 | 2.000 a 5.000 | 5.000 a 10.000 | 10.000 a 20.000 | 20.000 a 50.000 | 50.000 a 100.000 | Mais de 100.000 |
| <b>NORTE</b>                  | <b>27</b>              | <b>15</b> | <b>6</b>       | <b>6</b>    | <b>3</b>      | <b>1</b>       | <b>2</b>        | <b>4</b>        | <b>1</b>         | <b>1</b>        |
| Viana do Castelo              | 5                      | 3         | 1              | 1           | 1             | -              | -               | 1               | -                | -               |
| Braga                         | 11                     | 6         | 2              | 2           | 1             | -              | 1               | 1               | 1                | 1               |
| Braga/Guarda/ Vila Real       | 11                     | 6         | 3              | 3           | 1             | 1              | 1               | 2               | -                | -               |
| <b>PORTO</b>                  | <b>13</b>              | <b>4</b>  | <b>4</b>       | <b>2</b>    | <b>1</b>      | <b>1</b>       | <b>2</b>        | <b>3</b>        | <b>1</b>         | <b>1</b>        |
| Porto                         | 13                     | 4         | 4              | 5           | 1             | 1              | 2               | 3               | 1                | 1               |
| <b>CENTRO</b>                 | <b>25</b>              | <b>12</b> | <b>8</b>       | <b>5</b>    | <b>2</b>      | <b>3</b>       | <b>3</b>        | <b>4</b>        | <b>-</b>         | <b>1</b>        |
| Aveiro/Viseu                  | 11                     | 6         | 3              | 2           | 1             | 1              | 1               | 2               | -                | -               |
| Castelo Branco                | 5                      | 2         | 2              | 1           | -             | 1              | 1               | 1               | -                | -               |
| Coimbra/Leiria                | 9                      | 4         | 3              | 2           | 1             | 1              | 1               | 1               | -                | 1               |
| <b>LISBOA</b>                 | <b>18</b>              | <b>5</b>  | <b>7</b>       | <b>6</b>    | <b>3</b>      | <b>2</b>       | <b>2</b>        | <b>2</b>        | <b>2</b>         | <b>2</b>        |
| Lisboa                        | 18                     | 5         | 7              | 6           | 3             | 2              | 2               | 2               | 2                | 2               |
| <b>SETÚBAL e VALE DO TEJO</b> | <b>16</b>              | <b>6</b>  | <b>6</b>       | <b>4</b>    | <b>2</b>      | <b>2</b>       | <b>2</b>        | <b>3</b>        | <b>1</b>         | <b>-</b>        |
| Portalegre/Santarém           | 8                      | 4         | 3              | 1           | 1             | 1              | 1               | 1               | -                | -               |
| Setúbal                       | 8                      | 2         | 3              | 3           | 1             | 1              | 1               | 2               | 1                | -               |
| <b>SUL</b>                    | <b>16</b>              | <b>6</b>  | <b>8</b>       | <b>2</b>    | <b>3</b>      | <b>3</b>       | <b>2</b>        | <b>2</b>        | <b>-</b>         | <b>-</b>        |
| Beja/Évora                    | 8                      | 3         | 4              | 1           | 2             | 2              | -               | 1               | -                | -               |
| Faro                          | 8                      | 3         | 4              | 1           | 1             | 1              | 2               | 1               | -                | -               |
| <b>R. AUTONOMAS</b>           | <b>23</b>              | <b>11</b> | <b>11</b>      | <b>1</b>    | <b>7</b>      | <b>2</b>       | <b>2</b>        | <b>-</b>        | <b>-</b>         | <b>1</b>        |
| Açores                        | 14                     | 5         | 9              | -           | 5             | 2              | 2               | -               | -                | -               |
| Madeira                       | 9                      | 6         | 2              | 1           | 2             | -              | -               | -               | -                | 1               |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>138</b>             | <b>59</b> | <b>50</b>      | <b>29</b>   | <b>21</b>     | <b>14</b>      | <b>15</b>       | <b>18</b>       | <b>5</b>         | <b>6</b>        |

Quarta etapa: selecção aleatória de Pontos de partida (“Starting points”) em cada ponto de amostragem. Através de listagens ou mapas, foram seleccionados, por amostragem aleatória simples, Pontos de partida para inícios de itinerários de selecção. O número de Pontos de partida dependeu da distribuição da amostra pelos Pontos de amostragem, sendo assegurado o número máximo de dez entrevistas por cada um.



Quinta etapa: selecção aleatória de unidades intermédias – lares pelo método de itinerário de Politz, a partir dos Pontos de partida. Partindo de cada Ponto de partida, os entrevistadores percorreram um itinerário esquerda–direita, seleccionando os prédios por intervalo sistemático e, dentro de cada prédio, aleatoriamente, o andar e a porta de residência.

Sexta e última etapa: selecção “aleatória” de indivíduos de 15 ou mais anos em cada lar (um por lar). Em cada lar, a selecção do entrevistado foi realizada pelo método do último aniversariante. A substituição de indivíduos seleccionados só foi feita ou por recusa ou após duas visitas (uma das quais após as 19 horas), por selecção de mais um lar.

Obtida a amostra – base de 1.800 entrevistas, foi feito um *oversampling*, de modo a assegurar a existência de, no mínimo, 300 entrevistas a jovens dos 15 aos 18 anos e 400 entrevistas a idosos com 64 ou mais anos.

#### **4. Desenho do questionário**

Com base nos objectivos expressos foi desenhado um questionário (Anexo 1) que, uma vez aprovado pelo cliente, foi submetido a um pré-teste de 200 entrevistas que permitiu a validação do seu desenho.

#### **5. Recolha de dados e supervisão**

Utilizou-se a técnica de recolha através de entrevista pessoal, face a face, mediante questionário semi estruturado.

Os trabalhos de recolha de dados e supervisão foram realizados pela empresa INTERCAMPUS.

Os trabalhos de campo decorreram em duas fases: a primeira entre 18 de Junho e 13 de Agosto de 2007; a segunda de 20 de Setembro a 10 de Outubro, do mesmo ano. Trabalharam neste estudo 57 entrevistadores, sendo cerca de 10% do trabalho de cada um devidamente supervisionado. O número de entrevistas anuladas pela supervisão foi de 143, das quais 45 por dados socio-

demográficos incompletos, 72 por incoerência nas respostas dadas e 26 por elevada percentagem de “Não sabe/Não responde”.

O número total de contactos efectuado foi 8.703, donde resultaram 6.498 contactos falhados (recusa ou ausência do indivíduo seleccionado). Percentualmente, os motivos que originaram os contactos falhados, foram:

- Lar indisponível, 52,2%;
- Recusa do indivíduo seleccionado, 45,7%;
- Recusa em finalizar a entrevista, 1,9%;
- Barreira linguística, 0,3%;

A amostra-base obtida foi de 1.829 entrevistas, tendo sido efectuada uma *oversampling* de 218 entrevistas a jovens dos 15 aos 18 anos (para atingir um total de 308) e de 158 entrevistas a idosos com 64 ou mais anos (para atingir um total de 406). A amostra total obtida foi de 2.205 entrevistas.

Os quadros seguintes evidenciam a composição das amostras base e total por *Sexo e Idade* e por *Região e Dimensão da localidade*:

QUADRO III

| IDADE        | AMOSTRA-BASE |            |              | AMOSTRA-TOTAL |            |              |
|--------------|--------------|------------|--------------|---------------|------------|--------------|
|              | Total        | Masculino  | Feminino     | Total         | Masculino  | Feminino     |
| 15 - 17      | <b>90</b>    | 45         | 45           | <b>308</b>    | 158        | 150          |
| 18 - 24      | <b>224</b>   | 105        | 119          | <b>224</b>    | 105        | 119          |
| 25 - 34      | <b>341</b>   | 158        | 183          | <b>341</b>    | 158        | 183          |
| 35 - 44      | <b>339</b>   | 131        | 208          | <b>339</b>    | 131        | 208          |
| 45 - 54      | <b>315</b>   | 112        | 203          | <b>315</b>    | 112        | 203          |
| 55 - 64      | <b>272</b>   | 108        | 164          | <b>272</b>    | 108        | 164          |
| 65 - 74      | <b>143</b>   | 64         | 79           | <b>232</b>    | 109        | 123          |
| Mais 74 anos | <b>105</b>   | 57         | 48           | <b>174</b>    | 77         | 97           |
| <b>TOTAL</b> | <b>1.829</b> | <b>780</b> | <b>1.049</b> | <b>2.205</b>  | <b>958</b> | <b>1.247</b> |

QUADRO IV

|                               | AMOSTRA BASE |            |                |             | AMOSTRA TOTAL |            |                |             |
|-------------------------------|--------------|------------|----------------|-------------|---------------|------------|----------------|-------------|
|                               | Total        | Até 2.000  | 2.000 a 20.000 | Mais 20.000 | Total         | Até 2.000  | 2.000 a 20.000 | Mais 20.000 |
| <b>NORTE</b>                  | <b>308</b>   | <b>128</b> | <b>66</b>      | <b>114</b>  | <b>336</b>    | <b>130</b> | <b>67</b>      | <b>139</b>  |
| Viana do Castelo              | 58           | 29         | 10             | 19          | 65            | 31         | 10             | 24          |
| Braga                         | 140          | 50         | 25             | 65          | 155           | 50         | 25             | 80          |
| Braga/Guarda/ Vila Real       | 110          | 49         | 31             | 30          | 116           | 49         | 32             | 35          |
| <b>PORTO</b>                  | <b>201</b>   | <b>38</b>  | <b>55</b>      | <b>108</b>  | <b>275</b>    | <b>42</b>  | <b>67</b>      | <b>166</b>  |
| Porto                         | 201          | 38         | 55             | 108         | 275           | 42         | 67             | 166         |
| <b>CENTRO</b>                 | <b>251</b>   | <b>124</b> | <b>66</b>      | <b>61</b>   | <b>318</b>    | <b>142</b> | <b>92</b>      | <b>84</b>   |
| Aveiro/Viseu                  | 101          | 61         | 20             | 20          | 126           | 68         | 35             | 23          |
| Castelo Branco                | 50           | 23         | 16             | 11          | 65            | 32         | 20             | 13          |
| Coimbra/Leiria                | 100          | 40         | 30             | 30          | 127           | 42         | 37             | 48          |
| <b>LISBOA</b>                 | <b>350</b>   | <b>45</b>  | <b>105</b>     | <b>200</b>  | <b>433</b>    | <b>48</b>  | <b>122</b>     | <b>263</b>  |
| Lisboa                        | 350          | 45         | 105            | 200         | 433           | 28         | 122            | 263         |
| <b>SETÚBAL e VALE DO TEJO</b> | <b>220</b>   | <b>60</b>  | <b>95</b>      | <b>65</b>   | <b>286</b>    | <b>83</b>  | <b>115</b>     | <b>88</b>   |
| Portalegre/Santarém           | 100          | 40         | 35             | 25          | 130           | 61         | 44             | 25          |
| Setúbal                       | 120          | 20         | 60             | 40          | 156           | 22         | 71             | 63          |
| <b>SUL</b>                    | <b>200</b>   | <b>67</b>  | <b>88</b>      | <b>45</b>   | <b>236</b>    | <b>75</b>  | <b>115</b>     | <b>46</b>   |
| Beja/Évora                    | 100          | 35         | 40             | 25          | 104           | 35         | 44             | 25          |
| Faro                          | 100          | 32         | 48             | 20          | 132           | 40         | 71             | 21          |
| <b>R. AUTONOMAS</b>           | <b>299</b>   | <b>118</b> | <b>119</b>     | <b>62</b>   | <b>321</b>    | <b>131</b> | <b>120</b>     | <b>70</b>   |
| Açores                        | 145          | 45         | 100            | -           | 145           | 45         | 100            | -           |
| Madeira                       | 154          | 73         | 19             | 62          | 176           | 86         | 20             | 70          |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>1.829</b> | <b>580</b> | <b>594</b>     | <b>655</b>  | <b>2.205</b>  | <b>651</b> | <b>698</b>     | <b>856</b>  |

## 6. Transcrição de respostas e codificação

Transcreveram-se as respostas às perguntas abertas ou semi-abertas de 400 questionários e analisaram-se os respectivos conteúdos, de acordo com um plano de codificação que permitiu a atribuição de códigos às categorias de resposta

encontradas e não contempladas no desenho do questionário. Procedeu-se, em seguida, à sua gravação em suporte informático. A empresa responsável pela gravação de dados foi a ODEC - Centro de Cálculo e Aplicações Informáticas S.A.

## 7. Ponderação da amostra

Dado que a distribuição da amostra-total não foi proporcional ao universo, segundo as variáveis chave consideradas – *Região, Dimensão da localidade, Sexo e Idade* –, calcularam-se ponderadores, de modo a devolver à amostra-total a sua representatividade.

Numa primeira etapa, os questionários foram ponderados por *Região x Habitat* e, numa segunda etapa, mantendo a primeira, foram ponderados por *Sexo x Idade*. A responsabilidade destas etapas foi de ODEC - Centro de Cálculo e Aplicações Informáticas S.A.

Os quadros seguintes resumem a distribuição percentual da amostra-total ponderada, representativa do universo.

QUADRO V

| IDADE        | AMOSTRA TOTAL |              |              |
|--------------|---------------|--------------|--------------|
|              | Total         | Masculino    | Feminino     |
| 15 - 17      | 4,4%          | 2,1%         | 2,3%         |
| 18 - 24      | 12,5%         | 6,4%         | 6,1%         |
| 25 - 34      | 18,2%         | 9,1%         | 9,0%         |
| 35 - 44      | 17,3%         | 8,5%         | 8,8%         |
| 45 - 54      | 15,3%         | 7,4%         | 7,9%         |
| 55 - 64      | 13,3%         | 6,1%         | 7,2%         |
| 65 - 74      | 11,8%         | 5,3%         | 6,5%         |
| Mais 74 anos | 7,2%          | 28,0%        | 4,4%         |
| <b>TOTAL</b> | <b>100,0%</b> | <b>47,8%</b> | <b>52,2%</b> |

QUADRO VI

| REGIÃO                        | AMOSTRA TOTAL |              |                |              |
|-------------------------------|---------------|--------------|----------------|--------------|
|                               | Total         | Até 2.000    | 2.000 a 20.000 | Mais 20.000  |
| <b>NORTE</b>                  | <b>15,6%</b>  | <b>9,8%</b>  | <b>2,5%</b>    | <b>3,3%</b>  |
| Viana do Castelo              | 2,4%          | 1,8%         | 0,3%           | 0,3%         |
| Braga                         | 7,7%          | 4,3%         | 1,2%           | 2,2%         |
| Braga/Guarda/ Vila Real       | 5,5%          | 3,7%         | 1,0%           | 0,8%         |
| <b>PORTO</b>                  | <b>16,9%</b>  | <b>6,1%</b>  | <b>4,2%</b>    | <b>6,6%</b>  |
| Porto                         | 16,9%         | 6,1%         | 4,2%           | 6,6%         |
| <b>CENTRO</b>                 | <b>21,5%</b>  | <b>14,2%</b> | <b>4,1%</b>    | <b>3,2%</b>  |
| Aveiro/Viséu                  | 10,6%         | 7,0%         | 2,6%           | 1,0%         |
| Castelo Branco                | 2,1%          | 1,5%         | 0,3%           | 0,3%         |
| Coimbra/Leiria                | 8,8%          | 5,7%         | 1,2%           | 1,9%         |
| <b>LISBOA</b>                 | <b>20,9%</b>  | <b>4,1%</b>  | <b>5,9%</b>    | <b>10,9%</b> |
| Lisboa                        | 20,9%         | 4,1%         | 5,9%           | 10,9%        |
| <b>SETÚBAL e VALE DO TEJO</b> | <b>13,4%</b>  | <b>4,6%</b>  | <b>6,3%</b>    | <b>2,5%</b>  |
| Portalegre/Santarém           | 5,7%          | 3,0%         | 2,4%           | 0,3%         |
| Setúbal                       | 7,7%          | 1,6%         | 3,9%           | 2,2%         |
| <b>SUL</b>                    | <b>7,2%</b>   | <b>3,8%</b>  | <b>2,1%</b>    | <b>1,3%</b>  |
| Beja/Évora                    | 3,3%          | 1,7%         | 1,0%           | 0,6%         |
| Faro                          | 3,9%          | 2,1%         | 1,1%           | 0,7%         |
| <b>R. AUTONOMAS</b>           | <b>4,5%</b>   | <b>1,9%</b>  | <b>1,6%</b>    | <b>1,0%</b>  |
| Açores                        | 2,2%          | 0,8%         | 1,4%           | -            |
| Madeira                       | 2,3%          | 1,1%         | 0,2%           | 1,0%         |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>100,0%</b> | <b>44,5%</b> | <b>26,7%</b>   | <b>28,8%</b> |

## 8. Processamento de dados

Os dados, após validação da consistência de respostas a perguntas-chave, foram processados de acordo com um plano de tabulação estabelecido para o efeito.

INQUÉRITO EM ESCOLAS DA GRANDE LISBOA  
A CRIANÇAS/JOVENS (DOS 9 AOS 14 ANOS)  
E RESPECTIVOS PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

## 1. Definição de objectivos

Constitui objectivo do inquérito em escolas da Grande Lisboa estudar jovens/crianças que, devido à sua idade (dos 9 aos 14 anos), não são abrangidas pela sondagem nacional. Tal estudo, elege os lares como unidade de análise, de modo a conhecer a geografia e ambientes familiares, no que se refere aos media, e a proceder ao “cruzamento de olhares” entre os pais e as crianças/jovens neste domínio. As crianças/jovens aqui consideradas estão numa fase de desenvolvimento humano fundamental: a fase onde se iniciam e estabelecem “novas relações sociais, e [reformulam] a sua visão e compreensão sobre o mundo” (Malho, 2003:54). Por outro lado, possuem capacidades e competências intelectuais que lhes permitem verbalizar com facilidade “as percepções e representações sobre as suas práticas, sobre os seus quotidianos e espaços de vida” (Malho, M.J., Pato, I. e Tomé, V., 2007). São e estão capazes de emitir juízos de valor sobre o que as rodeia (Piaget & Inhelder, 1997). Importa, por isso, ouvi-las sobre os media que as rodeiam.

## 2. Procedimento de amostragem e definição da amostra

O território da escola constitui, sem dúvida, o local mais apropriado para a realização deste tipo de pesquisas porque é lá que se encontra reunido o maior número de crianças/jovens com as idades que pretendíamos estudar. É também a melhor maneira de obter a participação dos pais. Houve, contudo, cuidados específicos na condução das respostas aos questionários, para que isso não fosse confundido com uma actividade de sala de aula, sujeita ao constrangimento da presença do professor.

A amostra incidiu em crianças/jovens frequentando escolas básicas integradas da rede pública, o que nos permitiu trabalhar com diferentes idades e anos de escolaridade nos mesmos espaços físicos. A escolha das escolas foi, por razões de funcionalidade, limitada à área da Grande Lisboa. Definida essa área geográfica, identificaram-se as 18 escolas básicas integradas, das quais se seleccionaram 12 onde se aplicou o questionário. A selecção teve em conta os seguintes aspectos:

- a) Necessidade de conciliar a actividade profissional da equipa com o trabalho de campo a realizar;
- b) Calendarização da pesquisa;
- c) Diversidade geográfica e sócio-económica do meio envolvente das escolas;
- d) Rapidez na resposta ao nosso convite e bom acolhimento à nossa proposta de trabalho por parte dos Conselhos Executivos.

Escolas participantes:

Escola Básica Integrada da Abrigada (concelho de Alenquer)  
Escola Básica Integrada da Apelação (concelho de Loures)  
Escola Básica Integrada de Bucelas (concelho de Loures)  
Escola Básica Integrada do Carregado (concelho de Alenquer)  
Escola Básica Integrada e Jardim de Infância D. Carlos I (concelho de Sintra)  
Escola Básica Integrada da Charneca da Caparica (concelho de Almada)  
Escola Básica Integrada Joaquim de Barros (concelho de Oeiras)  
Escola Básica Integrada D. Leonor de Lencastre (concelho de Sintra)  
Escola Básica Integrada de Patrício Prazeres (concelho de Lisboa)  
Escola Básica Integrada e Jardim de Infância da Quinta do Conde (concelho de Sesimbra).  
Escola Básica Integrada e Jardim de Infância Vasco da Gama (concelho de Lisboa).

### **3. Desenho dos questionários** (crianças/jovens e pais)

Os questionários destinados a crianças/jovens e a pais foram elaborados e adaptados<sup>1</sup> a partir de outros já utilizados em pesquisas semelhantes (Livingstone, 1998; 2004; Projecto SAFT, 2005). Foi ainda construído um questionário destinado a ser respondido por pais não nascidos em Portugal, com vista à parte da investigação sobre os media e as populações imigrantes.

Houve necessidade de proceder a algumas adaptações dos modelos dos questionários à nossa realidade e tendo em conta que seriam auto-administrados, o que implicou uma redução substantiva das questões. Fizeram-se e testaram-se sucessivas versões até se chegar a uma versão final.

---

<sup>1</sup> A tradução e adaptação destes instrumentos ficaram a cargo de Filipa Duarte.

O questionário destinado a crianças/jovens foi alvo de um tratamento gráfico especial<sup>2</sup>, de modo a que se apresentasse mais “amigável” e facilitasse o interesse em responder.<sup>3</sup>

O projecto de investigação, os três questionários (crianças/jovens, pais/encarregados de educação portugueses e não nascidos em Portugal), bem como o modelo da carta solicitando a autorização dos pais/encarregados de educação para se interrogarem as crianças e os jovens, integraram um dossier submetido, para validação, à Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC).

#### **4. Recolha de dados**

A DGIDC fez chegar a autorização para a realização do estudo e os materiais respectivos aos Conselhos Executivos das escolas escolhidas. Paralelamente, a equipa de investigação realizou contactos informais com os mesmos, explicando a pertinência e a necessidade de obter a colaboração dos órgãos dirigentes das escolas e dos professores para poder estar dentro do espaço escola, conversar com as crianças/jovens durante os tempos lectivos e, também, mobilizar os pais/encarregados de educação.

##### **4.1. Aplicação do questionário às crianças/jovens**

Cada escola seleccionou uma turma, do quarto ao oitavo ano de escolaridade, cujos alunos constituíram a nossa amostra. Poucas foram os que não tiveram autorização dos pais para responder ao questionário.

O primeiro contacto com as crianças/jovens consistiu na apresentação dos elementos da equipa de investigação: quem eram, a razão da presença na escola e a importância de as crianças colaborarem neste estudo e de, sobre ele, conversarem, em casa, com a família. Neste âmbito foram referidos os Artigos n.ºs 13 e 17 da Convenção sobre os Direitos da Criança que reconhecem o direito à livre expressão das suas ideias e o respeito que devem merecer. Foi explicado o que significa anónimo e confidencial, ou seja, que em nenhum lugar do questionário

---

2 Com a colaboração de Luís Carlos Campos e Sousa.

3 Se este aspecto foi muito positivo, algumas escolhas gráficas poderão ter induzido respostas.



rio deviam escrever o que quer que fosse, susceptível de os identificar. Algumas crianças e adolescentes não sabiam o significado destes termos.

Sempre que se verificaram dificuldades das crianças em responder a questões, nomeadamente as relacionadas com habilitações literárias e profissão dos pais/encarregados de educação, solicitou-se a colaboração do professor(a)/director(a) de turma para que a resposta fosse validada.

Em situações relacionadas com o espaço de residência (casa onde vivem) e quando os pais/encarregados de educação não partilham o mesmo espaço doméstico, foi combinado com as crianças/jovens que deviam responder às questões em função da casa onde gostam mais de estar e que o questionário para o pai/mãe/encarregado de educação seria respondido a pensar nessa casa. Procurou-se, assim, manter confidencial o seu contexto de vida.<sup>4</sup>

As crianças/jovens responderam ao questionário em silêncio, cada uma por si, sem partilharem as respostas que estavam a dar. Quando tinham dúvidas, eram esclarecidas individualmente pela equipa de aplicação.

Apesar de os questionários terem sido previamente testados e adaptados, notaram-se algumas dificuldades de compreensão, por parte de crianças mais novas e sem irmãos mais velhos, de certos termos que desconheciam por completo, sobretudo os importados de uma língua estrangeira (*site, chat, hotspot, online...* liam como se escreve em português), bem como nomes de equipamentos (IPOD, PDA, CD, MIRC, MP3). Perante esta situação, a equipa informava que não fazia mal não saberem e não responderem.<sup>5</sup>

Outros termos menos entendidos eram os associados a géneros e temas (“ficção científica”, “terror”, “comédia”, “documentário”). As crianças perguntavam o seu significado e avançavam com hipóteses (“comédia é o Mr. Bean, não é?”). Uma dificuldade que não se manifestou apenas nas crianças mais novas e evidencia iliteracia relativamente aos media.

---

4 Na pesquisa com crianças, estas têm que ser respeitadas “com as suas circunstâncias” (Gomes-Pedro, 1999) e este é, no nosso entender, um dos procedimentos indispensáveis à legitimação da pesquisa.

5 Esta situação levanta a necessidade de preparar, para crianças mais novas, um questionário ainda mais simples nas designações que apresenta e conferir especial atenção ao modo como as crianças identificam e referem os mesmos conteúdos (por exemplo, “pornográfico” era traduzido por algumas crianças como “as maminhas e os rabinhos que vêm nas revistas”...).

Quanto à possível influência do grafismo na indução de respostas, chama-se a atenção para a questão 9, aberta (“Dessas actividades, quais são as que mais gostas de fazer?”) que solicitava a hierarquia das três actividades do quadro superior. A ilustração da pergunta mostrava duas situações: uma menina a andar de baloiço e um menino sentado a ler um livro. Poderá ter ocorrido alguma indução destas imagens nas respostas dadas, tendo algumas crianças perguntado a que se referiam essas actividades.

Algo de semelhante se terá passado na questão 14, aberta (“Que objectos gostarias de receber como prenda?”), cuja ilustração mostrava duas crianças a abrir presentes e a imaginar que iriam receber uma Playstation e um MP4 (Ver Anexo 3).

As situações relatadas, não anulam, obviamente, a importância do aspecto gráfico dos questionários, largamente apreciados, com muitos meninos de ambos os sexos a pintarem e a tecerem comentários sobre os desenhos. Também houve expressões de apreço pelo conteúdo do texto em que eram convidados a participar (“é giro quererem saber a nossa opinião”) e alguns perguntaram, mesmo, se não podiam ficar com ele.

#### **4.2. Aplicação do questionário aos encarregados de educação**

No final do preenchimento do questionário pelas crianças/jovens, estas recebiam o material para levarem para casa: um envelope contendo o questionário a ser preenchido pelo pai/mãe/encarregado de educação e uma carta a solicitar a participação e a agradecer. Cada questionário das crianças/jovens recebeu um número de ordem que também foi colocado no envelope do questionário dos progenitores. Deste modo garantiu-se a constituição de pares de questionários (respostas da criança/jovem e de pai/mãe/encarregado de educação).

Saliente-se a elevada colaboração dos directores de turma no sentido de recordarem às crianças a necessidade de trazerem os questionários dos pais preenchidos por estes e fechados no envelope.

Os questionários foram recolhidos pela equipa de investigação cerca de duas semanas mais tarde. Quando esse momento coincidia com o intervalo e as crianças nos viam, vinham a correr perguntar se já tínhamos resultados, se o trabalho já estava feito, manifestando, deste modo, o interesse que atribuíram à iniciativa.

## **5. Tratamento da informação**

Feita a recolha, os questionários, foram organizados por escola e numerados sequencialmente. Criaram-se bases de dados em SPSS para a sua informatização e respectivo tratamento estatístico, tendo as perguntas abertas sido alvo de análise de conteúdo categorial para o seu enquadramento nos resultados gerais do inquérito.

### IDOSOS

#### **1. Definição de objectivos**

Identificar as particularidades de consumos, representações e expectativas dos mais de 64/65 anos, homens e mulheres, e perceber se o género condicionou os consumos dos Media, bem como as representações e expectativas.

#### **2. Caracterização do universo**

Como designar as pessoas mais velhas? Como gostam essas pessoas de ser tratadas? A partir de que momento uma pessoa é, ou se sente, idosa? Alguns trabalhos realizados no âmbito europeu, como o demonstra um documento de 2002 publicado pelo Instituto Nacional de Estatística (2002), observam uma grande diversidade na resposta a estas perguntas. A designação de “pessoas mais velhas” foi a mais aceite na Europa do Sul (Itália, Espanha e Portugal), sendo que as designações “pessoas de idade” e “os mais velhos” foram rejeitadas em muitos países. A expressão “cidadãos seniores” teve grande acolhimento nos países da Europa do Norte, enquanto “reformados” foi o vocábulo mais apreciado por belgas e franceses.

No mesmo documento o INE refere que, para os seus estudos, idosos são as pessoas com idade igual ou superior a 65 anos, período que está associado, em Portugal, ao início da reforma. Refere ainda que nesta concepção, os idosos de hoje são diferentes dos idosos de gerações anteriores e que qualquer limite cronológico para definir as pessoas idosas é arbitrário e dificilmente traduz a dimensão biológica, física e psicológica da evolução do ser humano (INE, 2002).

Trabalhos elaborados com base no Censo de 2001 e projecções realizadas para o envelhecimento em Portugal permitem constatar que a proporção de pessoas com 65 anos ou mais duplicou nas últimas quatro décadas. Uma realidade que configura o aumento da proporção das pessoas idosas na população total e, por consequência, o envelhecimento demográfico da população portuguesa. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2002) entre 1960 e 2001 o envelhecimento demográfico traduziu-se num decréscimo de cerca de 36% na população jovem (0-14 anos) e num aumento de 140% da população com mais de 65 anos, sendo que, em 2001, foram recenseados 1 702 120 indivíduos nesta faixa etária, correspondendo a 16,4% da população portuguesa. Por outro lado, em 33,5% das famílias portuguesas, reside pelo menos um idoso e 17,5% do total das famílias são constituídas por idosos. Destas, 50,5% são representadas por um idoso e 48,1% por dois. No mesmo estudo, refere-se que as actividades domésticas estão confiadas fundamentalmente às mulheres e que muitos idosos têm pequenas ocupações remuneradas ou não remuneradas, tais como serviços de apoio a familiares, nomeadamente às crianças e outros idosos. Salienta-se ainda que, nos dados apurados no Censo de 2001, as pessoas idosas têm pouca participação em actividades associativas mas desenvolvem laços sociais e de vizinhança significativas, estabelecendo relações de entreajuda e solidariedade.

Dados anteriores ao Censo de 2001 já referiam que a maioria dos pobres em Portugal era constituída por pessoas idosas e que 41,6% dos reformados estavam incluídos na população pobre (Barreiros, 1996). O estudo do INE (2002) vem mostrar que a pobreza entre os idosos, onde predominam pensões baixas e baixas taxas de escolaridade, é persistente e que as carências se agravam quando os idosos vivem sós.

De acordo com as projecções demográficas mais recentes, estima-se que a população idosa portuguesa volte a duplicar nos próximos 50 anos, representando, em 2050, 32% do total da população. Os dados recolhidos apontam para uma esperança de vida das mulheres em torno dos 80 anos e para os homens em cerca de 74.

Em quase todos os municípios, o número de mulheres excede o de homens: diferença que se reforça à medida que a idade avança. Em 2001, a proporção entre homens e mulheres com mais de 64/65 anos era de 72 homens para 100 mulheres e, nas pessoas com mais de 85 anos, situava-se em 46 para 100. Esta tendência, segundo as projecções mais recentes, tenderá a inverter-se e homens e mulheres aproximar-se-ão na longevidade (Carrilho e Gonçalves, 2005).

Como refere o Roteiro para a Inclusão produzido pela Presidência da República em Maio de 2006, Portugal tem vindo a aproximar-se da média europeia no que toca aos indicadores de envelhecimento e dependência. O mesmo estudo chama a atenção para as taxas de pobreza particularmente altas entre os idosos. Alguns concelhos da Grande Lisboa sobressaem pelos elevados níveis de envelhecimento, calculados a partir de pessoas com mais de 75 anos, muitas das quais a viver sozinhas, bem como um crescente número de pessoas com mais de 80 anos institucionalizadas. (Presidência da República, 2006)

### **3. Procedimento da amostragem e definição da amostra**

#### **3. 1. Sondagem nacional**

Os dados da Sondagem Nacional respeitantes aos públicos idosos (406 respostas) confirmam que a televisão é o meio privilegiado de informação, entretenimento e lazer e que a Internet tem pouca penetração. Esta observação justifica a organização da Parte IV desta investigação sobre os “Públicos dos Meios de Comunicação Social Portugueses” que será iniciada pela exposição dos resultados sobre a Televisão, seguindo-se a Imprensa, a Rádio e uma breve abordagem à Internet.

Note-se que a Sondagem Nacional cria a categoria inquiridos com “mais de 64 anos”, enquanto que, na bibliografia especializada, a categorização etária é de “65 ou mais de 65 anos”. Saliente-se ainda que os grupos de foco incidiram em pessoas com mais de 75 anos, facto que só foi perceptível após a realização das sessões. Percebeu-se então, que o público-alvo das instituições contactadas está mais perto de uma nova categoria etária, designada “4ª idade” ou “os mais velhos dos mais velhos” (Harper, 2006).

#### **3. 2. Grupos de foco**

Contactaram-se instituições e centros que acolhem pessoas com mais de 64/65 anos e lhes prestam algum tipo de apoio. A receptividade, na generalidade, não foi boa em algumas instituições, como por exemplo a *Voz do Operário* que, após contacto telefónico e e-mail explicando os objectivos do trabalho, respondeu que não considerava oportuna a realização dos grupos de foco. Sentiu-se, nos diferentes contactos entabulados, que existia uma certa hostilidade, pelos menos das direcções, face aos meios de comunicação social.

Dois centros de dia aceitaram organizar sessões de grupo de foco, a Junta de Freguesia de Odivelas e o Centro de Apoio a Jovens e Idosos do Lumiar (CAJIL). As sessões envolveram 17 participantes com idades compreendidas entre os 60 e os 90 anos. No Centro de dia de Odivelas, o grupo contou com 8 participantes cuja média etária se situou nos 78,2 anos. O grupo de foco realizado no CAJIL contou com 9 participantes com uma média etária de 78,7.

QUADRO VII  
GRUPO IDOSOS ODIVELAS

| Nome            | Idade | Sit. Conjug. | Filhos | Naturalidade | Onde vive | Com quem vive   | Ocupação/profissão que exerceu          | Escolaridade | Em casa tem                         |
|-----------------|-------|--------------|--------|--------------|-----------|-----------------|---|--------------|-------------------------------------|
| Camila          | 74    | Viúva        | 3      | Odivelas     | Odivelas  | Filho           | Empregada Doméstica                     | 3ª classe    | TV, rádio, telem, máq foto          |
| Margarida       | 60    | Casada       | 2      | Alentejo     | Odivelas  | Marido e filhas | Empregada de Laboratório                | 9º ano       | TV, rádio, máq foto, comput, telem  |
| Manuel          | 86    | Viúvo        | 6      | Lisboa       | Odivelas  | Sozinho         | Serralheiro                             | 4ª classe    | TV e rádio                          |
| Maria Conceição | 79    | Viúva        | 1      | Alenquer     | Odivelas  | Filha           | Limpeza em ATL                          | 4º classe    | TV, rádio, telem, comput, máq foto. |
| António         | 86    | Viúvo        | 2      | Feirão       | Odivelas  | Filhas          | Serralheiro                             | 4ª classe    | TV, rádio, máq foto, telem, comput  |
| Augusto         | 90    | Viúvo        | 1      | Mortágua     | Odivelas  | Filho           | Empregado de fábrica, soldado em Angola | Não estudou  | TV, rádio, máq foto, telem, comput  |
| Lina            | 70    | Viúva        | 1      | Castro Daire | Odivelas  | Filha           | Cabeleireira                            | 4ª classe    | TV, rádio, máq foto, telem, comput  |
| Maria           | 81    | Viúva        | 7      | Funchal      | Odivelas  | Filhas          | Bordadeira                              | Não estudou  | TV, rádio, máq foto, telem, comput  |

QUADRO VIII  
GRUPO IDOSOS LUMIAR

| Nome             | Idade | Sit. Conjug. | Filhos | Naturalidade   | Onde vive   | Com quem vive  | Ocupação/profissão que exerceu | Escolaridade      | Em casa tem                         |
|------------------|-------|--------------|--------|----------------|-------------|----------------|--------------------------------|-------------------|-------------------------------------|
| Angelina         | 90    | Viúva        | 1      | Algarve        | Lumiar      | Sozinha        | Empregada de Mesa              | 4ª classe         | TV e rádio                          |
| Ludvina          | 82    | Viúva        | 3      | Lisboa         | Lumiar      | Com a filha    | Doméstica                      | Não estudou       | TV, telem, comput.                  |
| Maria Alice      | 69    | Casada       | 1      | Viseu          | Lumiar      | Marido e filho | Ajudante de Cozinha            | 8 meses de estudo | TV, telem, rádio, máq foto          |
| Margarida        | 85    | Viúva        | não    | Lisboa         | Lumiar      | Sozinha        | Modista, costureira            | 4ª classe         | TV, telem, rádio                    |
| Manuel R.        | 82    | Viúvo        | 1      | Lisboa         | Lumiar      | Sozinho        | Vendedor                       | 4ª classe         | TV, rádio, Telef, máq foto, TV cabo |
| Amélia           | 78    | Viúva        | 1      | Alentejo       | Ameixoeira  | Sozinha        | Empregada de Limpeza           | 4ª classe         | TV, TV cabo e rádio                 |
| Teresa           | 73    | Viúva        | 1      | Trás-os-Montes | Ameixoeira  | Sozinha        | Doméstica                      | Não estudou       | TV e rádio                          |
| Maria Leopoldina | 69    | Casada       | 7      | Armamar        | Ameixoeira  | Marido e filho | Doméstica                      | Não estudou       | TV e rádio                          |
| Isabel           | 80    | Viúva        | 3      | Setúbal        | Galinheiras | Sozinha        | Doméstica                      | 3ª classe         | TV, rádio, cassetes                 |

A realização dos grupos de foco foi acompanhada de um Diário de Campo onde se registaram impressões circundantes à realização das sessões, dentro de uma perspectiva etnográfica. Neste sentido, deu-se especial atenção aos ambientes, aos espaços de vivência dos “utentes”, às atitudes e comportamentos dos coordenadores/mediadores dos centros, assim como aos indícios e elementos de comunicação verbal e não verbal dos participantes ou não participantes nos grupos de foco.

#### 4. Desenho e aplicação do questionário e do roteiro temático para os grupos de foco

A anteceder as reuniões, elaborou-se um questionário de identificação comum a todos os participantes e um roteiro com tópicos sobre “Os Meios de Comunicação Social Portugueses” adaptado aos “mais de 64/65 anos”. O questionário de identificação visou registar os dados individuais mais significativos: local de nascimento, nacionalidade, sexo, idade, escolaridade, profissão e ocupação anteriores à reforma, bem como partilha de habitação. A aplicação fez-se sem dificuldades.

O roteiro adaptado aos “mais de 64/65 anos” estruturou-se em torno dos seguintes tópicos:

- I. Os Usos Dos Jornais;
- II. Os Usos da televisão, Vídeos/Filmes e Música;
- III. A opinião sobre rádio, jornais e televisão;
- IV. Os usos do Computador e da Internet.

A aplicação implicou algumas adaptações nomeadamente a introdução de um outro tópico que se designou “Memória dos Meios de Comunicação”. Foi a partir deste tópico que se conseguiu entrar nos tópicos inicialmente enunciados.

## **5. Recolha e tratamento da informação nos grupos de foco**

A utilização da metodologia de grupos de foco com pessoas com mais de 64/65 anos, tem como objectivo compreender como se posicionam face ao tema proposto “Os Meios de Comunicação Social Portugueses”. Este objectivo envolve três níveis de observação: num primeiro momento, observa-se os mecanismos de interacção entre os membros integrantes do grupo, os papéis assumidos por cada membro, homem e mulher, e a representação do Eu perante o grupo; num segundo momento, objectiva-se compreender como o grupo colectivamente se representa e interage perante as investigadoras e os mediadores; finalmente regista-se e contextualiza-se as afirmações, opiniões e debates suscitados pelo tema.

Dentro do primeiro nível de observação — “os papéis assumidos por cada membro, homem e mulher, e a representação do Eu perante o grupo” — constatou-se que a interacção entre os diversos participantes, nos dois grupos de foco, estava condicionada pelas relações pré existentes entre os participantes. As condicionantes mais perceptíveis foram as que derivam de conhecimentos ou amizades anteriores, afinidades por sexo, escolaridade dos participantes, localidade ou região de origem, profissão exercida durante a sua vida activa, escolaridade, situação financeira, situação conjugal e familiar e condições de saúde. Estas condicionantes levaram alguns participantes a assumir papéis reconhecidos pelos outros membros do grupo e identificados pelas investigadoras através de murmúrios, comentários laterais ou sorrisos. Determinaram, por outro lado, algumas formas



dos participantes se representarem perante o grupo e assumirem, ou não, opiniões, atitudes e comportamentos.

No grupo de foco de Odivelas foram mais observadas as condicionantes relacionadas com o estado de saúde, sexo, escolaridade, localidade ou região de origem e situação conjugal. Neste grupo, os homens estiveram mais alheados da sessão e destacaram-se algumas senhoras pela vontade de participar e pelas opiniões emitidas. No grupo do Lumiar, as condicionantes relacionadas ao estatuto social estiveram mais presentes e homens e mulheres participaram de forma mais paritária.

No segundo nível de observação — que compreende a forma “como o grupo colectivamente se representa e interage perante as investigadoras e os mediadores” — verificou-se que, na generalidade, os “mais de 64/65 anos” não se vêem como idosos. Estas pessoas tendem a olhar os outros participantes como “idosos”, mas não assumem igual categoria etária para si mesmos. Assim, não há uma construção colectiva da identidade “idosos” ou “mais de 64/65 anos”, apesar de alguns participantes declararem que hoje se trata bem os mais velhos e se incluírem neste grupo. Por outro lado, nota-se que a presença das investigadoras é encarada como mais uma actividade de entretenimento, com igual interesse (ou desinteresse) a outras actividades organizadas pelos centros. Na verdade, as rotinas marcaram as sessões de grupo de foco, depois do almoço, antes do lanche, na hora da ginástica ou da palestra, por exemplo, sobre pintura. Para alguns dos participantes participar na actividade “grupos de foco” tornou-se interessante ou mais atractivo na medida em que permitiu recuar no tempo e activar a memória sobre os meios de comunicação, associando programas, actores, cantores às saudades de “quando se era novo” e a “outros tempos”.

De ressaltar, ainda, o papel dos mediadores que, em ambos os centros, apoiaram as sessões exercendo papéis de autoridade, controlando e distribuindo as falas, chamando os participantes para os tópicos e regulando os horários das rotinas.

No terceiro nível de observação, onde se pretende registar e contextualizar afirmações, opiniões e debates suscitados pelo tema, observou-se que as memórias condicionam mais o desenrolar das sessões que o fluxo das notícias e as vivências do quotidiano. Muitos dos participantes, em função de alguns problemas auditivos e de visão, sentiram dificuldades em acompanhar os meios de comunicação. O volumoso número de analfabetos ou com dificuldades na leitura provocou, logo

à partida, a exclusão dos meios impressos e uma redução do leque de opções de programação televisiva.

## IMIGRANTES

### 1. Definição dos objectivos

Na Quinta Parte deste Estudo de Recepção procurou-se analisar, registar e interpretar dados quantitativos e qualitativos sobre os consumos, representações e expectativas dos imigrantes face aos meios de comunicação social. A televisão, dada a sua proeminência social e função pública — em conformidade com o contrato de Concessão Geral de Serviço Público de Televisão, assinado em 2003 — foi especialmente focada. Observou-se, entre outros aspectos, como estes públicos sensíveis avaliam a aplicação das directivas de programação, estipuladas pelo contrato de Concessão, relativas ao pluralismo, ao respeito pelos interesses das minorias e à promoção da diversidade cultural.

A identificação dos imigrantes como um público sensível fundamenta-se na sua débil inserção na esfera pública e, apesar dos recentes avanços experimentados em Portugal, nos frágeis indicadores de inserção política e cultural destes cidadãos. Recentemente muitos imigrantes, sobretudo originários dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), adquiriram a nacionalidade ao abrigo da nova lei (Lei Orgânica n.º 2/2006 de 17 de Abril: Quarta alteração à Lei n.º 37/81 de 3 de Outubro/Lei da Nacionalidade). Mas este facto, juridicamente relevante, não impede que socialmente sejam percebidos, ou se vejam, como imigrantes, ou nacionais de outro país, com restrito acesso ao espaço público. O Plano para a Integração dos Imigrantes (Presidência do Conselho de Ministros, Resolução do Conselho de Ministros n.º 63-A/2007) constitui, neste sentido, um instrumento de apoio à inclusão no espaço público e de reforço à cidadania. Neste Plano, que reconhece a autonomia dos Media e a ética deontológica dos jornalistas, incentiva-se o desenvolvimento de mecanismos de auto-regulação na veiculação de notícias sobre a imigração apelando para que, respeitando o rigor dos factos e o enquadramento adequado, se evitem os efeitos perversos de indução de racismo e xenofobia. O mesmo documento considera que se deve estimular os meios de comunicação so-

cial a promover espaços de programação/informação que mostrem a diversidade cultural existente na sociedade portuguesa, valorizando as expressões culturais e linguísticas das comunidades imigrantes residentes em Portugal.

## 2. Caracterização do universo

Portugal, um país tradicionalmente de emigrantes tornou-se, nas duas últimas décadas, num país de Imigração. Um marco importante para compreender este fenómeno é a assinatura do Acordo de Schengen que garante um espaço de circulação único aos europeus e cria uma fronteira comum. Este acordo, desenhado em 1985 pelos países que então constituíam a União europeia, foi ratificado em Portugal em 1993 mas a sua aplicação só se deu em 1995. Referir este acordo é jurídica e socialmente importante, pois ele desenha uma percepção social do estrangeiro e do imigrante que se estende aos meios de comunicação social. Este tratado obriga os cidadãos de países terceiros, exteriores à União Europeia, a obterem um visto Schengen para visitarem ou permanecerem em Portugal e assim instaura uma barreira simbólica entre Nós — neste caso portugueses — e os Outros, muitos deles nascidos portugueses e tornados estrangeiros quer pelo desenrolar da História quer por constrangimentos legislativos.

Os mecanismos de integração têm vindo a multiplicar-se em diferentes frentes, nos últimos anos, em toda a Europa, incluindo Portugal, salientando-se os aspectos relativos à obtenção da nacionalidade, às políticas de promoção da igualdade de oportunidades e à vigilância e punição de empregadores e angariadores de mão-de-obra clandestina. No que toca ao direito à nacionalidade assinala-se a transição do direito de sangue para o direito de solo, contemplado em Portugal pela Nova Lei da Nacionalidade (Lei Orgânica nº 2/2006 de 17 de Abril: Quarta alteração à Lei nº 37/81 de 3 de Outubro/Lei da Nacionalidade).

Em 2007, Portugal contabiliza cerca de 435.736 mil estrangeiros em situação legal, sendo possível estimar em cerca de 170.000 mil os que se encontram em situação ilegal.<sup>6</sup> Destes, 401.612 tinham, em 2007, autorização de residência; 5.741 autorização de permanência e 28.383 vistos de longa duração. O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras refere também que cerca de 240.096 são homens e 195.640 mulheres, sendo

---

6 Fonte SEF

que grande parte dos estrangeiros tem como local de residência Lisboa (188.516), seguindo-se Faro (74.335), Setúbal (43.812) e o Porto (28.013).

A maior comunidade é a brasileira com 66.354 cidadãos, seguindo-se a cabo-verdiana e a ucraniana com, respectivamente, 63.925 e 39.480. Embora esta última esteja a diminuir (estima-se que, em 2007, cerca de dois mil cidadãos ucranianos saíram de Portugal), regista-se o crescimento da comunidade romena, actualmente com 19.155. A comunidade angolana (32.728) e a guineense (23.733) mantêm-se estáveis. Já o número de cidadãos ingleses (23.608) e espanhóis (18.030) a viver e trabalhar em Portugal tem vindo a crescer, sobretudo os primeiros que procuram o Distrito do Algarve para gozar a reforma e investir em pequenos negócios. No entanto, a percepção social dominante dos portugueses, face a estas duas comunidades, toma-os não como “imigrantes” mas como “estrangeiros”, facto que se reveste de dimensões históricas, culturais e sociais mais amplas (Cabecinhas, 2007)

### **3. Procedimento da amostragem e definição da amostra**

#### **3. 1. Sondagem nacional**

Na interpretação da Sondagem Nacional sobre “Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses” (159 respostas) utilizaram-se duas estratégias distintas. Uma primeira estratégia de leitura que envolveu “os nascidos em Portugal” e os “não nascidos em Portugal” e a comparação dos consumos, representações e expectativas destes dois grupos de inquiridos. Numa segunda estratégia de leitura foram organizados quatro grupos por local de nascimento: os nascidos em Portugal Continental; os nascidos nos PALOP, os nascidos na América Latina AL), e os nascidos em Outros Países Europeus (OPE). Pretendeu-se, com este agrupamento por local de nascimento, observar hipotéticas tendências de consumo, representações e expectativas de inquiridos estrangeiros, tendo como termo de comparação os inquiridos em Portugal Continental.

Apesar da organização dos resultados pelos locais de nascimento evidenciarem algumas particularidades nos consumos, levantaram-se, no entanto, questões teóricas e metodológicas complexas. De entre elas, destaca-se a que mais condiciona a leitura destes dados: é que nem todos os nascidos nos PALOP, no Brasil, na Venezuela

ou em França, são necessariamente imigrantes. Entre os inquiridos há, por exemplo, portugueses nascidos nas antigas colónias africanas, há filhos de portugueses, com nacionalidade portuguesa, nascidos no Brasil e na Venezuela, há filhos de emigrantes portugueses nascidos em França e com dupla nacionalidade. Na sequência desta reflexão, é ainda provável que haja inquiridos que, tendo nascido em Portugal, tenham uma nacionalidade estrangeira e sejam juridicamente imigrantes.

Na primeira estratégia de leitura que pretendeu cotejar os consumos, representações e expectativas dos “nascidos e não nascidos em Portugal”, partiu-se de uma amostra em que os primeiros constituem 92,4% dos inquiridos e os segundos 7,6%, o que corresponde estatisticamente à percentagem de estrangeiros/imigrantes com residência em Portugal. Na segunda estratégia de leitura, em que não foram considerados os dados referentes às Regiões Autónomas, os nascidos no Continente constituíam 90,1% dos inquiridos, os nascidos nos PALOP atingem os 3,6%, seguindo-se os nascidos na América Latina (AL) com 2,4% e os nascidos em Outro País Europeu (OPE) com 1,5%.

### **3. 2 Grupos de Foco**

A escolha da nacionalidade dos grupos de imigrantes teve em consideração, em primeiro lugar, as maiores comunidades residentes em Portugal, identificadas pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). Em segundo lugar, considerou percepções de “senso comum” da sociedade portuguesa sobre os imigrantes, associadas a nomeações como “imigrantes de Leste” e “imigrantes dos PALOP”. Neste sentido, e seguindo os “imigrantes de Leste”, procurou-se contactar associações de cidadãos ucranianos, mas também de outras nacionalidades, nomeadamente de russos e de romenos. Em busca dos “imigrantes dos PALOP”, constatou-se que a maior parte das associações de imigrantes cabo-verdianos integrava os descendentes de imigrantes cabo-verdianos e imigrantes de outros Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, principalmente guineenses e são-tomenses.

A estratégia para a organização dos grupos foi desenhada a partir de contactos realizados com as associações de imigrantes registadas junto do Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural (ACIDI). Através do ACIDI procedeu-se ao levantamento das Associações de Imigrantes dos PALOP e de

outras associações de imigrantes. Os contactos foram realizados através do Programa Escolhas e directamente com o SOS Racismo, Associação dos Ucrrianos, Associação dos Romanos, Casa do Brasil. Nem todos os contactos resultaram. Por diversos motivos, algumas associações não conseguiram mobilizar os seus membros e congregá-los para uma sessão de grupo de foco sobre “Os meios de Comunicação Social Portugueses”. Foram alegados os seguintes motivos: horários de trabalho, afazeres domésticos, receio de alguns membros se «exporem» aos meios de comunicação.

Um outro elemento que contribuiu para a selecção das associações a contactar foi o facto destas integrarem imigrantes que correspondiam ao “perfil” estatístico enunciado em estudos especializados (Viegas, e al., 1998). Por exemplo, no caso dos imigrantes ucrrianos, terem escolaridade média e superior e exercerem, na generalidade, funções pouco qualificadas; no caso dos imigrantes brasileiros, terem escolaridade média e estarem ocupados em Serviços; no caso dos imigrantes cabo-verdianos e dos PALOP, terem poucas habilitações literárias, trabalharem na construção civil ou estarem desempregados. Contudo, as associações que participaram e mobilizaram os seus membros contactaram preferencialmente «as elites», entendendo-se como tal os membros com maior escolaridade, consciência política, participação em actividades comunitárias e capacidade reivindicativa. Neste sentido, sobretudo no que toca às associações de cabo-verdianos e dos PALOP, nota-se que os participantes são bastante mais escolarizados que os dados divulgados por estudos especializados, apesar da maioria dos participantes viverem nos bairros sociais, ou mesmo degradados, onde se realizaram as sessões e onde se situam as sedes das associações.

Note-se que em todos os grupos de foco realizados, excepto no Grupo Misto, constituído por pessoas com nacionalidades diversas, e nos dois Grupos de Foco dos Brasileiros, as pessoas se conheciam ou até tinham, algumas, relações de amizade. De ressaltar ainda que, segundo os membros das associações que se comprometeram a contactar as pessoas para os grupos, muitos aceitaram participar e depois, em cima da hora, não apareceram justificando imprevistos. A grande maioria destes imprevistos está ligada ao mundo do trabalho profissional (os homens) e doméstico (as mulheres, principalmente as de origem cabo-verdiana ou dos PALOP). Assim, e independentemente de se ter contactado, para todos os grupos, um conjunto de 8 pessoas e de se terem marcado as

sessões para os fins-de-semana – com horários acordados entre os participantes, organizadores e mediadores – o resultado obtido foi muito irregular.

Constituíram-se 10 Grupos: 4 com imigrantes dos PALOP e seus descendentes, 3 com imigrantes dos países do Leste da Europa, 2 com imigrantes brasileiros e 1 misto. Sublinhe-se que os descendentes de imigrantes dos PALOP entrevistados tinham, até à aprovação da Nova Lei da Nacionalidade (Lei Orgânica nº 2/2006 de 17 de Abril: Quarta alteração à Lei nº 37/81 de 3 de Outubro/Lei da Nacionalidade), a nacionalidade de origem dos pais. Sublinhe-se, ainda, que alguns brasileiros eram filhos ou netos de portugueses e tinham a nacionalidade portuguesa ou estavam em vias de adquiri-la.

#### QUADRO IX

CIDADÃOS DOS PALOP E DESCENDENTES - Bairro de Santa Filomena, Amadora

| Nome           | Idade | Sexo | País de origem                       | Residência | Ocupação               | Profissão             | Escolaridade |
|----------------|-------|------|--------------------------------------|------------|------------------------|-----------------------|--------------|
| Alcides        | 36    | M    | Angola                               | Amadora    | Mediador sociocultural | Pedreiro              | 9º ano       |
| Sandra         | 21    | F    | Portugal (descendente de imigrantes) | Amadora    | Balconista             | Balconista            | 9º ano       |
| Dina           | 22    | F    | Portugal (descendente de imigrantes) | Amadora    | Desempregada           | Balconista            | 11º ano      |
| Armeno         | 30    | M    | Portugal (descendente de imigrantes) | Amadora    | Carpinteiro            | Carpinteiro           | 9º ano       |
| Márcio         | 26    | M    | Portugal (descendente de imigrantes) | Amadora    | Cantoneiro             | Cantoneiro            | 9º ano       |
| Janilson       | 27    | M    | Cbo Verde                            | Amadora    | Segurança              | Segurança             | 9º ano       |
| Igor           | 23    | M    | Portugal (descendente de imigrantes) | Amadora    | Promoção de vendas     | Promotor de Vendas    | 9º ano       |
| Benvindo       | 28    | M    | Cabo Verde                           | Amadora    | Construção civil       | Construção civil      | 9º ano       |
| Luís           | 26    | M    | Portugal (descendente de imigrantes) | Amadora    | Electricista           | Electricista e Músico | 12º ano      |
| Hugo           | 28    | M    | Portugal (descendente de imigrantes) | Amadora    | Militar                | Militar               | 9º ano       |
| Elísio (Chapa) | 25    | M    | Portugal (descendente de imigrantes) | Amadora    | Desempregado           | Não respondeu         | 9º ano       |

QUADRO X  
CIDADÃOS DOS PALOP E DESCENDENTES - Terraços do Tejo (Quinta do Mocho)

| Nome    | Idade | Sexo | País de origem                       | Residência | Ocupação                           | Profissão                          | Escolaridade                         |
|---------|-------|------|--------------------------------------|------------|------------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------|
| Helder  | 24    | M    | Cabo Verde                           | Loures     | Estudante                          | Estudante                          | Licenciatura em Engenharia Mecânica  |
| Vera    | 19    | F    | Portugal (descendente de imigrantes) | Loures     | Estudante e cozinheira             | Estudante                          | 10º ano                              |
| Keidi   | 21    | M    | São Tomé e Príncipe                  | Loures     | Estudante e mediador sociocultural | Estudante e mediador sociocultural | 12º ano                              |
| Oswaldo | 32    | M    | Angola                               | Loures     | Desempregado                       | Técnico de Saúde                   | 9º ano – Curso técnico área da saúde |
| Brener  | 28    | M    | Guiné-Bissau                         | Loures     | Construção Civil                   | Ferreiro                           | 7º ano                               |
| Wilson  | 20    | M    | Portugal (descendente de imigrantes) | Loures     | Estudante                          | Estudante                          | 9º ano                               |

QUADRO XI  
CIDADÃOS DOS PALOP E DESCENDENTES - Associação AFRUNIDO, Agualva-Cacém

| Nome       | Idade | Sexo | País de origem      | Residência  | Ocupação                            | Profissão               | Escolaridade               |
|------------|-------|------|---------------------|-------------|-------------------------------------|-------------------------|----------------------------|
| Gilson     | 30    | M    | Cabo Verde          | Queluz      | Bar Man                             | Estudante               | 12º ano                    |
| Vitor      | 49    | M    | Guiné-Bissau        | Mira Sintra | Desempregado                        | Professor               | 12º ano                    |
| Djarta     | 49    | M    | Guiné-Bissau        | Agualva     | Presidente Associação de Imigrantes | Engenheiro Agrónomo     | Licenciatura em Engenharia |
| Adélio     | 31    | M    | Angola              | Mira Sintra | Operação Fabril                     | Recursos Humanos        | 12º ano                    |
| António    | 42    | M    | Cabo Verde          | Mira Sintra | Estagiário em Advocacia             | Advogado                | Licenciatura em Direito    |
| Rui Santos | 46    | M    | São Tomé e Príncipe | Cacém       | Estafeta                            | Programador Informática | 12º ano                    |



QUADRO XII

CIDADÃOS DOS PALOP E DESCENDENTES - Bairro de Outurela/Portela, Oeiras

| Nome    | Idade | Sexo | País de origem                          | Residência           | Ocupação                                 | Profissão               | Escolaridade                 |
|---------|-------|------|---|----------------------|--|-------------------------|------------------------------|
| Sandra  | 22    | F    | Portugal<br>(descendente de imigrantes) | Oeiras - Pombal      | Assistente de Advogado                   | Secretária              | 12º ano                      |
| Mário   | 40    | M    | Cabo Verde                              | Oeiras - Outurela    | Mediador de jovens                       | Mediador Sócio-Cultural | 6º ano                       |
| José    | 30    | M    | Portugal<br>(descendente de imigrantes) | Oeiras - Porto Santo | Serviços externos de empresa informática | Dirigente associativo   | 9º ano                       |
| Ana     | 29    | F    | Portugal<br>(descendente de imigrantes) | Oeiras - Outurela    | Actriz                                   | Actriz                  | Bacharelato em Artes Cénicas |
| Ricardo | 19    | M    | Portugal - Descendente de imigrantes    | Oeiras - Portela     | Estudante                                | Estudante               | 12º ano                      |
| Luís    | 20    | M    | Portugal - Descendente de imigrantes    | Oeiras - Portela     | Estudante                                | Estudante               | 12º ano                      |

QUADRO XIII

CIDADÃOS DE PAÍSES DO LESTE DA EUROPA - Associação dos Ucrânios (LusoDomu), Lisboa

| Nome    | Idade | Sexo | País de origem | Residência | Ocupação                         | Profissão                    | Escolaridade                    |
|---------|-------|------|----------------|------------|----------------------------------|------------------------------|---------------------------------|
| Maria   | 44    | F    | Ucrânia        | Lisboa     | Presidente Associação Imigrantes | Veterinária                  | Licenciatura em Veterinária     |
| Igor    | 34    | M    | Ucrânia        | Lisboa     | Director de Escola Imigrantes    | Professor de Educação Física | Licenciatura em Educação Física |
| Natália | 37    | F    | Ucrânia        | Lisboa     | Secretária e Médica              | Médica                       | Licenciatura em Medicina        |
| Vitali  | 31    | M    | Ucrânia        | Setúbal    | Operário de Armazém e estudante  | Técnico Mecânico             | 12º ano                         |

QUADRO XIV

CIDADÃOS DE PAÍSES DO LESTE DA EUROPA - Escola Pêro de Santarém, Benfica

| Nome     | Idade | Sexo | País de origem | Residência          | Ocupação           | Profissão                                   | Escolaridade                                  |
|----------|-------|------|----------------|---------------------|--------------------|---|---|
| Oksana   | 47    | F    | Ucrânia        | Póvoa de Santa Iria | Doméstica          | Professora de Geografia                     | Licenciatura em Geografia                     |
| Diana    | 27    | F    | Ucrânia        | Cruz de Pau         | Doméstica          | Professora de História                      | Licenciatura em História                      |
| Oksana 2 | 37    | F    | Ucrânia        | Lisboa              | Desempregada       | Professora Matemática                       | Licenciatura em Matemática                    |
| Svitlana | 33    | F    | Ucrânia        | Lisboa              | Operadora de Caixa | Professora de Língua e Literatura Ucrâniana | Licenciatura em Língua e Literatura Ucrâniana |

QUADRO XV

CIDADÃOS DE PAÍSES DO LESTE DA EUROPA - Igreja da Madalena, Lisboa

| Nome     | Idade | Sexo | País de origem | Residência | Ocupação            | Profissão                    | Escolaridade                                       |
|----------|-------|------|----------------|------------|---------------------|------------------------------|--|
| Jorge    | 27    | M    | Roménia        | Lisboa     | Professor de Inglês | Professor                    | Licenciatura em Língua e Literatura Inglesa        |
| Adriana  | 40    | F    | Roménia        | Barreiro   | Bibliotecária       | Professora de Línguas        | Licenciatura em Línguas e Literaturas estrangeiras |
| Rodica   | 36    | F    | Roménia        | Barreiro   | Doméstica           | Padeira                      | 12º ano  |
| Vladimir | 38    | M    | Roménia        | Barreiro   | Técnico de Gás      | Professor de Línguas Eslavas | Licenciatura em Línguas Eslavas                    |
| Iósife   | 43    | M    | Roménia        | Lisboa     | Serralheiro         | Técnico de TV a Cabo         | 12º ano  |
| Miguel   | 41    | M    | Roménia        | Seixal     | Construção Civil    | Pedreiro                     | 12º ano  |
| Cornel   | 32    | M    | Roménia        | Lisboa     | Pintor              | Contabilista                 | Licenciatura em Contabilidade                      |

QUADRO XVI  
CIDADÃOS BRASILEIROS - Cinema São Jorge, Lisboa

| Nome      | Idade | Sexo | País de origem | Residência | Ocupação               | Profissão    | Escolaridade                  |
|-----------|-------|------|----------------|------------|------------------------|--------------|-------------------------------|
| Cláudio   | 30    | M    | Brasil         | Lisboa     | Bancário               | Bancário     | 12º ano                       |
| Karina    | 32    | F    | Brasil         | Lisboa     | Publicitária           | Publicitária | Licenciatura em Publicidade   |
| Lisi      | 33    | F    | Brasil         | Lisboa     | Contabilista           | Contabilista | Licenciatura em Contabilidade |
| Cristiano | 29    | M    | Brasil         | Lisboa     | Monitor de Informática | Jornalista   | Licenciatura em Jornalismo    |
| Denivalda | 52    | F    | Brasil         | Lisboa     | Psicóloga              | Psicóloga    | Licenciatura em Psicologia    |

QUADRO XVII  
CIDADÃOS BRASILEIROS - Casa do Brasil, Lisboa

| Nome    | Idade | Sexo | País de origem | Residência | Ocupação    | Profissão              | Escolaridade                |
|---------|-------|------|----------------|------------|-------------|------------------------|-----------------------------|
| Gustavo | 31    | M    | Brasil         | Lisboa     | Jurista     | Jurista                | Licenciatura em Direito     |
| Deli    | 38    | M    | Brasil         | Lisboa     | Porteiro    | Organizador de eventos | 12º ano                     |
| António | 40    | M    | Brasil         | Lisboa     | Jornalista  | Jornalista             | Licenciatura em Jornalismo  |
| Bia     | 45    | M    | Brasil         | Lisboa     | Doméstica   | Doméstica              | 12º ano                     |
| Adriana | 57    | F    | Brasil         | Lisboa     | Informática | Dentista               | Licenciatura em Odontologia |

No total, os grupos envolveram 61 pessoas assim distribuídas: 33 dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e seus descendentes, com nacionalidade recém-adquirida ao abrigo da Nova Lei da Nacionalidade, (26 homens e 7

QUADRO XVIII  
CIDADÃOS DE DIVERSAS ORIGENS - Pastelaria Veneza, Lisboa

| Nome    | Idade | Sexo | País de origem                       | Residência | Ocupação                                | Profissão                  | Escolaridade               |
|---------|-------|------|--------------------------------------|------------|---|----------------------------|----------------------------|
| Liliana | 29    | F    | Brasil                               | Lisboa     | Professora e Investigadora              | Professora e Investigadora | Pós-Doutoramento           |
| Abrão   | 33    | M    | Guiné-Bissau                         | Alverca    | Assistente técnico de projectos sociais | Psicólogo                  | Licenciatura em Psicologia |
| Eduardo | 36    | M    | Angola                               | Lisboa     | Administrativo                          | Sociólogo                  | Licenciatura em Sociologia |
| Sónia   | 27    | F    | Portugal – Descendente de Imigrantes | Amadora    | Estudante                               | Historiadora               | Licenciatura em História   |
| Helena  | 33    | F    | Cabo Verde                           | Lisboa     | Coordenadora de Projecto Social         | Socióloga                  | Licenciatura em Sociologia |
| Natália | 32    | F    | Rússia                               | Odivelas   | Mediadora Sociocultural                 | Tradutora                  | Licenciatura em Línguas    |
| Cris    | 36    | F    | Brasil                               | Lisboa     | Socióloga - Investigadora               | Socióloga                  | Doutoramento               |

mulheres); 16 originárias dos países europeus de Leste, (7 homens e 9 mulheres); 12 brasileiras, (5 homens e 7 mulheres).

A realização dos grupos de foco foi acompanhada de um registo de impressões do contexto em que ocorreram as sessões. Este registo designado Diário de Campo, pretendeu traçar, dentro de uma perspectiva etnográfica, um quadro do contexto em que se deram as interacções, nomeadamente as impressões sobre o bairro, os locais onde decorreram as sessões, o tipo de acolhimento prestado às investigadoras e as atitudes e comportamentos de participantes ou não participantes.

#### 4. Desenho e aplicação do questionário e do roteiro temático para os grupos de foco

As sessões de grupo de foco foram antecedidas pela elaboração de dois instrumentos de pesquisa: um questionário de identificação comum a todos os grupos

e participantes e um roteiro temático adaptado aos diferentes grupos de imigrantes. O questionário de identificação pretendeu registar os dados individuais mais significativos como local de nascimento, nacionalidade, sexo, idade, escolaridade, profissão e ocupação. A aplicação deste questionário fez-se sem dificuldades, apesar de alguns descendentes de imigrantes cabo-verdianos e dos PALOP preferirem «inventar um nome».

O roteiro adaptado às diferentes nacionalidades e grupos de imigrantes estruturou-se em torno dos seguintes tópicos comuns:

- I. Os Usos dos Jornais;
- II. Os Usos da televisão, Vídeos/Filmes e Música;
- III. A opinião sobre rádio, jornais e televisão;
- IV. Os usos do Computador e da Internet.

Em função da nacionalidade dos participantes introduziu-se, em cada tópico, perguntas específicas, por exemplo, no roteiro direccionado para os imigrantes cabo-verdianos, dos PALOP e seus descendentes, introduziram-se perguntas sobre a RTP e a RDP África, bem como sobre os consumos de vídeo e música africana.

A aplicação do roteiro não foi uniforme e, em função dos grupos e das nacionalidades, experimentaram-se diferentes interferências e alterações. De uma forma geral, pode-se dizer que, entre os imigrantes que dominam ou têm o português como língua materna, a aplicação do roteiro, tal como tinha sido planeado, foi feita de forma entrecortada sendo, por vezes, necessário recentrar os participantes nos tópicos pré definidos. A aplicação do roteiro nos grupos que não dominam ou não têm o português como língua materna fez-se de forma mais sequencial e os integrantes dos grupos não se desviaram tanto dos tópicos propostos.

## **5. Recolha e tratamento da informação nos grupos de foco**

A utilização da metodologia de grupos de foco com pessoas originárias da mesma região geográfica, país ou continente, visa compreender como se processa a construção colectiva da identidade (Munday, 2006), tendo em conta o referente proposto, neste caso “Os meios de Comunicação Social Portugueses”.

A construção desta identidade através dos grupos de foco, tendo como referente um tema, envolve três níveis de observação: num primeiro momento, observam-se os mecanismos de interacção entre os membros integrantes do grupo, os papéis assumidos por cada membro, homem e mulher, e a representação do Eu perante o grupo de pertença; num segundo momento, objectiva-se compreender como o grupo colectivamente se representa e interage perante o Outro (as investigadoras, as mediadoras portuguesas, os mediadores, em geral, ali presentes); finalmente registam-se e contextualizam-se as afirmações, opiniões e debates suscitados pelo tema.

Dentro do primeiro nível de observação — “os papéis assumidos por cada membro, homem e mulher, e a representação do Eu perante o grupo de pertença” — verificou-se que, em todos os grupos de foco realizados, fosse qual fosse a nacionalidade envolvida, se manifestavam indícios de distinções hierárquicas. Estas afloram na interacção entre os diversos participantes e, nomeadamente, estão relacionadas com o estatuto social anterior à imigração, ao sexo, à escolarização, ao sucesso no percurso da imigração, aos contactos e vida em comum, ou ainda em função do papel desempenhado na comunidade. No decorrer das sessões, tais distinções determinaram algumas formas dos participantes se representarem perante o grupo e assumirem, ou não, opiniões, atitudes e comportamentos. Estiveram mais presentes nas sessões com cidadãos ucranianos e romenos, um pouco em função do domínio da língua portuguesa e dos mediadores. Menos presentes junto dos cidadãos brasileiros.

Assinale-se ainda que, nos grupos de foco realizados com cidadãos brasileiros e ucranianos, a interacção entre homens e mulheres é paritária: homens e mulheres falam com igual à vontade e não há inibição entre sexos. Esta realidade não se verifica nas sessões com cidadãos de Cabo-verde, de origem cabo-verdiana, dos PALOP e seus descendentes, ou ainda romenos, onde se nota falarem os homens primeiro e só depois as mulheres que tendem a confirmar, ou não, as afirmações masculinas, mantendo sempre um discurso controlado.

No segundo nível de observação — “a representação dos diversos elementos, e do grupo enquanto entidade, perante as investigadoras, e em algumas circunstâncias, os mediadores” — verificou-se que há grandes diferenças entre os grupos de imigrantes. De uma maneira geral, todos os grupos tendem a ter uma percepção colectiva do seu grupo face à imigração e a situá-la numa escala histórica

e temporal. Por exemplo, os imigrantes dos PALOP e seus descendentes recuam às guerras coloniais da década de 60 e 70; os imigrantes brasileiros ao período colonial e às relações de «amizade preferencial» entre Portugal e o Brasil; os imigrantes ucranianos e romenos ao fim da União Soviética e à reestruturação do modelo económico nos seus países.

Os grupos têm, relativamente ao país e à comunidade de pertença, graus diversos de auto-estima (Goffman, 1975). Os indicadores de auto-estima surgem associados quer a estereótipos, quer a qualidades e defeitos identificados como características da comunidade nacional, no geral assumidos como estigmas, quer ainda através de um jogo complexo de espelhos «o que eles/portugueses pensam que nós somos, o que nós somos realmente e o que eles são capazes de ver de nós». Este jogo de percepções é verbalizado no decorrer das sessões tendo como objectivo esclarecer as investigadoras, na medida em que lhes é atribuído o papel de «mediadoras», e continuam a ser percebidas pelos elementos dos grupos como pertencentes à sociedade dominante. Nesta situação de interacção, os papéis da sociedade tendem a reproduzir-se, apesar das investigadoras serem simbolicamente investidas, pelos participantes das sessões, da função de «porta-voz» dos «sem voz» face às autoridades e instituições governamentais e estatais. Quanto ao mediador — normalmente quem organizou e fez os contactos iniciais para a sessão —, o seu papel tende a variar em função do grupo e da sua origem nacional. Assim, os mediadores que tinham a mesma origem nacional dos integrantes do grupo de foco, apresentavam uma maior aceitação e liderança, enquanto que aqueles que eram portugueses ou de outra nacionalidade, tendiam ou a distanciar-se (Nós/Eles) ou a «subtrair» a voz aos integrantes do grupo. Esta última situação esteve muito presente num dos grupos de foco realizado com imigrantes ucranianos, onde a mediadora brasileira/ucraniana casada com um português, a pretexto «deles» (os imigrantes ucranianos) não se expressarem bem em português, distorcia ou conduzia as respostas dos participantes ucranianos. Percebeu-se, então, que o seu objectivo não era mediar a sessão mas louvar perante as investigadoras, percebidas como representantes de instituições governamentais, o apoio da «sua associação católica (Opus Dei)» aos «imigrantes de Leste».

No terceiro nível de observação, onde se pretende registar e contextualizar as afirmações, opiniões e debates suscitados pelo tema “Os meios de Comunicação

Social Portuguese”, observa-se que o fluxo das notícias e vivências do cotidiano é muito importante e condiciona, em grande medida, o desenrolar das sessões. Assim, em todas as sessões, acontecimentos recentes relatados pelos meios de comunicação foram evocados e associados às experiências do cotidiano dos participantes. Notou-se, também, que os integrantes de comunidades que residem em Portugal, há mais tempo (cabo-verdianos e PALOP), e que dominam a língua (PALOP, cabo-verdianos e brasileiros), têm capacidade de recordar e verbalizar mais acontecimentos e interligá-los, comparando-os numa escala positiva ou negativa, com o presente. Ainda de referir que, para os imigrantes ucranianos e romenos, os meios de comunicação social portugueses assumem um papel secundário, enquanto meios de informação ou divertimento, mas têm, notoriamente, um papel importante na aprendizagem da língua, usos e costumes.







Parte II  
Análise geral dos dados



Iniciamos esta II Parte com uma apresentação global dos órgãos de comunicação social e seus públicos, em Portugal: índices de utilização, segundo níveis de escolaridade, faixas etárias e género; representações quanto ao modo como exercem as funções de informar, educar e distrair; usos e rotinas que suscitam; avaliações sobre a sua maior ou menor exposição a influências políticas ou económicas; legitimidade da existência de um serviço público, etc. Passaremos, depois, ao aprofundamento dos dados reunidos na Sondagem nacional sobre cada um dos órgãos de comunicação social considerados: Televisão, Rádio, Imprensa e Internet. No capítulo dedicado à Televisão, incluiremos uma breve análise de conteúdo das respostas à pergunta aberta em que se pediam sugestões com vista à melhoria dos respectivos conteúdos.

## UMA VISÃO PANORÂMICA DOS MEDIA EM PORTUGAL

### 1. Utilização

Da leitura dos resultados emerge a importância esmagadora da Televisão que é, de longe, o meio de comunicação social mais utilizado pelos residentes em Portugal, independentemente da idade, do sexo, das habilitações escolares e da região do país onde vivem. Com efeito, e seja qual o for o indicador escolhido, a percentagem de visionamento da televisão aproxima-se, sempre, dos 100%. Porquê? Porque a televisão é a imagem e a palavra: dois sistemas significantes simultaneamente autónomos e interdependentes, para falar como Roland Barthes. Autónomos, porque cada um deles é portador de um universo socio-discursivo próprio. Interdependentes, pela relação de ancoragem recíproca, através da qual se constrói a significação que desenvolvem. Autónomos, interdependentes e ocupando uma posição de charneira entre o mundo exterior que pretendem mostrar, relatar, comentar, dramatizar e o telespectador que visam emocionar, solicitar, interpelar, capturar.

Já com os restantes meios de comunicação social notam-se variações, nalguns casos bem sensíveis.

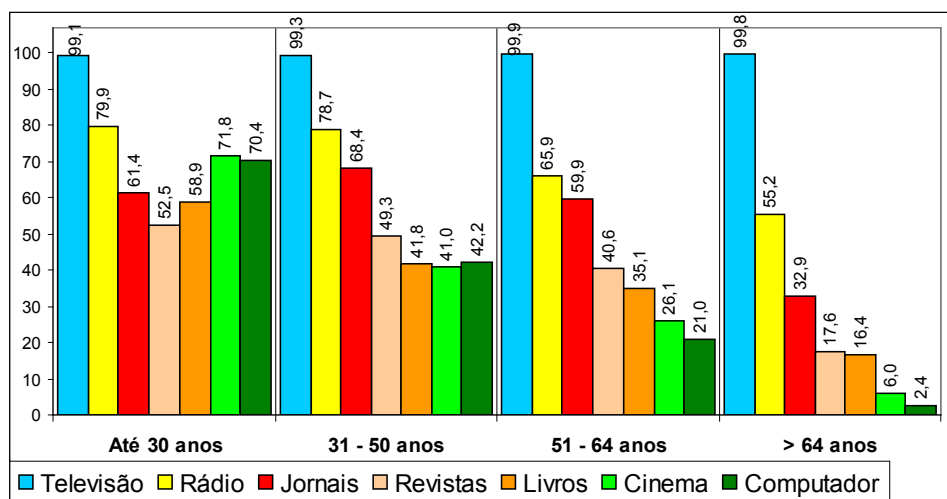
Assim, e se considerarmos os índices de utilização por escalão etário, verifica-se que a Rádio regista elevadas audiências até aos 50 anos (cerca de 80%), idade que funciona como o momento *Kairos*, o momento da mudança qualitativa

em que se inicia a curva descendente dos níveis de escuta. A função “companhia” exercida pela Rádio junto dos mais velhos, não compensa as perdas, ou a cada vez menor utilização da Rádio, neste segmento da população, como fonte de informação ou como meio de distração. Além disso, recorde-se que a Rádio é muito ouvida durante as deslocações em viatura própria entre o domicílio e o local de trabalho.

Com os jornais, as revistas, os livros, o cinema e os computadores sucede algo de semelhante. A partir dos 50 anos, diminuem os consumos mediáticos: lê-se menos, vai-se menos ao cinema e, quanto a computadores, o seu uso é praticamente residual.

A comparação entre o uso de computadores e as idas ao cinema reveste-se, aliás, de um significado particular. As respectivas percentagens são extremamente próximas em cada faixa etária e vão baixando, com a idade, a um ritmo semelhante. Ir ao cinema e trabalhar com computador são, essencialmente, “hábitos jovens”. No caso dos computadores a explicação é imediata, tendo em conta que a sua disponibilização, como dispositivo pessoal, não tem mais de um quarto de século. Mas, no que respeita ao cinema, a questão é mais complexa. Será que se assiste a um retorno do gosto pelo cinema que se reflectiria, já, nas camadas mais jovens da população?

GRÁFICO 1  
Utilização dos media por escalão etário (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

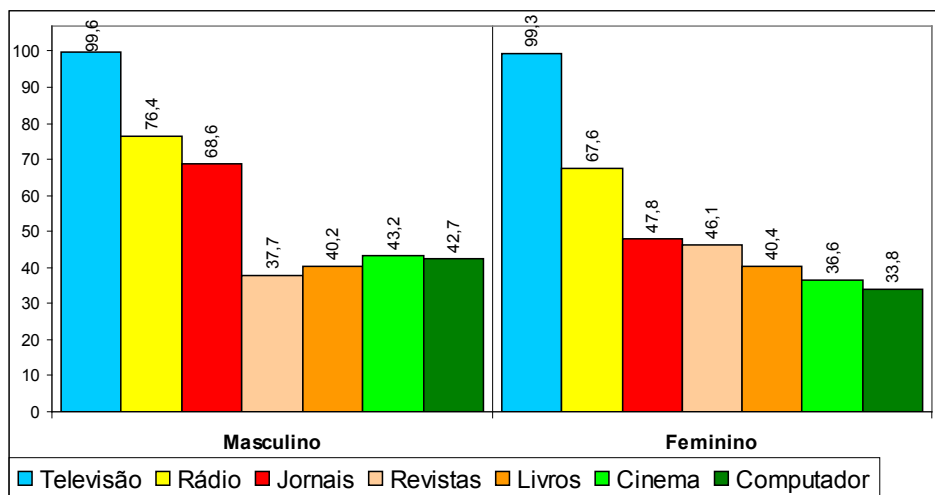
Os mais jovens e os mais velhos estão nas antípodas quanto ao consumo dos media. Exceptuando a leitura dos jornais, proporcionalmente mais elevada entre os 31 e os 50 anos (e mesmo esta excepção pode ser anulada entrando em linha de conta com a consulta de edições *on-line*), os mais jovens lêem mais, vão mais ao cinema, navegam mais na Internet. Enfim, são os mais jovens que mais estreitas ligações estabelecem com o mundo. Em contrapartida, são os mais velhos quem menos o faz.

Importa, no entanto, afastar interpretações diacrónicas. Será errado ou, pelo menos, carece de demonstração, concluir-se que o envelhecimento traz, consigo, um afastamento, um alheamento do mundo e das coisas. Um refúgio em si. Como se de uma inevitabilidade se tratasse. De uma condenação. Coloquemos antes, como hipótese, que os dados relativos a uma e a outra das duas faixas etárias manifestam, sim, diferenças geracionais. Estaríamos, então, face a duas gerações cuja formação e afirmação se desenrolam, ou desenrolaram, em contextos políticos, económicos, sociais e culturais completamente distintos (o 25 de Abril como fronteira?).

Eis um tema de análise sociológica que se nos afigura capital.

Quanto à utilização dos media em função do género. Homens e mulheres não se distinguem relativamente ao consumo de televisão. Vêem-na todos, como já observámos. Não se distinguem, também, no consumo de livros. Mas os homens lêem mais jornais, ouvem mais rádio, vão mais ao cinema e recorrem mais frequentemente ao computador. As mulheres, por seu lado, consomem mais revistas, o que poderá estar relacionado com a elevada penetração, neste segmento de público, das chamadas “revistas cor-de-rosa” ou “revistas de sociedade”. Seja como for e independentemente das modificações resultantes da introdução de variáveis como a idade ou o grau de escolaridade, ou seja, considerando apenas a variável género, as disparidades entre consumos dos media ilustram, talvez, disparidades de rotinas quotidianas entre homens e mulheres.

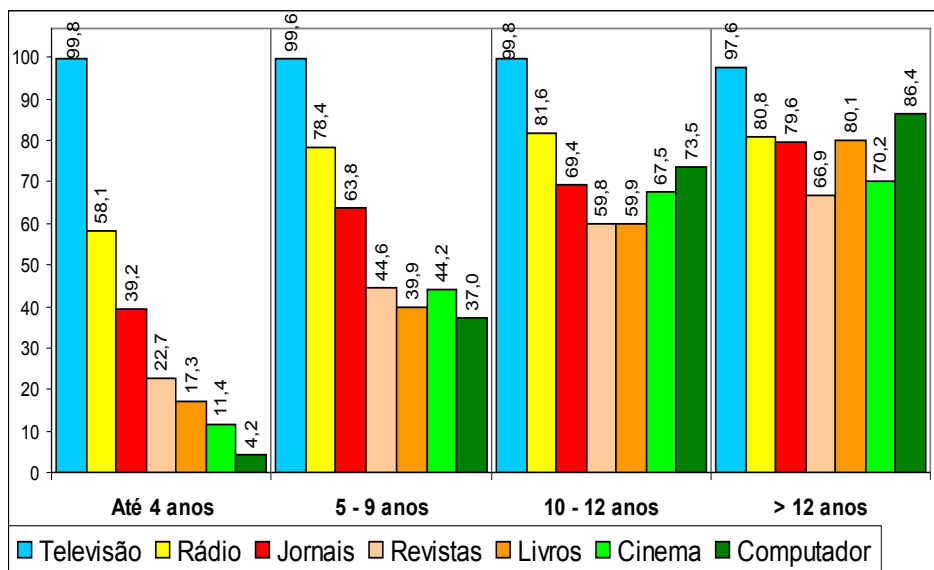
GRÁFICO 2  
Utilização dos media por género (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Por anos de escolaridade, sublinhe-se que a população com escolaridade inferior a 4 anos será constituída, sobretudo, por idosos ainda não abrangidos pelos programas de escolaridade obrigatória que, posteriormente, os governos viriam a adoptar. Essa, a razão para os baixos valores que apresenta. Nas restantes faixas etárias, observa-se que a escuta da Rádio, em volume, pouco muda com a escolaridade, embora aquilo que se escuta possa ser diferente. O mesmo não sucede com a leitura de jornais que acompanha, regularmente, o aumento de escolaridade. Mas o ritmo de crescimento acentua-se quando se analisa a evolução das idas ao cinema e do uso do computador. Comparando as respostas dos inquiridos com 5 a 9 anos de escolaridade com as daqueles com mais de 12 anos, as variações são notáveis: a percentagem de idas ao cinema sobe de 44% para 70% e de utilização do computador de 37% para 86%...

GRÁFICO 3  
Utilização dos media, por anos de escolaridade (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

## 2. Funções

Atribuem-se aos órgãos de comunicação social três funções principais: informar, educar e distrair. De todas, é a primeira - a função de informação – aquela que, genericamente, mais interesse desperta na esfera de recepção. “A leitura do jornal é a oração matinal do ateu”, escreveu Hegel para sublinhar que todos, até o ateu, todos têm necessidade de um sentido fundador. Actualizando esta máxima hegeliana diríamos que, hoje, a oração matinal compreende, igualmente, compreende sobretudo, o visionamento das matinais imagens de um canal informativo de televisão, a audição das matinais notícias da rádio, a matinal navegação pela Internet.

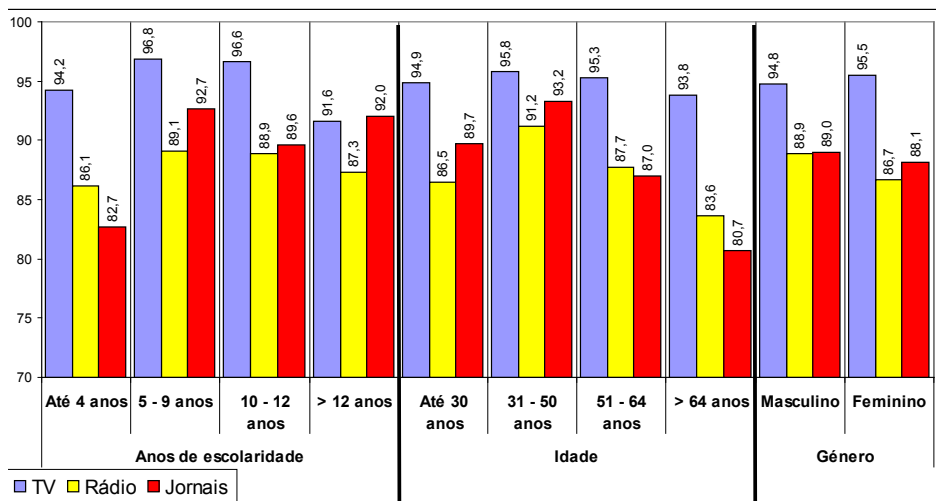
O exercício das funções referidas, por cada um dos media, é avaliado, no entanto, de forma distinta.

À cabeça surge, como é óbvio, a televisão, imbatível, seja para informar, para educar ou distrair.



Como fonte de informação, os jornais ocupam a segunda posição salvo junto dos inquiridos mais velhos e dos que têm menos de 4 anos de escolaridade que, aos jornais, preferem a rádio. Insista-se em que este último grupo – menos de 4 anos de escolaridade – é constituído, em grande parte, por indivíduos mais velhos e que nele avultam o analfabetismo e a iliteracia.

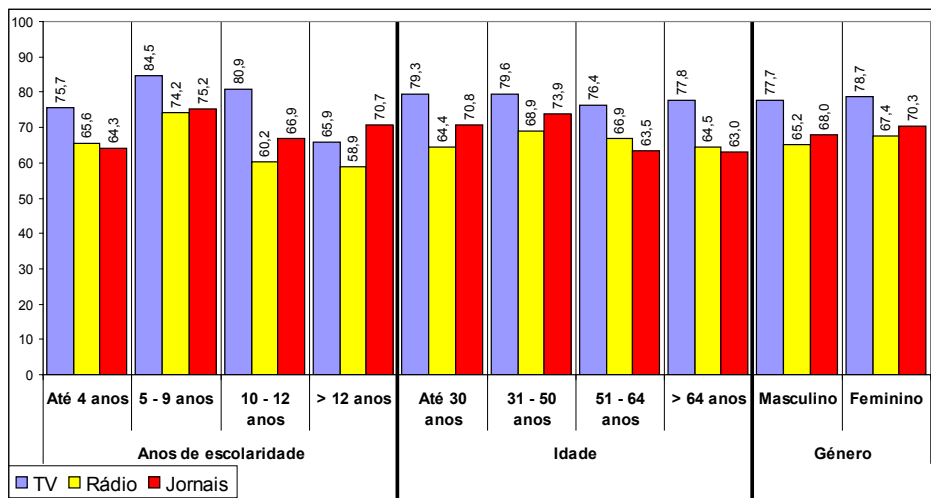
GRÁFICO 4  
 Importância dos media para a Informação - %  
 (Adicionaram-se as respostas «Importante» e «Muito importante»)



Fonte: Sondagem nacional ERC/ISCTE

Como veículo de educação, a percentagem dos que destacam a televisão desce para cerca de 80%, o que provoca uma aproximação entre os três meios de comunicação social. A função educativa é, aliás, a menos valorizada na televisão. Comparando a importância reconhecida, neste domínio, à rádio e aos jornais, encontramos algo que já se verificara para a função informativa: só nos inquiridos mais velhos, ou com menos de 4 anos de escolaridade, é que a rádio ultrapassa os jornais.

**GRÁFICO 5**  
**Importância dos media para a Educação - %**  
**(Adicionaram-se as respostas «Importante» e «Muito importante»)**



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Como factor de distração e tomando em conjunto os géneros feminino e masculino, a rádio vence os jornais, independentemente dos anos de escolaridade e da idade dos inquiridos. Aqui reside a principal diferença em relação ao gráfico anterior. Desagregando por géneros, homens e mulheres, embora ligeiramente, mantêm a sua opção pelos jornais em detrimento da Rádio.

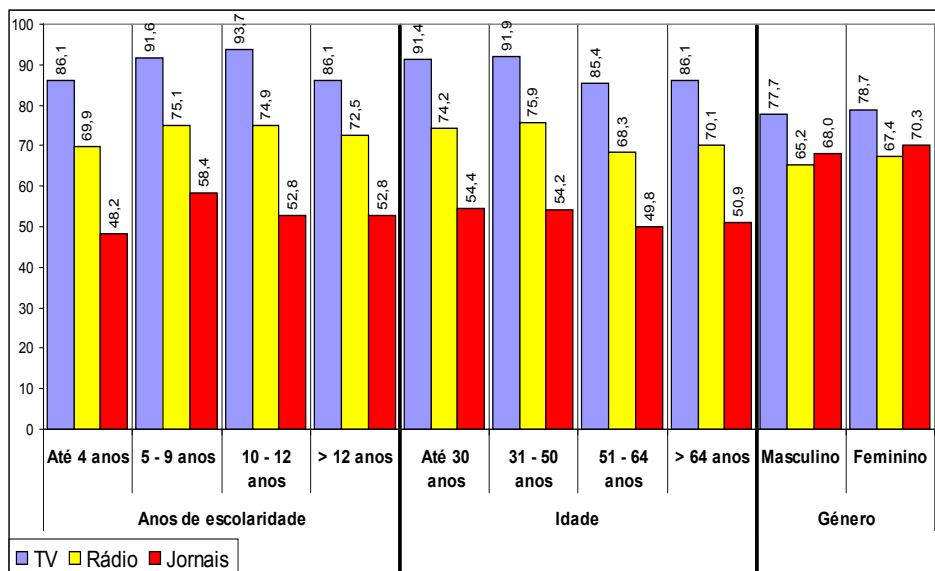
Em termos relativos, se a função educativa é a menos valorizada para a televisão, a função de distração tende a ser a menos valorizada para os jornais, e a de informação para a Rádio

### 3. Credibilidade

A Sondagem nacional mostra-o sem margem para dúvidas: a credibilidade dos diferentes órgãos de comunicação é substancialmente elevada e distribui-se segundo valores muito próximos, isto é, audiência e credibilidade não se implicam necessariamente. Vê-se muito mais televisão do que se lê jornais ou se ouve rádio. O que não significa, porém, que a credibilidade da televisão seja superior.

GRÁFICO 6

Importância dos media para o Divertimento - %  
(Adicionaram-se as respostas «Importante» e «Muito importante»)



Fonte: Sondagem nacional ERC/ISCTE

Não é por ser mais credível que se vê mais televisão!

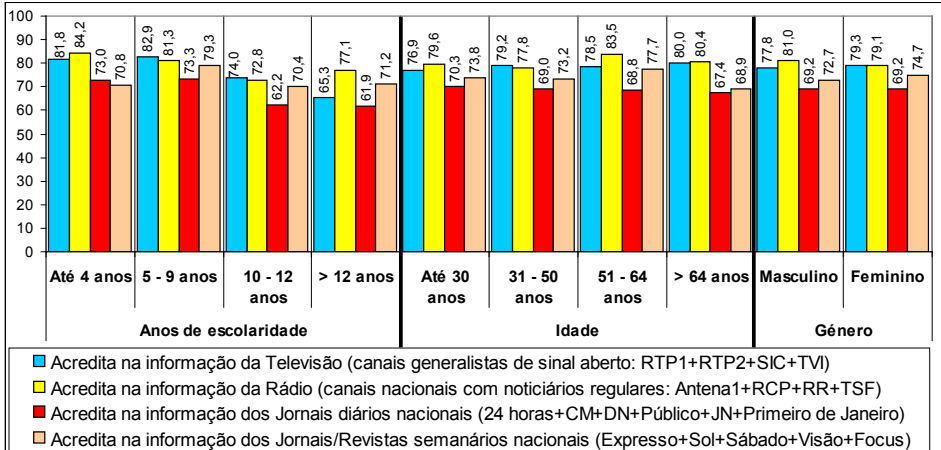
Ao compararmos as opiniões dos inquiridos sobre o exercício, pelos media, da função informativa, tivemos a ocasião de verificar que a televisão e os jornais surgiam como os mais capacitados para isso. Só que, quando se trata de credibilidade, a rádio ultrapassa sempre os jornais, em todas as faixas etárias, em todos os graus de escolaridade, tanto no género masculino como no feminino. Ultrapassa a televisão em todas as faixas etárias, salvo na que vai dos 31 aos 50 anos em que os valores quase coincidem. Ultrapassa a televisão junto dos que têm menos de quatro e mais de doze anos de escolaridade. E ultrapassa a televisão no género masculino.

O órgão de comunicação social julgado menos capacitado para fornecer informação – a rádio – é, todavia, o mais credível!

GRÁFICO 7

Credibilidade dos media - %

(Adicionaram-se as respostas «Acredita» e «Acredita totalmente»)

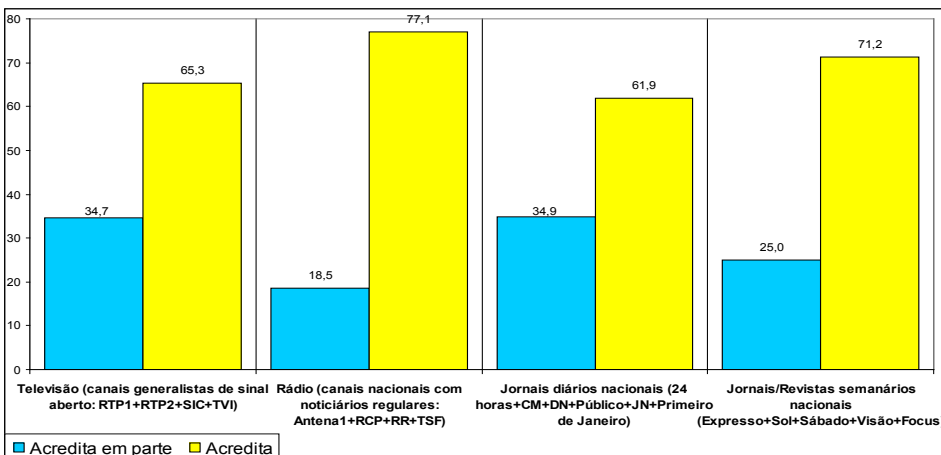


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Assinale-se que o grupo com maiores habilitações literárias é onde, proporcionalmente, a rádio mais se destaca, quanto à credibilidade que inspira. A relativa desconfiança nos outros órgãos de comunicação social leva muitos inquiridos a mo

GRÁFICO 8

Credibilidade dos indivíduos com mais de 12 anos de escolaridade (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

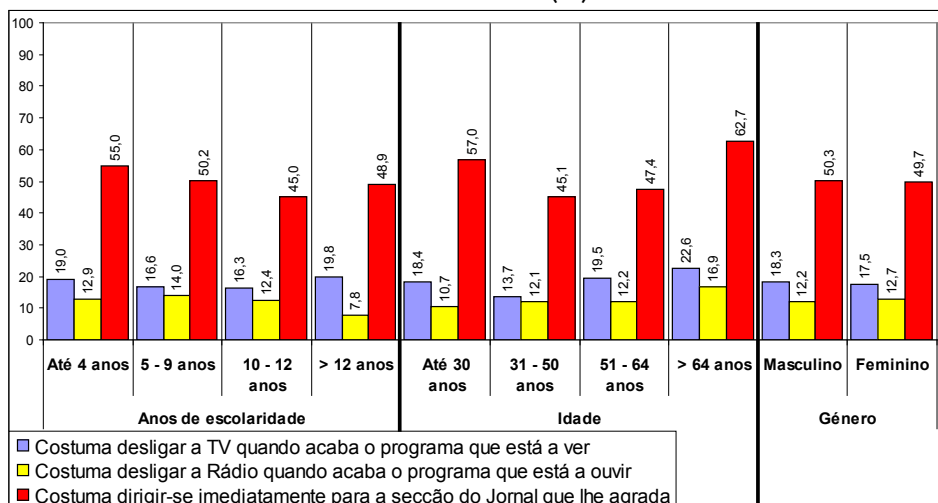
dalizar as respectivas respostas. Daí a elevada taxa (cerca de 35%) dos que dizem “acreditar em parte” na televisão e nos jornais diários.

#### 4. Usos

Oscila em torno dos 50% a parte dos inquiridos que liga a televisão ao chegar a casa, rotina mais acentuada nas mulheres, nos indivíduos com mais de 50 anos e nos que têm menos estudos. Da mesma ordem de grandeza é a percentagem dos que ligam automaticamente o receptor de rádio. O uso da televisão ou da rádio, com o objectivo de ver ou ouvir determinado programa, não constitui, pois, uma prática corrente. Com os jornais é diferente: parte importante dos leitores dirige-se, imediatamente, à secção ou rubrica que lhe interessa.

O som da rádio, a imagem e o som da televisão confundem-se com o ambiente da casa. Espalham-se pela casa como se fosse à revelia de uma vontade expressa. Quase sem disso nos apercebermos, a televisão e a rádio estreitam connosco (impõem-nos?) relações de convivência. Selectividade? Essa característica é apnágio da leitura.

GRÁFICO 9  
 Uso dos media (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

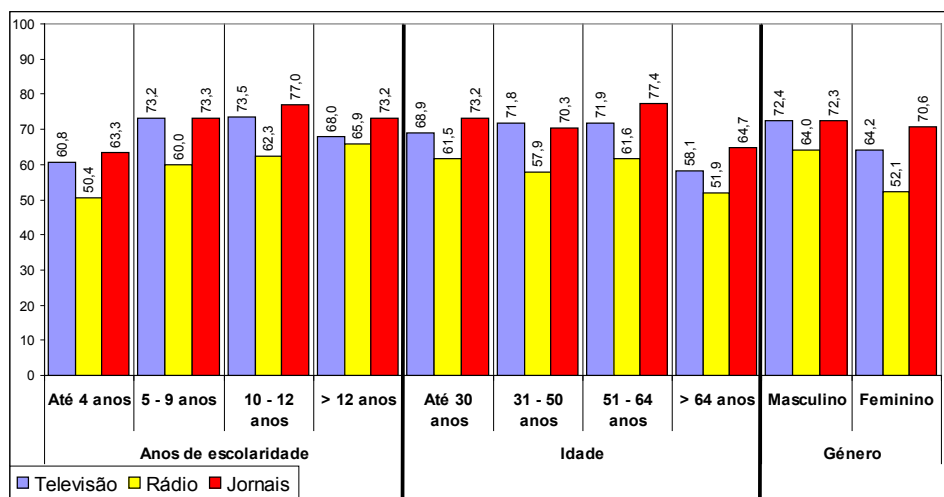
## 5. Os media como estímulo do sentido crítico

O visionamento ou a audição podem corresponder a gestos maquinais. Irreflectidos. Liga-se o aparelho. E pronto. Muitas vezes ouve-se e vê-se ao mesmo tempo que se faz outra coisa.

Pelo contrário, a leitura implica uma decisão anterior. Obriga à selecção. Concentra a atenção. É verdade que também se pode ler distraidamente. Sem captação de conteúdos. Mas considerar-se-á como leitura um simples percorrer de textos? Em diagonal? É verdade que mesmo quando isso acontece, o leitor pode parar. E recuar. E rever. E então, ler.

Serão aspectos desta natureza que justificam a opção pelos jornais, como o tipo de órgãos de comunicação social que mais estimula o espírito crítico. É o que sucede em todos os graus de escolaridade; em todas as faixas etárias, à excepção da que vai dos 31 aos 50 anos, onde a televisão conquista a primazia, por pequena margem. É o que acontece nas mulheres (nos homens, televisão e jornais equiparam-se).

GRÁFICO 10  
Estimulam o sentido crítico (%)



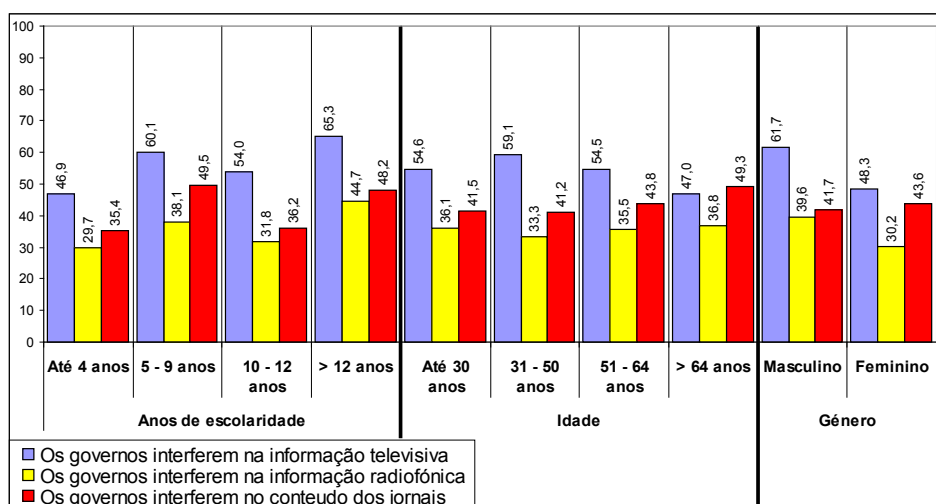
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

## 6. Avaliações

Tratando-se do meio de comunicação social que mais impacto tem na estruturação do espaço público, a televisão será aquela que desperta maior apetência junto do poder político. É, pelo menos, esse, o sentimento dominante dos inquiridos que, interrogados sobre a eventual interferência dos governos nos conteúdos dos media, destacam a televisão, como susceptível de ser objecto de maiores pressões. Seguem-se os jornais e a rádio. Apenas no grupo dos maiores de 64 anos se regista uma ligeira alteração, com os jornais a ultrapassarem a televisão.

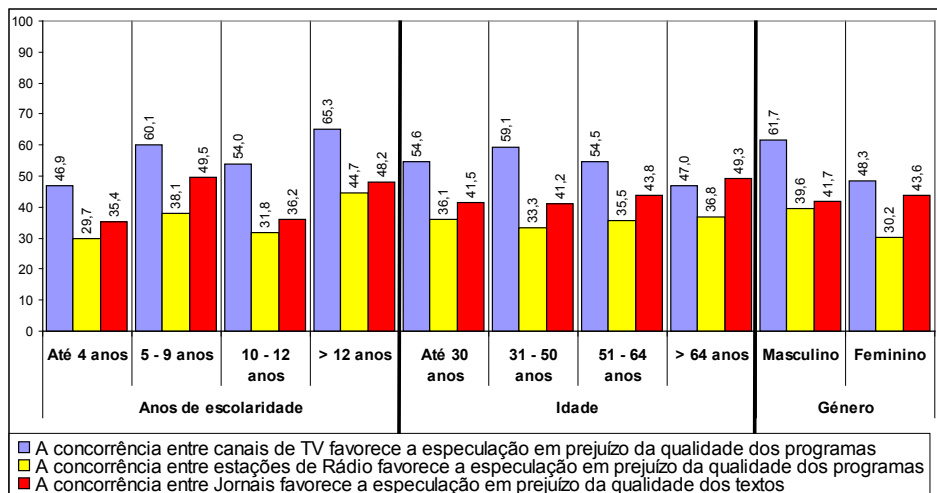
A mesma razão explica a opinião manifestada na Sondagem nacional quanto a uma eventual influência negativa da concorrência nos conteúdos mediáticos. À semelhança do que se observa, relativamente à influência política, é em torno da televisão que se geram as maiores apreensões. Em todos os graus de escolaridade, em todas as faixas etárias, nos géneros masculino e feminino. Desta vez, nem há mesmo excepções.

GRÁFICO 11  
Os governos interferem na informação dos media (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

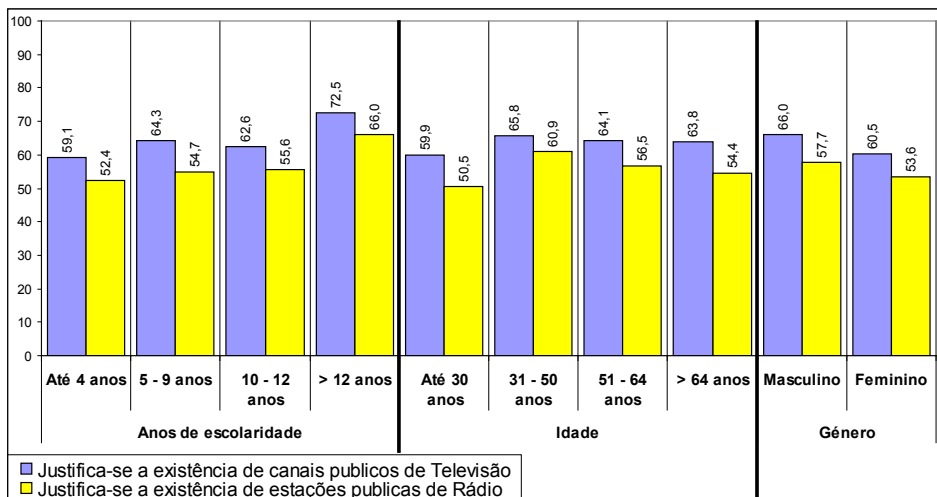
GRÁFICO 12  
A concorrência prejudica a qualidade dos media (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Maior exposição, maior vulnerabilidade a pressões políticas e económicas, logo urgência acrescida em proteger a televisão relativamente a estratégias comerciais, a jogos de mercado. Essa, a função determinante do serviço público assumido como

GRÁFICO 13  
Serviço público de Rádio e de Televisão (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE



instância alternativa, como garante da pluralidade e da independência. E esse o motivo pelo qual o serviço público de televisão surge como ainda mais necessário que o serviço público de radiodifusão sonora. Repare-se na elevada percentagem dos que se pronunciam pela sua indispensabilidade, sobretudo os indivíduos com mais anos de escolaridade,

## TELEVISÃO

### 1. Os canais preferidos

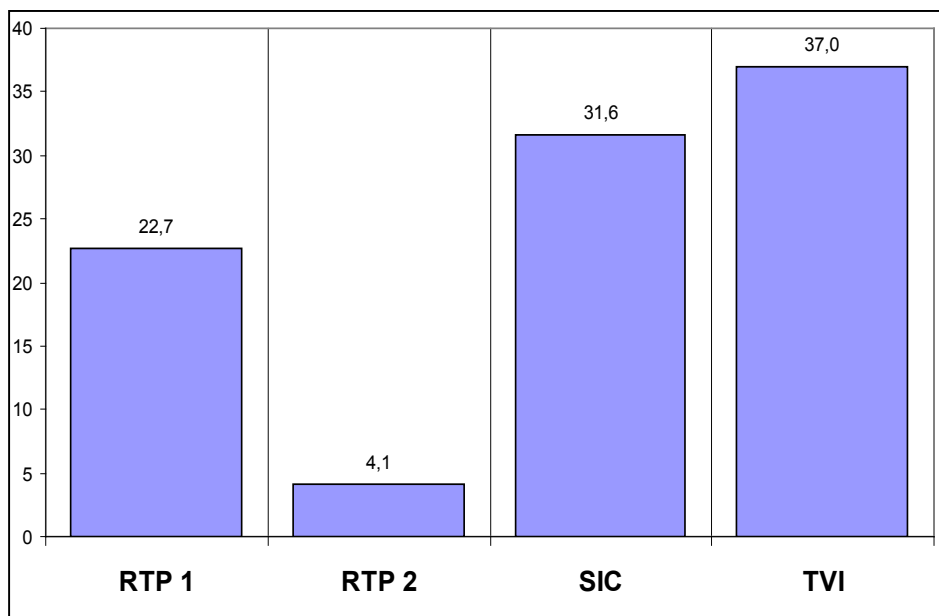
“Qual o canal de TV nacional, de sinal aberto, que mais vê?”. A análise das respostas mostra que a TVI é o canal mais citado, seguido da SIC e da RTP1 e, a grande distância, da RTP2. Reproduz-se o escalonamento que, regularmente, é tornado público.

Não se devem confundir, porém, as percentagens obtidas com audiências efectivas dos canais de televisão.

A pergunta é “Qual o canal de TV [...] que mais vê” e não “Qual o canal de TV que está a ver”. O facto de um canal ser citada menos vezes como “o que mais vê” ou “visto em primeiro lugar” não significa que, em cada momento, e totalizando os seus espectadores – incluindo os que, apesar de o considerarem em segundo ou terceiro lugar nas suas preferências estão a vê-lo naquele instante -, a sua audiência seja inferior à de um outro citado, no entanto, mais vezes. Por outro lado, a preferência enunciada pode reflectir representações sociais. Diz-se, então, que se prefere o que se julga ser publicamente mais correcto preferir. É o chamado “efeito de desejabilidade social”. A diferença reside, depois, no acto. Assume-se, publicamente, preferir isto e escolhe-se, na intimidade da decisão, aquilo.

É com estas ressalvas que devem ser interpretados os dados seguintes.

GRÁFICO 14  
Canal de TV nacional, de sinal aberto, que mais vê (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

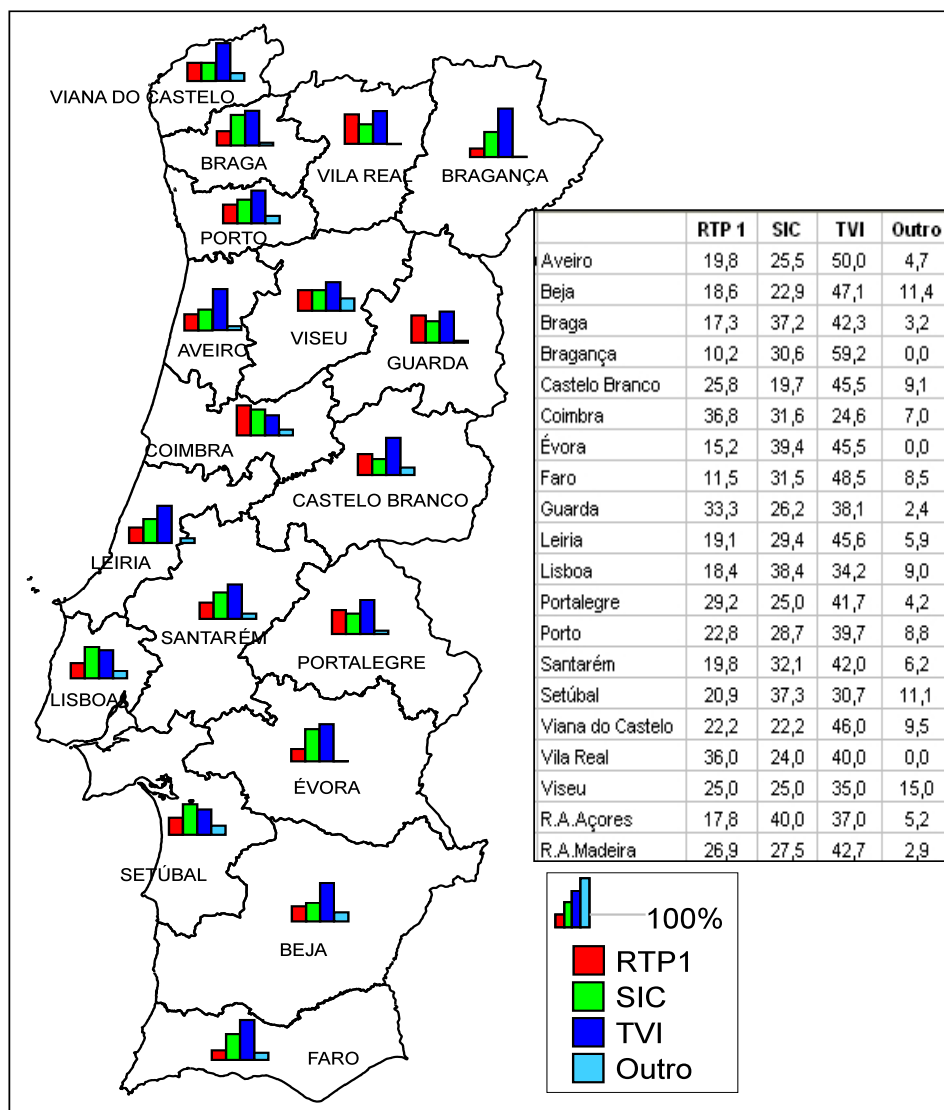
Por distritos, a RTP1 recolhe mais preferências, como canal visto em primeiro lugar, em Coimbra, Guarda e Portalegre; a SIC em Évora, Setúbal e Braga; a TVI em Bragança, Aveiro e Faro. À primeira impressão, nenhum destes canais se impõe regionalmente. Com efeito, os distritos em que cada canal é o preferido, tanto se podem localizar ao norte, como ao centro ou ao sul de Portugal Continental.

Nas regiões autónomas, porém, a repartição das preferências oferece outros motivos de reflexão. Tanto nos Açores como na Madeira, a SIC e a TVI são distribuídas por cabo. Só que o cabo é largamente utilizado, especialmente no Funchal e nas ilhas de S. Miguel, Terceira e Horta. Daí que a diferença entre distribuição por cabo ou em sinal aberto acabe por ser pouco relevante. A percentagem de penetração dos vários canais, nestas regiões autónomas, comprova-o bem: nos Açores, A SIC é o preferido, seguida da TVI; na Madeira, as preferências vão para a TVI seguida da SIC. Em qualquer das regiões, a RTP1 aparece em terceiro lugar.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Estes dados têm que ser analisados com cautela tendo em conta o baixo número de entrevistas realizadas nas duas regiões (Cf. «Introdução» e «Metodologias»)

Comparando as preferências dos três principais canais em Lisboa e no Porto, com as respectivas médias nacionais, verifica-se que, em Lisboa, a RTP1 está nitidamente abaixo da sua média nacional. Ultrapassam as médias nacionais, a SIC, no Porto, e a TVI, em Lisboa, cidades onde cada um destes dois canais assume a primeira posição.

GRÁFICO 15  
Canal de Televisão que mais vê (%)

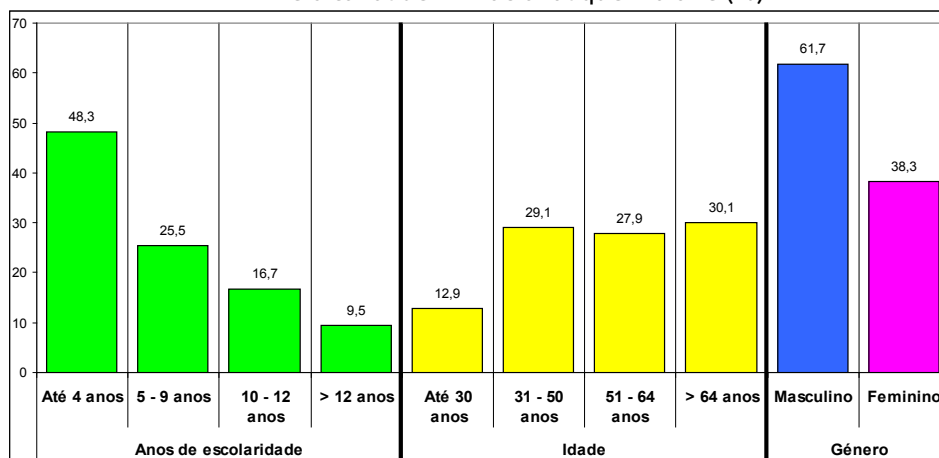


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

## 2. Os públicos de cada canal

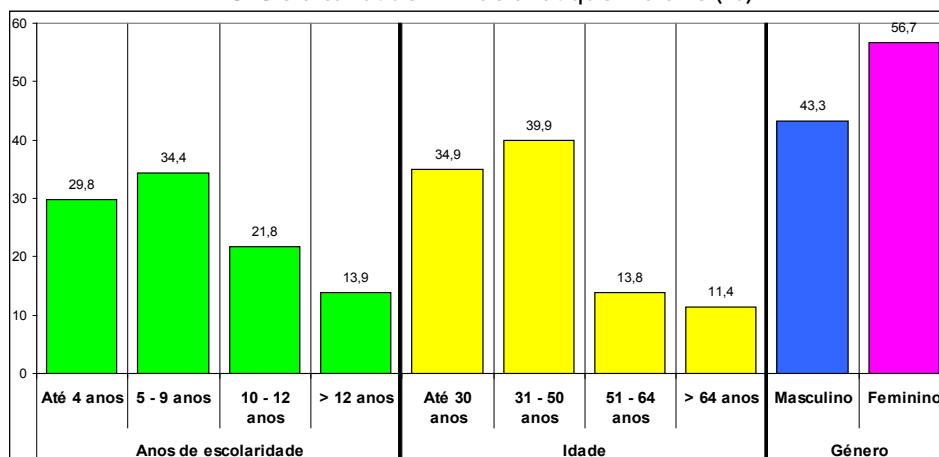
Mas, para além do volume de público que lhe concede a sua preferência, cada canal caracteriza-se pelo perfil desse mesmo público. Os dados da Sondagem nacional, em seguida apresentados graficamente, dão indicações muito úteis e precisas a este respeito.

GRÁFICO 16  
A RTP1 é o canal de TV nacional que mais vê (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

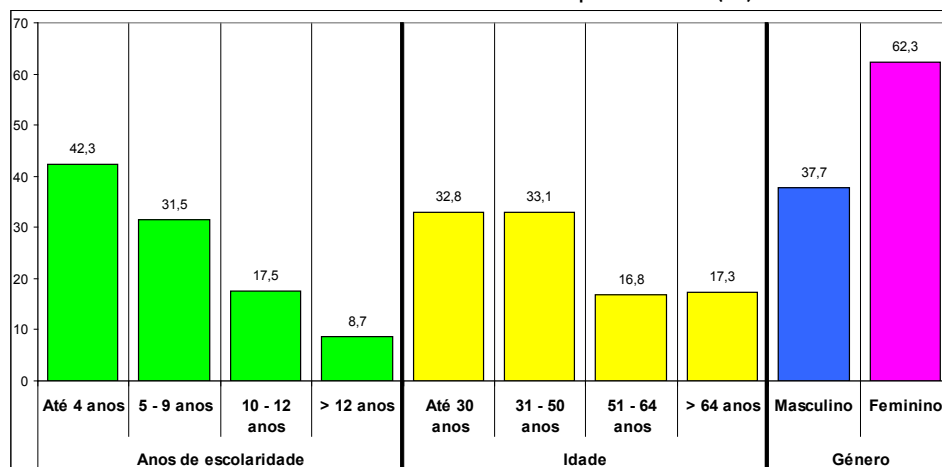
GRÁFICO 17  
A SIC é o canal de TV nacional que mais vê (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

GRÁFICO 18

A TVI é o canal de TV nacional que mais vê (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Proporcionalmente, o público que escolhe a RTP1 em primeiro lugar é o menos escolarizado (maior percentagem de indivíduos com menos de 4 anos de escolaridade), o mais velho e o mais masculino. O da SIC é o mais escolarizado (maior percentagem de indivíduos com 10 a 12 e com mais de 12 anos de escolaridade), o mais jovem e o mais equilibrado na relação homem/mulher. O da TVI é o mais feminino, o mais intergeracional (maior proximidade entre as diferentes faixas etárias) e o que inclui menor percentagem de indivíduos com formação superior (mais de 12 anos de escolaridade).

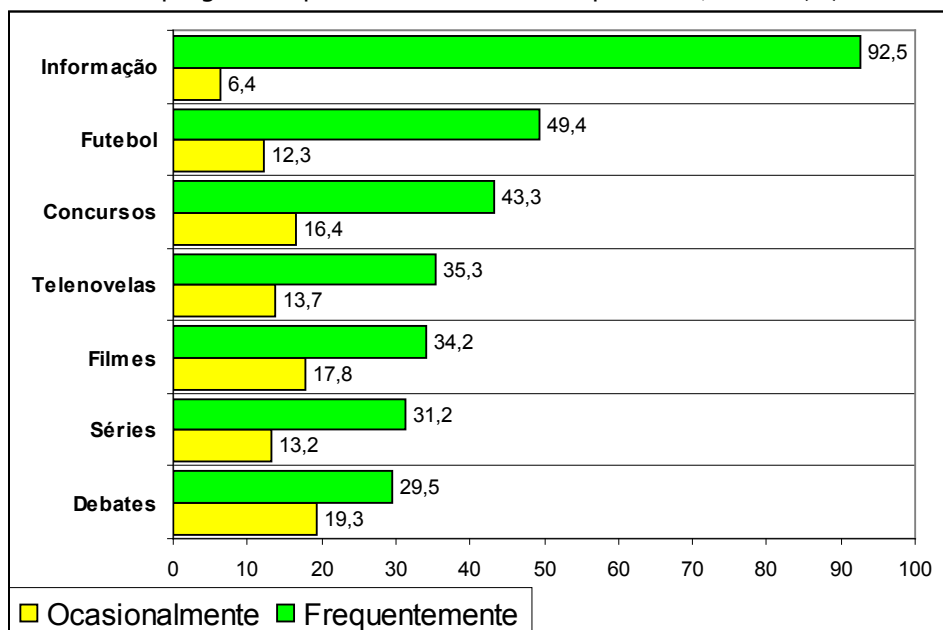
### 3. Os programas mais visionados

Todos acedem à televisão em sinal aberto e escolhem, de entre os canais assim disponibilizados, em função das respectivas grelhas de programação. Pondo de lado os programas informativos, que recolhem sempre a primazia dos telespectadores, como se hierarquizam os gostos dos que optam pela RTP1, pela SIC ou pela TVI?

Os telespectadores que se afirmam mais assíduos da RTP1 valorizam, em primeiro lugar o futebol, logo seguido pelos concursos. As telenovelas, os filmes, as séries e os debates aparecem depois, com percentagens muito aproximadas.

GRÁFICO 19

Os programas que mais vê no seu canal preferido, a RTP1 (%)



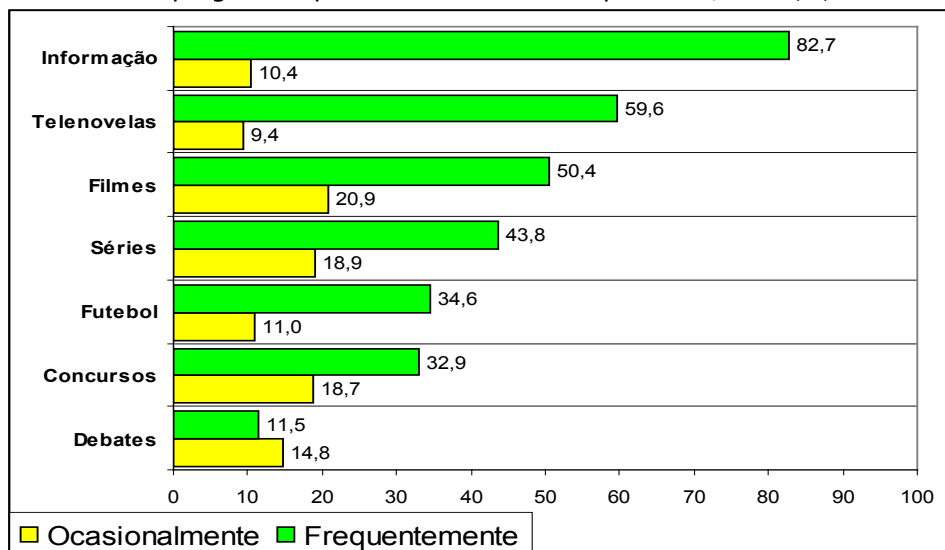
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Os telespectadores que se afirmam mais assíduos da SIC valorizam, em especial, as telenovelas, os filmes e as séries. O futebol, os concursos e os debates, ocupam, por comparação com a RTP1, um lugar de menor importância

Quanto aos telespectadores que se afirmam mais assíduos da TVI, o ordenamento dos programas de que mais gostam coincide com o da SIC: telenovelas, filmes e séries. Mas o peso relativo das telenovelas é, na TVI, ainda maior (63,9% contra 59,6%).

GRÁFICO 20

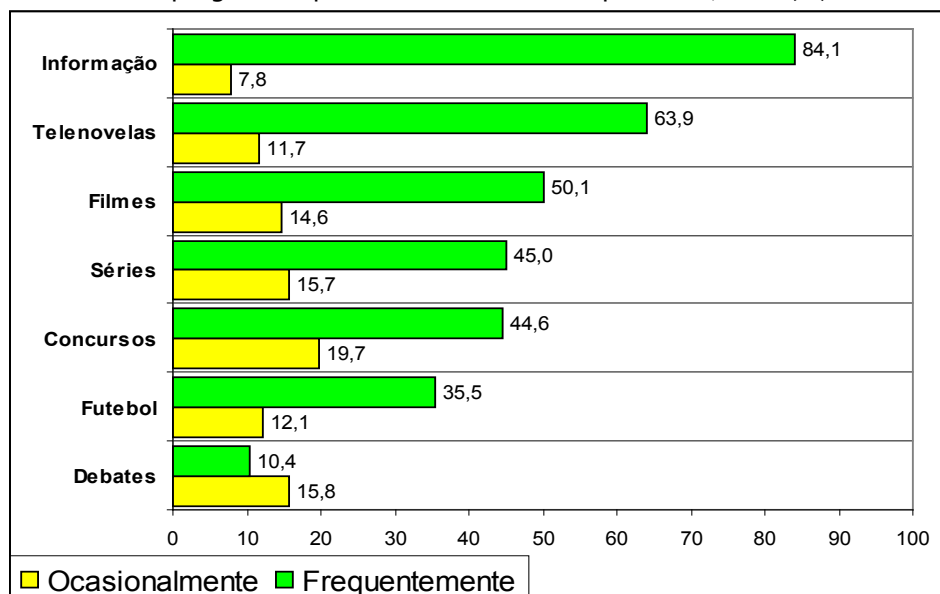
Os programas que mais vê no seu canal preferido, a SIC (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

GRÁFICO 21

Os programas que mais vê no seu canal preferido, a TVI (%)



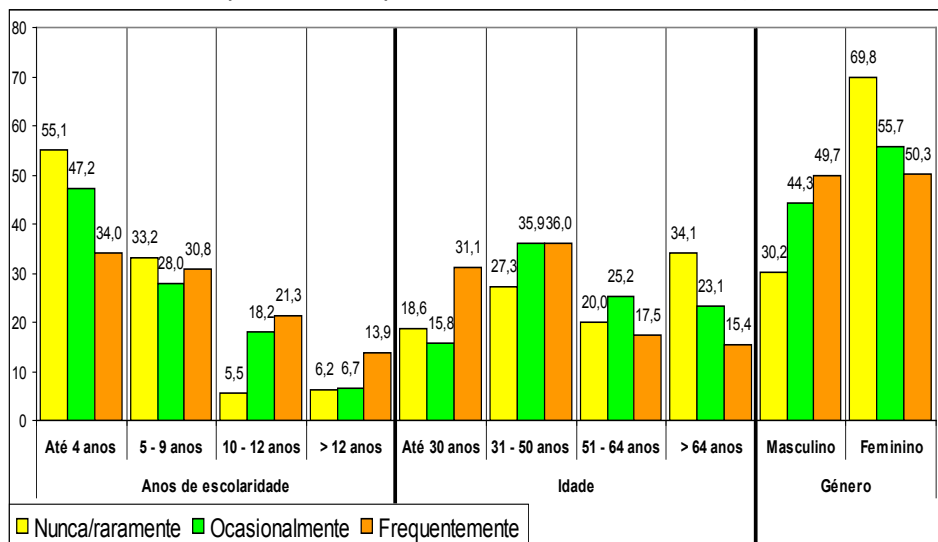
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

#### 4. O comando à distância: estabilidade/mobilidade

O uso permanente do comando à distância pode não ser mais que um automatismo. Saltita-se de canal em canal, de programa em programa sem lógica aparente. As imagens chegam-nos em estilhaços e amalgamam-se dentro de nós numa espécie de “unidade indivisível”, para recorrer ao conceito de Husserl, que se manifestaria sem interrupções, sem hiatos. Uma amálgama singular que deita por terra o próprio conceito de “grelha de programas”, naturalmente associado à ideia de oportunidade, continuidade, lógica interna. Mas o maior ou menor uso do comando à distância pode significar, igualmente, maior ou menor fidelização a um programa ou a um canal. Maior fixação ou maior mobilidade.

A percentagem dos inquiridos na Sondagem nacional que declaram nunca ou raramente usarem o comando à distância, é maior nos indivíduos com menos anos de escolaridade, nos mais velhos e nas mulheres. Nos mais escolarizados e nos

GRÁFICO 22  
 Frequência com que usa o comando à distância (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

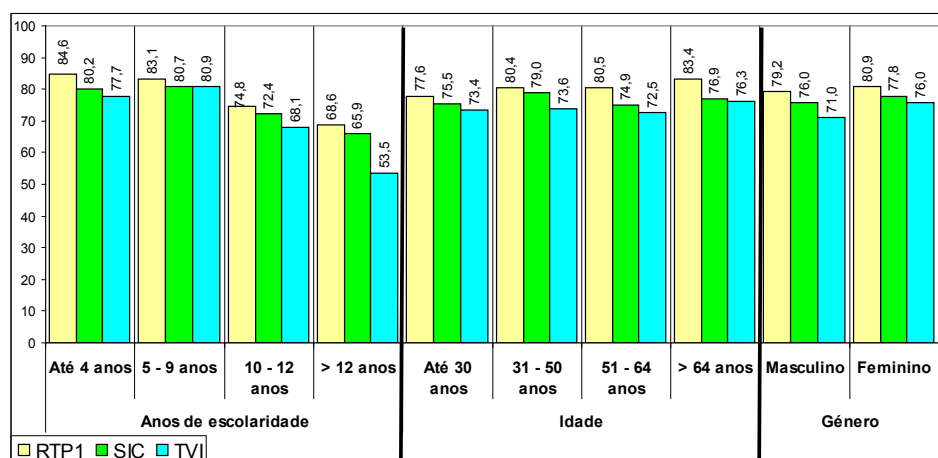


mais jovens acentua-se a prática do *zapping*, isto é, predominam as respostas reveladoras de uso frequente do comando à distância (13,9% contra 6,7% que o usa ocasionalmente e 6,2% que nunca ou raramente o usa – nos que têm mais de 12 anos de escolaridade; 31,1% contra, respectivamente, 15,8% e 18,6% nos que têm até 30 anos de idade).

## 5. Preferências/credibilidade

E a credibilidade? Constituirá, ela, um factor decisivo na escolha do telespectador? A resposta, que resulta da comparação entre níveis de preferência e graus de credibilidade, é negativa. Já o tínhamos assinalado a propósito da função de informação em que a rádio surge, em termos de preferência, em terceiro lugar, abaixo da televisão e dos jornais, embora disponha de uma credibilidade superior em segmentos significativos da população. O mesmo se passa na televisão: a RTP1, menos preferida (menos citada em primeira escolha) do que a TVI e a SIC, é o canal mais credível. E, isto, para todos os graus de escolaridade, para todas as idades, para os géneros masculino e feminino.

GRÁFICO 23  
A credibilidade dos canais abertos de televisão (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

## 6. O uso do cabo

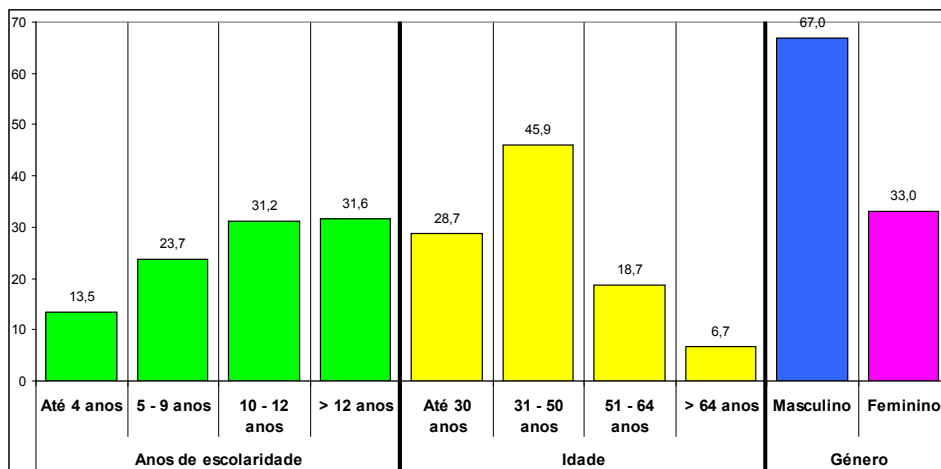
Mas se os canais abertos estão, por definição, à disposição de todos, já o acesso ao cabo está sujeito a uma contrapartida financeira. Paga-se para ver. O cabo implica, portanto, um segundo acto de vontade (não basta ter adquirido um aparelho receptor). E implica ter os meios de satisfazer essa vontade. Se exceptuarmos as regiões autónomas, onde o cabo se impõe como alternativa à televisão pública e, por conseguinte, como necessidade básica, no resto do país o cabo representa um investimento supletivo.

A quem interessa ele, então? Quem o utiliza?

O público da televisão por cabo é muito escolarizado (62,8% com mais de dez anos de escolaridade), está em plena idade activa (45,9% entre os 31 e os 50 anos) e é, acentuadamente, masculino (67% de homens).

Logo, o telespectador que opta pelo cabo inscreve-se num grupo minoritário de estatuto social acima da média, enquanto a grande maioria dos telespectadores se contenta com o que lhes é oferecido.

GRÁFICO 24  
A Televisão por cabo é o que mais vê (%)



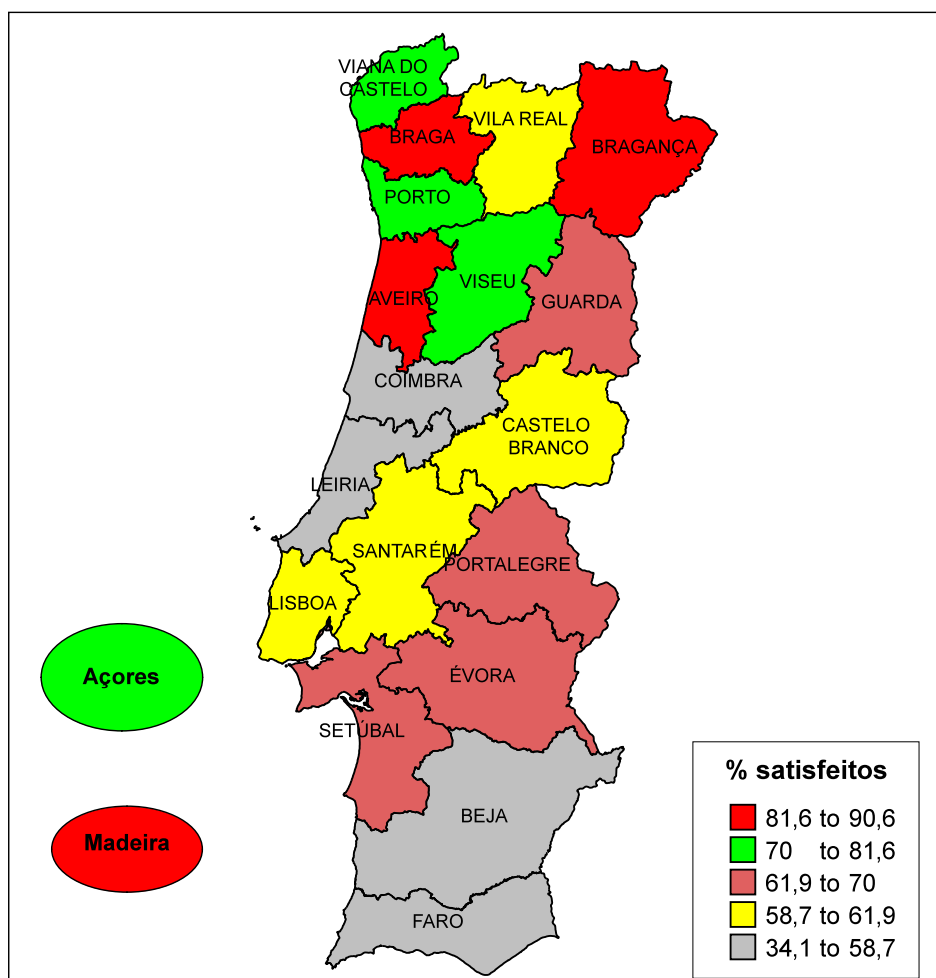
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

## 7. A programação em horário nobre: satisfação quase generalizada

Os índices de satisfação, nomeadamente com a programação em horário nobre (das 21 às 23 horas), são, em geral, elevados. Mais elevados a norte de Portugal Continental do que a sul. Mais no Porto que em Lisboa. Mais na Madeira que nos Açores.

GRÁFICO 25

Satisfação com a programação em horário nobre, por distritos (%)

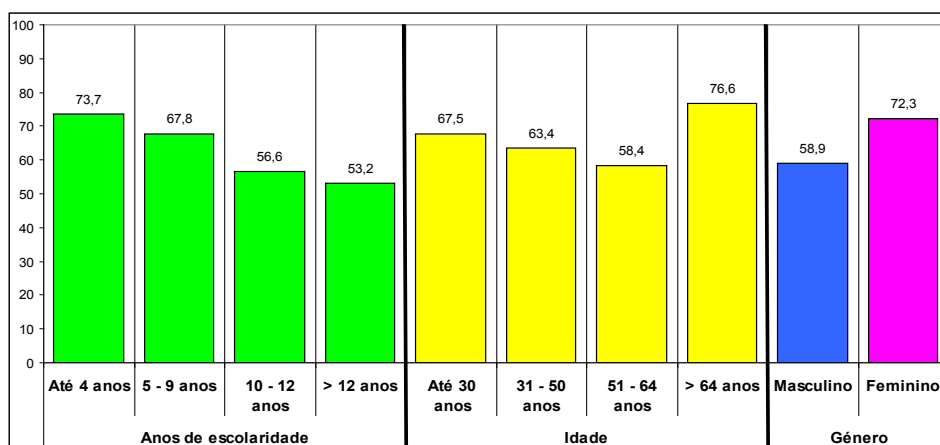


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

São mais elevados na população mais velha, do género feminino e com menos anos de escolaridade. É que, importa sublinhá-lo, a satisfação, manifestada tácita ou espontaneamente, varia na razão inversa da escolaridade. Maior escolaridade, maior capacidade crítica e maiores reservas quanto ao que é apresentado pelas televisões. Reservas que se acentuam, igualmente, no género masculino e nos telespectadores em idade activa.

GRÁFICO 26

Satisfação com a programação em horário nobre por sectores da população (%)



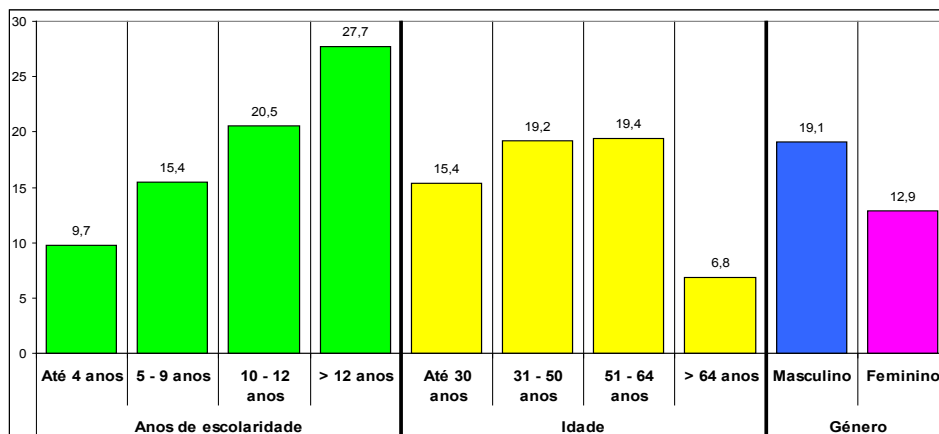
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Tais correlações são flagrantes no gráfico seguinte, no qual figuram os índices de insatisfação (não estão incluídos os inquiridos “nem satisfeitos nem insatisfeitos”).

Insistimos: o tom geral é o de satisfação. Fica, no entanto, por saber qual a verdadeira natureza desta. A dúvida prende-se com a confusão entre os conceitos de “satisfação” e de “aceitação” que remetem para posturas bem distintas do destinatário. Uma postura activa no primeiro caso e passiva no segundo. Não dispomos de elementos que permitam fundamentar uma interpretação. Uma coisa podemos adiantar. É que gostem ou não, gostem mais ou gostem menos, os telespectadores não discutem, ou pouco discutem, o que vêem. Estranha-se, em particular, o alheamento, a este respeito, dos que possuem formação escolar superior.

GRÁFICO 27

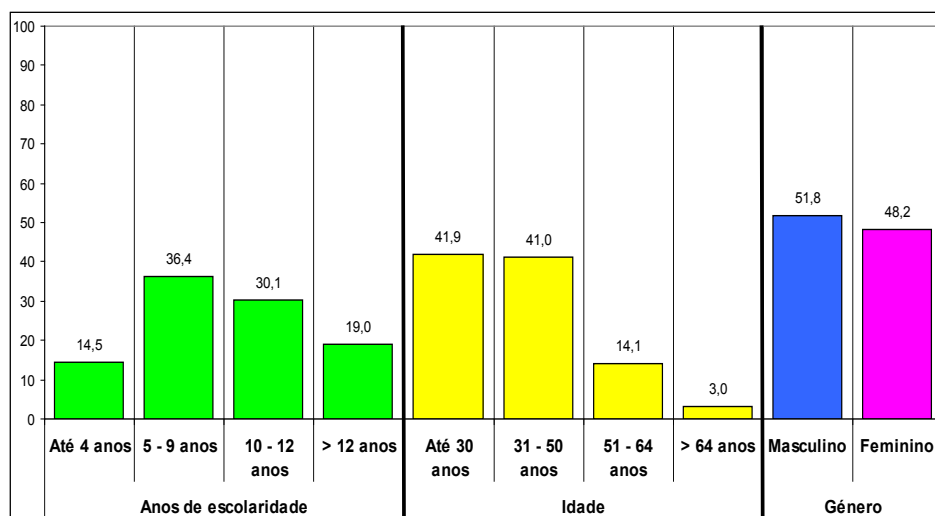
Insatisfação com os programas transmitidos em horário nobre (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

GRÁFICO 28

Discute frequentemente programas de Televisão com familiares, amigos ou colegas (%)

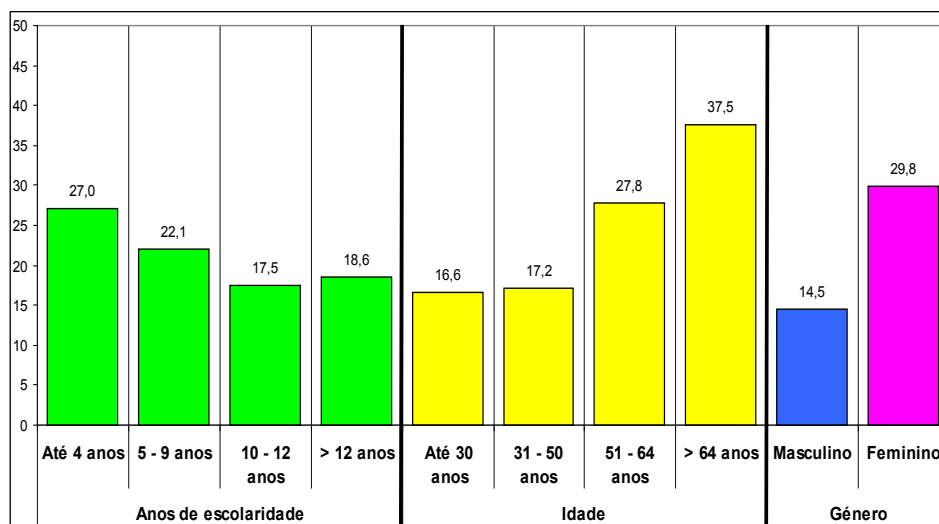


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

## 8. Um factor de preocupação: a pornografia

Mesmo se a grelha, em horário nobre, parece agradar à larga maioria dos telespectadores, seja de que canal for, subsiste, por vezes, alguma preocupação, mais evidente nas mulheres, nos telespectadores mais velhos e nos menos instruídos: a exibição de programas pornográficos.

GRÁFICO 29  
Incomoda-me a difusão de programas pornográficos na TV (%)

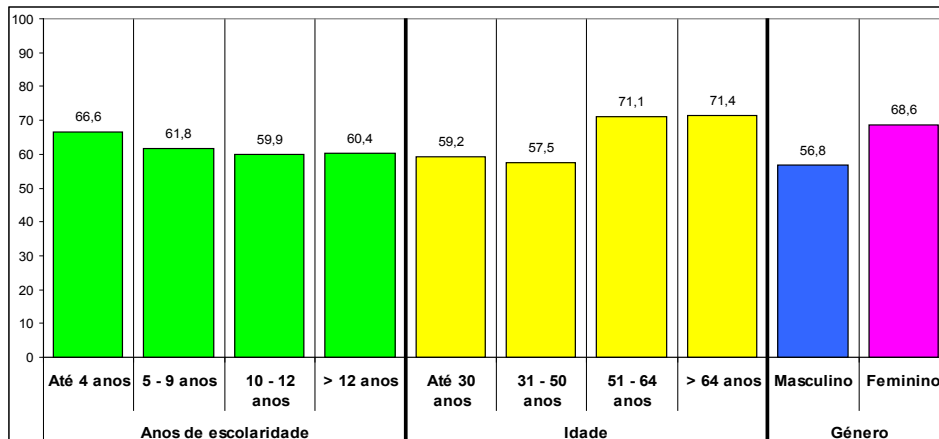


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Por isso, e apesar de uma parte considerável dos inquiridos achar que existe regulamentação suficiente sobre a matéria, há ainda quem se pronuncie pela adopção de medidas de restrição mais rigorosas. Quem? Os mesmos que manifestaram maior preocupação quanto à transmissão desses programas.

GRÁFICO 30

É preciso controlar melhor a difusão de programas pornográficos na Televisão (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

## 9. O que seria preciso para melhorar a televisão?

No final do questionário sobre televisão, perguntava-se o que seria preciso para a melhorar. Contabilizaram-se 1291 respostas com críticas e sugestões enquanto 920 inquiridos preferiram não responder ou optaram por uma resposta vaga. Este volume elevado de não respostas, traduz a prevalência de um sentimento positivo sobre os conteúdos. Acresce que, alguns dos que responderam, fizeram-no, exclusivamente, para denunciar o excesso de publicidade sem pôr em causa a qualidade dos programas.

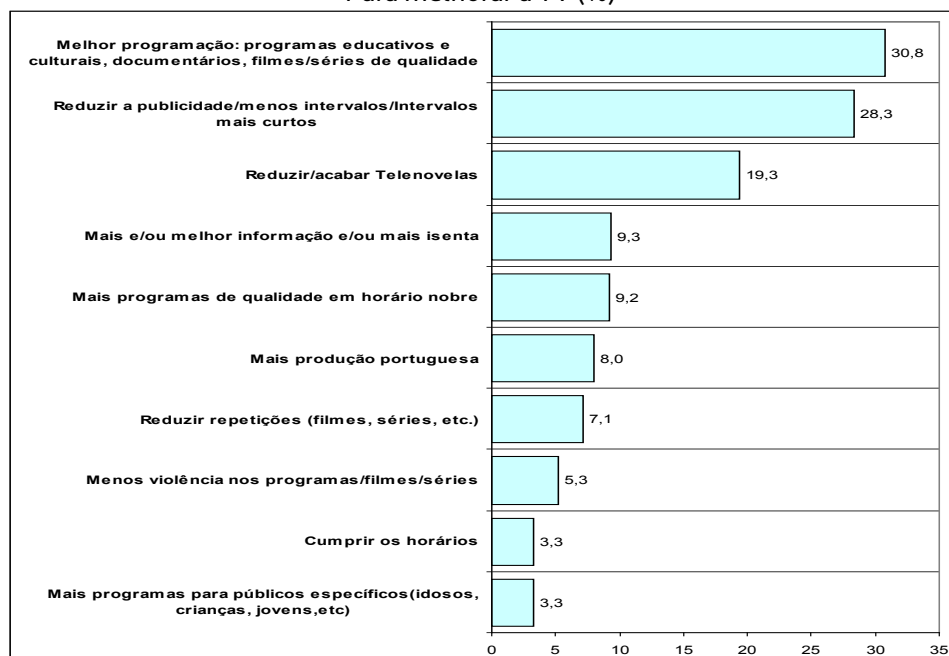
A maioria das críticas e das sugestões partem de inquiridos com menos de 51 anos (66%). As mulheres manifestaram-se mais que os homens (56,5% contra 43,5%). Contrariamente ao que seria de supor, a percentagem de respostas de indivíduos com formação superior é pequena (12,2%). Provavelmente, a questão não os mobiliza.

Das críticas mais concretas, a primeira tem a ver com o excesso de publicidade e, conseqüentemente, com a longa duração dos intervalos. Assiste-se, depois, ao que poderíamos designar como críticas a contra-corrente. As telenovelas agradam à

grande maioria dos telespectadores, em especial aos da TVI e da SIC? Pouco importa. São também as telenovelas que provocam protestos mais acérrimos da parte de quem entende que elas ocupam demasiado espaço nas programações. Sugere-se mais programas educativos e culturais. Mais documentários. Mais filmes e mais séries de qualidade. Sobretudo em horário nobre (abundam os protestos contra a hora tardia a que este são exibidos). Anseia-se por mais informação, por vezes julgada insuficientemente isenta. Sinais da “desejabilidade social” já referida?

Esperar-se-ia um maior número de respostas contra a exibição de programas violentos, rejeitando um modelo de gestão economicista virada para a expansão das audiências ou sugerindo mais programação portuguesa: temas constantemente

GRÁFICO 31  
Para melhorar a TV (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

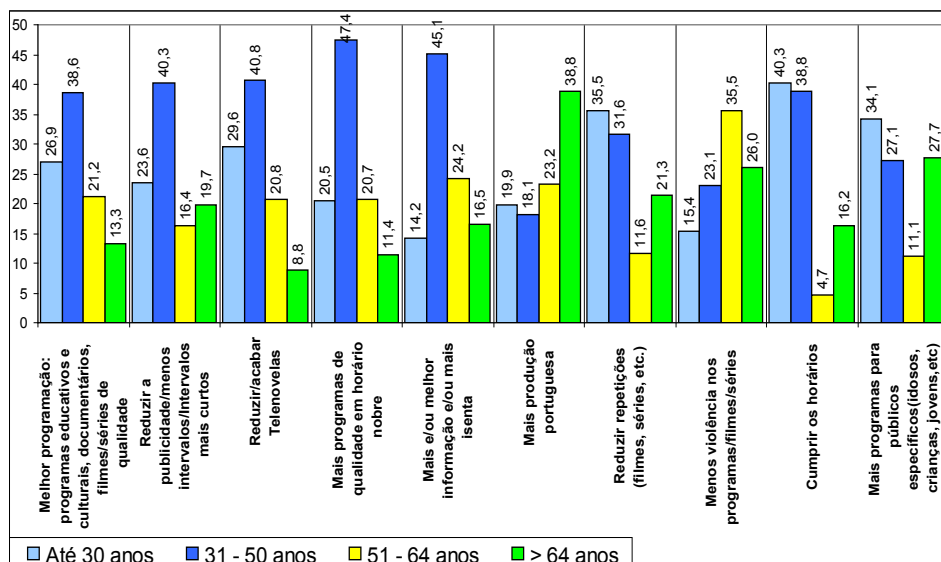
abordados no espaço público. Esperar-se-ia, igualmente, maior insistência em pôr cobro a emissões pornográficas ou no cumprimento de horários. Recordem-se as altas percentagens de inquiridos que concordaram com as expressões “É preciso controlar melhor a difusão de programas pornográficos” e “O actual incumprimento



dos horários dos programas de televisão é uma falta de respeito pelos telespectadores”. A explicação para esta aparente discrepância baseia-se no contexto em que a problemática emerge. Num caso, ela surge em resposta a uma pergunta aberta, à qual nem todos respondem e os que respondem tendem a valorizar um ou dois aspectos. Noutro caso, surge no quadro de uma interpelação directa.

O público dos 31 aos 50 anos é quem mais reclama contra o excesso de publicidade e de telenovelas. Quem mais se queixa da qualidade da programação em horário nobre. Quem mais pugna por uma informação abundante e isenta. Quem mais falta sente de programas educativos e culturais, de documentários, de filmes e de séries com qualidade. O público mais jovem, reage intensamente contra o incumprimento dos horários e incomoda-se com a repetição de programas, sejam séries, concursos, filmes, etc. O mais idoso quer mais produção portuguesa e insurge-se contra a difusão de imagens pornográficas (não ficou claro, nas resposta, a distinção entre pornografia e erotismo). Jovens e velhos manifestam-se a favor de um aumento de programas destinados a públicos específicos nos quais, naturalmente, se incluem.

GRÁFICO 32  
Sugestões, por faixa etária (%)

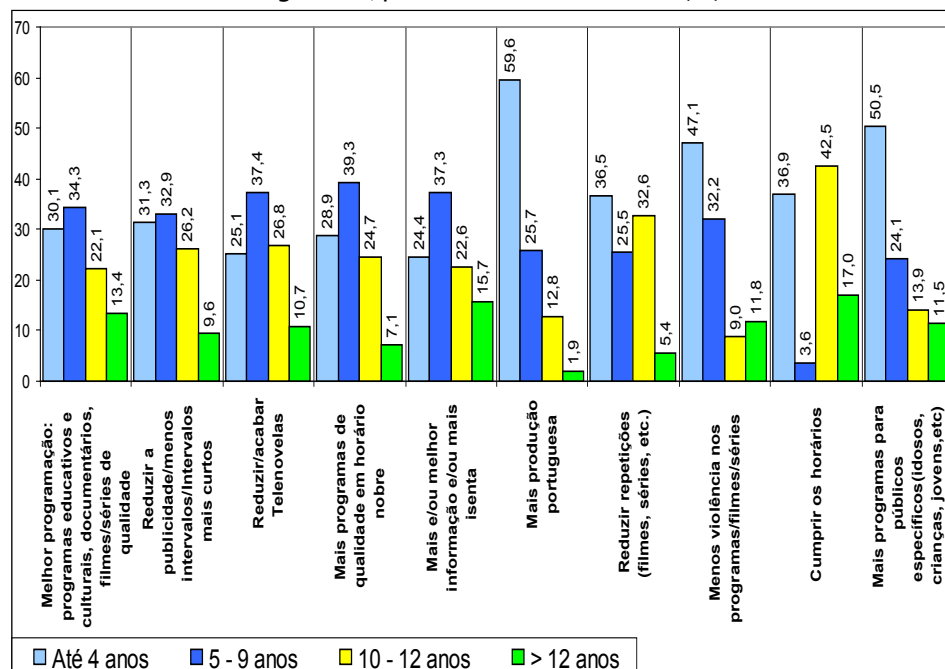


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

As sugestões, avançadas pelos inquiridos com menos anos de escolaridade, aproximam-se das formuladas pelo grupo dos mais velhos: maior produção portuguesa, mais programas destinados a públicos específicos, menos violência, melhor cumprimento de horários. Os inquiridos de formação superior parecem desejar mais programas educativos e culturais; mais filmes, séries e documentários de qualidade (a análise destes dados deve ter em linha de conta o relativamente pequeno número de respostas obtidas). Revelam-se, no entanto, pouco receptivos à produção portuguesa.

GRÁFICO 33

Sugestões, por anos de escolaridade (%)

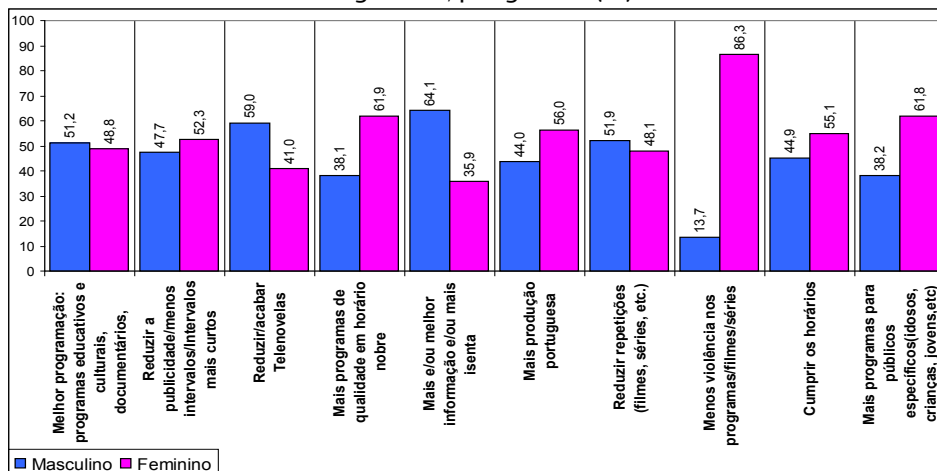


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Por géneros, é de notar a particular preocupação das mulheres em denunciar a projecção de filmes ou séries violentas (86,3% contra 13,7% de homens). São também as mulheres quem, proporcionalmente, mais se indispõe com o incumprimento de horários e com o tempo ocupado pela publicidade. Mais solicita programas para públicos específicos e mais interesse demonstra pela produção portuguesa. São

mais numerosas do que os homens a reivindicar programação de qualidade em horário nobre. Mas são menos numerosas a sugerir uma redução ou o fim das telenovelas.

GRÁFICO 34  
Sugestões, por género (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

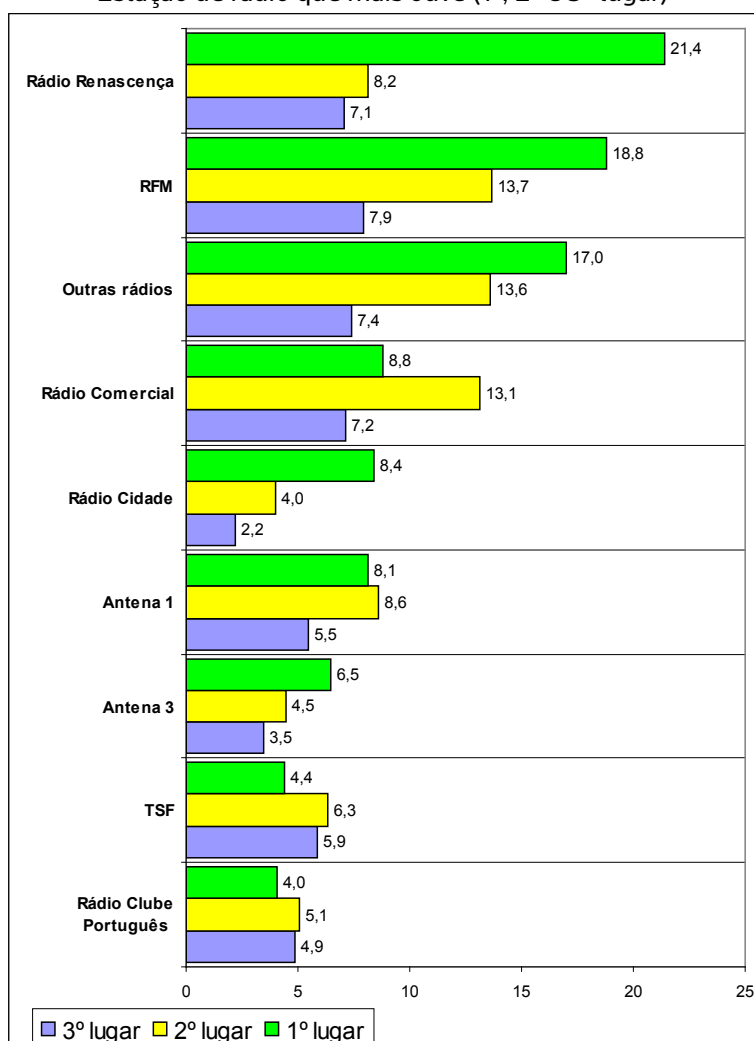
## RÁDIO

### 1. As estações de rádio mais ouvidas

“Qual a estação de rádio que ouve em 1º lugar?”. Retomamos a ressalva que fizemos para a televisão: Não se devem confundir percentagens obtidas com audiências efectivas das estações de rádio. O facto de uma estação ser citada menos vezes como “ouvida em primeiro lugar” ou “mais ouvida” não significa que, em cada momento, e totalizando os seus ouvintes – incluindo os que a classificam em segundo e em terceiro lugar na sua ordem de preferências mas que estão a ouvi-la naquele instante -, a sua audiência seja inferior à de uma outra citada mais vezes.

A Rádio Renascença e a RFM são as estações mais citadas em primeiro lugar. À distância, encontram-se, praticamente em igualdade, a Antena 1, a Rádio Cidade e a Rádio Comercial. Se entrarmos em linha de conta com as preferências enunciadas em segundo e terceiro lugar, a Antena 1 ultrapassa amplamente a Rádio Cidade e a TSF distancia-se do Rádio Clube Português.

GRÁFICO 35  
Estação de rádio que mais ouve (1º, 2º e 3º lugar)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Por distritos, a Rádio Renascença regista, proporcionalmente, maiores índices de preferência (1ª escolha) em Bragança, Aveiro e Viana do Castelo. A RFM em Viseu, Braga e Viana. A Antena 1 em Portalegre, Guarda e Coimbra.

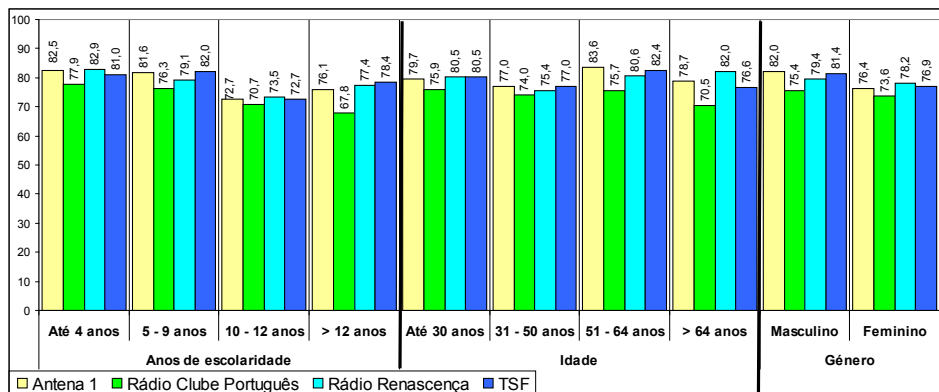
Em Lisboa, a Rádio Renascença é a estação preferida para 22,6% dos ouvintes enquanto que a RFM merece os favores de 18,3%, valores que se aproximam das respectivas médias nacionais. Com 7% de preferências, a Antena 1 é relegada para uma posição inferior à que ocupa noutros distritos do país (média nacional de 8,1%). A situação é semelhante no Porto onde a Rádio Renascença, a RFM e a Antena 1 registam percentagens de fidelidade de, pela mesma ordem, 20,5%, 15,9% e 6%.

## 2. Credibilidade da informação radiofónica

Quanto à credibilidade da informação difundida, não há variações significativas entre as estações nacionais com noticiários regulares. Assinalem-se, apenas, dois aspectos: a descida da credibilidade do Rádio Clube Português à medida que aumentam as habilitações académicas dos inquiridos; os elevados índices de credibilidade da TSF em contraste com o baixo nível de preferências que apresenta (4,4%). Ainda a questão do desfazamento entre “ouvir” e “acreditar”.

GRÁFICO 36

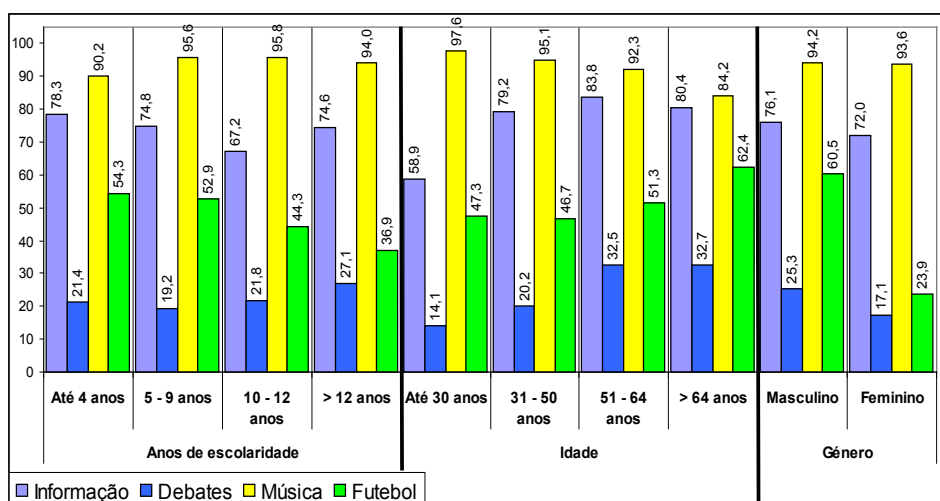
Credibilidade da informação radiofónica - %  
(Adicionaram-se as respostas «Acredita» e «Acredita totalmente»)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Atente-se, por fim, no tipo de programas mais ouvidos. À frente está a música e depois a informação. O que não surpreende. Em terceiro lugar aparecem os debates mais acompanhados por homens do que por mulheres, segundo percentagens que aumentam com a escolaridade e a idade. Neste aspecto, a rádio destaca-se dos restantes meios de comunicação social.

GRÁFICO 37  
Tipo de programas de rádio que ouve frequentemente (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Pelas suas características, a rádio exige menos concentração. Não obriga a ver. Acompanha-nos. Estreita, connosco, relações de cumplicidade que abrem caminho à conversa quando não à confissão. À conversa, à confissão que dura. Porque a duração, temida em televisão, é querida em rádio.

Contrariamente ao jornal, a rádio não permite a retenção ou a retoma do dito. Por isso, cultiva a redundância. Contrariamente à televisão, o seu discurso não se ancora na imagem. É o lugar da palavra. Por isso, investe em tudo o que permita acentuar, manter ou restabelecer o contacto auditivo com o ouvinte: é a sequência de tonalidades de voz, é a alteração, é o uso do silêncio.

### 3. A importância relativa dos debates

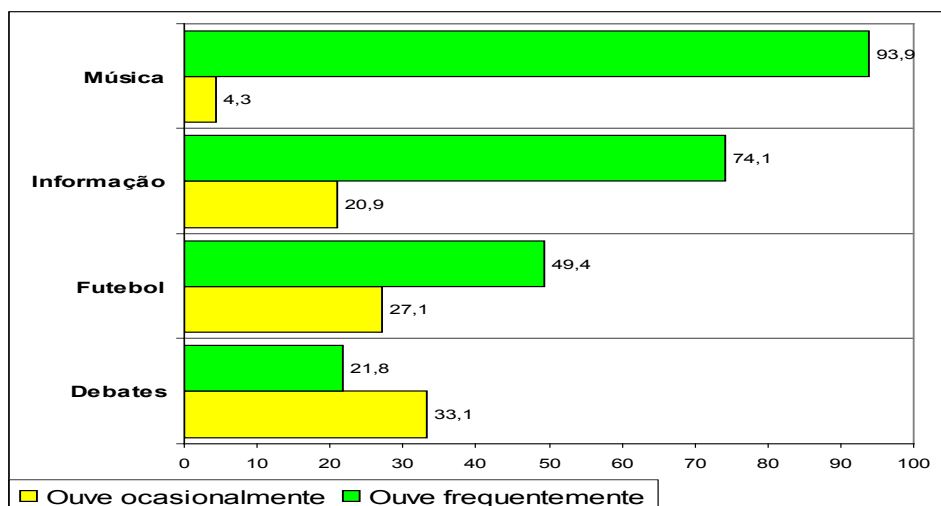
A rádio é, assim, o suporte mais adequado a géneros de natureza dialógica que supõem uma estrutura triangular em que intervém um terceiro elemento ausente/presente: o ouvinte, tornado co-actor do que se desenrola na antena. Destes géneros, globalmente incluídos na categoria “debates”, avultam:

1. A “entrevista” que implica diferenciação de estatutos entre entrevistador, agente regulador da tomada e da conservação da palavra, e entrevistado-que-tem-razões-para-o-ser.
2. A “discussão” que assenta na igualdade de estatuto entre dois interlocutores, apostados em abordar o mesmo tema com igual competência, através de intervenções em alternância e de duração semelhante.
3. A “conversação” que não exige nada de particular, nem quanto ao estatuto dos interlocutores nem quanto ao tema a tratar. Que, ao contrário, se caracteriza pela não continuidade temática (possibilidade de mudar de tema sem ter necessariamente de o justificar) e pela não continuidade discursiva (alternância não controlada, ou seja, livre tomada da palavra).

Regressando ao estudo sobre os públicos dos meios de comunicação social portugueses, comparem-se os dois gráficos seguintes que nos dão os tipos de programas mais ouvidos, na rádio, ou mais vistos, na televisão, sem distinção de níveis de escolaridade, idade ou género. Repare-se que os debates, em terceira posição nas escolhas dos ouvintes, aparece no sétimo lugar quando se trata de televisão.

GRÁFICO 38

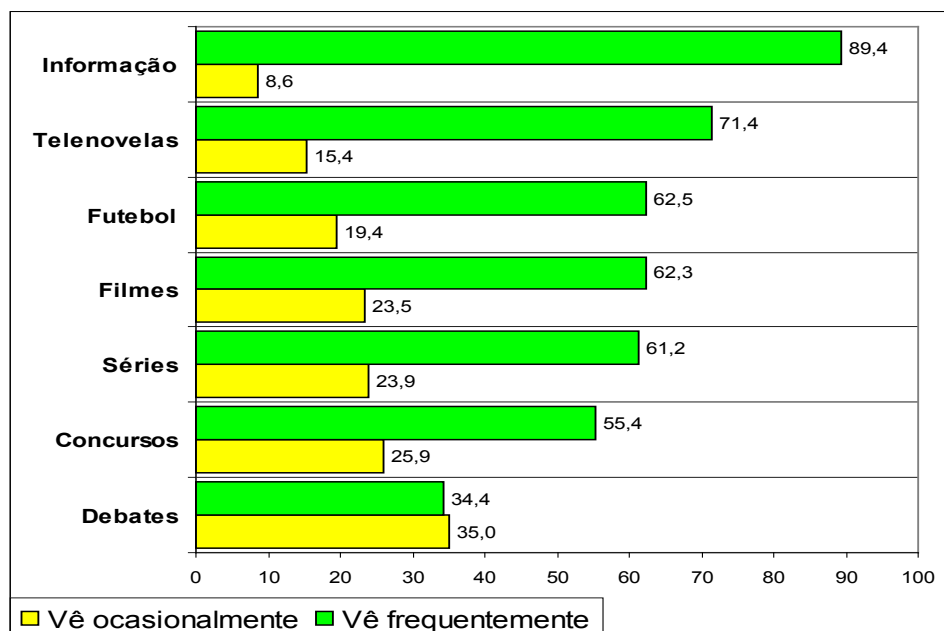
Tipo de programas de Rádio que costuma ouvir ocasional ou frequentemente (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

GRÁFICO 39

Tipo de programas de Televisão que costuma ver ocasional ou frequentemente (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE



## IMPrensa

Já se evocou neste Relatório: a leitura não faz parte dos hábitos quotidianos de grande parte dos residentes em Portugal. Cerca de 40% dos inquiridos com menos de 30 anos e de 70% com 64 anos ou mais nunca lê jornais. Também nunca lêem jornais 20% dos residentes com escolaridade superior. E a questão não é financeira visto que os jornais gratuitos, apesar de cada vez mais numerosos, revelam, a crer nos resultados da Sondagem, dificuldade em descolar.

A propósito da televisão e da rádio, insistimos na necessidade de não se confundir preferências e audiências. Enquanto estas relevam de um acto objectivamente cometido – pôr em marcha o aparelho de televisão ou de rádio – aquelas constituem uma simples declaração, seguida ou não de acto correspondente. Essa declaração exprime, não raramente, representações sociais. Procura-se fazer coincidir as suas preferências com as preferências, reais ou imaginadas, do grupo a que se pertence. Além disso, a audiência, ou seja, o conjunto daqueles que, num preciso momento, se encontram em igual situação de recepção – estão a ver televisão ou a ouvir rádio; estão sintonizados no mesmo canal ou na mesma estação; estão a seguir o mesmo programa televisivo ou radiofónico – inclui primeiras, segundas ou terceiras escolhas. As preferências manifestadas e, sobretudo, as preferências manifestadas em primeiro lugar, fornecem-nos um quadro de eventuais intenções, mas não nos dizem quantos são os que estão a ver ou a ouvir.

Tais considerações são ainda mais pertinentes para a imprensa, seja diária seja semanal. Qualquer comparação entre dados da Sondagem e vendas realizadas, não tem, pois, razão de ser. De facto:

1. À pergunta “Nos últimos 30 dias leu ou folheu algum jornal diário nacional de informação geral?” 1133 inquiridos responderam positivamente (51,2%) e 1072 negativamente (48,5%). Em relação aos que declararam não ter lido nem folheado, não subsiste qualquer ambiguidade. Já o mesmo não se poderá concluir para os que declararam tê-lo feito. Das respostas positivas, quantas correspondem a leitura efectiva ou a um simples folhear? É preciso não esquecer que jornais diários como o Correio da Manhã ou o Jornal de Notícias (este último sobretudo na metade norte de Portugal Continental) aparecem muito frequentemente em locais públicos, como cafés e restaurantes, onde são postos à livre disposição dos clientes.
2. O efeito de desejarabilidade social, pelo qual se responde da forma julgada mais conveniente, tende a favorecer os títulos de jornais mais conhecidos,

em determinado meio, em prejuízo dos restantes. Posto que é preciso indicar um título, indica-se o mais familiar. Desencadeia-se, assim, um factor multiplicador que acentua drasticamente as distâncias entre jornais com volumes de difusão já de si bem diferentes.

3. Da análise detalhada dos dados da Sondagem transparece uma alteração no comportamento de muitos inquiridos, quando lhes é pedido para especificar os seus hábitos de leitura. Assim, por exemplo, à pergunta “Nos últimos 30 dias leu ou folheou...” apenas 8 inquiridos se negaram a responder. Mas quando se indaga, junto dos que responderam positivamente à pergunta anterior, “Qual o jornal que lê mais frequentemente?”, o número dos que não respondem sobe para 304. Respondem que lêem ou folheiam, ficando-se por aí. Como que evitando qualquer compromisso. Note-se que a percentagem dos que optam por não responder é consideravelmente maior nos indivíduos de formação superior e com idades entre os 31 e os 50 anos.
4. Contrariamente ao critério seguido para a televisão e para a rádio, não se pergunta aos leitores quais os títulos de diários, semanários ou revistas especializadas que recolhem as suas segunda e terceira preferências.

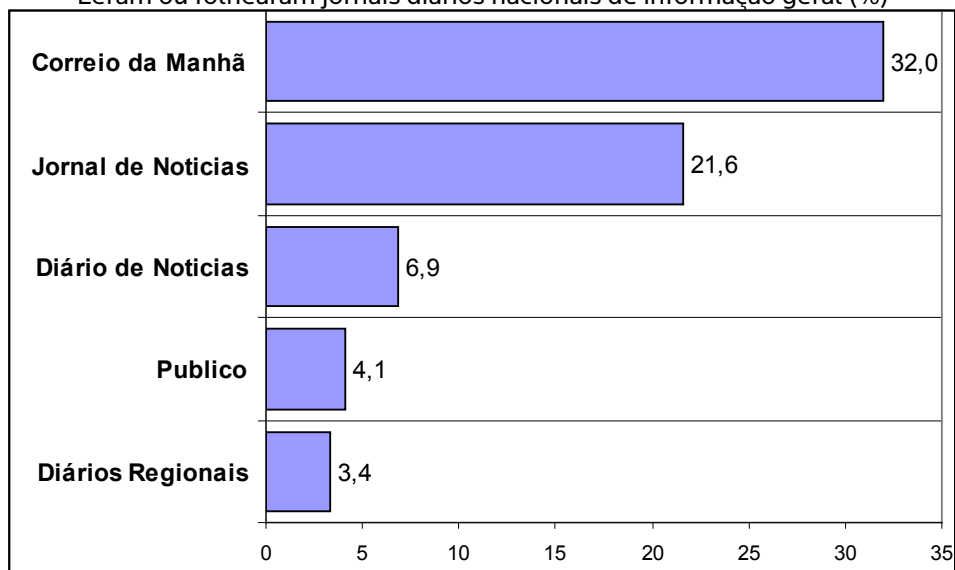
### **1. Jornais diários de informação geral**

O gráfico 40 mostra-nos os índices registados na Sondagem para jornais diários de informação geral. Repare-se nos valores respeitantes ao Correio da Manhã e ao Jornal de Notícias, por um lado, ao Diário de Notícias e ao Público, por outro. Dispõem-se aos pares o que corresponde, grosso modo, às posições relativas que ocupam no mercado. Já a distância entre o par Correio da Manhã/Jornal de Notícias e o par Diário de Notícias/Público é muito maior do que as vendas realizadas pelos títulos que os compõem. Resultado, provável, da conjugação dos quatro aspectos acima evocados.

Desagregando por graus de escolaridade, distinguem-se, de imediato, os designados jornais populares e jornais de referência. Nos primeiros, como o Correio da Manhã e o Jornal de Notícias, de maior difusão e gozando de níveis de preferência muito mais alargados, prevalece a formação elementar: menos de 10 anos de escolaridade. Esta característica é ainda mais notória no conjunto dos jornais regionais citados. No extremo oposto encontramos o Público, predominantemente citado por indivíduos com mais de 10 anos de escolaridade. Mais de um terço dos que se dizem seus leitores ou que dizem folheá-lo possui, mesmo, formação superior. O Diário de Notícias situa-se numa posição intermédia. A esmagadora maioria dos que o preferem (quase 80%) tem entre 5 e 12 anos de escolaridade.

GRÁFICO 40

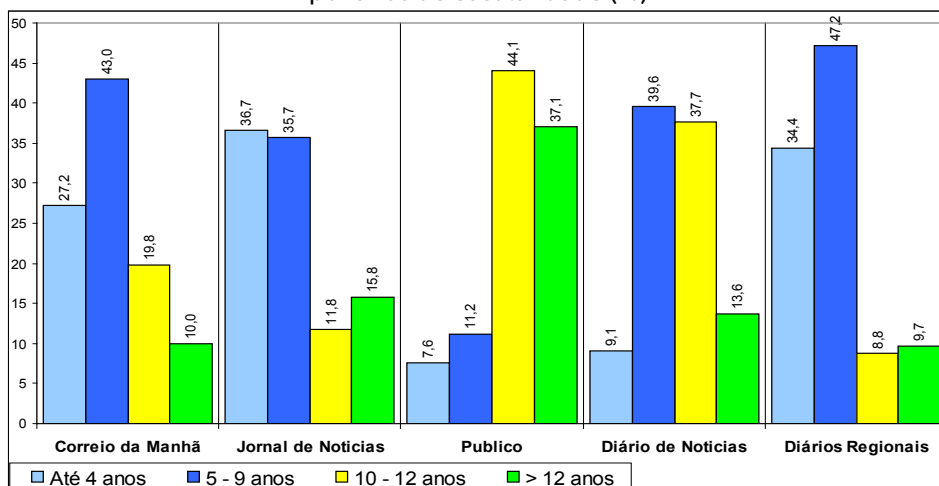
Leram ou folhearam jornais diários nacionais de informação geral (%)



Fonte: Sondagem nacional ERC/ISCTE

GRÁFICO 41

Jornais diários de informação geral mais lidos/folheados, por anos de escolaridade (%)

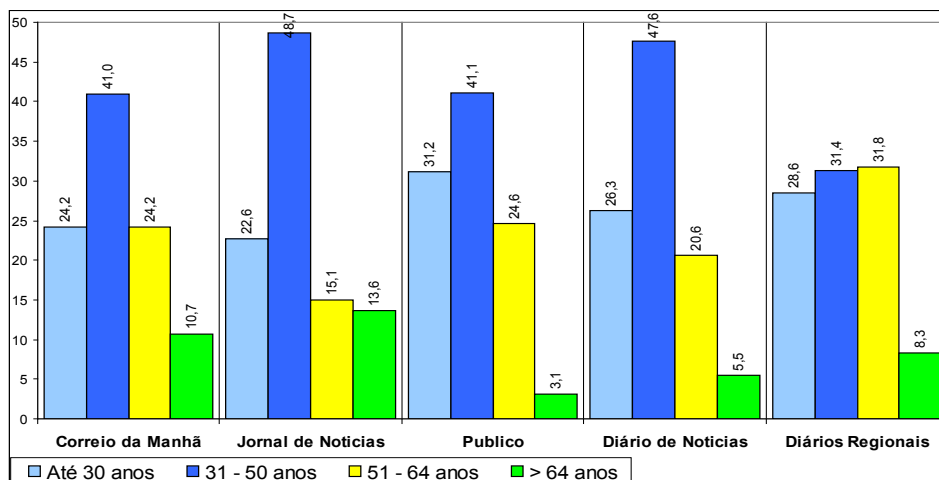


Fonte: Sondagem nacional ERC/ISCTE

Por faixa etária, sobressai, no jornal Público, a importância proporcionalmente maior de jovens e menor de idosos. Confirmando o observado na desagregação por graus de escolaridade, o Diário de Notícias torna a assumir uma posição intermédia: é, de todos os jornais diários de implantação nacional, aquele em que a faixa dos 31 aos 64 anos, assume a importância maior (68,2%). Os jornais de grande difusão – Correio da Manhã e Jornal de Notícias – são os que contam maior percentagem de idosos entre os que os lêem ou folheiam.

GRÁFICO 42

Jornais diários de informação geral mais lidos/folheados, por escalão etário (%)



Fonte: Sondagem nacional ERC/ISCTE

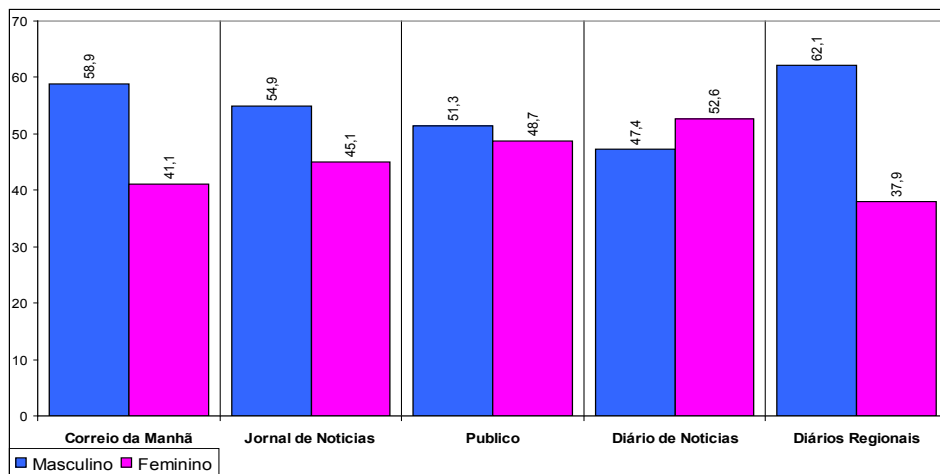
Por géneros, destaque para o Diário de Notícias, o único em que o público feminino é predominante. De todos os títulos considerados, o Público é o que, neste domínio, se apresenta mais equilibrado.

Mas qual a verdadeira natureza destes leitores?

A interrogação justifica-se na medida em que, dos que declaram ler frequentemente jornais diários portugueses (só 3,9% lê jornais estrangeiros), muitos ficam-se pela primeira página ou limitam-se a passar um olhar pelos títulos. Tal atitude é assumida por mais de 20% dos “leitores” com escolaridade superior. Por mais de 30% (que não passam da primeira página) e mais de 44% (que se contentam com os títulos) de indivíduos com idade inferior a 30 anos.

GRÁFICO 43

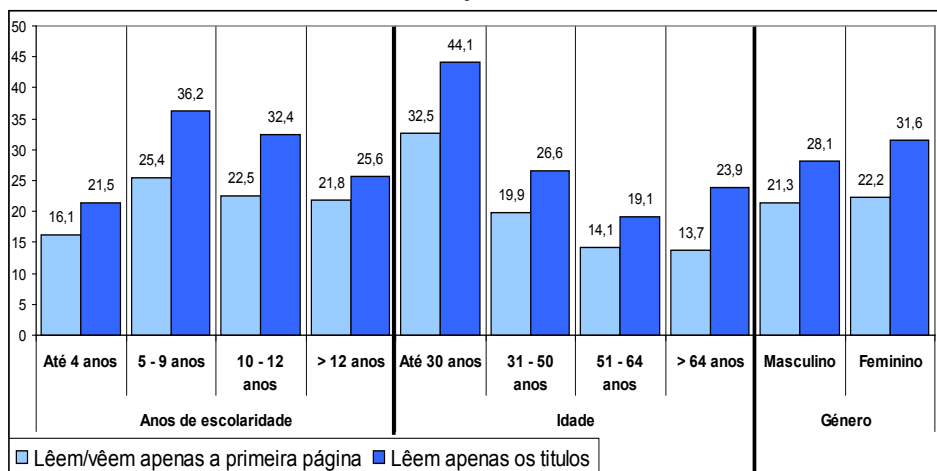
Jornais diários de informação geral mais lidos/folheados, por género (%)



Fonte: Sondagem nacional ERC/ISCTE

GRÁFICO 44

Uso dos jornais (%)



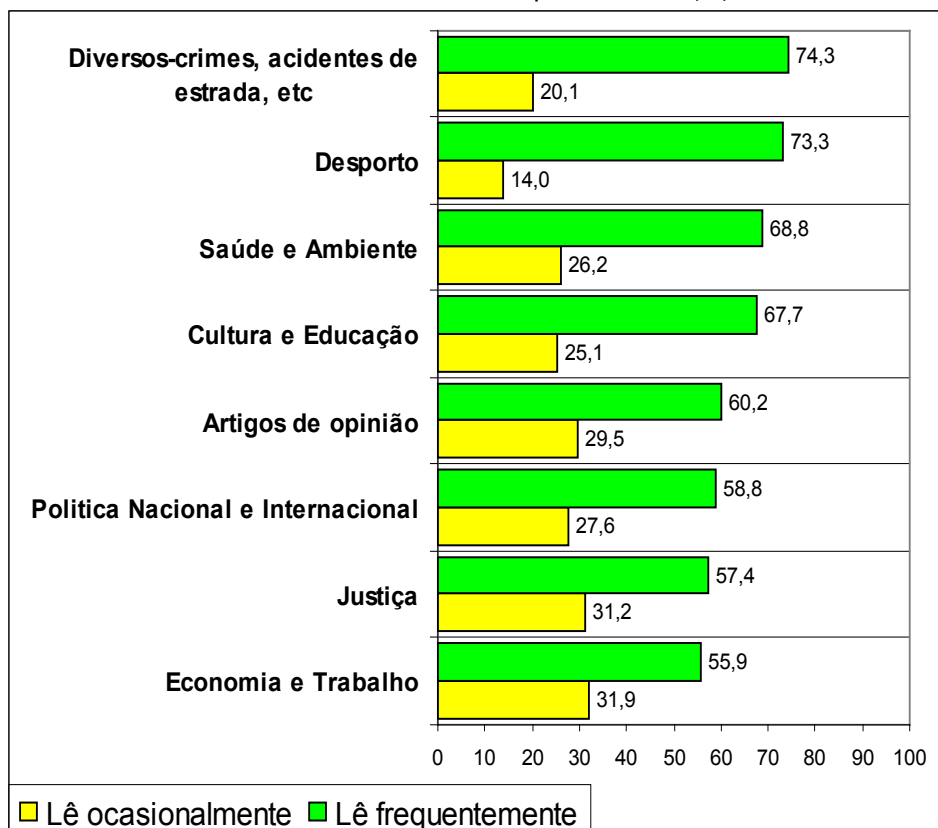
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Alguma perplexidade decorre, igualmente, da análise comparativa dos assuntos que mais interessam a quem lê jornais. Quando se traçou uma panorâmica dos media e respectivos públicos, em Portugal, chamou-se a atenção para elevada

percentagem de leitores que declaravam dirigir-se directa e imediatamente, quando abriam o jornal, à rubrica da sua preferência (entre 45% e 62,9%, consoante os segmentos considerados). O que nos levou a concluir pela existência de acentuada selectividade, no acto de leitura, em contraste com o visionamento da televisão ou a escuta da rádio, actos desencadeados, frequentemente, por gestos automáticos de abrir o televisor ou o aparelho de rádio. Ora, a análise do gráfico sobre as preferências de quem lê jornais, mostra que as respostas “Lê frequentemente” se distribuem quase uniformemente, e segundo valores elevados (55,9% a 74,3%) pelos diversos temas propostos no questionário, o que faz supor que numerosos inquiridos assinalaram, simultaneamente, uma multiplicidade de temas. Atitude oposta à da “selectividade” que tínhamos alvitrado.

GRÁFICO 45

Lê ocasionalmente ou frequentemente (%)



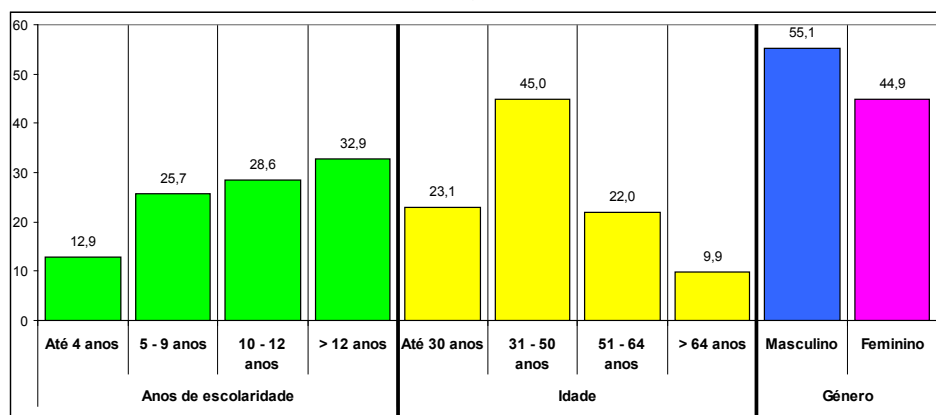
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

## 2. Semanários de informação geral

E os semanários? Tempo houve em que os analistas da imprensa afirmavam assistir-se a uma transferência de leitura, dos diários para os semanários. Porque os semanários investiam cada vez mais em temas da actualidade convertendo-se, alguns deles, em autênticos jornais diários (pelo menos em relação ao dia da sua publicação). Porque o aumento da distância entre o local de residência e o local de trabalho diminuía o espaço de tempo livre, nomeadamente no final de cada jornada (razão que terá contribuído para a queda de alguns vespertinos). Porque a leitura diária nos transportes colectivos, pela incomodidade destes, se tornava cada vez mais difícil. Porque a televisão e, em menor grau, a rádio, respondiam às necessidades de informação mais prementes. Tal tendência não é afirmada, hoje, com igual vigor, embora os semanários pareçam resistir melhor que os diários à crise de leitura.

Segundo a Sondagem nacional, um terço dos inquiridos com mais de 12 anos de escolaridade e metade dos inquiridos dos 31 aos 50 anos, sobretudo homens, declararam ter lido ou folheado, nos últimos 30 dias, um semanário nacional de informação geral.

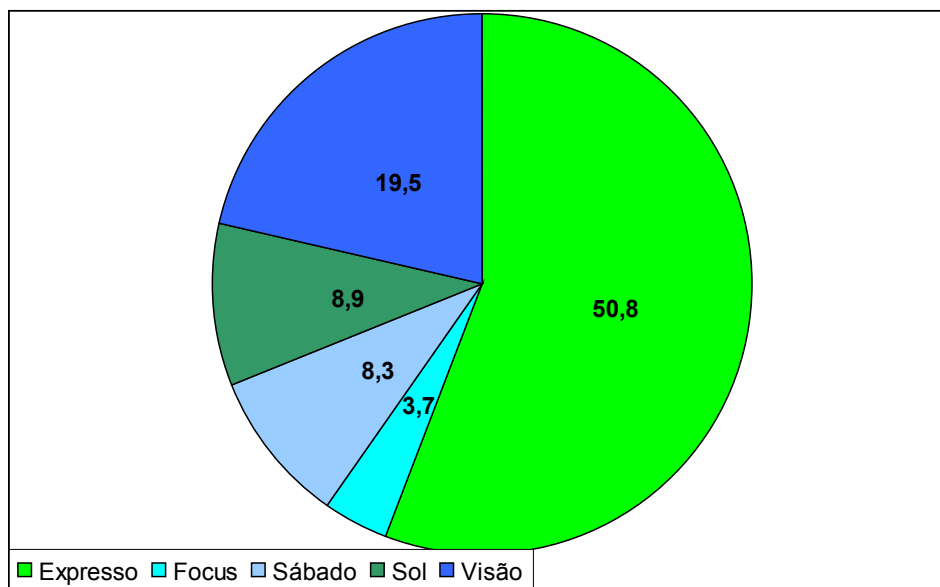
GRÁFICO 46  
Nos últimos 30 dias leu ou folheou um semanário nacional de informação geral (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

À frente destes, por ordem de preferência, figura o Expresso. Depois a Visão. A Sábado e o Sol partilham a terceira posição. No fim da lista, e com uma diminuta percentagem de preferências, encontra-se a Focus. Alerta-se, de novo, para os cuidados a ter com a leitura destes dados. Talvez devido à sua notabilidade no espaço público, o que levaria alguns inquiridos a citá-lo automaticamente, quando instados a indicar o semanário que leram ou folhearam nos últimos 30 dias (efeitos de desejabilidade social), o Expresso aparenta estar sobrevalorizado.

GRÁFICO 47  
Semanários que costuma ler ou folhear (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

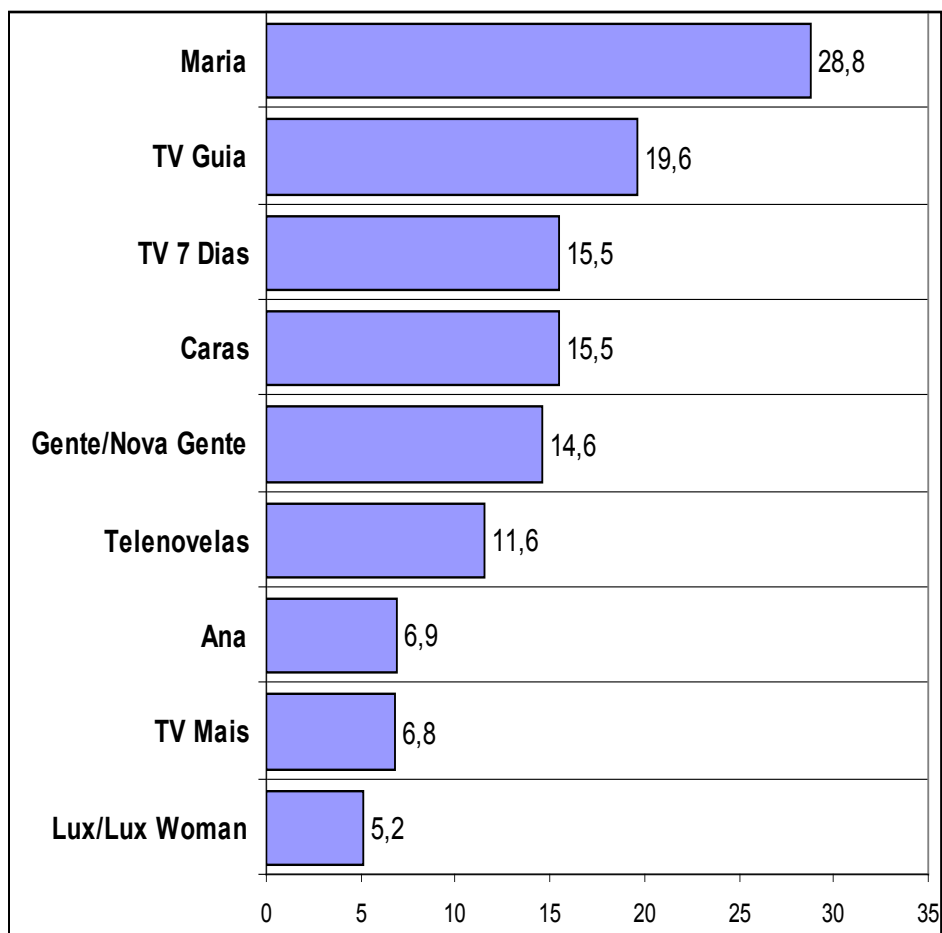
### 3. Revistas especializadas

Cerca de um quarto dos inquiridos declara ter lido ou folheado, nos últimos 30 dias, uma revista semanal especializada. A percentagem é baixa. E resta saber qual o género de revista que provoca algum interesse. À frente surge a revista Maria. Seguem-se duas revistas especialmente vocacionadas para a programação



televisiva. Depois, duas revistas “people”. Depois, uma virada para o acompanhamento gráfico das telenovelas. Depois, uma outra visando um público feminino e mais outra pendurada no fenómeno televisivo...

GRÁFICO 48  
Revistas mais lidas ou folheadas (%)

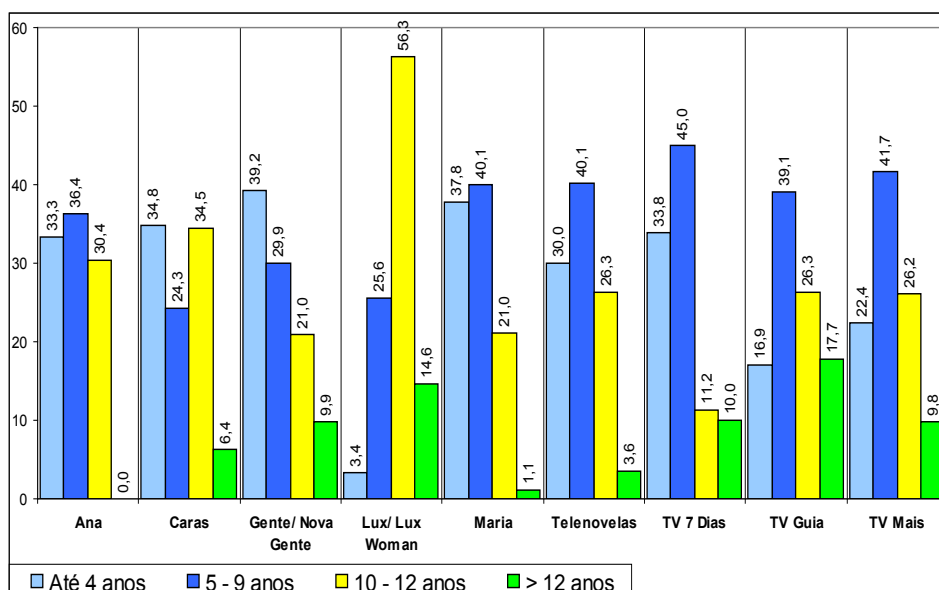


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Por graus de escolaridade e, de uma maneira geral, as revistas ditas “revistas do coração” ou “revistas cor-de-rosa” assim como as revistas “people” dirigem-se a públicos com escolaridade inferior. Quase 80% dos que afirmam ter lido ou folheado a revista Maria, nos últimos 30 dias, têm menos de 10 anos de escolaridade.

Neste aspecto, a revista Lux parece deoar, conseguindo atingir públicos de formação superior. Quanto às revistas especializadas na divulgação e no comentário das programações televisivas, especialmente a TV Guia, a repartição dos públicos por graus de escolaridade é mais equilibrada (ou menos desequilibrada) o que se explica, seguramente, pela heterogeneidade/multiplicidade dos públicos que se interessam pela televisão. Todos os públicos, afinal.

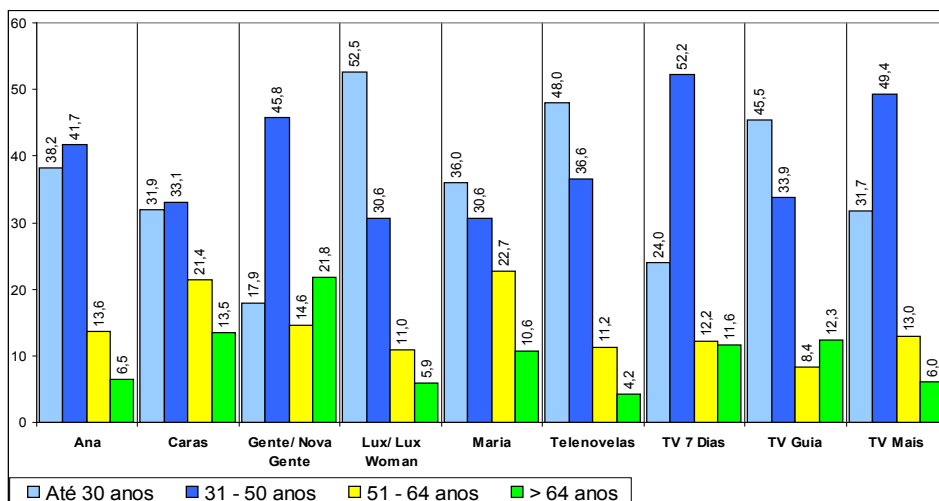
GRÁFICO 49  
Revistas mais lidas/folheadas por anos de escolaridade (%)



Fonte: Sondagem nacional ERC/ISCTE

Por faixas etárias, é de notar a prevalência de um público jovem em publicações como a revista Maria, a revista Telenovelas e a revista Lux. Tendo em conta, no entanto, as indicações contidas no gráfico anterior, diremos que, no caso das revistas Maria e Telenovelas, se trata de públicos jovens com formação elementar enquanto que, no caso da revista Lux, o seu público jovem é mais qualificado. Por outro lado, a revista TV Guia que, de entre as revistas especializadas em programação televisiva, é a que apresenta um maior fragmento de público com formação superior, é, também, a que atrai uma maior fatia de público jovem. De notar ainda a importância assumida, em todas as revistas, pelo público com idades entre os 31 e os 50 anos.

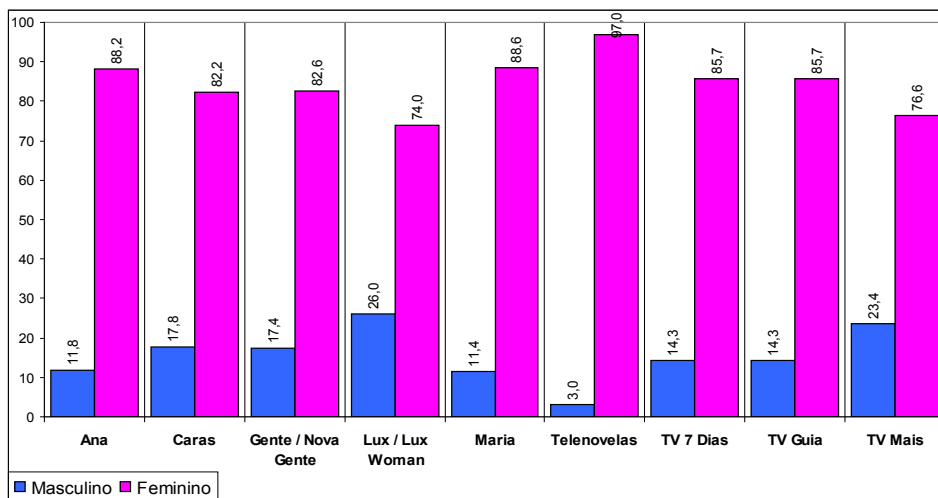
GRÁFICO 50  
Revistas mais lidas/folheadas, por escalão etário (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Por géneros, os resultados apurados são inequívocos. A procura de qualquer uma destas revistas é, essencialmente, feminina.

GRÁFICO 51  
Revistas mais lidas/folheadas, por género (%)



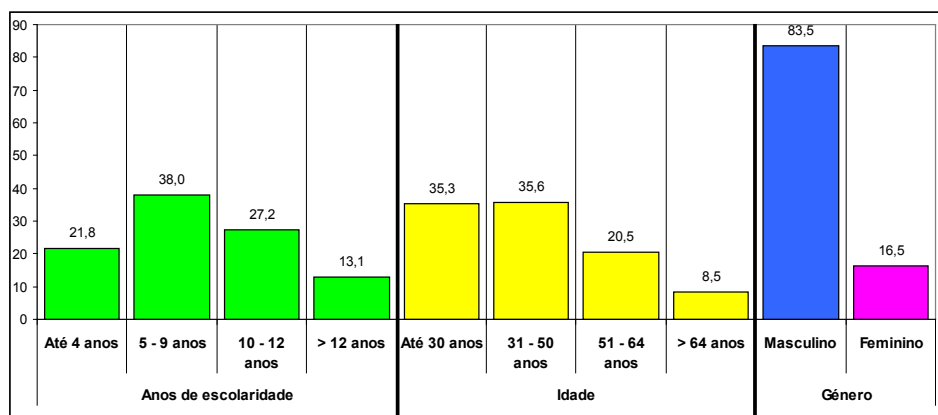
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

#### 4. Imprensa desportiva

Uma referência breve para a imprensa desportiva. Com três jornais diários nesta área – A Bola, Record e O Jogo, pela ordem das respectivas preferências - Portugal está, até internacionalmente, bem representado. A crise de leitura parece não ter chegado aqui. Leram ou folhearam um jornal desportivo de âmbito nacional, nos últimos 30 dias, cerca de 35% dos inquiridos com menos de 30 anos (percentagem bastante superior à dos que, na mesma faixa etária, leram ou folhearam, no mês anterior à realização da Sondagem, um diário de informação geral). O público desta imprensa especializada é, como seria de esperar, essencialmente masculino. Evolui na proporção inversa da idade e do grau de escolaridade.

GRÁFICO 52

Nos últimos 30 dias leu ou folheu um jornal diário desportivo nacional (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

#### INTERNET

Desde a sua apropriação privada gerou-se, em redor da Internet, um discurso dicotómico, de extrema violência. Discurso que acompanha sistematicamente a emergência de uma nova tecnologia. Logo no início da década de sessenta, Umberto Eco opunha os “apocalípticos” aos “integrados” segundo a reacção de uns e outros à televisão que iniciava, então, uma fase de expansão extremamente rápida.

Para os adeptos incondicionais da Internet, tudo é informação. Tudo é mensagem. Tudo é movimento. Inaugurando o que poderíamos chamar uma “ontologia radical da mensagem” concluem que, na medida em que a finalidade da mensagem é circular, tudo o que encoraje essa circulação é positivo. E tudo o que a refreie é negativo. Porque lhes permite justapor um espaço local (o cibercafé, o escritório, o laboratório, a biblioteca, o domicílio) a um outro espaço, desfasado, idealizado, libertado das contingências do quotidiano, a Internet satisfaz, neles, um secreto desejo de ubiquidade funcionando, assim, como um “dispositivo heterotópico”, isto é, gerador de uma utopia efectivamente realizada.

Para os seus irreduzíveis adversários, a Internet é associada ao “mito da transparência”, ao *homem fototrópico*. Um homem falsamente livre, asseguram tais detractores, porque inserido numa sociedade onde a visibilidade extrema redundaria numa extrema vigilância. No limite, numa vigilância panóptica. Por isso, acusam os *internautas* de promoverem uma espécie de “adeus ao corpo” que um slogan publicado pelo «Le Monde», em Julho de 2001, ilustraria na perfeição: “eu sou o que eu sei, o que eu sinto, o que eu vejo. Eu sou milhões de pessoas. E todos, em conjunto, somos a Internet”.

Denunciando vigorosamente essa “comunicação sem rosto e sem carne”, Philippe Breton interroga-se sobre a legitimidade de construção daquilo que ele qualifica como sendo uma “sociedade a-social”. E pergunta: “esse novo colectivismo, sob a forma de uma reconexão global da espécie humana com ela própria, não implicará a perda de tudo o que respeita ao corpo, à interioridade, à memória, à expressão, à capacidade argumentativa, à comunicação directa, em suma, àquilo que é a própria essência da humanidade?”.

À medida que nos aproximamos do “longínquo”, declara, por sua vez, Paul Virílio afastamo-nos do “próximo”, do amigo, do familiar. Solitários de um novo tipo surgiriam assim, um pouco por toda a parte, estabelecendo com o mundo circundante, nomeadamente com o mundo do trabalho, relações virtuais totalmente desprovidas do sentido de comunidade, de solidariedade. Relações imobilistas, baseadas no telecomando e na telepresença, que conduziriam a uma cultura do paradoxo em que tudo poderia chegar até nós sem o mínimo movimento, sem a mínima deslocação de nossa parte.

Passando, da teoria, ao caso concreto dos públicos residentes em Portugal.

A análise dos resultados da Sondagem denota uma unanimidade quase perfeita sobre os efeitos da Internet na relação entre as pessoas e no mercado de trabalho.

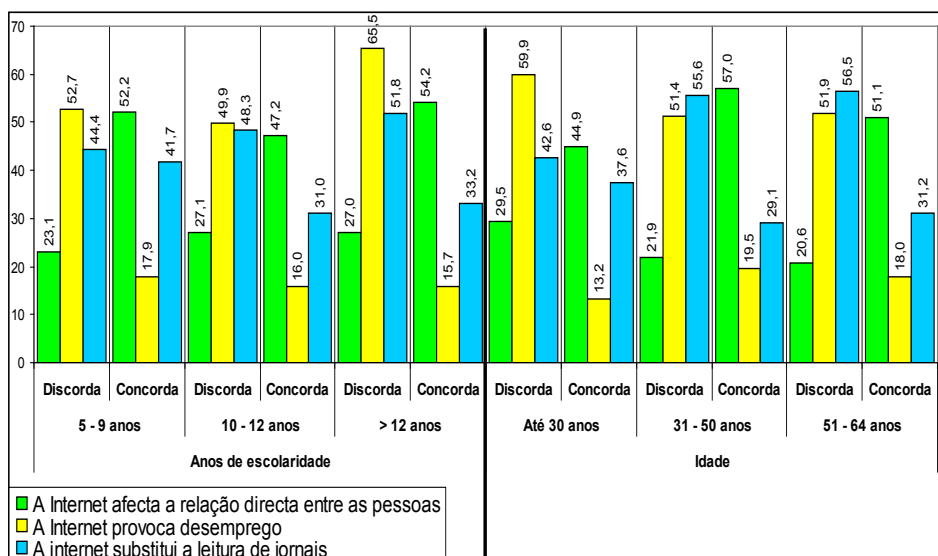
Em todos os níveis de escolaridade e em todas as faixas etárias, uma nítida maioria de inquiridos concorda em que “A Internet afecta a relação directa entre as pessoas”. Resta saber o que entendem, exactamente, por “afectar”, ou melhor, se lhe atribuem uma conotação negativa já que, ao termo, pode ser dado o significado de “interromper”, ou “anular”, sem outras consequências. Paralelamente, em todos os níveis de escolaridade e em todas as faixas etárias, uma maioria, mais nítida ainda, discorda em que “A Internet provoca desemprego”.

Dividem-se, contudo, as opiniões quanto aos efeitos da Internet na leitura de jornais em suporte papel. Nos grupos dos que têm de 5 a 9 anos de escolaridade ou menos de 31 anos de idade, a opinião reparte-se, praticamente ao meio, entre os que acreditam e os que não acreditam que a Internet possa substituir a leitura de jornais. É verdade que, nestes grupos, se detectam práticas de leitura proporcionalmente inferiores. A partir dos 10 anos de escolaridade ou dos 31 anos de idade, a tendência vai marcadamente no sentido de não se acreditar na possibilidade referida.

Das respostas dos inquiridos a este ponto, ressalta uma posição equilibrada: nem eufórica nem disfórica.

GRÁFICO 44

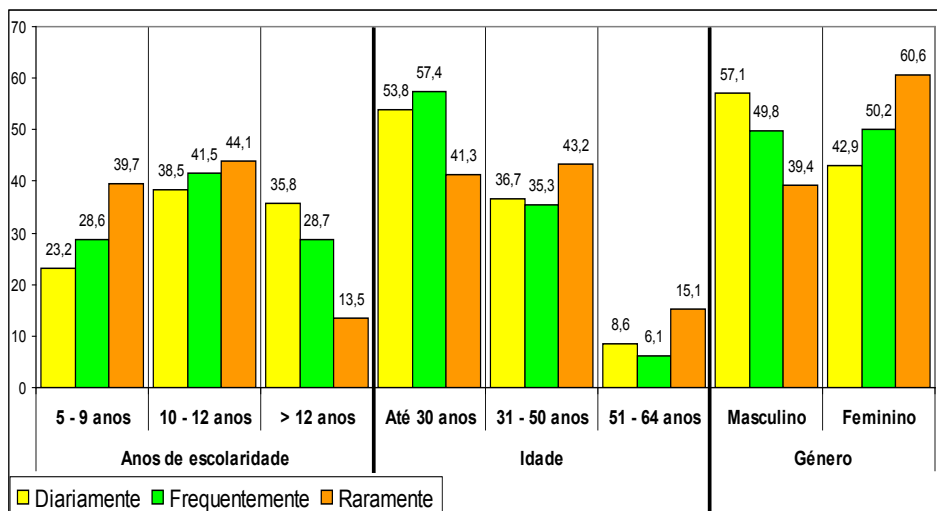
Para os que usam a Internet, quais os seus efeitos? (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Globalmente, a utilização da Internet aumenta com a escolaridade: apenas 13,5% de indivíduos, com formação superior, confessa utilizá-la raramente. Diminui com a idade: utilizam-na diariamente 53,8% dos indivíduos até 30 anos e 8,6% dos que se situam entre 51 e 64 anos. É maior no género masculino, onde se encontram índices muito superiores tanto de utilização “diária” como de utilização “frequente”.

GRÁFICO 45  
 Frequência de utilização da Internet (%)

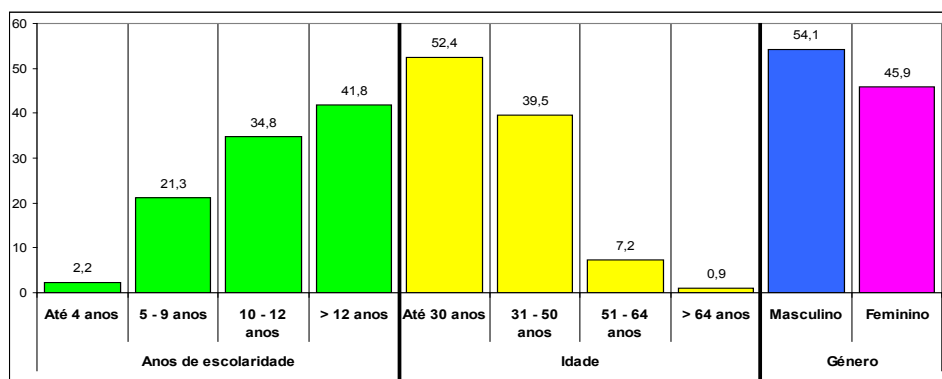


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

A participação em *blogs* ou a criação de páginas pessoais é reduzida (em torno de 8%). O pequeno número de respostas positivas não nos permite proceder à respectiva desagregação, sobretudo por níveis de escolaridade e faixas etárias. O que seria, sem dúvida, interessante.

Cerca de 14% dos inquiridos tem computador portátil. Mas a sua posse está longe de se distribuir uniformemente: aumenta com a escolaridade e diminui com a idade. Notoriamente. São, principalmente, jovens de formação média e superior que o utilizam.

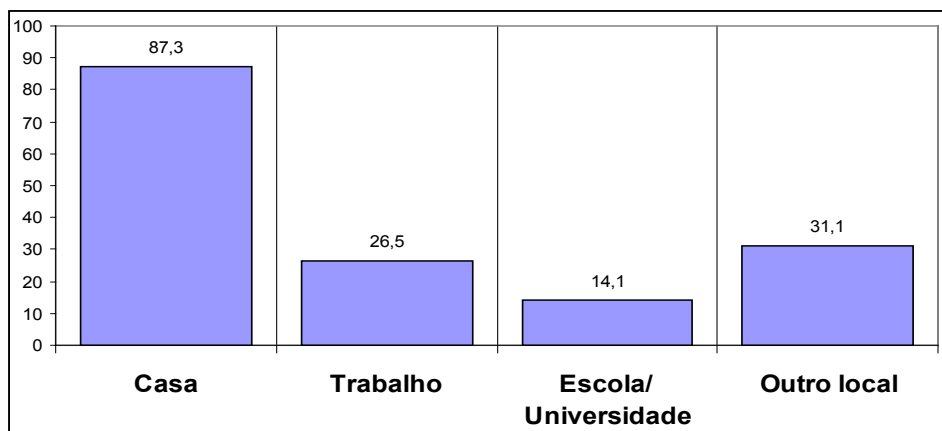
GRÁFICO 46  
Têm computador portátil (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

E utilizam-no onde? Embora quase todos o utilizem em casa, muitos são (quase um terço) os que admitem fazê-lo noutro local. Noutro local que não o local de trabalho nem a Escola, nem a Universidade.

GRÁFICO 47  
Onde usa o computador portátil (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Noutro local.

Convite a uma certa pulsão de errância, a um certo nomadismo que, no pulverizar das arcaicas sociedades pretensamente homogêneas, se assume como autêntico valor social. Recreado por filósofos como Virílio. Proclamado por outros como Maffesoli.





Parte III  
Crianças e jovens





Embora Portugal tenha sido um dos primeiros países a assinar a Convenção sobre Direitos da Criança, em 1990, quase duas décadas mais tarde ainda não têm grande visibilidade e atenção na sociedade portuguesa os direitos de participação consignados nessa Convenção, incluindo o direito das crianças a ser ouvidas em matérias que lhes dizem respeito, e o modo como os meios de comunicação social as representam e as consideram enquanto públicos.

No que se refere aos meios de comunicação, o artigo 13º da Convenção apresenta o direito à liberdade de expressão que inclui a liberdade de procurar, de receber e de produzir informação e ideias de toda a espécie, independentemente de fronteiras e pelos meios que se desejar, tendo como únicas restrições o respeito pelos direitos e reputação dos outros e o dever de protecção da segurança nacional e da ordem, saúde e moral públicas. Por sua vez, o artigo 17º aponta para que os Estados encorajem a produção e a difusão de informação e materiais que promovam o bem-estar físico, psíquico e social da criança, tendo presente as suas características culturais, nomeadamente linguísticas, e que encorajem também os meios de comunicação social a desenvolverem linhas de orientação adequadas à protecção da criança relativamente a informação e material prejudicial ao seu bem-estar.

Apesar de a Convenção definir crianças como os menores de 18 anos, para efeitos deste trabalho distinguiremos entre crianças e jovens, abrangendo na designação das primeiras os sujeitos com menos de 15 anos. Essa idade, 15 anos, corresponde também ao momento em que podem ser publicamente inquiridos sem necessidade de consentimento informado por parte dos pais. Foi por esse motivo que a sondagem nacional, em que assenta este estudo, teve os 15 anos como idade de partida e foi para ultrapassar essa lacuna que se construiu um questionário dirigido a alunos de escolas integradas da área metropolitana de Lisboa, com idades compreendidas entre os 9 e os 14 anos.

A atenção a vozes das crianças e às suas perspectivas é ainda relativamente ausente nos estudos de opinião e mesmo na própria pesquisa sobre crianças, que se desenvolveu a partir da segunda metade dos anos noventa. Com frequência, as crianças estão (ainda) ausentes nas estatísticas do lar, como que invisíveis e silenciadas, embora a partir dos anos sessenta tenha vindo a ser crescente o reconhecimento do seu peso nas economias familiares e respectivos consumos.

A atenção às crianças não visa dar-lhes voz para “colorir” as pesquisas sobre públicos mas sim apresentar as suas perspectivas, marcadas pelos lugares que ocupam

nas famílias e noutros espaços sociais: (aparentemente) desprovidas de poder na relação com os pais, em várias práticas, estão contudo na liderança de certos saberes, nomeadamente no domínio das tecnologias de informação. Desprovidas de poder político (não votam), são notícia quando protagonizam acções de forte negatividade, como vítimas ou agressoras, mas tendem a ser silenciadas como sujeitos activos nas agendas públicas, quer por parte de decisores políticos quer por parte da cobertura mediática em matérias que as envolvem, das escolas às famílias (Ponte, 2005; Ponte e Afonso, 2007).

À luz da Convenção sobre Direitos da Criança, o documento internacional de referência, começa a ser mais notório e público o reconhecimento da necessidade de ouvir a sua voz e de contar com a sua participação na definição de políticas públicas. No momento em que se escreve este Relatório acaba de ser publicado um Eurobarómetro<sup>8</sup> que aprecia como jovens europeus (15-17 anos) conhecem os seus direitos, quais consideram prioritários e que medidas destacam. Apesar do padrão comum, os jovens portugueses foram os que menos valorizaram a necessidade de uma intervenção pública nas áreas dos media para defesa dos seus direitos (5%; UE=12%) e os que menos referiram a importância de outros direitos culturais (migração, ambiente, desporto e lazer). Por contraste, foram os que mais destacaram a educação (90%; UE=74%), a saúde/bem-estar (73%; UE=40%) e a segurança (53%; UE=43%) como áreas prioritárias de intervenção do Estado e das autoridades públicas. Vemos assim desenhar-se, por parte dos jovens portugueses, um maior reconhecimento da incompletude de direitos de protecção e de provisão, enquanto os direitos de participação e direitos culturais permanecem, ainda, fora das suas agendas de necessidades a providir.

No que se refere aos canais de informação mais acessíveis para encontrarem informação sobre direitos das crianças, os respondentes portugueses seguiram o padrão dominante e destacaram a Internet, embora um pouco abaixo da média europeia (63%; UE=70%). Mesmo assim, a Internet duplicou as referências à televisão, que supera a média europeia (31%; UE=21%), enquanto a informação recolhida em bibliotecas se ficou pelos 5% (UE=8%). Na comparação com os valores médios europeus, os jovens portugueses são, assim, os que menos distanciam a televisão, relativamente à Internet, como fonte de informação.

Numa “modernidade inacabada” (Machado e Costa, 1998) que caracteriza ainda a sociedade portuguesa no princípio do século XXI, a Internet e a televisão

---

8 Eurobarómetro n. 235, *The Rights of the Child*. Analytical Report, Maio de 2008

são consideradas, pelos jovens, como principais meios de acesso à informação, a par de uma secundarização dos media enquanto espaço de exercício de direitos. Estas respostas dão-nos traços de uma sociedade que importa ter presente, entre os quais a posição que os meios de comunicação social ocupam na vida quotidiana dos mais novos, as expectativas que despertam, o modo como, nas suas famílias, os media clássicos e os novos media são acedidos e utilizados.

Regressaremos a estes jovens mais tarde, depois de traçarmos as posições de crianças enquanto parte da audiência global dos media, a partir das famílias e dos ambientes domésticos que funcionarão como unidades de análise. Procuramos mostrar, desse modo, que as suas respostas vão beber a um caldo social e cultural que marca a sociedade portuguesa nas suas relações com os media, e como a sua socialização com os media, na família, se foi processando desde os primeiros anos de vida. Daqui que o plural enunciado – crianças e jovens – não seja retórico: visa também reforçar a pluralidade e a diversidade destes públicos e das suas experiências, marcadas pela idade, o género, a etnia, a posição social, os recursos de que dispõem.

A anteceder os resultados dos inquéritos aos ambientes dos media nos lares portugueses, apresenta-se uma sumária contextualização do que tem sido evidenciado pela pesquisa sobre crianças e meios de comunicação social, de forma a constituir um quadro de leitura e de questionamento desses resultados.

### OS LARES COMO UNIDADE DE ANÁLISE

Na pesquisa que vem sendo conduzida há mais de uma década por Sonia Livingstone sobre usos dos media por crianças, os lares são considerados como “unidades básicas de consumo”, ultrapassando o foco das sondagens no indivíduo singular. Será assim pertinente que os diversos membros do agregado familiar, não só em posições desiguais de poder mas também – e este é um dado relativamente novo no que se refere ao uso das novas tecnologias digitais – de considerações sobre o saber e o querer sejam inquiridos em torno dos seus acessos aos meios, dos seus usos e contextos relacionais.

Vale a pena, por isso, ter em conta os ambientes de regulação dos media no lar, entre eles as regras quanto ao ver televisão, o meio dominante, mas sem esquecer que ver televisão é uma actividade tão rotineira que tentativas para formalizar

as regras junto de crianças podem parecer inúteis em diversas situações e também que essas regras podem ser desigualmente consideradas por pais e filhos.

A pesquisa etnográfica que analisou como nos lares se constroem diferentes ambientes de regulação parental identificou três tipos de envolvimento dos pais no visionamento televisivo dos filhos:

1. Participação activa, ao procurar ver programas em conjunto, conhecer os conteúdos dos programas dos filhos, e serem para eles uma referência pelas suas próprias formas selectivas de visionamento;
2. Supervisão, por uma mediação restritiva que recorre à televisão como recompensa e castigo, num quadro forte de interdições;
3. Mediação instrutiva, mesmo sem verem os programas em conjunto, os pais procuram ser mediadores na relação entre crianças e os conteúdos televisivos, pela conversação, a explicação e a expressão de juízos de valor, com atenção ao processamento de emoções, à compreensão da informação e avaliação por parte dos filhos.

Como se relacionam estas três formas de mediar com as considerações parentais sobre a televisão? Há pais que consideram negativamente a televisão, como força destrutiva e tomam atitudes proteccionistas; outros destacam os lados positivos do contacto com a televisão e o seu papel como entretenimento, descontração e informação; outros ainda encaram a televisão como forma de socialização e de crescimento das crianças. Há também os que optam por uma perspectiva liberal, deixando as crianças determinar os seus próprios programas. Destes modos, os pais fazem derivar as suas atitudes de um discurso geral relacionado com os processos de desenvolvimento e o seu papel como educadores; pais com atitudes mais negativas face à televisão são os que mais se envolvem em formas de mediação, tem concluído a pesquisa (Lemish, 2007). O dilema entre a protecção e a preparação para a autonomia também não é indiferente aos recursos (não só financeiros mas também culturais) para traçar alternativas ao visionamento televisivo.

Como tem sido identificado no contexto norte-americano e europeu (Livingstone e Bovill, 2001; Livingstone, 2002; Lemish, 2007), hoje, os mais novos crescem em lares rodeados de infra-estruturas mediáticas muitíssimo mais diversificadas e dispersas do que as existentes na geração dos seus pais. Perdendo a sua

importância como elemento centralizador da vida doméstica, na sala de estar, o televisor cresceu em número e distribuiu-se por outros espaços, afectou rotinas e chegou ao quarto da criança. A “cultura televisiva do quarto de dormir”, com esses espaços a constituírem-se como centros de recursos, sobretudo electrónicos e em torno de ecrãs, será central para a emergência de autonomia dos mais novos e das suas identidades pessoais.

Importa contudo olhar essa cultura pelo seu lado social e não apenas pelo lado tecnológico. E esse lado social não pode excluir mudanças significativas que têm vindo a ocorrer na relação das pessoas com os espaços. A consideração da rua e dos espaços públicos como locais de perigo e de ameaça tem levado a que os tempos livres das crianças se processem cada vez de formas mais privatizadas e institucionalizadas, em espaços fechados e (aparentemente) sob estrito controlo e vigilância. O investimento tecnológico no quarto da criança considerado como território seguro acelera-se e isto apesar de os media aí instalados (cada vez mais comerciais, globais e interactivos) proporcionarem às crianças contactos com outros territórios, lugares e pessoas.

Na pesquisa realizada no Reino Unido no momento em que novos media (computador, DVD, CD) chegavam aos lares e aos quartos das crianças (1998) e actualizada cinco anos mais tarde num novo estudo para identificar os impactos da chegada da Internet e de outros novos meios, Livingstone assinala variações significativas nos ambientes dos lares. A autora distingue entre lares ricos em media, com uma profusão de meios recentes e clássicos, lares tradicionais (na média em relação aos meios clássicos mas com escassez de novos media) e lares pobres em media, com escassez de meios excepto o televisor. Se é visível uma relação directa entre os rendimentos familiares e os meios disponibilizados nos ambientes ricos em media, a relação é menos directa entre o grau de instrução dos pais e esses ambientes tecnologicamente de vanguarda: pais com menos instrução podem favorecer ambientes ricos em media, enquanto pais com mais instrução podem privilegiar ambientes tradicionais, e estes movimentos contraditórios ajudam a explicar a falta de relação entre o nível social e a presença dos media nos lares britânicos (Livingstone, 2005). Esta relação entre os equipamentos disponibilizados às crianças e a escolaridade dos pais será um dos vectores da presente análise.



A pesquisa tem mostrado também como, para além dos rendimentos, da educação e da profissão, a classe social e as próprias ideologias associadas continuam a marcar a vida familiar e os seus valores. Nos Estados Unidos, por exemplo, pais da velha classe operária enfatizavam mais na socialização das crianças a conformidade, a obediência e outros valores conservadores, enquanto famílias de classe média valorizavam as motivações, os afectos, a criatividade, o auto-controlo por parte dos filhos. Verificou-se como estas variações se projectam nas regulações parentais quanto à gestão do “tempo”, em geral e no que se refere ao “uso dos media” em particular. Uma consideração ideológica do tempo como um recurso flexível e que deve ser rentabilizado, preocupa-se com o tempo “gasto” a ver televisão (o meio de comunicação social hegemónico) e procura contrariar o que considera “perda de tempo”, interferindo mais activamente na relação dos filhos com a televisão, pelo controlo directo ou investindo em alternativas, entre elas outros ecrãs mais valorizados enquanto recurso de aprendizagem, como os do computador.

Outra das evidências que a pesquisa sobre os usos sociais da televisão na família tem mostrado é que esses usos ultrapassam em muito a trilogia informação, educação e entretenimento. Há usos estruturais, não relacionados directamente com os conteúdos (o televisor ligado como companhia ou como ambiente de fundo, os horários dos programas como reguladores dos tempos familiares) e usos relacionais, que evidenciam as formas de relacionamento dos membros da família (a televisão como um meio que facilita/dificulta a comunicação, que permite demonstrar competências e saberes, expressar poderes e escolhas). Nas famílias, para além da variável idade que marca as posições geracionais, as questões de género são também aqui sublinhadas, definindo nomeadamente perfis diferentes de espectadores de televisão: o masculino, mais “nervoso” e virado para o domínio da tecnologia (como no *zapping*, *zipping* ou *surfing*<sup>9</sup>), tendendo a deter o telecomando e o melhor lugar na sala de estar, e o feminino, mais distendido na relação com os conteúdos, mais disposto a conversar sobre o que vê e menos empenhado em explorar os equipamentos e todos os seus recursos.

Se a vivência das novas tecnologias no lar por parte das mulheres parece ir ao encontro da concepção histórica da tecnologia como domínio masculino, ela pode também ser uma escolha das mulheres para manterem esse equilíbrio,

<sup>9</sup> O *Zapping* é a actividade de mudar de canal com o recurso ao telecomando; o *Zipping*, a aceleração das imagens, por via do uso de aparelhos videográficos; o *Surffing*, a navegação desordenada pelos conteúdos, também estimulada pelos ambientes digitais.

demonstrando uma “ignorância calculada” face à tecnologia como um meio de evitarem somar uma nova tarefa à sua já abundante lista de responsabilidades domésticas (Lemish, 2007). Alargando esta reflexão a outros meios electrónicos, veremos como as crianças hierarquizam pais e mães no manejo das novas tecnologias no lar e como continuam, por outro lado, a identificar nas mães as figuras de referência sobre quem conversar sobre o que vêem na televisão.

Dentro da atenção aos padrões de comunicação na família, a pesquisa sobre crianças e televisão encontrou duas formas distintas de orientação parental: a orientação social e a orientação conceptual. Famílias com elevada orientação social encorajam os filhos a estar em família, longe dos “problemas” do exterior, em ambientes protegidos e onde se evita o que pode causar conflito. Por seu lado, famílias com elevada orientação conceptual estimulam um ambiente de comunicação aberta e de conversação com exposição a diferentes pontos de vista, e onde as crianças são encorajadas a exprimirem-se também. A ênfase destas famílias vai para as ideias, enquanto nas primeiras ia para os sentimentos, e estes tipos de orientações familiares contribuem para traços de personalidade das crianças: as primeiras, mais cooperativas, dóceis e disciplinadas; as segundas mais argumentativas, empenhadas e envolvidas politicamente.

Nos Estados Unidos, a aplicação destes tipos às formas de visionamento televisivo mostrou que, em geral, as famílias mais orientadas socialmente viam mais televisão mas seguiam menos as notícias e os debates e que valorizavam sobretudo a televisão como meio de entretenimento e facilitador dos laços familiares. Por seu lado, as crianças de famílias com uma maior orientação conceptual usavam a televisão mais como fonte para se sentirem actualizadas com a informação e estavam menos centradas no entretenimento. Consumiam menos a televisão, menos usada para fins de socialização e os seus pais intervinham mais na regulação dos seus visionamentos. Estavam assim menos expostas do que as primeiras a conteúdos violentos e identificavam-se menos com personagens televisivas agressivas que contavam menos para as suas experiências de vida (Lemish, 2007).

Outras variações foram encontradas no alargamento da pesquisa sobre a relação das crianças com os meios de comunicação a nível europeu e que assinalou as dimensões também nacionais desta mediação familiar. Estudos realizados em vários países assinalaram diferentes estilos parentais dominantes, quanto ao

grau de permissividade nas relações entre pais e filhos (Livingstone e Bovill, 2001). No que se refere à televisão, os países onde essa relação é mais permissiva (Itália, Suécia) apresentam maiores índices de televisores nos quartos, uma maior taxa de visionamento individual e um menor controlo parental. Nos outros, como, por exemplo, em França e na Bélgica, o televisor está mais integrado na família e nos seus visionamentos.

Considerando também o uso relacional da televisão como meio potencial de comunicação e de diálogo entre os membros da família, foram distinguidos dois tipos de conversa: relacionadas com a informação e relacionadas com comportamentos. As conversas relacionadas com a informação permitem trazer para dentro de casa temas não familiares, e adicionar outras dimensões além da informativa, como os juízos morais e de ordem política. O comentário dos pais a notícias podem alargar o mundo de informações dos seus filhos e/ou reforçar o conhecimento proveniente de outras fontes, como a escola. Na verdade, a pesquisa tem demonstrado que a interação verbal dos pais tem um papel importante no reforço de aprendizagens directas e indirectas por parte dos filhos, como acontece nos programas informativos e educativos, e que as crianças recordam melhor a informação das notícias se os seus pais falarem sobre elas. Por seu lado, as conversas relacionadas com comportamentos são estimuladas pela discussão dos modos de agir observados na televisão, nomeadamente nas séries ficcionais sobre famílias em que podem ser relacionados com as experiências directas de vida familiar. Ambos os tipos de conversa desempenham um papel significativo para que a criança compreenda a natureza construída do mundo da televisão, distinguindo-o do seu ambiente social.

Relacionados sobretudo com conteúdos jornalísticos, os modos como nas famílias se considera a informação televisiva evidenciam também diferenças, e isso é particularmente visível em matérias traumáticas. A “estratégia da avestruz” opta por considerar, numa atitude proteccionista, que as crianças podem e devem permanecer à margem dos assuntos. Como se fosse possível isolá-las em redomas. A pesquisa sobre as reacções de crianças em eventos traumáticos apresentados demoradamente nos noticiários televisivos, por vezes durante dias a fio (11 de Setembro, tsunami, guerra do Golfo, Casa Pia, mortes de crianças por maus-tratos ou desaparecimentos...), que passou pela sua auscultação e pela atenção aos modos como se referiram a esses acontecimentos, mostra que elas são sensíveis, que

desejam que as suas perguntas encontrem respostas, honestas e adequadas à sua idade, e que os seus medos e preocupações sejam alvo de respeito e de consideração (Carter e Messenger-Davies, 2006; Malho et al, 2007).

À preocupação quanto aos efeitos perturbadores de matérias traumáticas em crianças, nomeadamente em televisão, contrapõe-se contudo uma escassa atenção ao papel que essas imagens televisivas podem desempenhar no desenvolvimento de um sentido de responsabilidade social, como são susceptíveis de marcar a consciência cívica e de gerar empatia e questões éticas relativamente ao sofrimento dos outros, nota Lemish (2007) na sua revisão de estudos sobre a relação entre crianças e televisão. Sublinha também a escassez de pesquisas sobre as conversas que as crianças mantêm entre si, relacionadas com a televisão e com outros meios, mais uma vez apontando a necessidade de incluir as crianças nesta agenda: pesquisar sobre crianças e com as crianças.

São estes os quadros de leitura crítica dos resultados dos inquéritos realizados para a ERC, junto de crianças e jovens portugueses. Procurou-se, igualmente, contrariar uma tendência excessivamente simplista e dicotomizada que percorre as opiniões comuns relativamente aos efeitos da televisão sobre a criança, tomando cada categoria como entidade abstracta. Como vimos, o conceito de mediação é marcado por múltiplas vertentes e permite ultrapassar a questão dos efeitos directos dos conteúdos sobre as crianças, substituindo-a pela interrogação de como é que a vida em família e as relações no seu interior moldam as experiências que os vários membros da família mantêm *com* os media.

### **Acessos e usos dos media nos lares: questões orientadoras**

Para este estudo sobre crianças e jovens como público especial, foram traçados três conjuntos de questões susceptíveis de situar, de uma forma articulada, os acessos e os usos dos meios de comunicação por parte dos mais novos no contexto dos seus ambientes de vida e das suas relações familiares.

Um primeiro conjunto de questões incide sobre as considerações dos pais quanto ao acesso e usos dos media por parte das crianças. Na sondagem nacional foram incluídas cinco questões respondidas por pais de crianças até 15 anos, permitindo

traçar um primeiro olhar sobre as considerações parentais sobre a televisão na vida das crianças e os ambientes dos quartos das crianças: equipamentos tecnológicos existentes e que pretendem vir a adquirir; motivos para não terem instalado televisor no quarto das crianças; grau de satisfação com os programas para crianças; opiniões sobre possíveis efeitos da televisão nos comportamentos das crianças.

Um segundo conjunto explora as condições de acesso e de uso a partir da auscultação directa de crianças (9-14 anos). A necessidade de uma inquirição mais exaustiva sobre os ambientes de acesso e de uso dos media que desse voz às crianças mais novas e que auscultasse também os respectivos pais, levou à realização de questionários na Grande Lisboa, uma das regiões com mais crianças e com maior penetração dos media. Em questionários, elaborados a partir dos utilizados por Livingstone nos estudos atrás referidos, mas com um muito menor número de questões devido a serem auto-ministrados, pretendeu-se identificar de que modo as crianças se relacionam com os meios de comunicação social no contexto das suas actividades quotidianas, em que ambientes os usam, de que recursos dispõem, incluindo os novos ecrãs digitais e móveis e como varia essa relação segundo a idade e o género. Procurou-se ainda combinar os olhares das crianças com os dos seus pais sobre as vivências desses usos, pelas respostas de uns e outros às mesmas questões.

Enfim, o terceiro conjunto de questões decorre das respostas dos jovens (15-17 anos) à sondagem nacional.

Constituiu-se, deste modo, uma amostra representativa que permite comparar acessos aos media e usos destes em diversos grupos de idade.

## GEOGRAFIAS E AMBIENTES FAMILIARES

Em 2001, segundo dados do Censo analisados por Almeida e André (2004), residiam em Portugal cerca de 1 milhão e 600 mil crianças até 15 anos, menos 900 mil do que vinte anos antes, numa queda sobretudo vinculada na década de oitenta e com uma ligeira recuperação nos fins da década seguinte, por via da população imigrante. A percentagem de crianças entre a população residente, por concelhos, era mais elevada no Noroeste, em torno de Lisboa e em alguns concelhos da costa do Algarve, a reflectir a alta fecundidade da maioria de comunidades de imigrantes.

A percentagem de crianças estrangeiras no total da população portuguesa em 2001 era de 2%, com Lisboa e Vale do Tejo (4,15%) e Algarve (4,06%) a apresentarem valores máximos. A esmagadora maioria das crianças residentes (69%) viviam em arranjos familiares do tipo “casais casados sem outras pessoas”, com as famílias monoparentais a terem reduzida expressão. Sendo rara a co-residência com um pai “sozinho” (solteiro, divorciado ou viúvo), na sociedade portuguesa, as mães continuavam a ser a figura de referência nas infâncias, responsáveis primeiras pela relação educativa, independentemente da sua situação conjugal ou profissional.

Assim, sublinham as autoras, a infância era vivida sobretudo no singular. Em 2001, raras crianças co-residiam com mais de um irmão: 30% eram filhos únicos e 46% tinham apenas um irmão. Por outro lado, mais de metade das mães e dos pais não possuía os nove anos de escolaridade obrigatória declarados pela Lei de Bases do Sistema Educativo e não chegava a 10% a percentagem dos que possuíam um grau de ensino superior. A região de Lisboa e Vale do Tejo, seguida do Algarve, apresentava as taxas de escolarização mais favoráveis (maioria dos pais com escolaridade obrigatória) enquanto os Açores, a região Norte e a Madeira registavam os mais baixos níveis de instrução parental (mais de 60% dos progenitores tinha atingido na melhor das hipóteses, o 2º ciclo do ensino básico). Quanto mais novas eram as crianças, maiores eram os capitais escolares dos progenitores, verificando-se uma progressão relativamente rápida dos índices de escolarização.

Outro traço relevante na vida das crianças é que a grande maioria (66%) possuía mães activas empregadas. Ao contrário de outros países europeus, a presença da mãe em casa constituía, portanto, uma excepção (18%)<sup>10</sup>.

Mais recentemente, um estudo do CIES/ISCTE (Cardoso et al., 2007) apresenta indicadores nacionais dos acessos e usos dos media por crianças e jovens (8-18 anos). Em 2006, a televisão ocupava mais tempo na vida das crianças e jovens (cerca de 15 horas semanais) do que a Internet (cerca de 10 horas) e suplantava o tempo dedicado a estar com a família (podendo parcialmente coincidir com ele) e com os amigos, num ambiente onde as actividades físicas fora de casa se reduziam a menos de três horas por semana. O inquérito nacional revelava também que os pais controlavam mais o uso da televisão do que o da Internet, com 40% dos inquiridos a apontar a existência de regras sobre o tempo para ver televisão e 30% a referir regras sobre o uso da Internet.

---

<sup>10</sup> Com variações de região para região: mais mães “domésticas” na Madeira e nos Açores; mais mães activas empregadas em Lisboa e Vale do Tejo.

O estudo do CIES explora também as considerações das crianças e jovens quanto às suas relações na família. Prevalece a percepção de que a família é uma retaguarda de apoio e ajuda face a problemas. Mais de metade dos inquiridos considera também que a família aceita as suas vontades e sublinha que é em família que se resolvem problemas e se exprimem afectos e sentimentos. Estes traços, que apontam mais para uma ideia de permissividade que de autoritarismo, levam os autores a considerar a presença de “uma família contemporânea mais democratizada, onde se exprimem afectos e onde se abrem brechas para a comunicação, o diálogo, assim como, não poderia deixar de o ser, o conflito aberto ou latente” (Cardoso et al: 2007: 388). Neste cenário familiar, o quarto deixou de ser o espaço privado onde se dorme, para passar a ser o local “onde se realiza cada vez mais todo um conjunto de práticas ligadas aos media e onde os sistemas dos media visíveis no espaço público têm penetrado neste conclave privado” (idem: 416).

Começando pelos olhares de crianças até 15 anos e cruzando-os com os de pais, fazendo-os mesmo coincidir num certo número de lares, vejamos então o que indicam os resultados dos inquéritos realizados, para depois visitarmos o que pensam os jovens entre 15 e 17 anos.

## 1. Olhares cruzados: os pais

As respostas dos pais provêm da sondagem nacional, por um lado, e do questionário lançado em escolas da Grande Lisboa, por outro. No primeiro caso, 436 pais de crianças até 15 anos, dos quais mais de metade (53%) na faixa dos trinta anos, responderam às cinco questões específicas atrás indicadas. No segundo caso, 504 pais de crianças entre 9 e 14 anos (a maioria também nessa faixa etária dos 30 anos) responderam a um questionário auto-ministrado reparado para eles e trazido pelos seus filhos da escola<sup>11</sup>.

Apesar de cerca de metade dos pais inquiridos na sondagem nacional ter entre os 31 e os 40 anos, mais de 60% não vai além dos nove anos de escolaridade obrigatória (com 18% a ter apenas quatro anos de escolaridade); 24% possui

<sup>11</sup> Note-se que nem todos os pais contactados responderam aos questionários: porque os seus filhos não os entregaram em casa, porque não estavam interessados em fazê-lo, por esquecimento, etc. As respostas dos pais da Grande Lisboa evidenciam um grupo motivado a responder, com habilitações académicas superiores às da população em geral e com uma maior inclusão digital e uso dos novos media, nomeadamente da Internet.

o ensino secundário e apenas 11,5% têm mais de 12 anos de escolaridade. Não parece assim ter-se verificado a rápida progressão nas habilitações escolares dos pais sugerida pelo Censo de 2001. Já no grupo de pais da Grande Lisboa, com idades idênticas, quase metade (46%) dos progenitores indica o ensino secundário e 23% o ensino superior, possuindo, as mães, habilitações académicas ligeiramente superiores às dos pais.

Mesmo tendo presente as particularidades da participação destes pais, especialmente motivados a responder, tais diferenças de capital escolar não deixam de ilustrar as assimetrias nacionais e evidenciam a região da Grande Lisboa como uma das mais dinâmicas e modernas do país. Um ponto comum é que, tanto na sondagem nacional como no questionário distribuído nas escolas da Grande Lisboa, mais de metade das respostas foram dadas por mães (respectivamente 67,2% e 75%), marcando a figura materna como a que mais continua a acompanhar os filhos no lar, apesar da forte carga laboral fora de casa.

A diferença na escolaridade entre os pais da sondagem nacional e os inquiridos na Grande Lisboa prolonga-se também no acesso e uso da Internet. Em sintonia com a população adulta em Portugal, na sondagem nacional a maioria dos pais não utiliza o computador nem a Internet. Mais do que a idade, a escolaridade é o crivo, com metade dos pais com o ensino secundário e 96% dos pais com ensino superior a declarem-se utilizadores da Internet, enquanto apenas 22,5% dos pais com ensino básico a utiliza. Por sua vez, na Grande Lisboa 75% dos pais declarou utilizar o computador e ir à Internet é a actividade mais referida (62,5%). Estes valores não deixam de colocar questões pertinentes sobre os ambientes familiares de uso dos novos media por crianças, com a info-exclusão dos pais, que não conhecem nem acompanham o que os filhos fazem no computador. Iremos contudo ver como mesmo entre pais que utilizam a Internet há respostas dissonantes com as dos filhos.

Apesar das diferenças no acesso e uso, é comum aos pais uma atitude positiva face à Internet, centrada nas suas oportunidades e no seu contributo para as aprendizagens e o desempenho escolar. Com efeito, a maioria dos pais considera que a Internet oferece novas oportunidades de trabalho e que os benefícios do seu uso são superiores aos malefícios. Opiniões que crescem em função do grau de escolaridade dos inquiridos.



Importa ter presente este discurso positivo em relação à Internet, por marcar as expectativas dos pais sobre uma relação mais ampla dos filhos com as tecnologias de informação e comunicação mais recentes.

## **2. Olhares cruzados: as crianças e jovens**

Foram 814 as crianças entre os 9 e os 14 anos, 52% das quais do sexo feminino, que responderam ao inquérito realizado em 11 escolas públicas da Grande Lisboa.

Os seus ambientes familiares actualizam as tendências encontradas no Censo de 2001. Cerca de 8% das crianças inquiridas nasceram fora do país, comprovando assim o número crescente de crianças migrantes nas escolas da Grande Lisboa. Se a infância continua a ser vivida sobretudo no singular (25% são filhos únicos, 44% têm apenas um irmão), aumentaram os agregados com cinco e mais pessoas, cerca de 20%, com particular incidência em meios migrantes, enquanto o número de famílias monoparentais continua baixo (5%). Numa zona do país com elevada percentagem de mães empregadas, 30% das crianças não tem ninguém em casa quando regressa da escola.

Para efeitos de comparação das respostas de pais e filhos recorreremos aos 504 questionários emparelhados de crianças e pais, da Grande Lisboa.

### AMBIENTES DOS MEDIA EM LARES PORTUGUESES COM CRIANÇAS DOS 9 AOS 14 ANOS

Percorremos neste ponto as características da relação dos pais com os meios de comunicação social e como enquadram os media nas suas preocupações enquanto pais. Seguiremos depois para os filhos, caracterizando as actividades e os interesses que referem e os ambientes dos seus quartos de dormir. Por fim, conjugando pais e filhos, comentaremos os modos de ver televisão que foram identificados, daremos uma especial atenção às notícias e concluímos com as experiências e as vivências em torno da Internet.

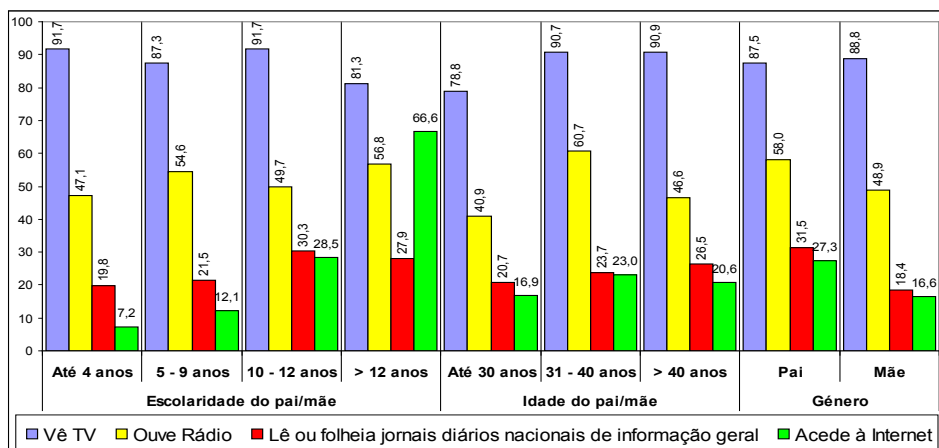
## 1. Relação dos pais com os meios de comunicação social

Com base nos resultados da sondagem nacional, os lares onde vivem crianças até 15 anos são marcados pela televisão como meio de comunicação social hegemónico, usado pelos pais para estarem informados, passarem o tempo e distraírem-se/divertirem-se (por esta ordem). Os pais com ensino secundário destacam o uso da televisão como passatempo (79%), enquanto que, para os restantes, ela funciona, sobretudo, como meio de informação (90% dos pais com ensino superior). São também os pais mais escolarizados os que mais referem o uso informativo de todos os outros meios (impressos, Internet e Rádio).

Enquanto telespectadores, os pais estão maioritariamente satisfeitos com os programas transmitidos no horário nobre e coincidem nos conteúdos preferidos (informação, filmes e séries). Se o grau de satisfação cresce com a idade, o movimento inverso dá-se com a escolaridade: cerca de metade dos pais com ensino superior manifesta-se insatisfeito com os programas transmitidos no horário nobre, enquanto essa insatisfação não vai além dos 15% entre os pais com escolaridade básica.

GRÁFICO 1

Televisão, Rádio, Jornais e Internet: práticas diárias (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Se a Televisão marca o dia-a-dia dos pais, os outros meios de comunicação social registaram valores significativos de não uso.

A Rádio não é usada, de todo, por 20% dos pais inquiridos, seja qual for o grau de escolaridade. Se o seu uso frequente varia pouco com a escolaridade, como se pode ver no Gráfico 1, as suas apropriações diferem significativamente. A função da rádio como passatempo é destacada por cerca de metade dos pais com ensino básico e secundário que colocam esse papel à frente do informativo. O papel informativo é sublinhado por mais de metade dos pais com ensino superior para os quais a rádio tem como segunda função servir de companhia e, só depois, a de ajudar a passar o tempo.

No que respeita aos meios impressos, o Gráfico 1 dá também conta da sua posição subalterna em relação aos audiovisuais entre os meios de uso frequente, e de um modo transversal relativamente à escolaridade, idade e sexo dos pais (com as mães no patamar inferior). O não acesso corrente a jornais, revistas e livros difere, novamente, segundo a escolaridade. Mais de um terço dos pais com ensino básico não lê habitualmente jornais e mais de metade não lê revistas, enquanto a não leitura de jornais e de revistas é referida por cerca de um quarto dos pais com ensino superior. Entre os leitores de jornais e revistas, a função hegemónica é a de informação.

Por sua vez, o uso da Internet relaciona-se directamente com as habilitações escolares dos pais, mais que duplicando na passagem dos pais com ensino secundário (28,5%) para os pais com ensino superior (66,6%). A idade é uma variável menos relevante do que o sexo, com as mães claramente mais afastadas desse uso do que os pais.

A relação com os livros é a mais marcada pela escolaridade, em números expressivos do grau de distanciamento face a estes recursos: cerca de dois terços dos pais com ensino básico, metade dos pais com ensino secundário e um quinto dos pais com ensino superior declara não fazer uso de livros na sua vida corrente. Entre os leitores, a dimensão funcional ligada à aprendizagem predomina sobre as restantes (informar-se, passar o tempo, distrair-se, descansar).

Por último, mais de metade dos pais não costuma ir ao cinema mas faz grande uso do DVD no seu dia-a-dia. Ambos os meios audiovisuais, experienciados fora e dentro de casa, estão ligados a actividades de lazer (distrair-se/divertir-se).

Há assim uma clivagem por parte dos pais de crianças até 15 anos nas relações com os meios audiovisuais e impressos e entre os meios que providenciam informação e distração/entretenimento/passatempo, e que é sobretudo marcada pela sua escolaridade. São de reter os relativamente baixos valores associados aos meios impressos junto de uma população mais letrada, e os usos que referem como dominantes. Deste modo, será possível suster que a cultura dos ecrãs e a sua associação ao lazer não se restringe à infância e aos primeiros anos de vida. O baixo recurso a meios impressos, dos jornais a livros e à literatura, como meios de informação e do lazer/fruição da leitura, que vem de gerações anteriores e que caracteriza negativamente a sociedade portuguesa por comparação com outras sociedades europeias, continua a evidenciar-se entre os pais das crianças até 15 anos e que são na sua maioria jovens adultos na casa dos trinta anos.

## **2. O lugar dos media nas preocupações parentais**

As respostas dos pais da Grande Lisboa sobre as questões que mais os preocupam relativamente à criança/filho no mundo actual ajudam a posicionar as preocupações específicas com os media no conjunto das preocupações parentais. Mesmo sabendo que uma questão como esta convoca a “boa resposta”, nota-se que a opção “preocupa muito” é mais referida pelos pais com ensino secundário do que pelos restantes.

As três principais preocupações apontadas pelos progenitores (expressas sobretudo por mães, já que dois terços das respostas aos questionários foram delas), incidem na segurança física e apontam (sobretudo) o espaço exterior ao lar como ameaçador. Com valores superiores a 80%, foram apontadas a insegurança nas ruas, a criança poder ser vítima de crime e o acesso a drogas: valores mais elevados entre os pais com ensino básico e secundário. O mundo exterior ao lar configura-se assim como perigoso, com consequências nos tempos livres da criança, na deslocação da sua vivência do espaço público da rua para o espaço privado do lar ou de outras instituições de vigilância e acompanhamento.

Um segundo bloco de grandes preocupações, na ordem dos 50-70%, incide agora no próprio lar, com aquilo que conecta a criança com o mundo “lá fora” e com a capacitação/socialização da criança para que se venha a realizar

enquanto adulto. Duas preocupações associadas à televisão - os conteúdos violentos e a linguagem agressiva - vão a par da preocupação com a transmissão de valores para o crescimento (esta mais referida por pais com ensino superior) e com as perspectivas profissionais, mais expressa por pais com ensino secundário.

QUADRO I  
Preocupações parentais (%)

| Tipo de preocupação                                 | Escolaridade do pai/mãe |            |          | Pai  | Mãe  |
|---|-------------------------|------------|----------|------|------|
|   | Básico                  | Secundário | Superior |      |      |
| A criança/adolescente ser vítima de um crime        | 87,8                    | 91,8       | 80,7     | 85,5 | 89,6 |
| Acesso a drogas                                     | 90,1                    | 88,8       | 81,6     | 84,5 | 88,6 |
| Segurança nas ruas                                  | 76,3                    | 82,8       | 65,8     | 75,5 | 77,4 |
| Violência na televisão                              | 66,9                    | 63,8       | 51,8     | 64,5 | 61,2 |
| Perspectivas profissionais                          | 48,9                    | 63,4       | 56,1     | 56,4 | 58,4 |
| Transmissão de valores para o crescimento           | 45,8                    | 53,0       | 71,1     | 50,0 | 56,9 |
| Linguagem agressiva na televisão                    | 53,4                    | 50,0       | 49,1     | 53,6 | 50,6 |
| Falta de tempo para estar com a criança/adolescente | 42,7                    | 48,7       | 41,2     | 44,5 | 45,7 |
| Sexo na televisão                                   | 51,9                    | 46,6       | 40,4     | 51,8 | 45,5 |
| Modelos educacionais na escola                      | 37,4                    | 36,2       | 46,5     | 40,0 | 38,7 |
| Aumento do tempo de uso de jogos de computador      | 28,2                    | 34,5       | 27,2     | 30,0 | 31,9 |
| Espaços de apoio para actividades de tempos livres  | 33,6                    | 33,6       | 21,9     | 28,2 | 31,9 |
| Não ter preocupações com o filho                    | 16,8                    | 16,8       | 7,9      | 14,5 | 14,8 |

*Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE*

No meio da tabela, a preocupação com o sexo na televisão decresce com a escolaridade dos pais, recolhendo, no entanto, menor expressão do que a relativa ao

acesso à Internet por parte das crianças. A preocupação com conteúdos de ordem sexual parece constituir-se como um referente da sociedade portuguesa (por contraste por exemplo com os países do norte da Europa onde conteúdos de educação sexual adequados a crianças fazem parte da ementa de programas educativos).

A falta de tempo para estar com a criança, o aumento do tempo dedicado a jogos de computador e os modelos educacionais da escola são preocupações sentidas como muito relevantes por cerca de metade dos pais. Enquanto os pais com ensino superior são os mais preocupados com o modelo educacional da escola, os pais com ensino secundário são os mais preocupados com o tempo da criança: a *sua* falta de tempo e o excesso de tempo em jogos de computador.

No final da tabela, a “muita preocupação” com a escassez de espaços de apoio para actividades de tempos livres é menos expressa por pais com ensino superior, os que também menos exprimem não ter preocupações com a criança.

Os resultados sugerem que os pais com ensino secundário são os que mais parecem incorporar os receios e as inquietações quanto ao presente dos seus filhos e também quanto ao seu futuro, numa certa tradução da sua dificuldade em gerir tempos e recursos financeiros escassos e em lidar quer com a sua própria instabilidade profissional quer com a sua própria criança e os usos (a seu ver excessivos) que realiza com os media. Por outro lado, e dando conta das ambiguidades que estas questões colocam à mediação dos pais, vimos como privilegiam, no seu uso pessoal dos meios de comunicação social, a dimensão de passatempo mais do que a informativa e iremos ver como têm dificuldade em se comprometer na apreciação da qualidade da programação para crianças e se destacam também por um investimento mais intenso nas tecnologias nos quartos dos filhos, numa aparente ansiedade por lhes proporcionar ambientes ricos em media que os mantenham em casa e lhes assegurem a protecção do exterior.

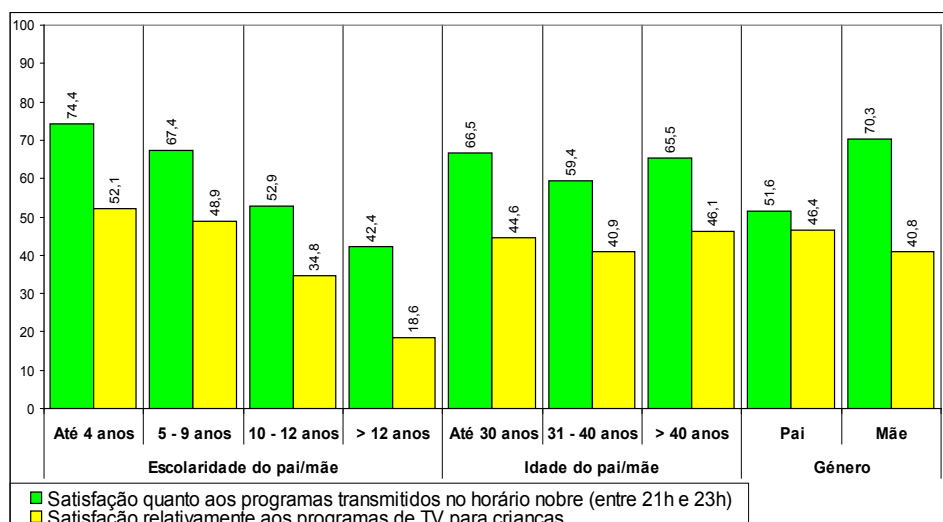
### **3. Satisfação com a programação televisiva para crianças**

Apesar de exprimirem satisfação com a programação televisiva de horário nobre que lhes é destinada, os pais inquiridos na sondagem nacional exprimem menor satisfação face à programação televisiva para crianças: mais de 40% dos pais

declaram-se satisfeitos relativamente aos programas de televisão para crianças, mais do dobro dos que se declaram insatisfeitos, mas longe do seu próprio grau de satisfação enquanto telespetadores.

GRÁFICO 2

Satisfação paterna com a programação televisiva para crianças (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

São os pais mais velhos e os residentes na Madeira e nos Açores os que se declaram mais satisfeitos.

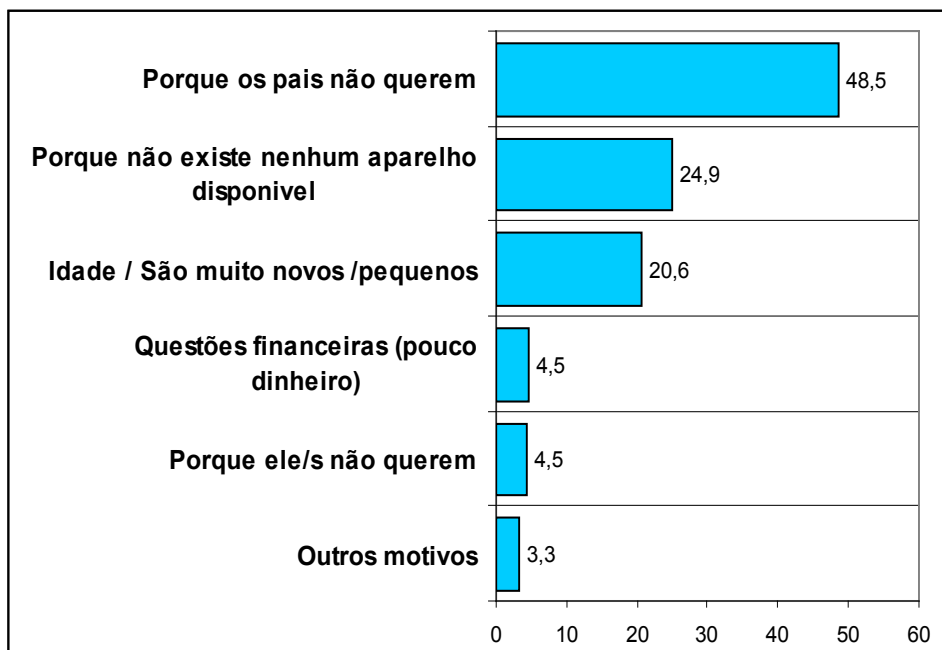
A expressão de satisfação é também aqui inversamente proporcional ao grau de escolaridade. Os pais com ensino superior e secundário são os que menos tomam posição clara de satisfação ou de desagrado pela programação para crianças, ou por a desconhecem (sem “participação activa” nesse visionamento com a criança?), ou por falta de tempo, ou como que a marcarem distância e indiferença face aos conteúdos disponibilizados pelos canais televisivos por disporem de outros recursos. Por seu lado, cerca de metade dos pais com ensino básico exprime satisfação para com esses programas. Veremos como esta atitude tem correspondência nas formas de regulação parental do visionamento televisivo.

#### 4. Benefícios e malefícios da televisão na perspectiva dos pais

Embora manifestando insatisfação com a programação para crianças, os pais portugueses não têm grandes reservas em instalar o televisor no quarto dos filhos: a sondagem nacional evidenciou a forte presença do televisor no quarto das crianças (na ordem dos 60%). Entre a minoria dos pais (37%) que declarou não ter televisor no quarto da criança, pouco menos de metade apontou como motivo dessa ausência a sua recusa em instalar o equipamento. Situações conjunturais (não existir um aparelho disponível, a criança ainda ser muito nova, haver pouco dinheiro) foram apontadas como razão para não haver (ainda) televisor no quarto da criança. A não instalação de televisores no quarto das crianças como decisão parental é assim suplantada pelo desejo de instalar esse equipamento no quarto da criança logo que isso seja possível/adequado à sua idade.

GRÁFICO 3

Razões pelas quais os pais não instalam TV no quarto dos filhos



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE



Tendo presentes os quartos ricos em ecrãs televisivos, como é que os pais se pronunciam sobre os efeitos da televisão nos comportamentos dos seus filhos?

Apesar de os questionários com respostas fechadas apresentarem resultados quantitativos algo redutores, por não darem conta da construção reflexiva da resposta e das suas contingências, as considerações sobre os efeitos da televisão nesses comportamentos sugerem a ambivalência destas questões e mostram ainda dissonância nas respostas por graus de escolaridade.

QUADRO II  
Efeito da TV no comportamento dos filhos (%)

|  | Escolaridade do pai/mãe |            |          | Pai  | Mãe  |
|--|-------------------------|------------|----------|------|------|
|  | Básico                  | Secundário | Superior |      |      |
| Frequentemente querem comprar coisas que vêem na TV                      | 77,1                    | 81,0       | 92,1     | 79,1 | 83,4 |
| Poderiam ler mais se vissem menos TV                                     | 78,6                    | 80,6       | 78,9     | 74,5 | 81,0 |
| Por vezes imitam comportamentos que viram na TV                          | 69,5                    | 83,6       | 81,6     | 80,0 | 78,7 |
| Percebem a diferença entre personagens e pessoas reais                   | 77,9                    | 75,0       | 60,5     | 70,9 | 71,7 |
| Frequentemente ficam aborrecidos com notícias que envolvam violência     | 68,7                    | 65,1       | 61,4     | 48,2 | 69,6 |
| Aprendem muito com a TV  | 61,8                    | 59,5       | 61,4     | 58,2 | 60,5 |
| Frequentemente ficam aborrecidos com programas que envolvam violência    | 61,8                    | 57,8       | 50,0     | 50,9 | 57,4 |
| Ver TV motiva-as à preguiça  | 53,4                    | 50,4       | 56,1     | 56,4 | 51,4 |
| Ver TV tem feito as crianças crescerem mais depressa                     | 45,8                    | 56,0       | 50,9     | 43,6 | 54,0 |
| Ver TV tem feito com que considerem a violência como normal no dia a dia | 48,1                    | 45,3       | 44,7     | 53,6 | 44,2 |

Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

A influência no consumo é a que recolhe maior acordo e cresce com a escolaridade dos pais, a sugerir também o reconhecimento de uma maior disponibilidade

financeira da família por parte das crianças. Por idade das crianças, são os pais de crianças entre 6 e 10 anos os que mais concordam (83%).

Sem dúvida que a publicidade e os apelos aos consumos são uma fonte de conflitos e tensões na família, e que a esses comportamentos visíveis se acrescentam os (nem sempre visíveis) sentimentos de frustração e de insatisfação, numa sociedade nunca completada. Este será um comportamento claramente visível e observável nas crianças, quando se deslocam a espaços de consumo cada vez mais incorporados nos momentos de lazer das famílias, embora a pesquisa tenha mostrado que as primeiras impressões com os produtos não são substituídas também nas crianças e que a sua eficiência é tanto maior quanto escasseia a de outros agentes de socialização, como os pais (Lemish, 2007: 86-90).

Mais de três quartos dos pais concorda que o filho poderia ler mais se visse menos televisão, numa distribuição transversal à escolaridade. Essa consideração atinge 69% dos pais de crianças em idade escolar, e mesmo mais de metade (56%) dos pais de crianças até 5 anos consideram estabelecida a relação inversamente proporcional entre a televisão e a leitura, nesta que será uma das maiores considerações de senso comum.

Na verdade, (hoje) a relação das crianças com os livros não suscita tanta preocupação como suscita a relação com os ecrãs. Mas, também no passado, alguns tipos de livros (com a banda desenhada) se constituíam como ameaças e as preocupações com os “conteúdos desadequados” eram frequentes.

Se a correlação negativa entre televisão e leitura é sublinhada pela maioria dos pais, é igualmente uma maioria de pais que manifesta concordância com opiniões sublinhando capacidades cognitivas das crianças enquanto telespectadoras:

- Mais de metade dos pais concorda que o seu filho aprende muito com a televisão, também uma consideração transversal à escolaridade. São os pais de crianças mais novas os que mais sublinham as suas aprendizagens: o valor mais elevado provem dos pais de crianças com menos de 5 anos (63%), diminuindo com a idade. Para este facto pode contribuir o maior peso de programas educativos para crianças em idade pré-escolar, combinando o lúdico com aprendizagens cognitivas.

- Cerca de três quartos dos pais com ensino básico e secundário também concorda que o filho percebe a diferença entre personagens e pessoas reais, um valor superior ao dos pais com ensino superior (60%). Segundo a pesquisa académica na área da Psicologia do desenvolvimento, a distinção entre fantasia e realidade realiza-se por volta dos oito anos de idade, com a entrada na fase do pensamento operatório. Nas respostas à sondagem nacional, cerca de 50% dos pais de crianças até cinco anos entende que elas já operam a distinção, antecipando assim tal competência. A jusante, todavia, parece haver um certo retardamento desse reconhecimento, admitido, apenas, por um terço dos pais de crianças entre 10 e 14 anos.

A imitação de comportamentos que a criança viu na televisão (genericamente designados e onde se incluem comportamentos pró-sociais) é menos reconhecida pelos pais com escolaridade básica mas, mesmo assim, atinge os 70%. Por idades das crianças, o seu reconhecimento é particularmente elevado nos pais de crianças com menos de 10 anos (onde atinge 63-65%). São os pais com ensino secundário os que mais apontam este efeito.

Numa certa associação com as considerações negativas que sugerem a televisão como inimiga da leitura, a maioria dos pais concorda que ver TV motiva o filho à preguiça. São os pais com ensino superior os que mais expressam esta concordância, sugerindo uma identificação do tempo passado a ver televisão com “tempo perdido”. Iremos ver no cruzamento com as respostas dos filhos, sobre os usos que fazem dos media, como ver televisão é uma escolha valorizada em certos momentos de ausência de alternativa. Mas esta questão não pode deixar também de se relacionar com o tempo passado a ver televisão, actividade que ocupa grande parte dos fins-de-semana de muitas crianças e marca presença diária de algumas horas nos restantes dias (a pesquisa na área da Saúde diz-nos que a obesidade e défices de atenção tendem a aparecer em crianças com visionamentos televisivos superiores a quatro horas diárias).

É nas perguntas relativas aos efeitos que envolvem violência que os pais manifestam menor concordância, frequentemente abaixo da metade da tabela, embora tenham anteriormente manifestado grande preocupação com os conteúdos televisivos violentos em geral.

Os pais que concordam que ver televisão contribui para a banalização da violência por parte das crianças, independentemente da idade destas, ficam-se sempre pelos 40%. Os pais com o ensino básico são os que concordam mais com esta afirmação. Por sua vez, afirmações mais direccionadas para conteúdos específicos (“frequentemente as crianças ficam aborrecidas com notícias ou programas de ficção que envolvem violência”) foram das que registaram padrões mais diferenciados de resposta entre pais e mães (com estas a sublinharem esse efeito negativo sobretudo nas notícias), decrescendo a concordância com o aumento da escolaridade.

A preocupação com conteúdos televisivos associados a violência e os efeitos nas crianças faz parte há muito de um discurso público dominante sobre a televisão, mas onde os pais directamente não revêem os seus filhos, num “efeito terceira pessoa” (fará mal mas aos filhos dos outros). Contrariando a pesquisa de inspiração behaviorista, de procura de efeitos directos da exposição dos indivíduos a conteúdos violentos, realizada muitas vezes em ambientes laboratoriais, a investigação contextualizada, inquirindo as crianças e observando-as nos seus ambientes familiares, dá conta de uma relação circular, muito mais do que linear. Essa investigação sublinha as diferenças entre os conteúdos violentos (realistas e ficcionais), os formatos de edição em que aparecem (animação, ficção realista, notícia, outros), os perfis das crianças (crianças mais perturbadas e com dificuldades cognitivas tendem a procurar mais conteúdos violentos), a variável género (conteúdos ficcionais violentos tendem a ser mais procurados por rapazes) ou de factores como as formas de regulação parental, entre outros.

Por fim, são os pais com ensino secundário os que mais admitem que ver televisão fez a criança crescer mais depressa, de novo a sugerir como o tempo da criança é marcado por estes meios.

## **5. Actividades e interesses das crianças**

Inquiridas sobre as suas actividades mais frequentes, as preferidas, as de que gostam mais de conversar com os amigos e as que preferem fazer quando estão sós, as crianças traçaram algumas diferenças entre os seus usos e preferências.

QUADRO III

Actividades hierarquizadas por frequência, conversa e preferências (%)

| Actividades mais frequentes   | Actividades mais faladas com amigos | Actividade preferida entre todas | Actividade preferida quando está só |
|-------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------|-------------------------------------|
| Ver televisão – 95,8          | Televisão – 63,6                    | Praticar desporto – 18,4         | Jogos de computador - 26            |
| Ouvir música – 86,7           | Música – 57,6                       | Ouvir Música – 15,5              | Ouvir Música – 20,2                 |
| Brincar em casa – 72,1        | Praticar desporto – 57,1            | Jogos de computador – 14,6       | Televisão – 13,1                    |
| Jogar computador – 66,4       | MSN – 56,3                          | Televisão – 9,3                  | Praticar desporto – 7,7             |
| Ouvir rádio – 64,2            | Jogos de computador – 55,9          | MSN – 8,1                        | Livros não escolares - 6            |
| Consultar sites – 64,3        | SMS/MMS – 47,1                      | Brincar na rua – 5,8             | Brincar em casa – 5,2               |
| Praticar desporto – 63,5      | Passeios – 40,7                     | Cinema – 4,9                     | MSN – 3,9                           |
| Enviar SMS/MMS – 59,5         | Video/DVD – 40,2                    | Livros não escolares - 4         | Aprender música/dança – 2,8         |
| Passear – 57,3                | Brincar na rua – 39,7               | Aprender música/dança – 3,5      | SMS/MMS – 2,5                       |
| Conversas MSN- 55,9           | Sites – 36,9                        | Brincar em casa – 3,3            | Sites – 1,3                         |
| Brincar na rua – 55,1         | Cinema – 30,3                       | SMS/MMS – 2,9                    | Passeios - 1                        |
| Ver video/DVD – 53,1          | Brincar em casa - 24                | Passeios – 2,8                   | Brincar na rua – 0,9                |
| Ler livros não escolares - 48 | Aprender música/dança - 21,6        | Banda desenhada – 1,9            | Banda desenhada – 0,6               |
| Ler revistas/jornais – 38,5   | Livros não escolares – 16,2         | Sites – 1,4                      | Vídeo/DVD – 0,6                     |
| Ler banda desenhada – 25,5    | Rádio - 15                          | Vídeo/DVD – 1,3                  | Cinema – 0,4                        |
| Aprender música/dança – 23,3  | Revistas/jornais - 15               | Rádio – 1,3                      | Rádio – 0,3                         |
| Chats – 20,2                  | Chats – 10,9                        | Revistas/jornais - 0             | Revistas/jornais – 0,1              |
|                               | Banda desenhada – 7,6               | Chats - 0                        | Chats - 0                           |

Fonte: Questionários distribuídos em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

Mesmo tendo presente alguma inflação da primeira coluna, que reporta as actividades mais frequentes (“todos os dias” e “quatro a seis dias por semana”), a leitura comparada das quatro colunas proporciona interessantes pistas sobre as experiências e os usos dos meios por parte das crianças.

A coluna das actividades mais frequentes aponta já, claramente, o domínio dos meios audiovisuais e electrónicos face aos impressos.

No conjunto, ver televisão e ouvir música são as actividades mais frequentes e também as mais faladas com os amigos. A música é o veículo mais transversal, enquanto ver televisão, que lidera em frequência, aparece indicada em quarta posição como actividade favorita, com metade do valor atribuído à actividade que lidera - praticar desporto. Esta actividade física, que coloca as crianças fora do quarto e de casa, é também um forte tema de conversa e uma forma de contornar a solidão, aparecendo contudo bastante abaixo do visionamento televisivo em termos de frequência. A necessidade e o gosto pela actividade física são assim destacados, sugerindo que a reflexão sobre os media na vida das crianças não pode excluir a importância de alternativas, disponíveis ou não.

Saliente-se que, de entre as actividades favoritas, encontram-se ainda na primeira metade da lista outras actividades de exterior, como brincar na rua e ir ao cinema.

Sem surpresa, os jogos de computador situam-se entre as actividades mais frequentes, entre as mais faladas com os amigos, as favoritas e as actividades para quando se está só. Também outra actividade ligada aos novos media, o envio de mensagens electrónicas, constitui-se como actividade frequente, de partilha de conversa e entre as favoritas. Se a televisão tem uma forte presença, os ecrãs dinâmicos do computador e das consolas substituem claramente o recurso ao vídeo e os MP3/4 substituem o rádio como companhia e recurso, num efeito de substituição dos media clássicos pelos de nova geração.

As diferenças de sexo e de idade são muito visíveis nas preferências: os rapazes preferem praticar desporto como primeira escolha, logo seguido de jogos de

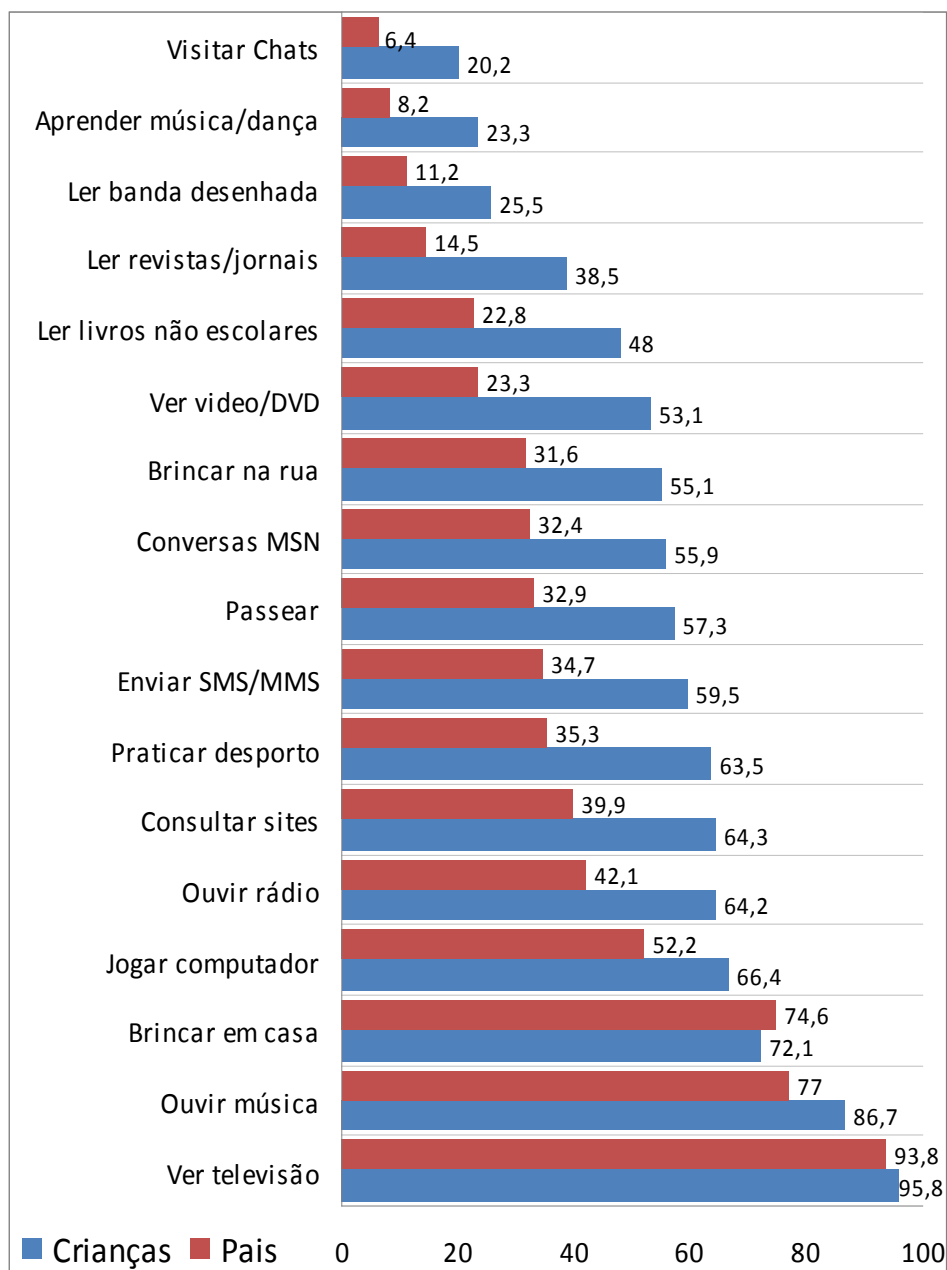
computador e por brincar na rua (mais novos) e ouvir música (mais velhos). Já as raparigas colocam ouvir música em primeiro lugar, seguido de ver televisão (mais novas) e enviar mensagens (mais velhas).

Em ambientes onde as crianças estão muitas vezes sós, os media são sobretudo importantes como companhia, com destaque para os jogos de computador, as aparelhagens áudio, a televisão e os livros não escolares, que aqui surgem nos primeiros lugares, à frente de outras actividades ligadas à Internet. Novos media substituem assim media clássicos, em processos transformativos, mas sem que os antigos tenham desaparecido totalmente: a rádio terá passado do lugar central que tinha nas gerações anteriores para uma posição secundária, mas ouvir rádio continua a figurar entre as actividades mais frequentes, e a leitura de livros não escolares também. Já outros meios impressos aparecem quase sempre no final da tabela, dada a ausência de títulos de revistas/jornais bem implantados e dirigidos explicitamente a crianças desta idade.

Cruzando de novo os olhares de pais e filhos da Grande Lisboa sobre as actividades mais frequentes na vida das crianças, vemos que, se a posição hierárquica das actividades não varia muito, as diferenças nos valores atribuídos à frequência dessas actividades são significativas (Gráfico 4). De novo, mais do que verificar a exactidão dos números, interessará ver em posição relativa como crianças e pais posicionam as actividades mais frequentes.

GRÁFICO 4

Olhares cruzados sobre actividades mais frequentes das crianças (%)



Fonte: Questionários distribuídos em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE



Se há um quase total paralelismo na ordem das actividades, o reconhecimento da frequência e do peso que têm no quotidiano das crianças varia bastante entre pais e filhos. Apenas o visionamento televisivo e o brincar em casa quase coincidem, o primeiro a ser referido pela quase totalidade de pais e filhos e o segundo ligeiramente mais apontado pelos pais. Todas as restantes actividades são referidas como frequentes muito mais pelas crianças do que pelos pais, várias delas com diferenças superiores a 20% (leitura, visionamento de vídeo/DVD, envio de mensagens e outras actividades ligadas à Internet), e actividades físicas.

Não podendo avaliar a precisão destes números, que podem ter sido sobreavaliados por uns e subestimados por outros, é de notar contudo que as três actividades que os pais mais referem (ver televisão, ouvir música e brincar em casa) são todas de carácter mais genérico, mais fácil de percepcionar sem um acompanhamento próximo, enquanto as que menos referem tendem a ocorrer mais na privacidade da criança, no seu uso pessoal de recursos (computador, livros, telemóvel), ou em espaços informais na escola e de exterior (dança, desporto).

Ligados às actividades que realizam ou gostariam de realizar e aos conteúdos a que acedem, dos temas de interesse geral que as crianças da Grande Lisboa mais referem destacam-se claramente a música, o desporto, o humor, a aventura e acção, todos referidos em mais de três quartos das respostas. O interesse por estrelas do espectáculo e conteúdos ligados mais à natureza e ambiente também estão no topo (acima dos 70%). Conteúdos de terror fascinam as crianças e de uma forma transversal à idade e ao sexo, como há muito vem sendo apontado pelos estudos da Psicanálise. Mais de metade refere ter muito interesse/interesse por estes conteúdos que exploram as emoções e a capacidade de lidar com elas, uma característica frequentemente desvalorizada pelo discurso corrente em torno dos efeitos televisivos de conteúdos considerados violentos ou desadequados. Entre os temas menos referidos como interessantes (na casa dos 30%) estão conteúdos ligados a crime, a notícias e a guerra. Aparentemente, as crianças diferenciam e procuram menos uma violência de tipo mais realista, em registos ficcionais e de informação:

QUADRO IV  
Interesse das crianças por temas e programas televisivos (%)

| Muito interesse pelos temas | Vistos com frequência     | Gosto pelos programas     |
|-----------------------------|---------------------------|---------------------------|
| Música – 83,2               | Séries televisivas – 70,6 | Aventura e acção - 80     |
| Desporto – 79,9             | Telenovelas – 67,6        | Comédia – 79,3            |
| Aventura e acção – 74,9     | Desenhos animados – 65,8  | Séries televisivas – 73,2 |
| Comédia - 74                | Desporto – 60,1           | Desenhos animados – 69,9  |
| Estrelas de cinema – 71,9   | Comédia – 57,1            | Desporto – 67,2           |
| Viagens – 70,6              | Música – 56,6             | Música – 64,9             |
| Animais e natureza – 68,1   | Notícias - 53             | Telenovelas – 64,5        |
| Terror – 54,5               | Aventura e acção – 51,5   | Terror – 53,1             |
| Arte e teatro – 48,6        | Concursos – 46,7          | Concursos – 52,6          |
| Ficção científica – 48,4    | Documentários - 40        | Documentários – 42,5      |
| Crimes – 36,4               | Romance – 28,8            | Notícias – 35,5           |
| Romance – 32,2              | Terror – 25,7             | Romance – 28,8            |
| Notícias - 29               |                           |                           |
| Guerra – 28,1               |                           |                           |

Fonte: Questionários distribuídos em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

Comparando o interesse pelos temas com a frequência no visionamento de programas televisivos relacionados com esses temas, verifica-se que programas de aventura e acção, de desporto e de música são vistos com uma frequência inferior ao que seria de esperar tendo em conta o interesse que despertam. O mesmo acontece com conteúdos de terror e comédias. Note-se que alguns desses conteúdos de aventura e acção podem ser realizados nas séries de desenhos animados, que aparecem nos lugares de topo.

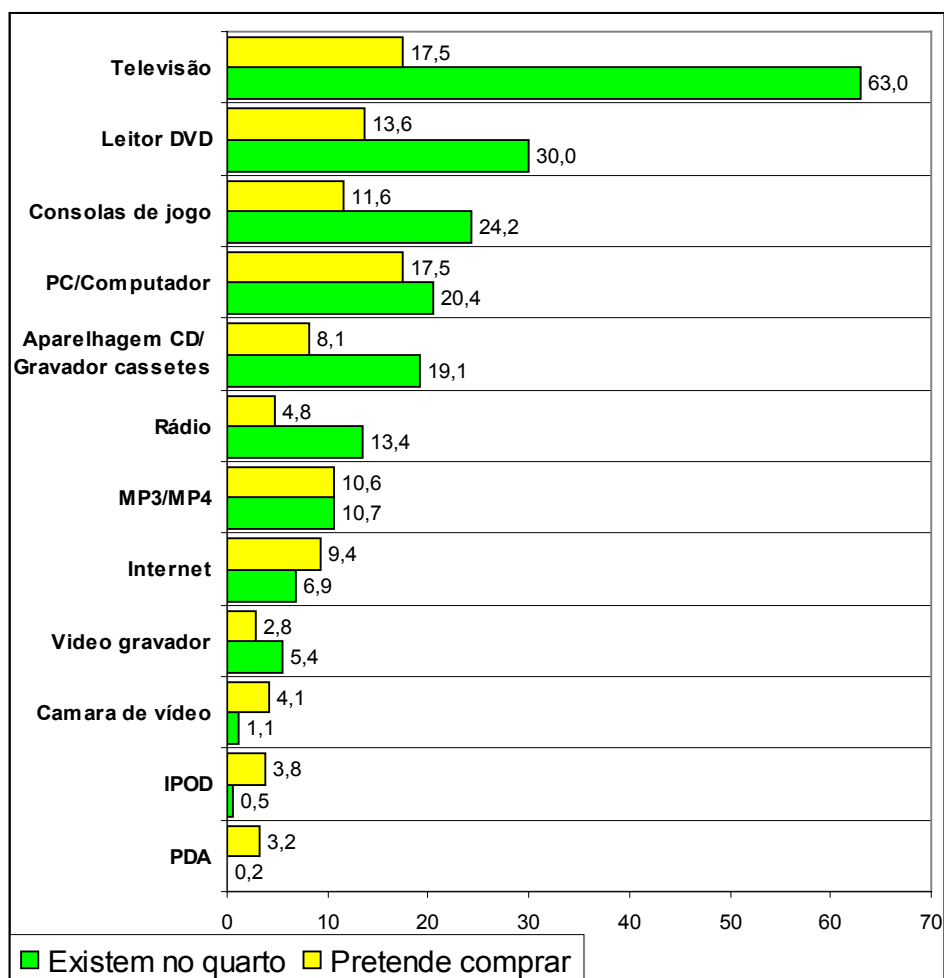
Situação inversa ocorre quanto às notícias do telejornal que, proporcionalmente, são vistas com uma frequência bastante superior (53% dos inquiridos) ao interesse que despertam ou ao apreço que suscitam (29 e 35,5%). O telejornal constitui-se como um momento ritual, organizador da rotina familiar e coincidindo com a hora do jantar nos lares. As crianças vêem-no mas não necessariamente por sua escolha.

Por sua vez, o grande interesse das crianças quanto a temas ligados ao meio ambiente (animais e natureza, viagens) parece articular-se dificilmente com o formato documentário, onde, em princípio, esses temas tenderiam a aparecer mais. Com efeito, o formato documentário merece o apreço de menos de metade das crianças inquiridas.

## 6. Os quartos das crianças

Para caracterizar de que modo os pais portugueses consideram a televisão e outros equipamentos de comunicação na vida dos seus filhos, foi-lhes perguntado que equipamentos tinham instalados nos quartos dos filhos e quais pretendiam vir a comprar.

GRÁFICO 5  
Equipamentos (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

De entre os pais que responderam à sondagem nacional, o televisor é de longe o equipamento mais presente (em mais de 60% dos quartos) e começa a ser companhia no quarto da criança desde muito cedo: está já em mais de metade (55%) dos quartos de crianças até 5 anos, em 68% dos quartos de crianças entre 6 e 10 anos e em 78% dos quartos dos maiores de 10 anos. Duplica a presença do DVD, que aparece em seguida, com lugar marcado em cerca de terço dos quartos de crianças em idade escolar. Televisor e DVD funcionam em conexão e fornecem conteúdos de entretenimento alternativos aos canais televisivos e provenientes da indústria videográfica, que os pais consideram adequados à idade da criança e que esta pode ver sozinha. Um equipamento obsoleto e praticamente sem expressão, no quarto das crianças mais velhas, é o vídeo gravador que quase desaparece das listas das futuras compras.

Por sua vez, as tecnologias digitais reforçam-se no quarto da criança com a presença das consolas de jogos e do computador. A seguir aos televisores, predominam os ecrãs das consolas de jogos, presentes em cerca de 30% dos quartos das crianças a partir dos 6 anos, e em 15% dos quartos de crianças com menos de 6 anos. Mas as consolas são batidas pelos computadores (e pelos DVD) enquanto futura aquisição para os quartos de crianças.

O computador existe em 35% dos quartos das crianças de 11 a 14 anos, em 18% dos quartos de crianças de 6 a 10 anos e em 16% dos quartos das crianças com menos de 5 anos. É um dos equipamentos mais apontados como futura compra, aparentemente em conexão com o desempenho escolar pois cerca de 40% dos pais de crianças em idade escolar considera essa aquisição.

A Internet tem expressão reduzida nos quartos das crianças, estando apenas em cerca de 4% dos quartos das crianças com menos de 10 anos e chegando aos 14% nos quartos de crianças de 11 a 14 anos. São os pais de crianças mais novas que maior interesse manifestam em equipar os quartos dos filhos com Internet, sobretudo os pais com ensino superior (25% das respostas).

A Rádio desempenha um papel secundário face à aparelhagem CD/gravador de cassetes. Mas tanto a Rádio como as aparelhagens irão ceder lugar aos novos meios móveis de audição associados ao computador, o MP3 e o MP4, que figuram também no topo da listagem de compras dos pais.

Ainda que com valores claramente inferiores, a câmara de vídeo, o iPod e o PDA, hoje ainda residuais ou inexistentes, recolhem intenções de compra numa lista que não exclui qualquer um destes meios e que aponta assim para o desejo de que a criança disponha de um largo acesso a novas tecnologias no seu quarto. No imaginário dos pais, parece não haver separação entre equipamentos para crianças e para adultos, e o investimento naqueles supera mesmo o investimento nestes.

Os quartos das crianças apresentam-se, assim, como ambientes tecnológicos de ponta, sobretudo dominados pelos ecrãs, pela articulação e convergência entre meios, a co-presença e a mobilidade.

Balizando entre os níveis de escolaridade dos pais, diferenciam-se algumas opções de escolha.

Os quartos das crianças cujos pais têm ensino superior apresentam dois traços distintos quanto à presença do televisor: há, nesses quartos, menos televisores do que nos quartos de crianças cujos pais têm apenas escolaridade básica e, quando existem, estão mais frequentemente associados ao DVD, o que reduz a dependência da criança relativamente à programação televisiva que lhe é dirigida.

Nas respostas dos pais com ensino superior verificam-se ainda outras tendências distintas:

Por um lado, destacam-se como providenciadores de ambientes ricos em media e sobretudo de ecrãs digitais que estimulam escolhas de conteúdos e usos diversificados. Além de menos televisores, é onde há também menos consolas de jogos e onde há mais computadores, DVDs, aparelhagem CD, MP3/MP4 e câmaras de vídeo, atingindo valores que, muitas vezes, mais do que duplicam os verificados em quartos de crianças cujos pais têm menor formação académica.

Por outro lado, quando interrogados sobre equipamentos a adquirir, manifestam moderação. Interessam-se em obter ou melhorar o acesso à Internet. Mas, ao contrário do que acontece nos outros grupos de escolaridade, o televisor não

atinge os 10% das suas intenções de compra. No conjunto dos equipamentos disponíveis e mesmo se os quartos dos seus filhos já se encontram apetrechados, haverá aqui como que uma distanciação relativamente a quartos mais “tradicionais” em média. Não por falta de recursos financeiros, mas por opção parental de não instalar certos equipamentos nesse espaço.

Esta postura contrasta com a dos pais com ensino secundário, de longe os mais entusiastas na aquisição de novos equipamentos móveis e que colocam como primeira opção na sua lista de aquisições o emparelhamento televisor e DVD.

Também nos quartos de crianças cujos pais têm o ensino básico (a maioria), o computador suplanta o televisor no primeiro lugar da lista de compras eventualmente a concretizar. Seguem-se as consolas de jogos, DVDs e MP3/MP4, enquanto que a Internet regista níveis de intenção bem menores.

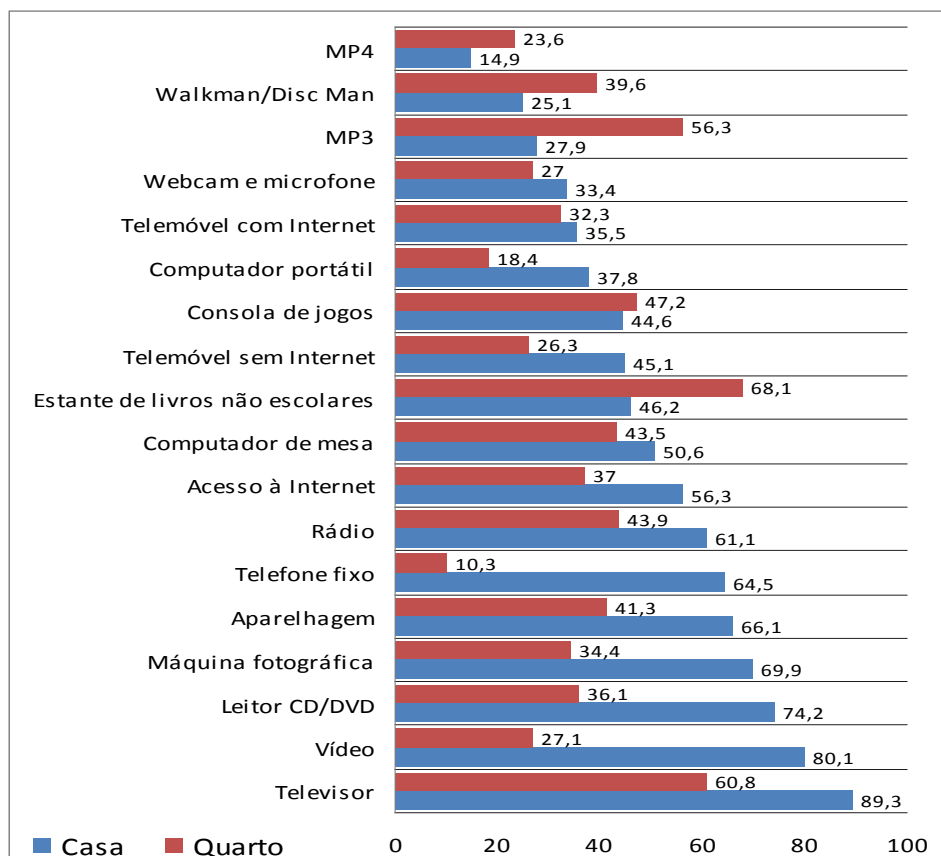
Como nos lares britânicos, a distinção entre quartos de crianças ricos em média e tradicionais não resulta tanto de diferenças económicas mas de considerações de ordem cultural. Confirma-se, por outro lado, a aspiração, entre os pais com menor escolaridade, de virem a proporcionar aos seus filhos quartos apetrechados com equipamentos digitais de ponta.

Os inquéritos realizados em escolas da Grande Lisboa permitem novos enquadramentos neste retrato dos ambientes do quarto. A comparação dos registos das crianças (N=814) sobre o que têm em casa e no quarto aponta claramente para duas lógicas de utilização dos media no espaço doméstico<sup>12</sup>:

---

12 Muitos pais não assinalaram os equipamentos em casa.

GRÁFICO 6  
Equipamentos em casa e no quarto da criança (%)



Fonte: Questionários distribuídos em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

Em casa, predominam os meios audiovisuais clássicos (televisor, gravador vídeo, leitor CD/DVD, máquina fotográfica, aparelhagem, telefone fixo, rádio), que antecedem o acesso à Internet e o computador de mesa, estes registados em metade dos lares.

Menos de metade das crianças indica a existência de estantes de livros não escolares em casa. Estantes de livros não-escolares aparecem, no entanto, em posição cimeira nos seus próprios quartos (68%), o que sugere uma associação entre leitura de livros não-escolares e infância. A ausência de livros não escolares fora do seu quarto é referida por cerca de 60% de crianças cujos pais têm ensino básico, por cerca de metade das crianças cujos pais têm ensino secundário e por 40% de entre as que têm pais com ensino superior.

Outros meios mais recentes e móveis (computador portátil, telemóvel com internet, webcam, MP3/4/Disc Man) são os menos referidos no espaço da casa, que apresenta assim um perfil mais tradicional do que o dos quartos das crianças.

No quarto das crianças, a seguir à estante de livros não escolares vem o televisor (60%), em sintonia, portanto, com a sondagem nacional. Os equipamentos seguintes da nova geração, como o MP3 e a consola de jogos, são indicados em cerca de metade dos quartos. Nas descrições feitas pelas crianças, os seus quartos de dormir aparecem como espaços muito mais bem equipados do que o resto da casa, com novos recursos tecnológicos e de vanguarda. O que traduz um forte investimento, por parte das famílias, na relação das crianças com a tecnologia.

O cruzamento das respostas de crianças e dos seus pais sobre os equipamentos instalados nos quartos das crianças dá conta de variações mas não superiores a 10% na maioria das referências, com as crianças a assinalar quase sempre mais a presença de equipamentos nos seus quartos.

As maiores diferenças nas respostas de pais e filhos vão para a caracterização de equipamento e do seu potencial: as crianças indicam ter mais telemóveis com acesso à Internet (34%) do que sem essa possibilidade (27%), enquanto os pais referem valores contrários (respectivamente 17 e 34%). Outros equipamentos mais referidos pelos pais do que pelas crianças são todos “clássicos”: televisor, rádio e Walkman.

De novo, mais do que questionar a verdade destes números, impossível de verificar, aliás, interessa, para a caracterização destes ambientes, dar conta das variações que sugerem diferentes relações com os meios e equipamentos. É que os pais, parecem ter menor consciência da panóplia de meios disponíveis no quarto das crianças e das suas características técnicas.

Na indicação do objecto do quarto de que sentiriam mais falta (questão aberta), o televisor foi suplantado pelo computador, pelas consolas e playstations, pelos jogos electrónicos e MP3/4. Por idades, as crianças mais novas diferenciaram mais as suas escolhas, com os rapazes a destacarem os jogos electrónicos e as raparigas o televisor. Mas predomina o padrão comum de interesse pelos novos objectos e este primeiro conjunto de escolhas, ligadas a equipamentos tecnológicos, foi apontado por cerca de 75% das crianças. Muito longe, mas ainda com alguma expressão (cerca dos 15%), estão as referências ao mobiliário básico (cama) e a meios clássicos



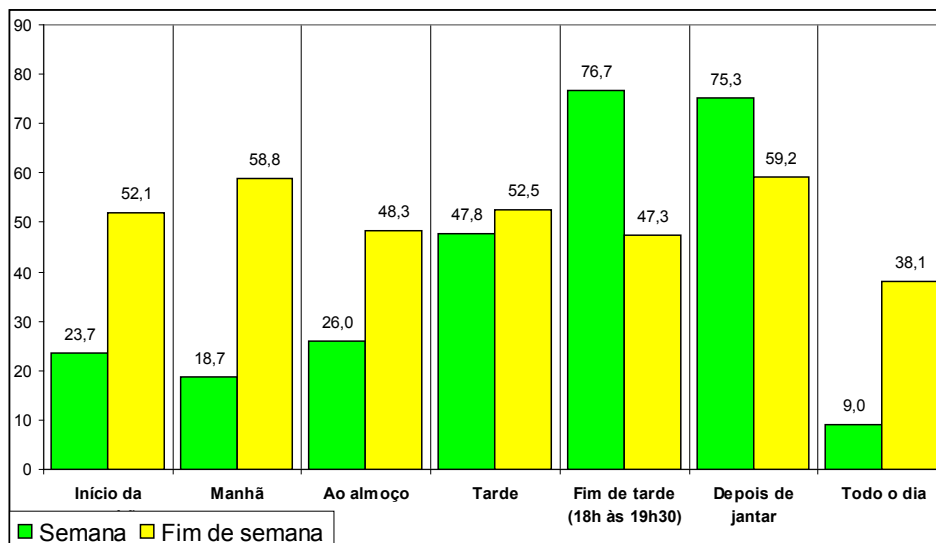
(aparelhagem de música, estante de livros), enquanto animais e brinquedos não electrónicos foram só residualmente evocados. O desejo de possuir novos meios destaca-se, ainda mais, na resposta ao que gostariam de receber como prenda. Mais de metade das crianças indica em primeiro lugar equipamentos electrónicos (computador, consolas, telemóveis, iPods/MP4), sendo residual a referência ao televisor.

A força da cultura tecnológica ligada aos novos media, na experiência de vida das crianças e nas suas expectativas, afirma-se assim incontestavelmente. Mesmo se, como vimos, a televisão continua a liderar enquanto ambiente mediático e meio mais partilhado, entre as crianças como entre os seus pais.

## 7. Modos de ver televisão e regulações em casa

No topo dos tipos de programas mais vistos pelas crianças estão programas de audiência alargada (telenovelas, desporto) e programas mais orientados para esta audiência, como séries e desenhos animados.

GRÁFICO 7  
Quando as crianças vêem televisão (%)



Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

Estas referências correspondem a manchas horárias claramente marcadas pelo horário escolar: nos dias de semana, mais de 75% das crianças vêem televisão ao final da tarde e depois do jantar; quase metade vê durante a tarde; o início da manhã e a hora do almoço são períodos referidos por cerca de um quarto das crianças. Ao fim de semana, mais de um terço das crianças (38%) refere ver televisão todo o dia, e os valores de visionamento distribuem-se de forma mais repartida nas várias manchas, sempre perto ou acima da metade. A televisão tem assim uma presença hegemónica nos tempos não-escolares das crianças, sempre disponível e acessível, ocupando grande parte dos seus fins-de-semana.

O mesmo padrão de visionamento aos dias de semana e ao fim de semana foi encontrado no estudo de Cardoso et al. (2007) que analisou a relação entre o horário e a companhia fazendo notar a diferença entre o período antes do jantar (onde a criança vê mais televisão sozinha) e depois do jantar, quando predomina o visionamento acompanhado.

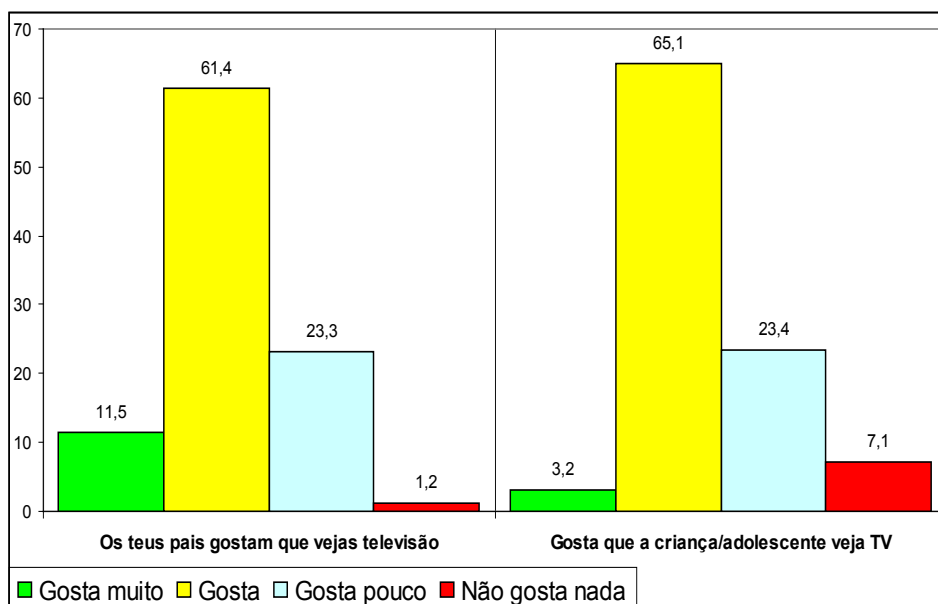
No análise das respostas ao questionário lançado nas escolas da Grande Lisboa, ver sozinho é uma experiência referida por mais de metade das crianças. A mãe e os irmãos são as principais companhias (60% dos casos, aproximadamente). Mas mais de metade das crianças também inclui o pai, valorizando assim o visionamento da televisão em família.

Vejamos, agora, algumas características da mediação parental a partir dos inquéritos a pais e filhos, da Grande Lisboa. Tal como se apurou na sondagem nacional, os pais que responderam ao questionário distribuído nas escolas da Grande Lisboa são espectadores frequentes de televisão, com cerca de 90% a afirmar que vêem televisão com frequência. Seguem também o padrão nacional quanto ao grau de satisfação com a programação para crianças, com a indiferença (“nem satisfeito nem insatisfeito”) e a insatisfação a serem mais expressas por pais com mais escolaridade do que por pais com o ensino básico.

As respostas emparelhadas de filhos e pais da Grande Lisboa mostram alguma dissonância. A maioria das crianças considera que os pais ‘gostam’ moderadamente que elas vejam televisão (63,1%); 11,8% julgam que os seus pais ‘gostam muito’; 23,9% que ‘gostam pouco’. Apenas 1,2% das crianças admitem que os pais ‘não gostam nada’ desse contacto. A mesma pergunta, quando feita aos pais,

gerou contudo resultados diferentes. O que indicia que as crianças sobrevalorizam a importância atribuída pelos pais à televisão, para as vidas dos seus filhos. Com efeito, embora, tal como as respostas dos filhos indicavam, a maioria dos pais (65,9%) se posicionem como 'gostando' moderadamente que o seu filho veja televisão, são menos, do que julgam os filhos, aqueles que 'gostam muito' desse contacto (3,2% contra 11,8%) e muitos mais os que 'não gostam nada' (7,2% contra 1,2%).

GRÁFICO 8  
Percepções sobre a regulação paternal (%)



Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

A justificação para tais posições engendrou argumentos sobre os benefícios e malefícios da televisão para as crianças. As razões arroladas para esse comportamento são diversas, tendo sido identificadas dez categorias que justificam o contacto que crianças e jovens têm com a televisão, sobre o pano de fundo das relações familiares e domésticas, valores sobre a infância/adolescência, posição em relação ao lazer. Essas categorias foram analiticamente definidas em torno de três eixos: positividade; negatividade; regulação.

## Positividade

1. Efeito educativo e informativo da televisão: potencialidade de transmitir conhecimento e actualizações sobre a realidade, bem como conhecimentos práticos e cultura geral;
2. Televisão como forma positiva de entretenimento: considerações sobre o efeito de distração da televisão para crianças e jovens, no âmbito dos seus tempos de lazer, em absoluto, ou em relação, como forma preferível a outras (computador, brincar na rua, etc.);
3. Ver televisão em família: importância da televisão para a estruturação do tempo em família; extensão aos filhos, por um fenómeno mimético, de um hábito dos pais que, dessa maneira, ocupam, eles próprios, o tempo livre em casa;

## Negatividade

1. Efeitos nefastos da televisão sobre a saúde: referências aos efeitos prejudiciais da televisão sobre as crianças a nível de sono, visão, concentração e sedentarismo;
2. Efeito nefasto da televisão sobre a educação e outras tarefas: a televisão substituiria tempo para estudar e fazer deveres escolares, bem como outras tarefas domésticas atribuídas às crianças/jovens;
3. Televisão como forma negativa de entretenimento: considerações sobre a televisão como forma de entretenimento de fraca qualidade, em absoluto ou em relação, como forma preterível a outras (leitura, brincar em casa, brincar na rua, etc.);
4. Conteúdos sem qualidade/violência/conteúdos desadequados a crianças: considerações sobre os conteúdos televisivos dedicados a crianças e a sua fraca qualidade, ou, por outro lado, existência de conteúdos televisivos genéricos que exibem imagens de violência e agressividade, ou outros conteúdos considerados desadequados para crianças;

## Regulação

1. Responsabilidade/outra escolha das crianças no contacto com a televisão: considerações sobre o facto de as próprias crianças serem

responsáveis no seu contacto com a televisão, como que internalizando e dispensando a regulação rígida dos pais, na selecção de programas e na quantidade de horas; desinteresse demonstrado pelas crianças pela televisão, preferindo outras formas de lazer;

2. Indiferença dos pais: interpretações sobre a não manifestação de opiniões dos pais a favor ou contra o contacto das crianças com a televisão;

3. Existência de regras: argumento da existência de regulações ditadas por pais ou negociadas entre pais e filhos sobre o contacto destes com a televisão, no número de horas ou horário fixo para esse efeito.

Os resultados apurados e descritos no quadro seguinte mostram algumas semelhanças e diferenças entre os relatos de crianças e pais:

#### QUADRO V

Opiniões dos pais sobre a televisão, segundo declarações de crianças e de pais

| Opiniões   | Filhos |      | Pais |      |
|--|--------|------|------|------|
|  | N      | %    | N    | %    |
| Valor educativo/informativo da televisão                   | 176    | 34,9 | 179  | 35,5 |
| Boa alternativa a outras formas de entretenimento          | 51     | 10,1 | 38   | 7,5  |
| Ver em família   | 31     | 6,2  | 7    | 1,4  |
| Efeito nefasto sobre saúde                                 | 65     | 12,9 | 10   | 2,0  |
| Efeito nefasto sobre educação e outras tarefas             | 53     | 10,5 | 51   | 10,1 |
| Má alternativa a outras formas de entretenimento           | 7      | 1,4  | 13   | 2,6  |
| Conteúdos sem qualidade/violentos/ desadequados a crianças | 18     | 3,6  | 52   | 10,3 |
| Responsabilidade/Outra escolha dos filhos                  | 23     | 4,6  | 12   | 2,4  |
| Indiferença dos pais                                       | 12     | 2,4  | 0    | 0    |
| Existência de regras                                       | 0      | 0    | 9    | 1,8  |

*Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE*

Pais e filhos praticamente coincidem no benefício educativo e/ou informativo da televisão (cerca dos 35%). A possibilidade de a televisão colocar a criança em relação com o mundo exterior e de lhe oferecer conhecimentos práticos e culturais afigura-se como a principal justificação para que a maioria dos pais goste que os

filhos vejam televisão (justificação expressa em respostas abertas). Alguns dos pais modalizam este discurso, considerando que a televisão pode ser educativa desde que seleccionada.

Exemplos. Um rapaz, 14 anos, diz que os pais gostam muito que ele veja televisão «porque acham que aprendemos muito»; o pai, de 41 anos, confirma que o filho «faz bem e fica a saber muito mais», razão por que colocou um aparelho no quarto dele. Uma mãe, de 39 anos, de uma menina de 11 anos, afirma gostar que a filha veja televisão «porque a televisão também ajuda a desenvolver».

Este argumento encontra-se sobretudo em pais com escolaridade básica, na linha da maior expectativa positiva que manifestavam em relação ao valor educativo da televisão, para o presente e futuro da criança e onde também projectam a sua própria experiência:

- «Porque penso que há programas que também ensinam» - mãe, 47 anos, empregada de limpeza;
- «Porque aprendemos muito» - mãe, 36 anos, empregada de limpeza;
- «Porque faz bem e ele fica a saber muito mais» - pai, 41 anos, técnico de electrodomésticos;
- «Porque por vezes ajuda a ter melhores conhecimentos» - mãe, 37 anos, cabeleireira;
- «É uma maneira de se divertir e aprende com certos programas» - pai, 37 anos, electricista.

Na apreciação positiva por parte dos pais com escolaridade secundária, destaca-se a informação como conteúdo relevante, uma informação de carácter generalista. Além das notícias, são destacados outros formatos realistas, como os documentários (que as crianças referem menos):

- «Para conhecimento quer da actualidade nacional e internacional quer para cultura geral» - mãe, 43 anos, secretária;
- «Gosto que ele saiba notícias, programas sobre natureza e os animais» - mãe, 42 anos, comerciante;
- «Para saber como o mundo é e como somos governados neste país» - mãe, 39 anos, terapeuta;

«Porque por vezes dá documentários interessantes, histórias e notícias às quais ela tem de estar alerta hoje em dia» - mãe, empregada de limpeza;  
«Para além de estar distraída, vai aprendendo o que é o mundo cá fora para além da casa dela» - mãe, 48 anos, balconista;  
«Acho necessário que veja e oiça aquilo que acontece no dia-a-dia por todo o mundo e tente com isso tirar proveito para o futuro» - mãe, 34 anos, empregada de refeitório.

Note-se a inexistência de referências à falta de programas noticiosos especialmente destinados a crianças.

Nos pais com ensino superior, a incidência vai sobretudo para a programação específica para crianças ou para o acesso a canais temáticos, numa orientação mais focalizada:

«Para além dos programas infantis, gosta de ver o canal Discovery que acha muito interessante» - pai, 41 anos, militar;  
«Porque tem acesso a canais infantis e documentários que a interessam» - Mãe, 45 anos, psicóloga;  
«Porque escolhe canais educativos ou desenhos animados que podem contribuir para adquirir conhecimentos e ocupar algum tempo livre» - mãe, 49 anos, professora.

Detecta-se, assim, da parte dos pais que gostam que os seus filhos vejam televisão, uma forte referência a programas educativos e a conteúdos sobretudo realistas e informativos, na perspectiva de que esse tempo a ver televisão pode contribuir para aprendizagens sobretudo cognitivas e também sobre “a realidade”.

A avaliação do impacto educativo e construtivo da televisão para crianças e jovens conhece, no entanto, posições contrárias: cerca de 10% das crianças e pais notam o efeito prejudicial que a televisão tem sobre a educação, bem como sobre outras tarefas e actividades da criança. O principal argumento, aqui, é de que as crianças não podem ver televisão antes ou enquanto fazem os deveres escolares ou estudam, sob pena de se desconcentrarem dessa actividade ou de perderem a noção do tempo, roubando o tempo necessário ao estudo. Uma rapariga, de 12 anos, diz que os pais ‘não gostam nada’ que ela veja televisão,

«porque preferem que esteja a estudar ou a fazer algo mais produtivo»; outra, de 14 anos, acha que os pais ‘gostam pouco’ porque «dizem que perco muito tempo a ver televisão em vez de estudar». Provenientes, sobretudo, de pais com mais escolaridade, são frases que evidenciam bem a preocupação com o “baixo valor” do tempo televisivo.

Estas opiniões sobre o efeito positivo ou negativo da televisão para a educação da criança, integram um discurso que coloca a educação no topo das prioridades da infância, compreendendo essa fase da vida como instrumental para o desenvolvimento em direcção à vida adulta e é marcada pela escolaridade dos pais.

Já o entretenimento ocupa um lugar de descompressão em relação aos momentos de educação («tem que ter momentos de lazer», diz um pai, com 41 anos, de uma rapariga com 11; «porque também precisa de se distrair», mãe, com 44 anos, de rapariga, com 13) e, nesse quadro, a televisão pode ser aceite favoravelmente.

De entre as considerações positivas sobre a televisão como forma de entretenimento, e como que confirmando o mito de que a verdade vem das bocas das crianças, algumas destas justificam a aprovação dos seus pais como uma razão de conveniência, em que o aparelho televisivo substitui a falta de tempo e a disponibilidade dos pais para controlar os filhos, provocando um sedentarismo nas crianças que é bem visto. Nas palavras das próprias crianças:

«Porque quando vejo está a começar uma série e eu não os chateio» - rapariga, 11 anos;

«Porque assim fico sossegada e não faço barulho» - rapariga, 11 anos;

«Porque ao menos estou entretida e não chateio ninguém» - rapariga, 13 anos;

«Quando vejo tv não chateio meus pais» - rapaz, 9 anos;

«Porque é a única maneira de estar quieto» - rapaz, 11 anos;

«Porque se eu tiver a ver TV estou mais sossegada» - rapariga, 13 anos;

«Porque em casa sou irrequieto» - rapaz, 9 anos;

«Porque assim não chateio a minha mãe» - rapariga, 10 anos;

«Porque eles querem que saia menos à rua» - rapaz, 9 anos.



Nos pais, essa razão está praticamente ausente, excepto no caso de uma mãe, de 42 anos, que aceita a televisão como boa forma de entreter o filho de 10 anos, «porque passa muito tempo sozinho em casa e a televisão é lúdica».

São raros os filhos que consideram que os seus pais avaliam a televisão como uma má forma de entretenimento, em si mesma ou por comparação com outras alternativas, ideia que nos pais surge, em discurso directo, com uma expressão ligeiramente maior mas também muito baixa. Os pais referem a sua preferência por outras actividades: prefeririam que os filhos lessem («há coisas mais importantes como ler», considera uma mãe, 36 anos, de rapariga, 9 anos) ou que ocupassem o seu tempo livre a brincar dentro de casa. Raros prefeririam brincadeiras na rua («vê televisão a mais, quando deveria brincar na rua», diz outra mãe, 47 anos, de rapaz, 9 anos, mas é um caso único). As crianças fazem, em menor escala, eco das mesmas questões: «gostam mais que eu brinque e leia com os irmãos» (rapaz, 10 anos) ou «é mais saudável brincar» (rapariga, 12 anos).

O principal argumento que as crianças apresentam para os seus pais não gostarem que vejam televisão é o efeito nefasto da TV sobre a sua saúde (12,9%): prejudicar a visão surge como a razão mais temida pelas crianças, mas também são referidos a diminuição das horas de sono, a absorção (desconcentração de outras actividades), o sedentarismo, ou um genérico «faz mal». Por exemplo, uma rapariga, de 10 anos, chega a dizer que a televisão «faz-me mal aos olhos, fico com os olhos a arder e a deitar lágrimas». Outra, de 13 anos, conclui que os pais gostam pouco que ela veja televisão «porque distraio-me demasiado e não os ouço». Entre os pais, esse factor surge consideravelmente mais baixo (2,0%). Uma mãe, de 43 anos, gosta pouco que a sua filha, de 11, veja televisão «porque horas excessivas a ver televisão faz mal».

Com efeito, nos pais é a questão da fraca qualidade ou desadequação dos conteúdos televisivos que se coloca como principal argumento negativo, principalmente entre aqueles que afirmam 'gostar pouco' que os filhos vejam televisão. Os motivos de uma mãe, de 38 anos, profissional de marketing, para não gostar que a filha, de 13 anos, veja televisão é que “os programas que ela gosta de ver não lhe trazem mais-valia”. Note-se o abismo entre o argumento dos pais e a representação dos filhos sobre a mesma realidade: 10,3% no caso dos primeiros e 3,6%, dos segundos.

O contraste de valores nestas duas respostas, sobre os efeitos negativos da televisão, sugere que os argumentos dos pais junto das crianças incidem nos efeitos perniciosos para a saúde física da criança e que as suas preocupações com o bem-estar psicológico da criança não são objecto de conversa com os filhos.

Uma rapariga, de 12 anos, resume as duas faces da questão: «porque acham que há coisas que não se devem ver [pelas crianças] e não gostam que eu veja telenovelas». Por um lado, os conteúdos que passam na televisão podem ser desadequados para as crianças e, por outro, os conteúdos infanto-juvenis são apreciados por alguns como sendo de fraca qualidade, motivando até considerações sobre exemplos morais («porque acho que a televisão tem pouca qualidade e induz muita falsa realidade e maus exemplos educativos», diz um pai, com 43 anos, de uma rapariga, com 9). Nas palavras de pais que responderam ao questionário:

«A maior parte dos programas para jovens não são educativos» - pai, 44 anos, de rapariga, 10 anos;

«A televisão dá muita violência e ensina às vezes coisas más que eles aprendem» - mãe, 39 anos, de rapaz, 12 anos;

«Nem sempre às horas de maior audiência os programas são adequados para sua idade» - mãe, 40 anos, de rapaz, 10 anos;

«Porque, actualmente, a televisão tem programas que incentivam à violência e telenovelas em demasia» - mãe, 47 anos, de rapaz, 12 anos.

Alguns justificam a necessidade de limitar o tempo durante o qual os filhos vêem televisão invocando a “existência de regras”. Razão que nenhum filho, naturalmente, admite. Em contrapartida, e este é um aspecto que merece atenção especial, muitos são os filhos, nomeadamente rapazes com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, que sublinham a indiferença dos pais: «não se importam, para eles é indiferente» - diz um rapaz com 12 anos; “porque eles não reclamam de eu ver, portanto não se devem importar”, corrobora outro, de 14 anos.

É baixa, mas ligeiramente maior nas crianças (4,6%), uma atitude que consiste em avaliar a relação benefícios/malefícios da televisão a partir da capacidade própria em seleccionar conteúdos. Nesta linha, surgem alguns discursos de autonomia, ou reivindicativos, como o de um rapaz, de 10 anos: «porque as crianças também têm direito de ver televisão».

Importa averiguar se existe uma relação entre a regulação do papel da televisão na vida das crianças e a escolaridade das famílias.

Quanto à existência de regras para o contacto de crianças com o meio televisivo, o factor 'escolaridade dos pais' parece ser relevante, no sentido em que os pais de escolaridade básica pendem mais para a ausência de regras, e os pais de instrução superior para a marcação de normas que regulem o contacto dos seus filhos com a televisão. É, pois, de admitir uma tendência para que os pais de escolaridade inferior se afirmem mais favoráveis a que os filhos vejam televisão e que os pais de escolaridade superior encarem a televisão de forma moderadamente desfavorável.

Falamos de tendência o que significa afastar posições radicais. Por outras palavras, não se pode identificar uma simpatia generalizada pela televisão por parte de pais com níveis básicos de escolaridade, nem um repúdio geral por parte dos pais com escolaridade superior. Falam os pais:

«Porque tem liberdade para o fazer, mas com limites» - mãe, 41 anos, empregada de escritório, ensino básico;

«Porque eu tenho televisão em casa é para alguma coisa» - mãe, 40 anos, operária, ensino básico;

«Porque ela é responsável e sabe as suas obrigações» - mãe, 37 anos, doméstica, ensino básico;

«Não permitimos que veja tudo o que passa na TV, se não podemos ver do que se trata ela não vê» - mãe, 35 anos, técnica de artes visuais, secundário;

«Quando dá o que ela gosta de ver ela vê» - mãe, 41 anos, litógrafa, ensino secundário;

«Porque é educada com o objectivo de ser responsável» - pai, 49 anos, gestor de produto, ensino secundário;

«Porque na vida dele há prioridades como estudar, praticar desporto, participar com a família em eventos culturais» - mãe, 45 anos, professora, ensino superior;

«Porque tem de ter que dosear o seu tempo para estudos, actividades» - pai, 42 anos, técnico de finanças, ensino superior.

Sem prejuízo do que ficou dito atrás, a avaliação sobre o impacto da televisão no desenvolvimento de crianças e jovens, sobretudo no seu desenvolvimento educativo, deriva de expectativas e investimentos feitos pelas famílias em relação ao seu próprio estatuto socioeconómico e às ambições de manutenção ou melhoria da condição dos seus descendentes, particularmente visíveis em grupos de classes mais altas ou médias (quase que respectivamente).

Quando se tentou apurar a existência ou não de regras para balizar o contacto das crianças com a televisão, e a sua percepção pelos filhos, constatou-se de novo uma discrepância entre os relatos das crianças e dos adultos: enquanto os filhos consideram maioritariamente que têm controlo e liberdade de acesso à televisão, a maioria dos pais frisa a existência de regras que travam essa liberdade:

#### QUADRO VI

##### Regulação do contacto com a televisão, por filhos e pais

|              | Criança - Vês TV sempre que queres? |      | Pais - A criança vê TV sempre que quer? |      |
|--------------|-------------------------------------|------|---|------|
|              | N                                   | %    | N                                       | %    |
| Sim          | 265                                 | 52,6 | 192                                     | 38,1 |
| Não          | 229                                 | 45,4 | 300                                     | 59,5 |
| Não responde | 10                                  | 2    | 12                                      | 2,4  |

*Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE*

A justificação para estas respostas despoleta considerações sobre formas específicas de regulação parental do contacto de crianças com a televisão, organizadas da seguinte forma:

1. Disponibilidade de aparelhos televisivos em casa: possibilidade de as crianças e adolescentes verem televisão sem restrições por disporem de vários aparelhos televisivos em casa;
2. Indisponibilidade de aparelhos televisivos em casa: impossibilidade de as crianças e adolescentes verem televisão sempre que querem, porque os aparelhos televisivos disponíveis em casa são usados por outros membros da família;

3. Permissão dos pais: ausência de restrições dos pais para verem televisão; afirmação da vontade da criança como “porque gosto”, “porque quero”, “porque me apetece”, sem referência a restrição dos pais, ou com referência ao facto de os pais «fazerem a vontade» dos filhos;
4. Existência de regras/proibição temporária: regras sobre prioridade de tarefas ou horário fixo para ver televisão; proibição temporária de ver televisão como castigo por outros factores (insucesso escolar, mau comportamento);
5. Tempo ocupado a estudar: impossibilidade de ver televisão por necessidade de estudar;
6. Indiferença dos pais: ausência de manifestação de atitudes a favor ou contra o hábito de as crianças e adolescentes verem televisão quando o desejam;
7. Hora de dormir: restrição de ver televisão imposta por uma hora fixa para as crianças/adolescentes se deitarem;
8. Ausência de alternativas de lazer em casa: recurso à televisão como forma de entretenimento disponível em permanência, face à falta de alternativas para ocupar o tempo em casa;
9. Pais ausentes de casa: ausência de vigilância dos pais em casa;
10. Responsabilidade da criança, seu desinteresse pela televisão/recompensa: possibilidade de ver televisão quando a criança/o adolescente quer, por se considerar que é responsável no seu consumo televisivo, porque não mostra muito interesse na televisão, ou como recompensa pelo seu bom comportamento geral;
11. Outras tarefas/fora de casa/falta de tempo: incapacidade da criança/adolescente ver televisão por impedimentos vários, como desempenhar tarefas domésticas, estar fora de casa, ou ter falta de tempo, sem especificar regras de prioridade das actividades;
12. Prejudica saúde: o impedimento de ver toda a televisão deriva de se considerar que, se o fizesse, prejudicaria a sua saúde.

Os olhares cruzados sobre a existência de regras demonstram um contraste mais marcado do que na questão dos benefícios/malefícios da televisão: enquanto o primeiro argumento apontado por pais é o da existência de regras ou de proibições temporárias (27,4%), o argumento com mais força entre os filhos aponta para a permissão dos pais (29,6%), confirmando a tendência para ‘tu vês/a criança vê

televisão sempre que quer?'. Esta clivagem deve ser compreendida em associação com a necessidade de 'estudar' e a 'hora de dormir', razões neste caso desagregadas para ganhar inteligibilidade (respectivamente 11,1% e 6% referidas pelas crianças; 11,5% e 5,6% referidas por pais). Verifica-se, aqui, uma notória consistência, o que pode significar que tais argumentos são falados em família.

O Quadro VII discrimina as regras que marcam o visionamento televisivo, expressas por filhos e pais:

QUADRO VII  
Regras para ver televisão, segundo filhos e pais

|  | Filhos |      | Pais |      |
|--|--------|------|------|------|
|  | N      | %    | N    | %    |
| Disponibilidade de aparelhos em casa   | 36     | 7,1  | 12   | 2,4  |
| Indisponibilidade de aparelhos em casa | 16     | 3,2  | 1    | 0,2  |
| Regras/proibição temporária            | 70     | 13,9 | 138  | 27,4 |
| Permissão dos pais                     | 149    | 29,6 | 57   | 11,3 |
| Estudar                                | 56     | 11,1 | 58   | 11,5 |
| Hora de dormir                         | 30     | 6,0  | 28   | 5,6  |
| Ausência de alternativas de lazer      | 12     | 2,4  | 0    | 0    |
| Pais ausentes de casa                  | 10     | 2,0  | 4    | 0,8  |
| Responsabilidade/desinteresse pela TV  | 20     | 4,0  | 44   | 8,7  |
| Outras tarefas/fora de casa            | 45     | 8,9  | 44   | 8,7  |
| Prejudica saúde                        | 9      | 1,8  | 6    | 1,2  |
| Não válidas                            | 51     | 10,1 | 112  | 22,2 |

*Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE*

Algumas regras evocadas por pais e filhos têm a ver com uma hierarquização no desempenho das tarefas («os meus pais não me deixam ver [a TV] antes de fazer os TPC», diz um rapaz, de 11 anos), com a fixação de um intervalo de tempo («tenho um horário marcado e já estou habituada», diz uma rapariga, de 11 anos) ou com a determinação de um limite que corresponde à hora de ir dormir («porque quando são horas de dormir, tenho de ir-me deitar», diz outro rapaz, 9 anos). Essas regras acumulam-se, por vezes, sendo habitual que os pais estipulem o seguinte conjunto de regras: que os filhos façam os trabalhos

escolares quando chegam a casa; vejam televisão quando os terminarem; continuem a vê-la depois de jantar até à hora de dormir, previamente estabelecida («só vê televisão após os trabalhos de casa e até às 22h» - diz uma mãe, com 39 anos, de um rapaz com 10). A questão da hora de dormir pode ser interpretada tanto como uma tentativa de assegurar um número de horas de sono considerado saudável para a criança, como um reconhecimento de que, a partir de certas horas, os conteúdos televisivos não são adequados às crianças («nem sempre nas horas de maior audiência os programas são adequados para sua idade» - diz uma mãe, com 40 anos, de um rapaz com 10; «a criança tem outras actividades para realizar como estudar, fazer desporto, brincar, ajudar em casa, dormir... até que nem todos os programas são convenientes», aponta uma outra, igualmente com 40 anos e um filho de 11).

Além da fixação de uma ordem de desempenho de tarefas, pode haver sanções, em que a vontade de ver televisão é contrariada como punição de um qualquer comportamento julgado incorrecto: uma mãe de 33 anos com um filho de 9 considera que «existem horas para tudo e [a proibição de ver TV] também serve como método de castigo», outra, de 44 anos, com uma filha de 10, declara que «não ver televisão é “castigo” ou porque entendo que tem tarefas para fazer».

Este papel da televisão na relação entre pais e filhos como parte de uma educação pelo castigo, assumida independentemente do grau de escolaridade dos pais, sugere que se priva a criança de uma das suas actividades preferidas. Tal prática está nos antípodas de uma educação para a responsabilidade e autonomia, bem presente nesta resposta: «porque deve aprender a gerir o tempo livre» (mãe, de 42 anos, de rapariga, com 12). Não chega aos 9% a percentagem dos pais a considerar que as suas crianças são responsáveis ou comedidas no seu consumo televisivo, ou desinteressadas pela TV. É verdade que, quando interrogadas a esse respeito, a percentagem de crianças é ainda inferior (4%).

Algumas das crianças referem a permissão dos pais («porque os meus pais sempre me deixaram fazer tudo quanto eu gosto», diz uma rapariga de 12 anos). Permissão que surge menos nas respostas dos pais. Estreitamente relacionado com a permissão de ver televisão está o factor ‘disponibilidade de aparelhos televisivos em casa’: o que se observa é que algumas crianças afirmam, e os pais confirmam, que podem ver televisão sem restrições porque têm mais aparelhos em casa, ou mesmo no quarto.

«Se o televisor da sala estiver ocupado, ele pode ir para o quarto», diz uma mãe com 40 anos, de um rapaz com 13.

No entanto, a existência de televisão no quarto da criança não significa necessariamente a inexistência de regras: segundo os pais, mais de metade das crianças com televisor no quarto não vê televisão sempre que quer.

Os lares confirmam-se como fortemente apetrechados com televisores, pois apenas 16 crianças referem que é por indisponibilidade de aparelhos televisivos que não vêem televisão quando querem (questão apenas referida por uma mãe). Uma rapariga, de 12 anos, afirma que não vê televisão quando quer «porque estão lá outros familiares a ver»; outra, da mesma idade, diz: «porque eu estou a ver novelas e os meus pais querem ver notícias»; um rapaz, de 10 anos, explica que a mãe «também quer ver as séries que gosta». Este factor não significa necessariamente que haja regras. Significa, sobretudo, que funcionam as relações de poder familiar, em que os pais decidem quem pode ver o que quer – uma eventual fonte de tensão.

Da mesma forma, outros argumentos mobilizados nesta justificação não têm tanto a ver com regras, mas com impedimentos de natureza diferente. Por exemplo, situações como a da criança estar fora de casa, estar em casa mas ocupada com outras tarefas ou ter falta de tempo são referidas por perto de meia centena de pais e de filhos, o que aponta para uma estruturação cada vez maior dos tempos livres das crianças baseada em actividades complementares à escola, como o desporto ou outras actividades educativas.

Doze crianças referem ainda a televisão como último recurso face à ausência de alternativas de lazer, talvez por colocarem fora da equação outras formas de entretenimento que os seus pais afirmavam preferir, como ler ou brincar.

Não há indicações que permitam tirar conclusões seguras sobre o cumprimento de regras, quanto ao visionamento de programas de televisão, em função da presença/ausência em casa de um membro da família ou de outra pessoa encarregada de proceder ao acompanhamento dos filhos. É certo que uma menina de 10 anos diz ver televisão sempre que quer «porque estou quase sempre sozinha». Mas, como confessa uma mãe com 37 anos de uma rapariga com 13, «é difícil controlar». Para além de que algumas crianças conseguem ludibriar os pais



(«eles não sabem», assegura um rapaz de 14 anos). Relacionando a situação profissional dos pais com a presença/ausência de pessoas em casa, quando a criança chega da escola, observa-se contudo que é no caso dos quadros médios ou superiores que há uma maior presença de alguém em casa. Isso não significa que seja um dos pais, ou que sejam os pais a estar em casa. Significa, pelo menos que há a garantia de que alguém (familiar ou pessoa contratada) estará em casa quando a criança regressar da escola.

A relação entre o tipo de regulação e o grau de escolaridade pode também ajudar a completar este retrato. É de interesse notar, por exemplo, que a questão da disponibilidade de aparelhos televisivos em casa não surge tanto nas famílias em que os pais têm escolaridade superior, mas antes naquelas em que os pais têm escolaridade básica ou secundária. Uma disponibilidade frequentemente à revelia da capacidade económica para adquirir aparelhos. O afastamento, relativamente à televisão, dos pais mais escolarizados manifesta-se também no facto de serem estes dos que mais referem a existência de regras, em contraste com os menos escolarizados, mais permissivos. Entre os pais de escolaridade mais baixa, a questão de estar fora de casa ou de ter outras tarefas a desempenhar coloca-se menos. A ausência de casa é algo mais retratado no caso de pais mais escolarizados.

Em suma, embora os pais insistam na regulação do consumo de televisão pelos filhos, a percepção destes é de maior liberdade nesse consumo. A regulação ou a inexistência dela é justificada pelos factores visitados anteriormente. Como verificámos, muitos pais consideram que a televisão pode ser benéfica a nível educativo se, e só se, for regulada, se forem seleccionados os seus conteúdos e/ou os seus tempos de consumo, e se lhe for estipulado um lugar subalterno na lista de prioridades da criança, que são as educativas. Mas não é esta a situação prevalecente.

O retrato que estas questões nos ajudam a esboçar aponta para um ambiente doméstico em que crianças e adolescentes têm relativa margem de autonomia e de permissividade no acesso à televisão e aos seus usos. As crianças indiferentes à televisão constituem como que a excepção, parecendo a maioria ser atraída pelo meio. Alguns pais optam por condescender e permitir que os filhos vejam televisão porque isso lhes agrada, porque eles próprios a vêem, ou porque estão pouco tempo em casa. Outros pais, em especial os que possuem formação

escolar superior, optam por disciplinar o tempo livre e o tempo passado em casa com outras tarefas e actividades, fixando horários ou ordens de execução de tarefas em que o estudo aparece antes da televisão que, por sua vez, é subordinada à hora de dormir. Desta forma, acreditam conseguir extrair o máximo do potencial educativo que a televisão pode oferecer às crianças, contornando, assim, o perigo de uma exposição total e desregulada face a uma televisão que muitos julgam orientada para os adultos (conteúdos desadequados a crianças/adolescentes) ou pouco cuidada na programação especificamente produzida para os mais novos.

## **8. Ver e falar das notícias**

Já vimos que, ainda que não estejam no topo das suas preferências enquanto conteúdos, os telejornais são frequentemente visionados por crianças em família. Este facto pode ser contextualizado com o argumento de que, para os pais, um dos benefícios da televisão é manter a família junta e o telejornal, à hora da refeição, seria um desses momentos. Vimos, também, como os conteúdos informativos são valorizados por alguns pais enquanto conteúdos realistas que devem ser vistos pelas crianças.

A confirmar essas tendências, mais de metade (56%) dos pais que responderam ao questionário lançado em escolas da Grande Lisboa declara ver com frequência os telejornais e conversar sobre as notícias com os filhos, valores ligeiramente superiores aos indicados pelas crianças (na ordem dos 53%).

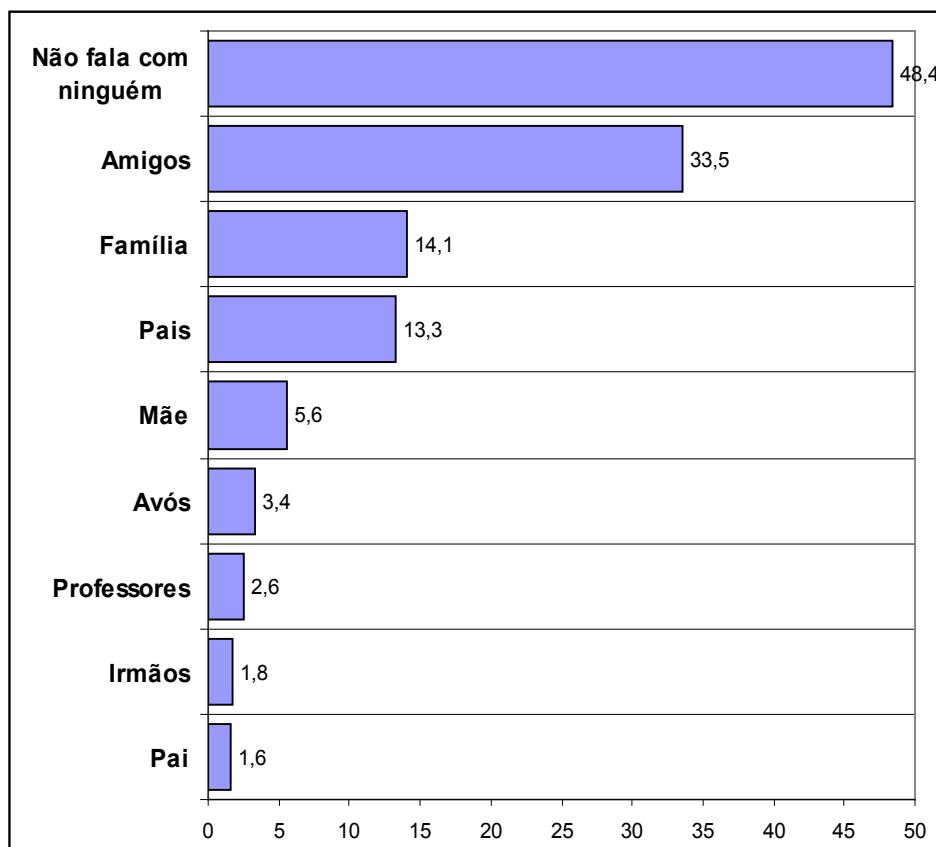
Inquiridas sobre quem conversam a propósito de notícias, as respostas das crianças englobam, por vezes, mais do que um interlocutor.

A predominância vai para 'amigos' (33,5%), enfatizando a partilha de conversas com pares da mesma idade. Os grupos seguintes são a 'família' (14,1%) e 'pais' (13,3%). Algumas crianças dizem conversar apenas com um dos progenitores e, nesse caso, a 'mãe' (5,6%) é mais sujeito de diálogo do que o 'pai' (1,6%). Os 'avós' (3,4%) aparecem também como indivíduos com quem as crianças entrevistadas mantêm conversas sobre este tema, em consonância com o relato de lares com famílias alargadas e, provavelmente, com o papel desempenhado por esses membros mais velhos da família, na ocupação dos tempos livres

das crianças. Menos frequentes como parceiros de conversa estão os ‘irmãos’ (1,8%). Mas lembremos a forte proporção de filhos únicos na amostra reunida. Fora do lar, aparecem os ‘professores’ (2,6%) e os ‘vizinhos’ (1,4%).

GRÁFICO 9

As crianças falam sobre as notícias que vêm na TV? Com quem? (%)



Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

A soma dos vários membros da família representa mais de metade do universo de sujeitos envolvidos em conversas sobre notícias. Ou seja, apesar de os amigos serem o principal grupo individual com quem as crianças socializam as notícias, a maioria colectiva dos destinatários das suas conversas, sobre estes conteúdos, situa-se no âmbito da família, o que evidencia o peso da rede familiar.

Apesar da função determinante que exercem junto das crianças, os professores aparecem de modo quase residual, indicando, assim, a dificuldade que a instituição escola em geral e a sala de aula em particular têm em se constituir como espaço de conversa e de discussão sobre temas de actualidade.

Quase metade das crianças inquiridas admitiu não conversar sobre notícias (por vezes mesmo escrevendo “Com ninguém” em letras garrafais). No entanto, são relevantes os universos de socialização que rodeiam as crianças que afirmam conversar. Da referência aos ‘amigos’, que iremos também encontrar nos jovens de 15 a 17 anos, pode-se inferir a importância da televisão no processo de socialização entre pares, que poderá levar a um acompanhamento das notícias, bem como de conteúdos de entretenimento, enquanto fonte de experiências comuns para o grupo. Por outro lado, deve igualmente reconhecer-se o lugar ocupado pelos media, nomeadamente a televisão e seus conteúdos, no âmbito familiar e doméstico, como forma de ligação ao mundo e como forma de socialização dentro da própria família.

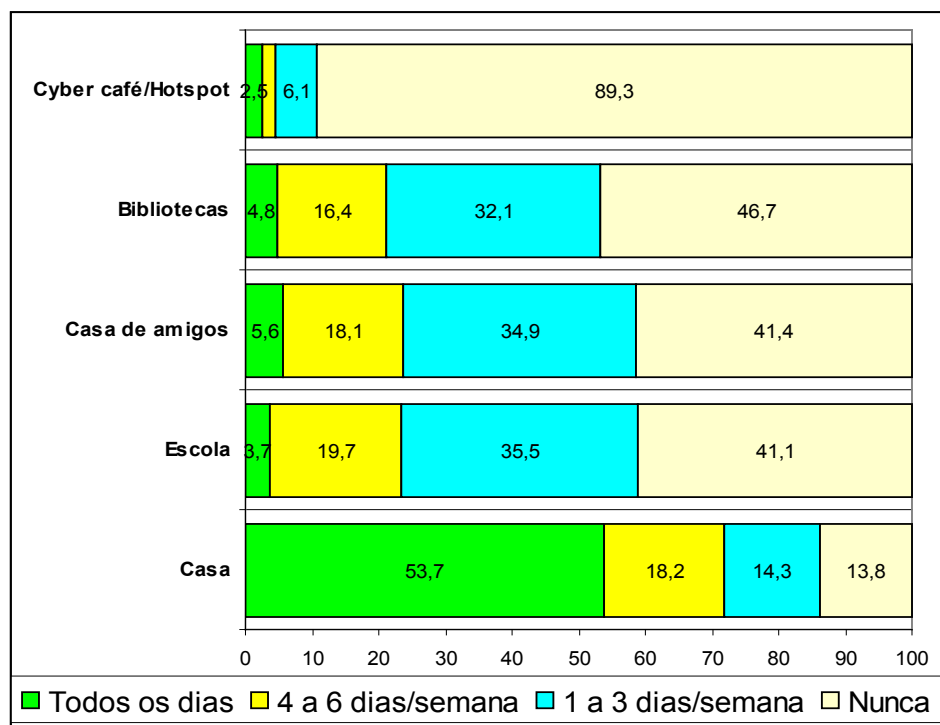
Um confronto ocorrido num par feminino (mãe e filha) permite questionar os diferentes investimentos de pais e filhos em televisão, no quadro da educação geral, familiar e moral e nos modos como as práticas são representadas. Em resposta à questão «Gosta que a criança/adolescente veja televisão?», uma mãe, de 40 anos, com uma filha de 12, responde afirmativamente, acrescentando que «a televisão é um meio de comunicação e pode servir de estímulo para conversas de família sobre assuntos variados». Na resposta ao seu questionário, a filha, no entanto, garante não conversar sobre notícias com ninguém. A televisão, como motor de conversas de família, parece ser mais utilizada e considerada – ou, pelo menos, de forma mais consciente – por pais do que por filhos.

## **9. Domínios da Internet**

Interrogadas sobre o uso frequente do computador e da Internet e sobre os ambientes em que o fazem, perto de 70% das crianças da Grande Lisboa destacam o lar como principal local de acesso e uso. Em reverso, para 80% das crianças, o acesso à Internet na escola, em casa de amigos ou em bibliotecas é inexistente ou pouco frequente. Os cybercafés e outros pontos de acesso no exterior raramente foram referidos.

O lar é assim, e de longe, o espaço principal de uso desses meios de comunicação por crianças dos 9 aos 14 anos, pelo que importa caracterizar as mediações familiares e os olhares cruzados de pais e filhos sobre esse uso.

GRÁFICO 10  
Onde é que as crianças mais utilizam o computador (%)



Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

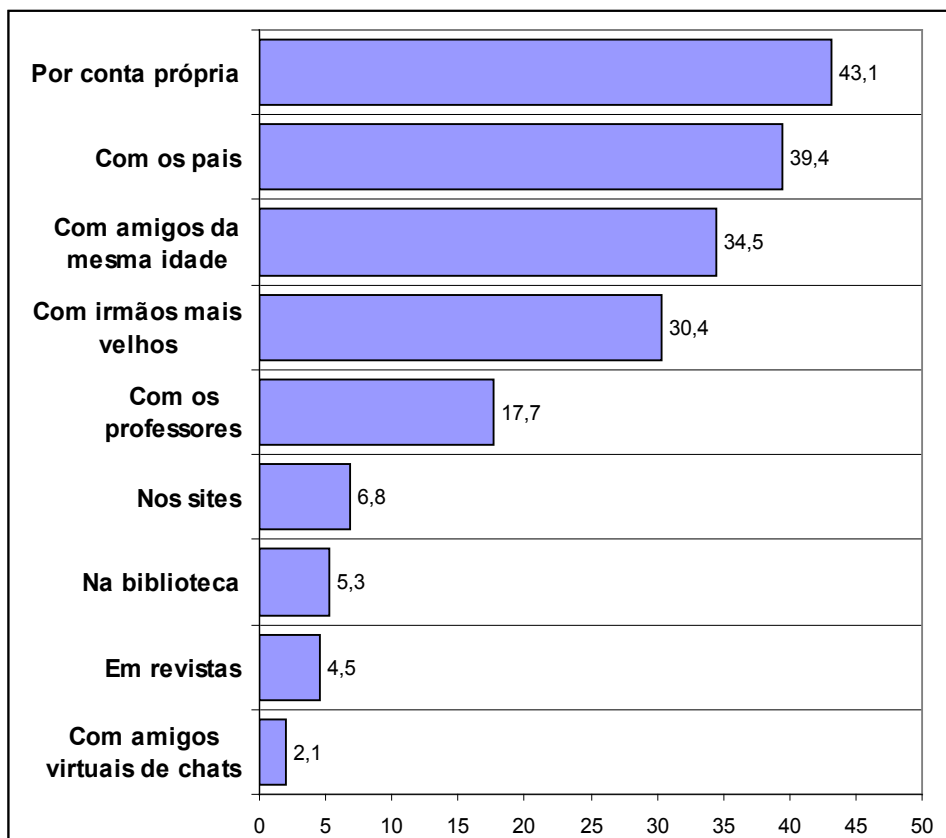
As crianças exprimem uma grande relação de confiança relativamente à informação da Internet, com mais de metade das crianças (53%) a afirmar acreditar nessa informação, 42% a responder acreditar em parte e apenas 5% a manifestar total desconfiança.

Metade das crianças inquiridas considera-se como o membro da família que sabe mais de computadores em casa, à frente dos irmãos (33%), do pai (30%) e da mãe (16,5%), confirmando a clivagem geracional no lar, quanto à relação com novas tecnologias.

No que se refere aos modos como aprenderam a usar a Internet, a maioria das crianças (43%) responde ter sido “por conta própria”. Aprenderam com os pais 39%, com os amigos da mesma idade 35% e com os irmãos mais velhos 30%. Só depois vêm os professores, indicados apenas por 17,7% das crianças. Com valores abaixo dos 7%, os *sites* foram mais referidos do que outros espaços e meios, tais como as bibliotecas e as revistas. A aprendizagem do funcionamento e uso da Internet por experiência pessoal e por via de pares (amigos e irmãos mais velhos) adquire, assim, uma maior penetração do que por via dos adultos (pais e professores).

GRÁFICO 11

Com quem as crianças aprenderam a utilizar o computador (%)



Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

Quanto ao conhecimento e domínio dos seus pais relativamente à Internet, 37% das crianças consideram que os seus pais sabem o suficiente, enquanto 30% responde que sabem muito e um pouco menos considera que sabem pouco ou nada.

Embora perto de metade das crianças (48%) aponte a escola como o local onde mais se encontra informação segura sobre a Internet, essa indicação parece remeter mais para uma informação genérica (cartazes, folhetos) do que para uma informação prestada pelos professores. Os pais aparecem aqui ligeiramente à frente dos amigos (na casa dos 37%). A televisão e a própria Internet aparecem logo de seguida como meios de onde essa informação mais segura lhes chegou, o que confirma o potencial desses meios junto dos mais novos em matérias que lhes digam directamente respeito. As lojas de informática, evocadas por uma em quatro crianças, superiorizam-se às revistas (20%), à rádio e às autoridades (ambas com cerca de 14%), o que permite concluir que as crianças distinguem, já, uma diversidade de pontos de acesso a essa informação fora do lar e da escola. Note-se, ainda, que 8% das crianças respondem não conseguir encontrar informação sobre Internet (“em sítio nenhum”).

Este padrão de respostas das crianças mantém-se, quando se trata das respostas dos pais que preencheram o inquérito, pelo que iremos confrontar respostas emparelhadas de pais e filhos quanto aos ambientes familiares que rodeiam o uso da Internet em casa.

A frequência com que os pais discutem sobre segurança na Internet com os filhos, e tendo presente que esta questão convoca também a “boa resposta”, atinge valores mais elevados nos pais de raparigas do que de rapazes, com a maioria a indicar “muitas vezes” e “por vezes”. Cerca de um quarto dos pais respondeu que discutia “raramente” ou “nunca”, em particular os pais de rapazes mais novos (9-11 anos).

O Quadro VIII apresenta as respostas dos pais às opções fechadas quanto a preocupações no uso da Internet, tendo em conta a idade e o sexo da criança:

As principais preocupações dos pais parecem organizar-se em torno da protecção e defesa da criança face ao exterior e da preservação de uma certa inocência sexual.

QUADRO VIII  
Preocupações dos pais quanto ao uso da Internet (%)

| Preocupações                                | Rapaz 9, 10 e 11 anos | Rapariga 9, 10 e 11 anos | Rapaz 12, 13 e 14 anos | Rapariga 12, 13 e 14 anos | Total |
|---|-----------------------|--------------------------|------------------------|---------------------------|-------|
| Conhecer estranhos                          | 86,7                  | 88,9                     | 85,5                   | 95                        | 89,3  |
| Dar informação sobre dados pessoais         | 75                    | 71,4                     | 75                     | 82,4                      | 75,9  |
| Visitar sites pornográficos                 | 70,3                  | 70,6                     | 68,4                   | 72,3                      | 70,6  |
| Acreditar em conteúdos falsos               | 54,7                  | 65,9                     | 68,4                   | 63,9                      | 62,6  |
| Receber correio electrónico ofensivo        | 56,3                  | 66,7                     | 59,2                   | 63,9                      | 61,7  |
| Jogos com violência                         | 61,7                  | 56,3                     | 69,7                   | 57,1                      | 60,4  |
| Receber vírus no computador                 | 46,1                  | 54                       | 60,5                   | 54,6                      | 53    |
| Visitar <i>sites</i> racistas               | 50,8                  | 46,8                     | 50                     | 52,9                      | 50,1  |
| Fazer <i>downloads</i> de conteúdos ilegais | 45,3                  | 47,6                     | 51,3                   | 52,9                      | 49    |
| Riscos de inactividade física               | 50                    | 50                       | 39,5                   | 51,3                      | 48,6  |
| O tempo que 'navega' na Internet            | 39,8                  | 32,5                     | 36,8                   | 42,9                      | 38,1  |
| Comprar a crédito                           | 32,8                  | 28,6                     | 31,6                   | 40,3                      | 33,4  |

Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

Tais preocupações, manifestam-se um pouco mais por parte de pais de raparigas do que de rapazes e aumentam com a idade dos filhos.

No topo está a preocupação de “conhecer estranhos”, expressa por nove em dez pais, afectando, sobretudo, os pais de raparigas mais velhas. Isto, apesar de as pesquisas mostrarem que a esmagadora maioria dos contactos *online* de crianças são com pessoas da mesma idade, os seus amigos.

Dar informações sobre dados pessoais e visitar *sites* pornográficos são preocupações para cerca de três quartos dos pais, enquanto acreditar em conteúdos falsos, receber correio electrónico ofensivo e jogos com violência apresentam graus idênticos de preocupação, cerca de 60%. Todas estas preocupações antecedem a



preocupação de receber vírus, que as crianças tendem a identificar como principal risco do uso da Internet. Visitar *sites* racistas, descarregar conteúdos ilegais e deixar de ter actividade física são preocupações referidas por cerca de metade dos pais, bastante abaixo das suas preocupações de natureza sexual. O tempo passado na Internet e as compras a crédito são as menos referidas por parte de pais, na sua maioria também utilizadores da Internet e num país que apresenta uma das menores taxas de utilização da Internet como canal de compra.

As preocupações centradas nos filhos mais velhos poderão traduzir a ideia de que as crianças mais novas estão mais “protegidas” pelos pais, enquanto as mais velhas dispõem de uma maior autonomia no uso do computador. Vejamos, então, como se confrontam os olhares de pais e filhos sobre quem entende mais de computadores em casa.

QUADRO IX  
Quem entende mais de computadores em casa? (%)

| Resposta das crianças | Rapaz 9, 10 e 11 anos | Rapariga 9, 10 e 11 anos | Rapaz 12, 13 e 14 anos | Rapariga 12, 13 e 14 anos | Total |
|-----------------------|-----------------------|--------------------------|------------------------|---------------------------|-------|
| Eu                    | 41,2                  | 40,6                     | 61,3                   | 61                        | 49,4  |
| Irmão/s               | 36,8                  | 34,1                     | 21,3                   | 36,4                      | 33,3  |
| Pai                   | 37,5                  | 33,3                     | 27,5                   | 21,2                      | 30,5  |
| Mãe                   | 14                    | 19,6                     | 15                     | 11,9                      | 15,3  |
| Não sei               | 3,7                   | 5,8                      | 5                      | 3,4                       | 4,4   |
| Ninguém               | 1,5                   | 1,4                      |                        | 1,7                       | 1,3   |

| Resposta dos pais |      |      |      |      |      |
|-------------------|------|------|------|------|------|
| Criança do estudo | 27,2 | 25,4 | 56,2 | 62,7 | 40,6 |
| Irmão/s           | 33,6 | 28,6 | 28,8 | 41,8 | 33,4 |
| Marido/mulher     | 42,4 | 32,5 | 30,1 | 22,7 | 32,5 |
| Inquirido/a       | 30,4 | 36,5 | 16,4 | 14,5 | 25,8 |

Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

Seguindo o padrão encontrado nos inquéritos da Grande Lisboa, as crianças emparelhadas com os pais consideram-se sempre na liderança clara nos conhecimentos sobre computadores em casa, mesmo relativamente aos seus irmãos mais velhos, evidenciando uma forte confiança pessoal. As crianças mais novas (9-11 anos) posicionam-se assim de modo bastante diferente do traçado pelos pais, considerando-se já mais entendidas em computadores do que eles. O seu olhar sobre os restantes membros da casa distingue também os conhecimentos de computador por parte do pai e dos irmãos, por um lado, e os da mãe, elemento da família com menor conhecimento reconhecido, por outro.

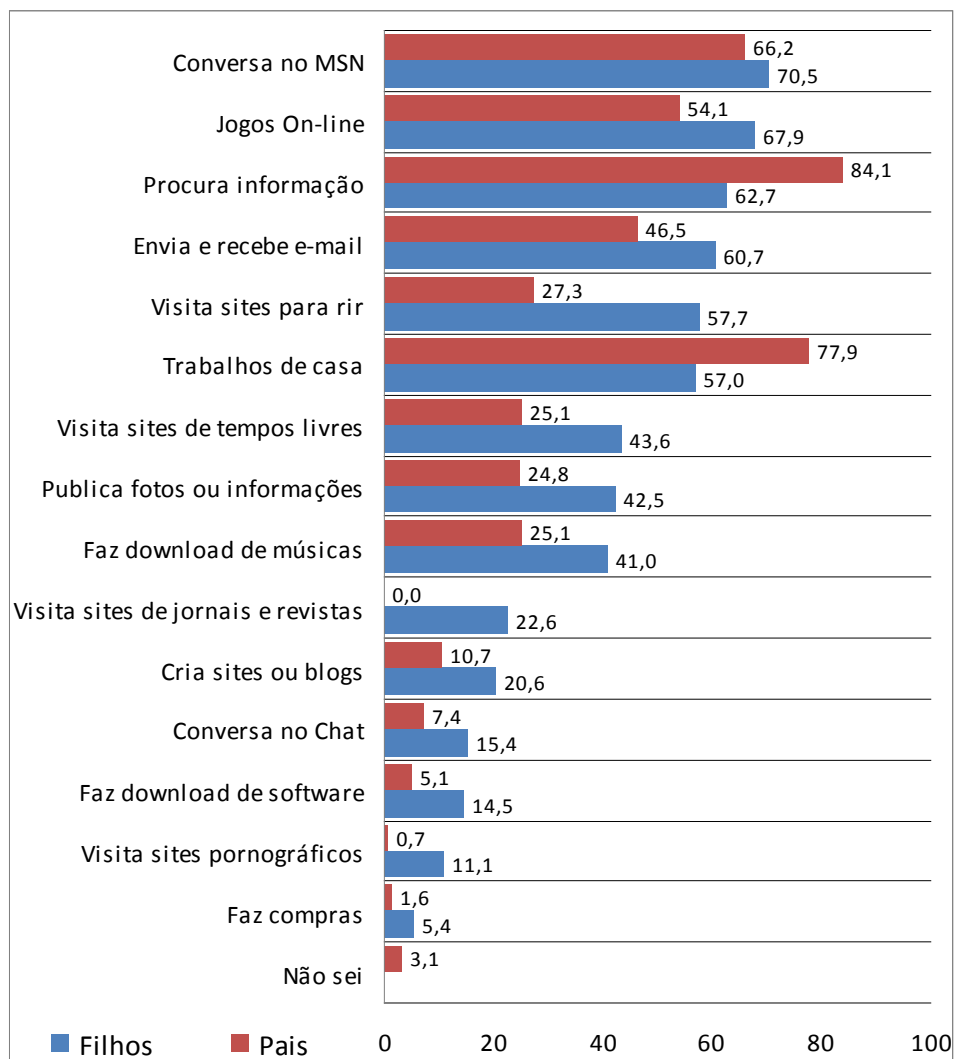
Por sua vez, se os pais consideram globalmente que os filhos sabem mais de computadores do que eles, estabelecem diferenças em função das idade. Com efeito, os pais consideram que as crianças mais novas (9-11 anos) sabem menos do que os irmãos e do que eles próprios, enquanto que as crianças mais velhas (12-14 anos) sabem claramente mais. Mais de metade dos pais das crianças mais velhas considera que são elas quem mais entende de computadores, com destaque de novo para as raparigas. Assim, enquanto essa competência é reconhecida pelos pais nas crianças mais velhas, os pais de crianças mais novas parecem não ter consciência desta auto-representação dos seus filhos.

Uma vez que 75% dos questionários foram respondidos por mães, o conhecimento atribuído ao marido é considerado quase sempre superior ao seu. A diferença entre o conhecimento dos pais e dos filhos é mais acentuada por parte dos pais de adolescentes, com as mães numa posição inferior à dos outros membros da família, numa linha de relação com a tecnologia que já caracterizámos, mas em curioso contraste com o posicionamento com que as raparigas se caracterizam dentro da família.

Por fim, apresentamos o cruzamento dos olhares quanto às actividades realizadas pelas crianças e adolescentes, com nítidas variações nas respostas de pais e filhos.

GRÁFICO 12

O que faz a criança na Internet, segundo pais e filhos (%)



Fonte: Questionário distribuído em escolas da Grande Lisboa, ERC/ISCTE

Como se pode verificar, os pais sobrevalorizam a utilização da Internet em casa pelas crianças como apoio aos estudos, na “realização dos trabalhos de casa” e na “procura de informação” (uma expressão genérica), a larga distância de todas as demais utilizações, mais associadas ao lazer e à comunicação. Materializa-se,

assim, o discurso dominante, centrado na “transmissão” do valor educacional do computador e da Internet como auxiliar dos estudos, como instrumento escolar, subalternizando a sua importância como dispositivo susceptível de abrir o campo a novas experiências comunicacionais, sociais, económicas e culturais. Em contrapartida, o que não deixa de ser sintomático, os filhos colocam nos dois primeiros lugares actividades de comunicação e de diversão: as conversas em MSN e os jogos *online*.

Certos usos são praticamente recusados pelos pais, de certo modo projectando aqui as preocupações relativas à Internet enunciadas no Quadro VI: não só não admitem que a criança, seu filho, aceda por sua iniciativa a conteúdos pornográficos ou seja alvo de fraudes comerciais e de actos ilícitos, como subestimam o uso da Internet enquanto meio de divertimento (*sites* para rir), de expressão e exposição pessoal (publicar fotos, criar *sites* e *blogs*).

Em mais de metade das actividades, a diferença entre as indicadas por pais e por filhos mais do que duplica, com os pais a não considerar, ou a considerar menos, que os filhos se envolvam em actividades que julgam ser de risco, como conversar nos *chats*, fazer *download* de músicas e de *software*, publicar fotos ou informações ou fazer compras, mas que os filhos inscrevem na categoria de oportunidades. Visitar *sites* pornográficos é, de entre todas, a actividade que se configura como tema consensualmente silenciado pelos pais, apesar de essa ser uma das suas preocupações mais assinaladas. A rejeição quase absoluta de que a sua criança visite *sites* pornográficos, ilustra a dificuldade dos pais em lidar com questões de sexualidade na infância e na adolescência e, implicitamente, recusa colocar os filhos na posição de sujeitos que procuram esses *sites* e não de vítimas passivas de conteúdos cuja existência desconheciam.

## OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA VIDA DOS JOVENS DOS 15 AOS 17 ANOS

Após a visita aos lares de crianças até 15 anos, retomemos os jovens de 15 a 17 anos, muitos no ensino secundário, tendo ultrapassado já os anos de escolaridade dos pais. Foi com as suas opiniões sobre a situação dos direitos das crianças

no país, difundidas através do Eurobarómetro, que iniciámos esta viagem. Tais opiniões mostravam-nos jovens a referir, de forma menos vincada do que a média europeia, a importância de uma intervenção dos media na divulgação desses direitos. O reconhecimento dos direitos de participação parece assim estar mais distante do seu horizonte de expectativas sociais. Vimos também como, num uso dos media dominado pela Internet, esses jovens continuavam ligados à televisão como fonte de informação, numa percentagem superior média europeia.

Continuemos a explorar estas relações dos jovens com os media a partir da sondagem nacional.

Na sondagem, foram localizados 287 questionários respondidos por jovens de 15 a 17 anos, que correspondem a cerca de 13% dos inquiridos. Tendo presente o que encontrámos nas crianças e nos seus ambientes familiares, vejamos as suas características enquanto consumidores dos media, assumindo, como termo de comparação, duas outras faixas etárias: a dos jovens adultos, entre 18 e 30 anos, e a dos adultos, maiores de 30 anos.

## **1. Uso dos meios: a geração das escolhas e da mobilidade**

Se o televisor se constitui como o meio partilhado por todos (na linha do que encontrámos nas crianças e seus pais), e o telemóvel sem Internet é o segundo meio tecnológico mais transversalmente presente (Quadro X), as diferenças nos usos dos meios marcam, claramente, as posições geracionais. Os jovens, entre os 15 e os 17 anos, dão preferência, não só aos novos media, em geral, mas também aqueles que lhes proporcionam escolhas pessoais e combinadas ligadas à informática, à música, ao audiovisual, aos jogos e à mobilidade.

São os mais jovens, na grande maioria estudantes, com alguma flexibilidade horária e ainda fora do mundo laboral, que lideram no uso do computador de mesa e no acesso à Internet (cerca de 64%). São também os jovens entre 15 e 17 anos os que mais uso fazem de suportes ligados ao televisor e a aparelhagem musical:

Quadro X  
Usos dos meios de comunicação, por idades

|                               |       |      |      |
|-------------------------------|-------|------|------|
| Televisor                     | 100,0 | 99,0 | 99,3 |
| Telemóvel sem acesso Internet | 67,8  | 69,0 | 68,6 |
| Telemóvel com acesso Internet | 25,8  | 28,6 | 9,3  |
| Computador portátil           | 15,9  | 28,1 | 9,3  |
| Walkman                       | 34,6  | 14,4 | 2,3  |
| AutoRádio                     | 10,0  | 44,0 | 32,2 |
| Vídeo                         | 36,0  | 29,1 | 28,8 |
| Leitor/gravador CD-DVD        | 87,5  | 83,1 | 52,5 |
| Sistema Hi-Fi                 | 59,2  | 56,3 | 32,8 |
| Rádio                         | 71,2  | 75,6 | 65,1 |
| Consola de Jogos              | 47,5  | 22,6 | 4,8  |
| Computador de mesa            | 64,2  | 57,6 | 25,0 |
| Acesso Internet               | 64,7  | 61,0 | 21,9 |
| Telefone fixo                 | 45,2  | 43,7 | 59,1 |

*Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE*

leitores/gravadores de CD/DVD, sistemas de HiFi e do vídeo, na continuidade do grande interesse e lugar que a música ocupava na vida das crianças.

São também de longe os que mais usam consolas de jogos (47%) e Walkman (34%), mais do que duplicando as práticas da geração seguinte, isto é, dos jovens adultos até 30 anos. A pressão pela mobilidade faz-se sentir também quando 16% destes jovens, de 15 a 17 anos, já possui um computador portátil e mais de um quarto possui telemóvel com acesso à Internet, muito próximo do tecto atingindo pela geração seguinte.

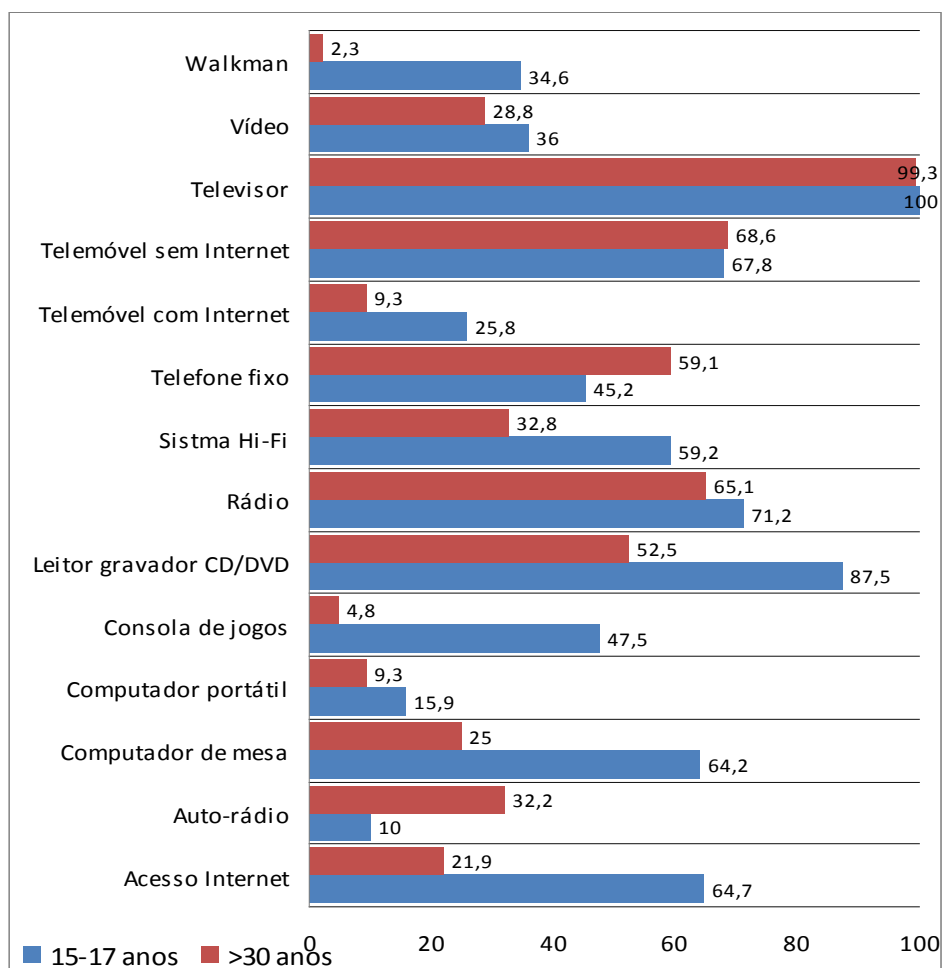
O fosso geracional entre estes jovens de 15 a 17 anos e os adultos com idades que incluem as dos seus pais e avós, está patente no Gráfico 13 que, à sua maneira, mostra, de forma eloquente, os diferentes modos com que os portugueses, mais novos e mais velhos, se relacionam com os media clássicos e os novos media. Separação acentuada, em particular, no desfasamento entre o uso do computador e da Internet nuns e noutros.

O Gráfico 13 aponta também para o fosso entre a gestão personalizada dos conteúdos audiovisuais por parte dos mais novos, que constroem os seus próprios

momentos de fruição e apropriação através do muito maior uso que fazem de meios como os videogravadores e aparelhagens de música (aparelhos que permitem uma manipulação dos conteúdos, entre o *zipping* e o *surfing*...), e uma maior dependência dos programadores e dos tempos de emissão, por parte dos mais velhos. Enquanto estes se colocam numa posição mais clássica de audiências/espectadores, aqueles afirmam-se mais na hibridiz de consumidores que são, simultaneamente, produtores dos seus momentos de consumo.

Gráfico 13

Uso dos meios por jovens dos 15 aos 17 anos e por maiores de 30 anos (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Para além do televisor e do telemóvel sem Internet, meios que atravessam todas as faixas etárias, os mais velhos lideram apenas no uso de meios algo obsoletos (telefone fixo) ou dependentes de outros meios de uso pessoal inacessível (auto-rádio). Nos restantes meios, os mais jovens lideram e isso é particularmente interessante na rádio: também entre estes jovens, como nas crianças, a rádio não desapareceu das suas vidas.

## **2. O domínio do audiovisual e do digital**

Decorrente de uma cultura ligada às tecnologias electrónicas e, em particular, à Internet, com a qual cresceram nos últimos anos e de que também deram conta na sondagem europeia, a propósito da importância dos media para o exercício das três funções clássicas (informação, educação e divertimento), também ela convocadora de “boas respostas”, verifica-se sem surpresa que dos três grupos etários são os jovens de 15 a 17 anos os que mais destacam, isoladamente, a Internet como meio simultâneo de realização dessas três funções, colocando em segundo lugar a televisão.

A atribuição de “muita importância” à Internet para a função de Informação recolhe 82,5% de escolhas nos mais novos, para pouco mais de metade (55%) entre os mais velhos.

Enquanto os adultos mais velhos acentuam a “muita importância” da televisão para a informação (74%), em detrimento da sua “muita importância” para o divertimento (47%), nos jovens de 15 a 17 anos essa distância não existe: a “muita importância” da televisão como meio de informação e de divertimento quase coincide e fica na casa dos 72%. São, portanto, os mais jovens quem sublinha a relevância da função entretenimento em televisão, só ultrapassada pela Internet (79%).

Ainda que a função educação venha sempre em terceiro lugar, é nos mais jovens que ela ganha maior relevo. Com efeito, 54% estimam que a função educação da televisão é “muito importante”. É, igualmente, nesta faixa etária que se encontra a menor percentagem dos que a consideram “nada importante” (apenas 1%). Tais índices pressupõem uma avaliação relativamente positiva dos jovens quanto aos



contributos da televisão na sua socialização em todos os domínios, incluindo das aprendizagens.

Nos jornais e revistas, e mantendo-se o elevado não acesso e uso que marcam todas as gerações, encontramos uma dissonância entre as duas gerações objecto da nossa comparação. Para os jovens de 15 a 17 anos, a função de divertimento proporcionada pelos jornais e revistas ultrapassa a de informação, num contraste com a racionalização dominante dos adultos, traduzida no maior destaque dado à função informativa.

Passando das funções dos media para os usos que deles se fazem: os mais jovens referem usar mais os meios de comunicação para ocupação de horas vagas e para o lazer (“passar o tempo”, “descansar”, “distrair-se”) do que para finalidades cognitivas e instrumentais, como a aprendizagem ou a informação, que encontrámos no discurso dos adultos. Ao contrário dos adultos, onde lidera o uso informativo, o principal uso da televisão e da rádio, por parte dos mais novos, é como forma de passar o tempo. A informação vem apenas em terceiro lugar, atrás da distração/divertimento. Os jovens são também menos sensíveis à função da televisão e da rádio como companhia. A televisão e a rádio, configuram-se sobretudo como meios complementares de acompanhamento e distração, disponíveis em grande escala no seu espaço privado do quarto de dormir. E, como vimos, desde muito cedo.

É a Internet que aparece entre os jovens como o meio que melhor realiza a função companhia (10,8%), quase duplicando a percentagem de respostas, no mesmo sentido, dadas pelos adultos da geração seguinte. Dos três grupos etários, é o dos mais jovens que mais confia na Internet enquanto instrumento de reforço de laços de amizade e solidariedade.

Apenas cerca de 40% dos jovens lê jornais ou revistas, o que os coloca como os que menos consomem, habitualmente, meios impressos. Mas entre a minoria que lê, a procura de informação sobe de importância: lidera nos jornais e aparece, nas revistas, à frente do uso destas como forma de distração e de divertimento.

Os livros são usados por 60% dos jovens, distinguindo-se, entre os seus usos, o da aprendizagem, a marcar o estatuto de estudantes dominante neste grupo.

A informação vem em segundo lugar e passar o tempo apenas em terceiro. Mantém-se, assim, a relação sobretudo instrumental com os livros que tinha emergido entre os pais com maior escolaridade.

Passar o tempo, é também o grande uso de meios como o cinema, o CD/DVD e o computador, na vida dos jovens, seguido do lazer (“distrair-se/Divertir-se”)

Continua a verificar-se a clivagem entre os meios escritos clássicos (sobretudo jornais e livros) como veículos de aprendizagem e de informação, e os meios audiovisuais (televisão, rádio, cinema) como meios de lazer e de ocupação (física), de preenchimento de espaços vazios (“passar o tempo”). A Internet ocupa uma posição intermédia, constituindo simultaneamente um meio de lazer, de aprendizagem e de informação. E esta tripla vivência constitui uma experiência que as anteriores gerações não fizeram.

### **3. A Internet**

Como vimos, é entre os jovens que se encontra a maior percentagem de uso da Internet, mais do triplo dos inquiridos com idade superior a 30 anos. Contudo, ainda cerca de um quarto destes jovens não a tem incorporado na sua vida corrente.

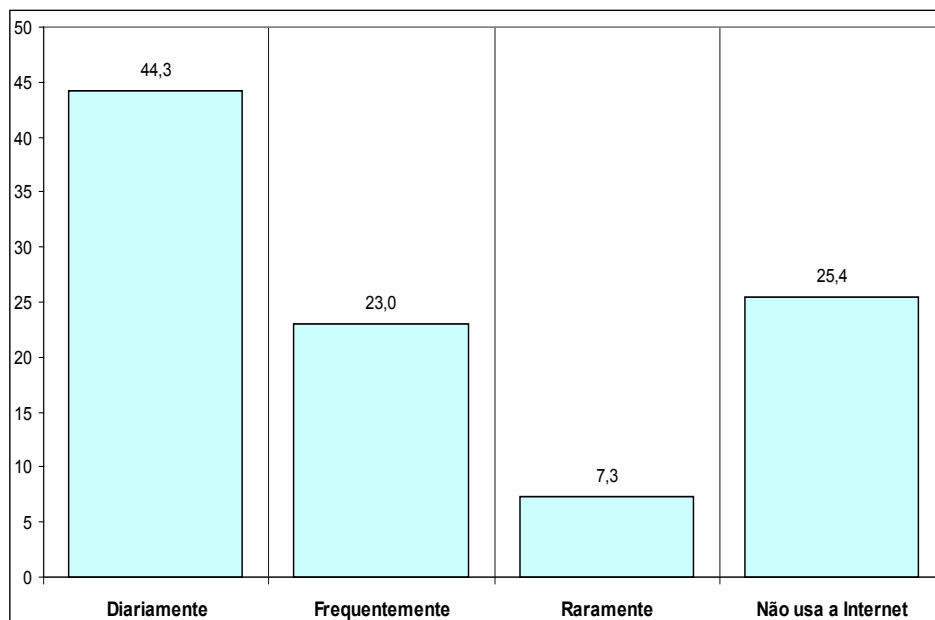
De entre os que acedem à Internet, 87% fazem-no com muita frequência. O uso da Internet é prolongado: o grupo dos mais jovens, é aquele onde se encontra a menor percentagem de respostas indicando tempos de ligação à Internet, durante a semana e aos fins-de-semana, inferiores a uma hora diária. Tal como a televisão, também a Internet é mais consultada de tarde e depois do jantar, o que decorrerá dos horários escolares.

Os principais usos da Internet são o *MSN Messenger* (91%), seguido do estudo/formação, *e-mail*, distração/divertimento e *You Tube*. Todos acima dos 75%.

São estes jovens, de 15 a 17 anos, os utilizadores da Internet que têm mais páginas pessoais e *blogs*. Embora em pequeno número (respectivamente 13% e 10%), duplicam os valores encontrados para os adultos com mais de 30 anos. São também os que mais participam em *blogs*, demonstrando assim o entusiasmo com

que aderem às novas potencialidades e oportunidades expressivas e de partilha social da *Web*.

GRÁFICO 14  
Usos da Internet - jovens dos 15 aos 17 anos (%)



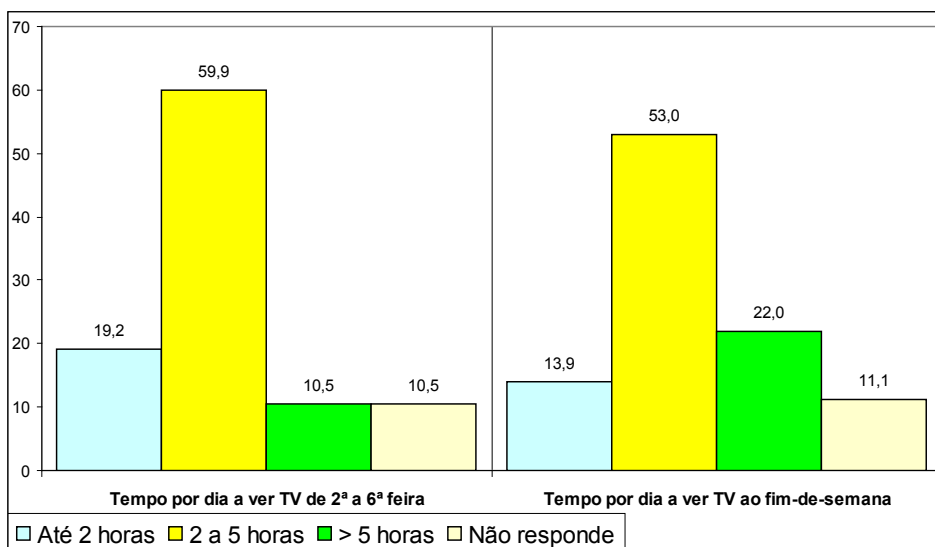
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Alguns, mais participativos, poderão coincidir com os consumidores das edições *online* de jornais, rádios e televisões portuguesas visitadas, também, por 10% dos jovens: menos de um terço do que nas idades seguintes, onde a vertente receptora de conteúdos *online* ultrapassa a de produção. Prova de fragilidade na relação dos jovens com os títulos informativos clássicos, mesmo disponíveis *online*? A hipótese, verosímil, é reforçada pelo facto de, para além de escassos, os visitantes jovens de edições *online* fazerem-no, sobretudo, ocasionalmente. Como se recorresse a essa disponibilidade de conteúdos informativos apenas quando precisam de saber algo, e não cumprindo uma rotina de actualização e de interesse no acompanhamento de várias agendas. Exactamente o contrário do que se pode verificar nos outros grupos de idade, onde o grau de fidelidade é consideravelmente mais elevado.

#### 4. A Televisão

Os jovens dos 15 aos 17 anos estão entre os que manifestam um consumo mais contínuo da Televisão, com cerca de 60% a admitir vê-la entre duas a cinco horas por dia, nos dias da semana e um pouco menos aos fins-de-semana. Este consumo é maior do que nas outras faixas etárias, com excepção do grupo dos mais idosos e das crianças onde a visualização “todo o dia”, atinge percentagens bem significativas.

GRÁFICO 14  
Usos da TV - jovens dos 15 aos 17 anos (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

A presença dos jovens diante do televisor parece ser relativamente menos assídua durante as refeições (almoço e jantar). As tardes e depois do jantar são os tempos de maior visionamento: mais de três quartos destes jovens vê televisão depois do jantar e mais de metade vê de tarde e até ao final da tarde.

A prática “frequente” de ligar a Televisão quando se chega a casa é comum a quase metade dos inquiridos, de todas as idades, evidenciando o ritual que a Televisão desenvolveu e o seu uso estrutural no lar. Mas são os jovens entre os 15 e os 17 anos os que menos declaram manter “frequentemente” a Televisão ligada sem lhe prestar

atenção, respondendo que o fazem de modo mais ocasional. O olhar de espectador, nesta idade, parece assim saltitar de um para outro dos meios disponíveis, num movimento de *zapping*, “visitando” o ecrã do televisor com regularidade. Mais de metade afirma que frequentemente vai seguindo a televisão enquanto faz outras coisas, num comportamento transversal a outras idades.

Outras situações em que os mais jovens revelam alguma singularidade enquanto telespectadores: são os que mais vêem “com frequência” um programa de Televisão sem fazer mais nada, cenário que se reduz com o aumento da idade; são, também, os que maior partido tiram da possibilidade de gravar programas para os ver mais tarde.

Estes comportamentos para com a Televisão sugerem escolhas e gestão do fluxo televisivo, numa escala maior do que noutras idades.

Apesar da presença do televisor nos quartos, 70% dos jovens declara ver Televisão na sala, o espaço ainda preferido, e de longe, por todas as idades. Mas, ao contrário dos dois restantes grupos etários, ver Televisão em casa é, no grupo dos telespectadores jovens, um acto mais solitário do que acompanhado: 55% declaram que vêem TV sozinhos. A discussão dos programas de Televisão é feita frequentemente com amigos (confirmando a tendência encontrada nas crianças, que referiam os amigos em primeiro lugar) e, mais ocasionalmente, com familiares ou colegas de estudo. A televisão continua assim a constituir-se como tema incontornável de conversa entre pares.

O contraste entre os usos da Televisão nos jovens e nas idades seguintes evidencia-se nas primeiras escolhas: enquanto os inquiridos com mais de 18 anos colocam os programas informativos no topo das suas preferências (mais de 95%), o primeiro lugar, nos mais jovens, vai para os filmes e séries (mais de 90%), com os programas informativos a serem relegados para um terceiro lugar (77%). E, dos que declaram segui-los, um terço fazem-no ocasionalmente. Os debates são vistos por cerca de um quarto dos jovens, bastante menos do que nas idades seguintes. Cerca de dois terços nunca, ou raramente, os vê.

Mais de três quartos dos jovens declaram-se satisfeitos com os programas do horário nobre, ligeiramente mais do que nas outras idades, sendo também os que menor insatisfação exprimem.

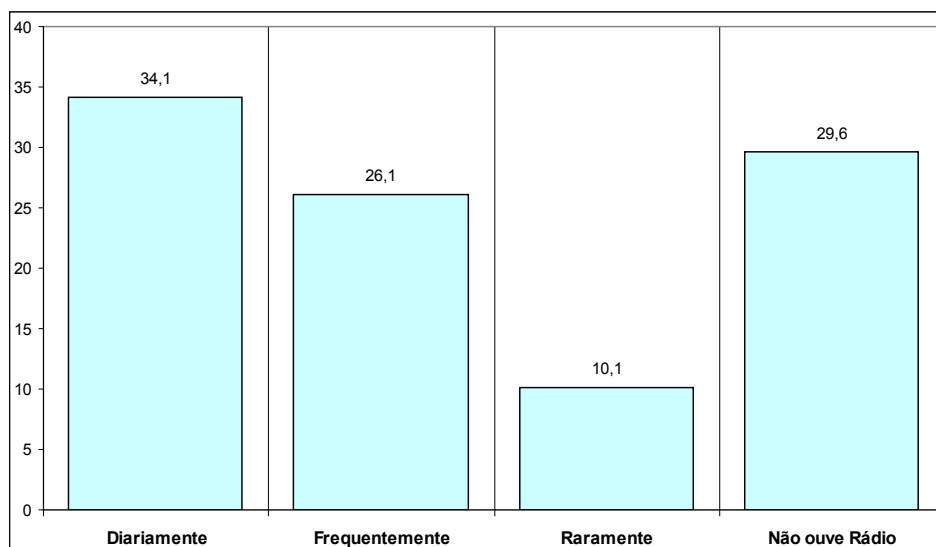
O comando à distância está na ponta dos dedos destes telespectadores: mais de 90% usam-no com elevada frequência e 70% afirmam fazê-lo “constantemente”, destacando-se, neste aspecto, dos restantes grupos de idade.

A TVI é o canal mais referido, seguido da SIC. Sem surpresa, os canais menos vistos são os informativos.

## 5. A Rádio

Os jovens de 15 a 17 anos ouvem rádio com frequência e sobretudo, da parte da tarde. Bastante menos vezes e durante menos tempo do que as idades seguintes. A tendência, observada nos dias de semana, repete-se ao fim-de-semana. Tal como no uso da Televisão, são os jovens quem menos liga a Rádio automaticamente e quem menos a mantém ligada sem lhe prestar atenção. Por comparação com os ouvintes mais velhos, para os jovens a Rádio funciona menos como “ambiente de fundo”.

GRÁFICO 15  
Usos da Rádio - jovens dos 15 aos 17 anos (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

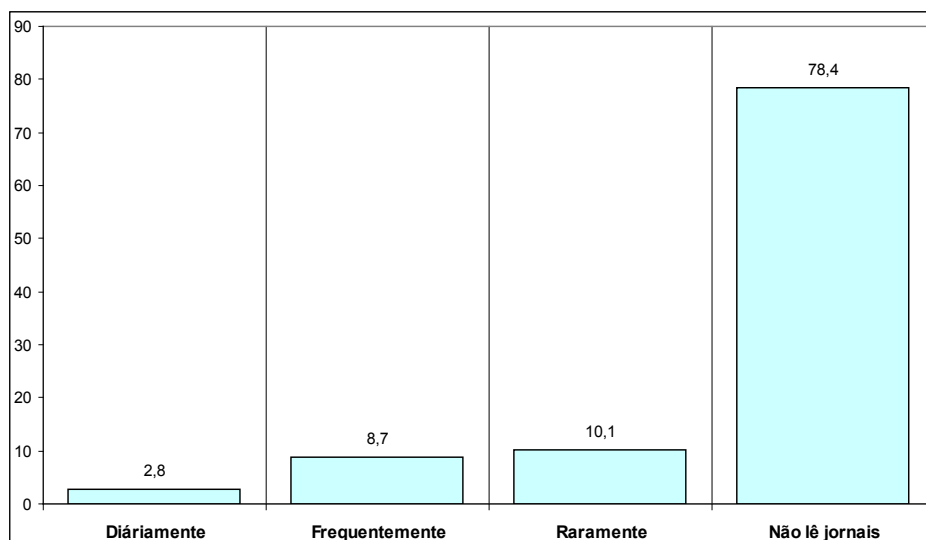
A Rádio é ouvida sobretudo em casa (85%) e no quarto (40%). A programação de música quase faz o pleno (99,8%), mais que duplicando o futebol e a informação. São mais numerosos os jovens que nunca ou raramente ouvem programas de informação do que aqueles que o fazem com frequência. Os debates constituem, de novo, o tipo de programas menos ouvido.

Os jovens parecem ser menos fiéis a programas e mais fiéis a estações. Mais de 25% declara “ouvir de tudo”, um valor quase residual nas idades seguintes. Concentram-se em poucas estações da Rádio: duas delas, RFM e Rádio Cidade, são referidas por mais de metade dos jovens. Nas outras idades, verifica-se uma maior dispersão.

## 6. A Imprensa

A Imprensa escrita não faz claramente parte da dieta mediática nesta idade. Mas, também nos ambientes em que cresceram, havia escassa leitura de jornais e revistas, como vimos no ponto anterior.

GRÁFICO 16  
Leitura de Jornais - jovens dos 15 aos 17 anos (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Façamos uma breve pausa na apresentação dos resultados para dar conta do que a pesquisa tem apurado sobre este divórcio entre jovens e jornais.

Num estudo efectuado nos Estados Unidos, sobre a relação entre histórias de vida, usos e representações dos media impressos, constatou-se que estes eram considerados pelos jovens como “aborrecidos”, “com pouca ligação às suas vidas”, “lidos muitas vezes por obrigação”, sendo mesmo considerados como “um sistema fechado de conhecimento, apenas acessível a adultos que dispusessem de necessária informação para os conseguirem compreender” (Barnhurst e Wartella, 1991). Muitos jovens associavam os jornais a contextos tão afastados da informação como os trabalhos manuais na escola ou o seu uso doméstico na cozinha. Apesar de identificarem contradições nos discursos dos jovens, os autores da investigação concluíram que, para os jovens, “o jornal se aproxima mais de uma lista telefónica ou de um catálogo: útil mas sem influência”.

Sendo esse alheamento dos jovens, em relação à imprensa escrita clássica, de natureza transnacional e um dos motivos de forte preocupação por parte das empresas jornalísticas de todo o mundo, no contexto português a situação é agravada pela fragilidade da cultura de leitura ao longo de gerações.

Quando responderam à sondagem nacional, três quartos dos jovens não tinham lido qualquer jornal diário nacional, de informação geral, nos últimos 30 dias (nos outros grupos de idade, registam-se percentagens à volta dos 40-45%). Dois terços não tinham lido ou folheado qualquer jornal desportivo nacional no último mês. A leitura dos semanários nacionais de informação geral era quase nula. Por contraste, contudo cerca de 25% tinha lido revistas especializadas no último mês, mais do que os maiores de 30 anos.

É nos jovens dos 15 aos 17 anos que mais se encontra quem se satisfaz com a informação dada pela imprensa gratuita, quem duvida que a imprensa estimule o espírito crítico, ou quem refere menos não ter já tempo para ler jornais – este, um argumento muito presente entre os públicos mais velhos.

Ressalve-se, no entanto, que os (poucos) jovens que lêem jornais são particularmente activos nessa leitura: Proporcionalmente às outras idades são os que discutem mais frequentemente artigos e notícias com familiares, amigos e colegas.



Tal como na apropriação das formas de expressão pessoal na Internet, encontramos aqui sinais de um dinamismo e de uma intervenção social que contraria a visão generalizada dos jovens como amorfos e indiferentes.

Na perspectiva de contrariar estereótipos e de pensar as relações dos jovens com a cidadania, a democracia e a esfera pública, seria interessante investigar mais estes perfis: quem são e em que condições cresceram estes jovens; de que ambientes familiares beneficiaram; se lhes foi dada oportunidade para exprimirem as suas ideias em família e na escola; se se identifica, nesses percurso e nessas biografias, uma orientação de cariz mais conceptual quanto a padrões de comunicação.

## **7. Considerações sobre serviço público de Televisão e Rádio**

Sobre as condições de funcionamento das televisões e das rádios, as relações das televisões com o poder político e económico ou os atributos do serviço público, os mais jovens distinguem-se das restantes idades por um menor grau de comprometimento com considerações normativas e de regulação e respostas mais evasivas e descomprometidas (“não concordo nem discordo”).

A não tomada de posição é maioritária em questões que têm a ver com relações entre o poder político e os media ou com atributos do serviço público. Questões que, desde há muito, fazem parte de uma agenda de discussão entre elites intelectuais e o pensamento político institucional. Deste modo, os jovens parecem recusar-se a tomar posição sobre: interferência dos governos na informação televisiva e radiofónica; diferença entre canais públicos e privados nas suas relações com o governo; existência de canais públicos de televisão e de rádio; controlo governamental de canais públicos; estações públicas de televisão e de rádio como garantes da pluralidade da informação e do respeito pelas normas.

Por oposição a essa (aparente) indiferença, os jovens reconhecem a influência do poder económico sobre os media, com 60% a sublinhar que toda a televisão está submetida ao poder económico.

Menos reguladores do que as idades seguintes, mais de metade dos jovens respondentes concorda em que o não cumprimento de horários é uma desconsideração para

com os espectadores. A concordância com o controlo da difusão de conteúdos pornográficos é referida por mais de metade destes jovens, embora quase metade declare não se sentir incomodado com a difusão desses programas.

Os jovens de 15 a 17 anos dão respostas mais veementes sobretudo em assuntos que têm a ver com as suas escolhas directas, enquanto públicos, que desejam ver alargadas, abertas e concorrenciais: mais de metade concorda que a multiplicação de canais de televisão e de estações de rádio favorece a diversidade de opiniões e a maioria discorda que a concorrência entre estações de rádio favoreça a especulação em prejuízo da qualidade dos programas. A maioria concorda também que a televisão estimula o espírito crítico e que a rádio incentiva a produção musical portuguesa.

Em síntese, na continuidade com uma cultura dos ecrãs que começa nos primeiros anos da infância, centrada no prazer, na escolha pessoal, no entretenimento, na mobilidade e na ocupação do tempo no espaço doméstico e privado do quarto de dormir, os jovens de 15, 16 e 17 anos vivem e exploram um mundo claramente digital e audiovisual, na procura de formas de entretenimento e de modos de “passar o tempo”.

São estes os jovens que, de entre os jovens europeus, recordemos, menos valorizaram a importância dos media para a defesa dos seus direitos e que mais pareceram alheados dos seus direitos de participação e culturais.

Das respostas à sondagem nacional, não é possível retirar informações sobre outros aspectos envolvendo os jovens de 15 a 17 anos que também importaria conhecer: as suas perspectivas, as suas linguagens, os seus recursos e os ambientes em que vivem e em que cresceram. Contudo, os sinais que as suas respostas aqui deixam inscritos fazem notar a necessidade de os ouvir, também por outros modos e com outras perguntas.



# Parte IV

## Idosos





Não há consenso sobre a idade a partir da qual se adquire o estatuto de idoso. Nas sociedades desenvolvidas ocidentais, esta designação aplicava-se tradicionalmente às pessoas com mais de 64/65 anos que tivessem abandonado a sua actividade profissional e entrado na reforma. O prolongamento das expectativas de vida, associado às mudanças verificadas nos sistemas públicos de previdência e no mundo do trabalho, provocaram, no entanto, a alteração do conceito de idoso que tende a agrupar as pessoas com mais de 70 ou mesmo 75 anos (ONU, 2002). Com esta ressalva, nem todos os maiores de 64/65 anos devem ser incluídos na designação de públicos sensíveis. Contudo, em Portugal, as altas taxas de pobreza (cerca de 28% dos idosos segundo dados do EUROSTAT, 2005), associadas à baixa escolaridade e ao isolamento configuram um público com necessidades de «protecção» especiais, nomeadamente no que toca aos conteúdos veiculados e a formas de incitamento ao consumo.

O estudo de recepção que incidiu nos residentes em Portugal com mais de 64/65 anos teve como objectivo interpretar dados quantitativos e qualitativos sobre os consumos dos meios de comunicação, sobretudo da televisão. A investigação procurou aferir as representações destas pessoas e compreendê-las em função das expectativas registadas na Sondagem Nacional e enunciadas nos Grupos de Foco. Como foi sublinhado na Introdução, não se pretendem comparar dados que, à partida, não são metodologicamente comparáveis, mas sim cotejar e aprofundar resultados e representações identificadas quer nas sondagens quer nos grupos de foco.

A análise dos consumos de Televisão, Imprensa, Rádio e Internet dividir-se-á em duas partes. Na primeira, enunciam-se, comparam-se e interpretam-se os dados decorrentes da Sondagem Nacional tendo em conta a variável Idade e Sexo. Na segunda, as mesmas operações são aplicadas aos indicadores recolhidos em dois Grupos de Foco, constituídos na região de Lisboa e integrando pessoas com “mais de 64/65 anos”.

## TELEVISÃO

### 1. Sondagem nacional

#### 1.1. Práticas

Cerca de 99% das mulheres e dos homens vêem televisão e perto de 90% diariamente, sendo que os homens (89,7%) um pouco menos que as mulheres (94,9%).

São as mulheres que mais declaram ver televisão todo o dia (28,6%) de 2ª a 6ª feira, enquanto que, nos homens, a percentagem maior situa-se entre as 2 e as 3 horas de visualização diária (26%), preferência que coincide, aliás, com a manifestada pela generalidade dos telespectadores, homens e mulheres de todas as faixas etárias. Aos fins-de-semana, os valores e percentagens mantêm-se para as mulheres. Nos homens, regista-se um ligeiro aumento daqueles que declaram ver televisão entre 3 e 5h diárias.

Estes dados reforçam os reunidos, por exemplo, no estudo realizado pelo INE, em 2002, e confirmam o papel da televisão como “companhia” para muitos homens e mulheres com mais de 64/65 anos. Hipoteticamente, também, os referidos dados podem ser interpretados como indicadores de quotidianos, em que as mulheres com mais de 64/65 anos tendem a ficar mais tempo em casa e, por isso, mantêm a televisão ligada durante todo o dia, enquanto os homens, com mais actividades exteriores, dedicam menos horas a esse tipo de consumo. A hipótese formulada, parece ter sustentação no indicador segundo o qual os homens com mais de 64/65 anos vêm mais televisão à hora do almoço (40,1%) e ao jantar (54,7%), enquanto as mulheres apresentam maiores percentagens depois do almoço e depois do jantar. Desenham-se, assim, rotinas do quotidiano entre os mais de 64/65 anos: as mulheres com obrigações domésticas e os homens com ocupações externas.

QUADRO I  
Período de visionamento de TV (%)

|                                   | Homens<br>> 64/65 anos | Mulheres<br>> 64/65 anos |
|-----------------------------------|------------------------|--------------------------|
| Início da Manhã                   | 14,0                   | 20,8                     |
| Manhã                             | 21,1                   | 28,3                     |
| Ao almoço                         | 40,1                   | 29,0                     |
| Tarde                             | 39,4                   | 42,7                     |
| Fim de Tarde (entre 18h e 19h30m) | 25,9                   | 20,7                     |
| O jantar                          | 54,7                   | 35,7                     |
| Depois de jantar                  | 45,8                   | 45,0                     |
| Todo o dia                        | 15,6                   | 24,1                     |

Fonte: Sondagem Nacional, ERC/ISCTE

Tal como nas outras faixas etárias, são elevadas as percentagens dos maiores de 64/65 anos que associam a televisão a um entretenimento, uma forma de passar o tempo (81,6% das mulheres e 72,6% dos homens). De notar, no entanto, a grande diferença percentual entre mulheres e homens idosos que declaram ver televisão sozinhos (58,5% e 35,6%, respectivamente), o que está em concordância com os índices de viuvez e de solidão das mulheres, já apurados noutros estudos. Em comparação com faixas etárias mais jovens, verifica-se que nas mulheres com mais de 64/65 anos é mais frequente o hábito de ligar a televisão ao chegar a casa (57,4%). Já o mesmo não sucede com os homens: a percentagem dos que ligam automaticamente a televisão, quando chegam a casa, não apresenta variações significativas em função da idade. Homens e mulheres afirmam ver frequentemente televisão sem fazer mais nada (respectivamente 58,6% e 55,2%). Mas é nitidamente maior a percentagem de mulheres que mantém a TV ligada sem lhe prestar atenção (46,2% contra 32,6%). É de admitir que, também aqui, o comportamento face à televisão seja revelador de práticas quotidianas, no contexto da casa e da família. Muitos são os que ligam o receptor de TV para assistir a determinados programas — mais as mulheres que os homens — e poucos os que têm o hábito de gravar para ver mais tarde.

De salientar que o elevado consumo de televisão não se reflecte na emergência de temas de discussão que promovam a socialização. Comparando os indicadores da faixa etária com mais de 64/65 anos com as outras, percebe-se que são os mais idosos quem menos declara conversar sobre o que vê na televisão com familiares, amigos ou colegas. Este facto levanta interrogações sobre a recepção dos programas televisivos e sobre os interesses destes públicos quando confrontados com a televisão. Será que a televisão é apenas uma companhia discreta? Uma voz ou “ruído de fundo”? Em que medida os mais de 64/65 anos desenvolvem estratégias e atitudes de abstracção propositada relativamente às mensagens veiculadas pela TV? E porquê



QUADRO II  
 Costuma discutir programas de TV? (%)

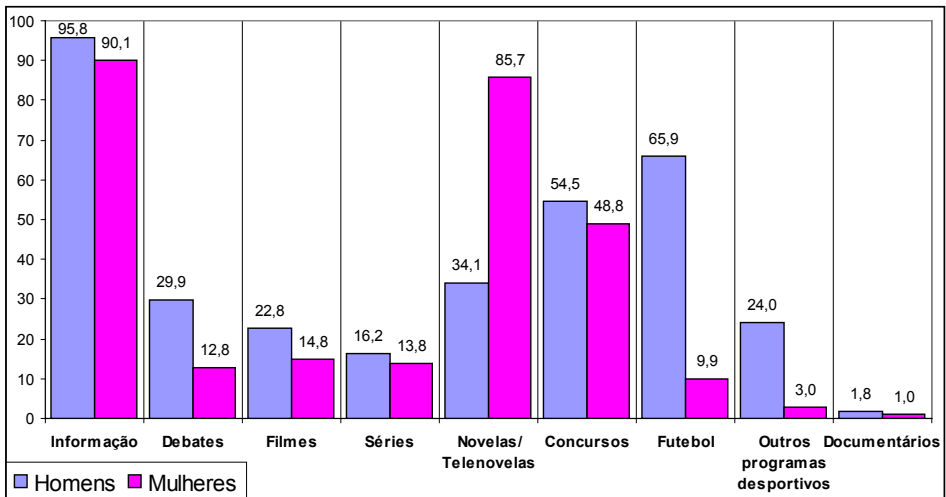
|   |                     | Homens<br>15-24<br>anos | Mulheres<br>15-24<br>anos | Homens<br>25-44<br>anos | Mulheres<br>25-44<br>anos | Homens<br>45-64<br>anos | Mulheres<br>45-64<br>anos | Homens ><br>64 anos | Mulheres<br>> 64 anos |
|---|---------------------|-------------------------|---------------------------|-------------------------|---------------------------|-------------------------|---------------------------|---------------------|-----------------------|
| Familiares                                  | Nunca/<br>raramente | 34,5                    | 30,5                      | 32,8                    | 34,0                      | 33,5                    | 36,4                      | 46,6                | 57,5                  |
|   | Ocasionalmente      | 36,4                    | 40,0                      | 40,9                    | 32,9                      | 38,0                    | 36,4                      | 29,0                | 24,8                  |
|   | Frequentemente      | 29,0                    | 29,5                      | 26,3                    | 33,0                      | 28,4                    | 27,1                      | 24,4                | 17,7                  |
|   | Total               | 100,0                   | 100,0                     | 100,0                   | 100,0                     | 100,0                   | 100,0                     | 100,0               | 100,0                 |
| Amigos                                      | Nunca/<br>raramente | 22,7                    | 28,4                      | 30,7                    | 40,0                      | 45,1                    | 48,8                      | 60,6                | 71,5                  |
|   | Ocasionalmente      | 46,2                    | 38,9                      | 44,0                    | 39,0                      | 38,2                    | 39,0                      | 23,8                | 22,4                  |
|   | Frequentemente      | 31,1                    | 32,8                      | 25,3                    | 21,0                      | 16,6                    | 12,3                      | 15,6                | 6,2                   |
|   | Total               | 100,0                   | 100,0                     | 100,0                   | 100,0                     | 100,0                   | 100,0                     | 100,0               | 100,0                 |
| Colegas<br>(de estudo<br>ou de<br>trabalho) | Nunca/<br>raramente | 30,8                    | 41,0                      | 44,5                    | 56,3                      | 63,5                    | 68,7                      | 88,5                | 97,0                  |
|   | Ocasionalmente      | 44,6                    | 37,4                      | 39,8                    | 26,8                      | 26,3                    | 21,3                      | 8,1                 | 2,4                   |
|   | Frequentemente      | 24,7                    | 21,6                      | 15,6                    | 16,9                      | 10,2                    | 10,0                      | 3,4                 | ,6                    |
|   | Total               | 100,0                   | 100,0                     | 100,0                   | 100,0                     | 100,0                   | 100,0                     | 100,0               | 100,0                 |

Fonte: Sondagem Nacional, ERC/ISCTE

Ambos os sexos, consideram a Televisão como o mais importante, o grande meio de informação (74,8% dos homens e 69,3% das mulheres). O género “Informação” é indiciado como o mais visto (por mais de 98%), o que não difere do conjunto da população. Acrescente-se que, para estes inquiridos, a informação veiculada por todos os canais atinge elevada credibilidade (numa escala de 1 a 6, todos os canais estão acima de 4,8).

Depois da informação, o que suscita mais interesse junto dos homens e mulheres com mais de 64/65 anos é o futebol (65,9%), nos homens e as novelas/telenovelas (85,7%), nas mulheres. Homens (54,5%) e mulheres (48,8%) colocam em terceiro lugar, nas suas preferências, os concursos, seguindo-se, para ambos, os debates. Uns e outros demonstram pouco interesse por documentários e, no caso dos homens, alguma atenção é dada a “outros programas desportivos”. Da comparação destes resultados com os referentes a outras faixas etárias resulta que os concursos são apreciados, sobretudo, por indivíduos com mais de 64/65 anos e que as novelas/telenovelas registam, entre as mulheres deste grupo, uma maior percentagem. É curioso verificar que os homens desta faixa se situam, comparados com outros grupos etários, na terceira posição relativamente ao consumo de futebol.

GRÁFICO 1  
Programas de Televisão que vê frequentemente (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

## 1.2. Satisfação, Credibilidade e Expectativas

Homens e mulheres com mais de 64/65 anos estão satisfeitos com os programas emitidos nos horários nobres, com uma ligeira superioridade para as mulheres (67,9% contra 63,2%). E a mesma tendência se observa quanto ao grau mais elevado de satisfação: 12,3% das mulheres dizem-se “muito satisfeitas” enquanto que, nos homens, essa apreciação não vai além dos 4%. Aliás, as mulheres mais velhas destacam-se na apreciação muito positiva que fazem da programação em horário nobre. Com efeito, nos restantes grupos etários, as mulheres que se declaram muito satisfeitas são, proporcionalmente, num volume bastante inferior: 5,9% dos 15 aos 24 anos; 3,4% dos 25 aos 44; 4,6 dos 45 aos 64. Inversamente, é nos homens que se encontram os maiores índices de insatisfação (8,6% contra 4,0%).

Em geral, pode concluir-se que, nos mais velhos, homens ou mulheres, é maior a satisfação e menor a insatisfação.

Os programas mais adequados ao horário nobre são, para as mulheres desta faixa etária, os concursos, os filmes e o teatro. Para os homens, o futebol, as grandes reportagens e os concursos. Comparando as preferências entre os homens e

QUADRO III

Indicadores de satisfação em horário nobre, entre as 21 e as 23 horas (%)

|                                 | Homens<br>15-24 anos | Mulheres<br>15-24 anos | Homens<br>25-44<br>anos | Mulheres<br>25-44<br>anos | Homens<br>45-64<br>anos | Mulheres<br>45-64<br>anos | Homens<br>> 64 anos | Mulheres<br>> 64 anos |
|---------------------------------|----------------------|------------------------|-------------------------|---------------------------|-------------------------|---------------------------|---------------------|-----------------------|
| Muito insatisfeito              | 1,4                  | 2,7                    | 7,2                     | 3,5                       | 2,7                     | 2,5                       | 2,2                 | 1,1                   |
| Insatisfeito                    | 15,5                 | 11,9                   | 15,4                    | 12,7                      | 18,3                    | 11,3                      | 8,6                 | 4,0                   |
| Nem satisfeito nem insatisfeito | 19,7                 | 11,1                   | 17,3                    | 14,5                      | 29,7                    | 17,1                      | 22,0                | 14,8                  |
| Satisfeito                      | 55,8                 | 68,4                   | 55,8                    | 65,9                      | 46,7                    | 64,5                      | 63,2                | 67,9                  |
| Muito satisfeito                | 7,7                  | 5,9                    | 4,2                     | 3,4                       | 2,7                     | 4,6                       | 4,0                 | 12,3                  |
| Total                           | 100,0                | 100,0                  | 100,0                   | 100,0                     | 100,0                   | 100,0                     | 100,0               | 100,0                 |

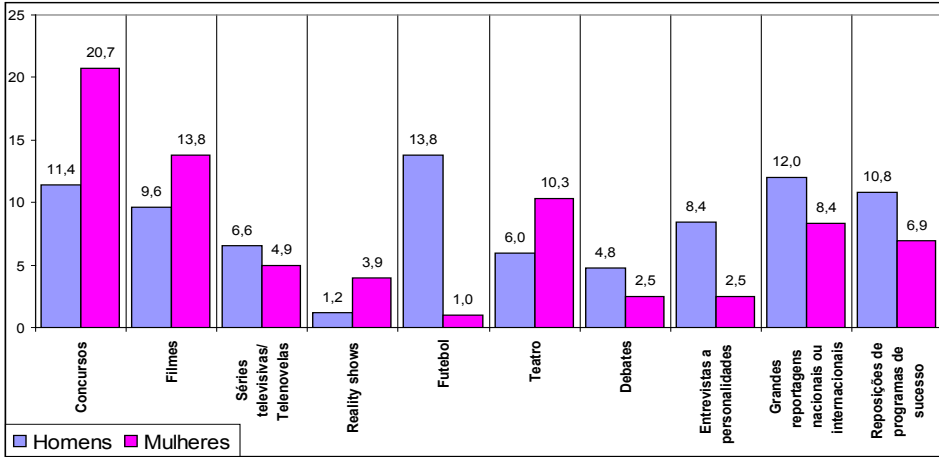
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

as mulheres, com mais de 64/65, anos nota-se que, para além do futebol onde a distância entre as preferências dos dois sexos é extremamente acentuada, os homens preferem debates, entrevistas a personalidades, grandes reportagens e reposição de programas de sucesso, enquanto o gosto das mulheres vai, sobretudo, para concursos, filmes, teatro e *reality shows*. Com todas as precauções que tais comparações exigem, parece haver, da parte masculina, um maior interesse por programas de informação ou educativos (o futebol é, obviamente, um caso à parte) e da parte feminina uma opção mais forte por programas de entretenimento.

Estes dados deverão ser lidos tendo em conta a escolaridade e o local de habitação, mas também, como se verá nos Grupos de Foco, o estado de saúde desta população mais idosa.

A RTP1 é o canal mais visto pelo público masculino maior de 64/65 anos. O feminino prefere a TVI e a SIC a que não será estranho o consumo, essencialmente feminino, das telenovelas e dos *reality shows*. A RTP2 (como a SIC Notícias) têm

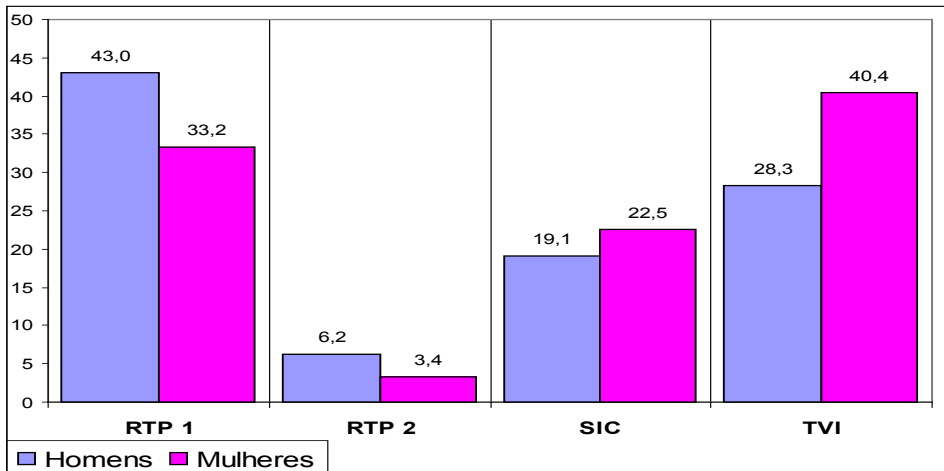
GRÁFICO 2  
Programas mais adequados ao horário nobre das televisões (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

maior expressão junto dos homens que das mulheres. O que pode explicar-se pela preferência marcadamente masculina de debates. Comparando estes resultados com outros grupos etários nota-se que são os mais de 64/65 que mais vêem a RTP1 e que, entre estes, são as mulheres que mais vêem a TVI.

GRÁFICO 3  
Canal de Televisão que mais vê (%)

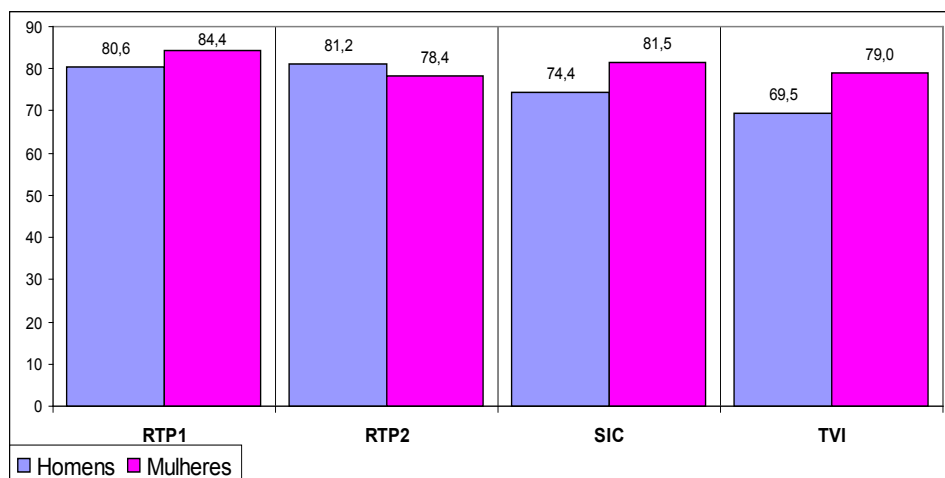


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Para este grupo de inquiridos, a informação transmitida por todos os canais é muito credível, particularmente para as mulheres que declaram acreditar na informação veiculada por qualquer um dos canais abertos segundo percentagens sempre acima dos 78%. Entre os homens, o mais credível, dos canais abertos, é a RTP1 e o menos credível a TVI. As mulheres que igualam os homens na maior credibilidade que concedem à RTP1, acreditam mais do que estes na SIC e na TVI. Interessante é o que se passa com a TV2: apesar da sua fraca audiência, é o canal em que os homens mais acreditam. Impõe-se, nesta apreciação, a imagem da TV2 no espaço público, de maior rigor e menor cedência à especulação.

GRÁFICO 3

Credibilidade na informação difundida nos canais de TV em sinal aberto (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

A apetência por canais estrangeiros parece muito reduzida, e as escolhas variam muito de homem para mulher. O mais citado pelas mulheres é o canal Odisseia e pelos Homens o canal Hollywood. Por exemplo, o canal História tem bastante aceitação entre os homens e pouca expressão entre as mulheres. O contrário acontece com a MTV que tem mais impacto junto das mulheres que entre os homens.

De uma maneira geral os mais de 64/65 anos expressam opiniões sobre a Televisão comuns a todos os restantes inquiridos. Neste sentido, afirmam como

um dos principais deveres deste meio a defesa da língua e da produção nacional portuguesa. Consideram que o incumprimento dos horários constitui um grande desrespeito pelos espectadores e que as televisões estão subordinadas aos interesses económicos, constituindo a concorrência uma estratégia das empresas que não resulta necessariamente no aumento da qualidade e diversidade da programação. A interferência dos governos ocorre, na sua opinião, mais nos canais públicos que nos privados, pelo que os primeiros estarão mais dependentes do poder. Homens e mulheres concordam que um maior número de canais contribui para diversificar a informação e promover o espírito crítico.

Para o grupo das mulheres com mais de 64/65 anos, e comparando com as outras faixas etárias, ressalta a rejeição de programas pornográficos. Quase 50% dizem-se incomodadas com esse tipo de programas (21,2% para o público masculino da mesma faixa), percentagem muito superior à que se verifica junto das mulheres mais jovens. São também as que mais reclamam medidas de controlo. Apesar do elevado consumo que evidenciam, mostram alguma desconfiança pela actuação do governo e pelo papel da televisão na sociedade, nomeadamente dos canais públicos enquanto garante do respeito pelas minorias.

Questões a aprofundar com os indicadores recolhidos nos grupos de foco.

## **2. Grupos de Foco**

Os dois grupos de foco reunidos em Odivelas e na Ameixoeira, seguiram, como foi referido na Parte I do Relatório, sobre metodologias, um roteiro que envolveu o estudo dos usos, consumos, representações e expectativas sobre a televisão. Cada grupo contou, respectivamente, com 8 e 9 participantes e a média etária rondou os 78 anos.

Para melhor compreensão dos indicadores recolhidos nos grupos de foco traça-se um quadro dos contextos que envolveram a sua realização. Nesta descrição salientam-se algumas dimensões, nomeadamente o espaço físico, as interacções entre os coordenadores dos centros e as pessoas com mais de 64/65 anos, bem como informações disponibilizadas de forma formal ou informal às investigadoras.

No Centro de Dia de Odivelas (CDO), pertencente à Junta de Freguesia local, o encontro (7 de Maio de 2007) foi antecedido por contactos realizados através de correio electrónico e telefónico.<sup>13</sup> A responsável pelo centro mostrou-se bastante receptiva e aderiu de imediato à iniciativa. O centro dispõe de um refeitório e de uma sala de estar, onde os utentes podem ver televisão, jogar ou fazer trabalhos manuais, participar em aulas de informática e outras actividades. No dia da sessão, os aparelhos estavam sintonizados na SIC (refeitório) e na TVI (sala de estar). Há um salão maior para realização de eventos, tipo ginásio, e salas para apoio psicológico e médico. A sessão teve início perto das 14h 45m, quando chegou a coordenadora do Centro de Dia, após uma reunião na Junta de Freguesia. Nem todos os utentes do centro aceitaram, espontaneamente, participar e foi a coordenadora que “intimou” alguns, sobretudo homens, a dirigirem-se para a sala onde se realizaria a sessão. A maior parte das senhoras participou com disposição, umas mais que outras, notando-se que algumas sofriam de problemas auditivos ou de outras limitações decorrentes do estado de saúde.

Na generalidade, e apesar da coordenadora do Centro solicitar que falassem nos temas propostos, a maioria introduziu outras questões, como as condições de vida na juventude, a situação actual de solidão, comparações entre a vida passada e actual e observações sobre a família.<sup>14</sup> A “memória”, no sentido de lembrança pessoal e eco/amálgama do colectivo, esteve sempre presente, não só na evocação das experiências individuais como na percepção social e colectiva de determinados momentos do passado (Halbwachs, 1990). Alguns dos participantes saíram uma meia hora depois, por terem compromissos com familiares mas, também, por imperativos de rotinas, como a “hora do lanche” que antecede a volta a casa às 16h 30m.<sup>15</sup> No final a coordenadora do Centro

13 “O encontro estava marcado para as 14h. Chegámos um pouco mais cedo e fomos avisadas que a responsável tinha sido chamada para uma reunião na junta de freguesia e viria cerca de meia hora atrasada. Fomos encaminhadas para uma sala perto do pavilhão desportivo contíguo ao centro onde se fazia atendimento ao público” [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Idosos*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “mais de 64/65 anos”]

14 “Alguns dos participantes saíram passada uma meia hora dizendo que alguém os viria buscar e que tinham de estar prontos. Fomos esclarecidas que era a hora do lanche e que deveriam lanchar antes de voltar para casa. A maioria das senhoras ficou até ao fim da sessão e participou com agrado” [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Idosos*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “mais de 64/65 anos”]

15 “A coordenadora afirmou, também, que quase todos tinham pensões suficientes para pagar a quota do centro, variável em função das pensões, e tinham problemas de saúde crónicos. Reparámos que as portas do Centro estavam trancadas, situação justificada pelo facto de alguns utentes desenvolverem ‘processos de demência’. No final agradecemos e saímos, eram 16h30m” [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Idosos*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “mais de 64/65 anos”]

proporcionou alguma informação adicional sobre os utentes (designação utilizada para referir os seus frequentadores), nomeadamente condições económicas e sociais (média das reformas, apoio familiar e condições gerais de saúde) e tipo de apoio prestado.

No Centro de Apoio a Jovens e Idosos do Lumiar (CAJIL, Instituição Particular de Solidariedade Social sem fins lucrativos) o encontro realizou-se no dia 9 de Maio de 2008. O contacto inicial fez-se através de correio electrónico e telefone com o responsável, um jovem animador sócio-cultural. Neste centro, há um refeitório, bar/café e um espaço onde os utentes realizam várias actividades, como jogar cartas, trabalhos manuais, ver televisão, etc. Os inscritos, que pagam em função das suas reformas, podem entrar e sair ao longo dia de 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> feira sem constrangimentos físicos (portas fechadas) ou solicitações (pedidos verbais à coordenação).<sup>16</sup> A sessão iniciou-se às 14h15m e, logo pela disposição dos participantes, se notou que as pessoas eram física e mentalmente mais autónomas e activas que o grupo de Odivelas, apesar de estarem na mesma média etária. Na sua maioria, além de demonstrarem grande interesse na participação, fizeram inferências e manifestaram conhecimentos sobre o funcionamento dos meios de comunicação.<sup>17</sup> A “memória” foi, também, nesta sessão, um instrumento de exploração dos meios de comunicação, permitindo a articulação do espaço e do tempo das vivências individuais e a reconstrução de quadros sociais, nomeadamente o “antes” e o “depois” do “25 de Abril” (Halbwachs, 1990). Percebeu-se, também, pelos comentários que algumas pessoas deste grupo fizeram que, mais do que no anterior, tiveram prazer em falar sobre os meios de comunicação.<sup>18</sup>

16 *“Chegamos às 14h e fomos acolhidos por uma utente e uma funcionária. O centro está ao nível da rua e entramos directamente numa sala de estar cheia de mesas e cadeiras, tipo café. Na sala do lado, um grupo de homens e mulheres conversavam e jogavam às cartas. Nas duas salas as televisões estavam ligadas, na 1<sup>a</sup> a SIC, na 2<sup>a</sup> a TVI. A utente que nos abriu a porta disse-nos que o Gonçalo, o animador, ainda não tinha chegado e sentou-se de novo a ler o jornal que estava na mesa (Correio da Manhã) e a ver a SIC “Terra Nostra”. O ambiente era agradável assemelhando-se a um café”* [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Idosos*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “mais de 64/65 anos”]

17 *“No final da sessão, o coordenador disse-nos que a entrada e saída do centro era livre, que as pessoas vinham quando queriam e pagavam em função da pensão. Muitos dos utentes tinham ali o seu local de convívio e a maioria vivia sozinha e demonstrava ter pouco apoio dos familiares. Saímos após o coordenador nos oferecer algum material informativo sobre o centro e um jornal das actividades realizadas”* [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Idosos*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “mais de 64/65 anos”]

18 *“No final da sessão do Grupo de Foco no CAJIL algumas senhoras comentaram que a conversa sobre estas coisas da televisão e da rádio, eram mais interessantes que as aulas de yoga porque faziam lembrar os tempos antigos e coisas que já não se recordavam”* Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Idosos*,



Esta situação decorreu do “trabalho de memória” (Namer, 1989) realizado ao recordar determinados programas/actores/acontecimentos vividos no passado e em parte esquecidos, uma estratégia que os participantes desenharam para falar dos meios de comunicação em geral e da televisão em particular.

Todos os participantes possuem mais de uma televisão em casa (entre 2 e 5 aparelhos receptores), com excepção de duas pessoas que têm apenas um. Os canais de televisão mais citados foram a RTP1, a SIC e a TVI. Alguns referiram canais por cabo como a SIC Notícias, RTP Memória e a brasileira Record. Os programas mais nomeados foram as telenovelas “Fascínios” e “Ilha dos Amores” (TVI), o concurso “Preço Certo” (RTP1) e o programa do “Camilo” (SIC).

Nas duas sessões, a televisão foi tida como fonte de entretenimento. Como sintetiza uma das participantes, a televisão *“é o que nos entretém. Só é uma pena que há muitos anúncios... são cinco minutos de novela e vinte minutos de anúncios... Deviam entender que há pessoas de idade, que não sabem ler, que a televisão é um entretém para essas pessoas...”* (Teresa, 73 anos). Mas a televisão foi tida, também, como fonte de informação e actualização: *“Gosto da SIC Notícias, para estar actualizada. Gosto de documentários e coisas actuais. O que se passa no nosso país e lá fora. De novelas não gosto”* (Margarida, 60 anos, CDO)

Os programas mais citados por todos os mais de 64/65 anos foram as telenovelas, os noticiários e os concursos. Destaca-se que a selecção e ou nomeação dos canais faz-se tendo em conta a preferência pelos programas e que muitos destes marcam rotinas do quotidiano, como jantar e ir para a cama.

*“Gosto das telenovelas... Fascínios e Ilha dos Amores”* (Maria, 81 anos, CDO); *“Gosto de ver o telejornal, qualquer um. Qualquer canal”* (Lina, 70 anos, CDO); *“Vejo a RTP1, gosto do Preço Certo. Só está no 1. Ao acabar, vou dormir”* (Camila, 74 anos, CDO); *“Na TV, o que mais gosto é o Preço Certo. Ao acabar, vou para a cama”* (Manuel, 86 anos, CDO); *“... novelas e filmes...eu vejo todas as telenovelas, mais as brasileiras. O meu marido prefere as portuguesas. Mas também vejo os telejornais...”* (Leopoldina, 69 anos, CAJIL); *“...prefiro as brasileiras”* (Teresa, 73 anos, CAJIL); *“Minha mulher acompanhava e eu também acompanhava. Desde que ela morreu, não vi mais. Gosto de desporto, coisas culturais, telejornais, concursos, etc.”* (Manuel, 82 anos, CAJIL).

---

Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “mais de 64/65 anos”].

Alguns comentários indiciam “cansaço” face a conteúdos e aspectos da programação, nomeadamente telenovelas. Por exemplo: “*agora são só novelas, novelas... Antigamente havia aquelas peças de teatro, os concursos muito bonitos... agora há muitas novelas...*” (Amélia, 78 anos, CAJIL) ou “*Adorava as telenovelas mas agora estou zangada com elas*” (Angelina, 90 anos, CAJIL) e, de uma outra forma, o comentário emitido por Ludvina (82 anos, CAJIL) que só vê *a Vila Faia* por ter “*passado há muito tempo e estar a Simone*”. Ou ainda a apreciação, ambígua, feita por Maria Conceição (79 anos, CDO) que afirma não se ver “*uma telenovela que seja boa...*” mas que *Fascínios* (telenovela da TVI iniciada em Novembro de 2007) “*nos dá alguma instrução... estamos a aprender algumas palavras...*”.

Todas as pessoas que participaram nos grupos de foco procuram informação, ou na televisão ou na rádio que, para alguns, educa mais que a televisão (Camila, 74 anos, CDO). A televisão suscita, contudo, observações contraditórias: por um lado, os mais de 64/65 anos consideram-na importante para se actualizarem e estarem ao par do que se passa no seu país e no mundo; por outro, consideram que a informação é “*ameaçadora*” e traz “*muitas coisas más*”.

Sobre os noticiários, apreciações como “*só dão violência*” (Camila, 74 anos, CDO), “[é] só *misérias. Há coisas que a gente vê e fica nervosa para o resto da noite*” (Teresa, 73 anos, CAJIL), “*repetem as mesmas notícias em todos os jornais, de manhã, à hora do almoço e ao jantar*” (Margarida, 60 anos, CDO) colhem unanimidade. Mas nem todas as informações surgem aos olhos destes telespectadores como credíveis e confiáveis, tendo como ponto de referência a sua experiência pessoal e a comparação com o passado: “*Antigamente ninguém nos dava nada, os mais velhos estão a ser muito bem tratados em Portugal, temos coisas que os meus pais não tiveram*” (Camila, 74 anos, CDO). As opiniões divergem sobre a credibilidade da informação veiculada. Enquanto uns afirmam que “*Isto não está nada mau, a televisão é que nos diz que está mau. Mostram muita pobreza, as pessoas passando fome, desgraças, guerra. Mas não é bem assim...*” (Camila, 74 anos, CDO), outros são da opinião que “*Portugal está muito, muito mau*” (Maria, 81 anos, CDO). E também há quem considere que “*O telejornal devia dar as notícias boas e as notícias más... há boas e más... e há coisas que repetem muitas vezes*” (Leopoldina, 69 anos, CAJIL), ou que “*Há coisas que acontecem e não aparecem na televisão, são encobertas... a gente não escuta nada bom*” (Angelina, 90 anos, CAJIL).

Nota-se preocupação face aos programas da televisão que potencialmente têm impacto nas crianças: “*Ensinam muitas coisas na televisão que não deviam dar, e as crianças aprendem... muitas coisas feias*” (Amélia, 78 anos, CAJIL), “*Por exemplo, o programa da RTP que falava de sexo e SIDA, não deviam dar isso na televisão para as crianças ouvirem, há muita coisa que não se devia dar..*” (Teresa, 73 anos, CAJIL).

Já no modo como são tratadas as pessoas com mais de 64/65 anos, as opiniões nos dois grupos de foco são unânimes em considerá-lo positivo<sup>19</sup>.

Os fins-de-semana merecem comentários especiais pois, para quase todas estas pessoas com mais de 64/65 anos, esse é um tempo em que ficam em casa, dado que os centros de dia fecham e, muitas vezes, sem família, vêem-se sozinhos e na companhia exclusiva da televisão. Sobre os programas emitidos aos sábados e domingos, muitos participantes lamentam que só haja “*filmes estrangeiros*” e que ninguém se lembre que há muitas pessoas que não “*sabem ler*” e “*há pessoas do campo...*” (Angelina, 90 anos, CAJIL). A este propósito, sugerem uma programação com “*Coisas portuguesas, as coisas bonitas do nosso país. Adoro ver a paisagem do nosso país.... Fome não nos interessa ver, já passamos muita fome antigamente. O mar, a pesca, a agricultura, o que os portugueses trabalham. Não gosto de ver desgraça na televisão*” (Camila, 74 anos, CDO), os “*monumentos*” e “*programas sobre o estrangeiro, o Brasil...*” (Augusto, 90 anos, CDO).

A avaliação da programação dos fins-de-semana faz a ponte para o passado. Os participantes nos grupos afirmam que gostariam de ver na televisão “*coisas bonitas*” (Angelina, 90 anos, CAJIL) e “*Cinemas como havia antigamente, não esses filmes com violência...*” (Teresa, 73 anos, CAJIL). O trabalho sobre a memória permite recordar as primeiras vezes que assistiram à televisão — a preto e branco, fora das suas casas, nos cafés, em casa das “patroas” ou de amigos e familiares — os programas que mais os marcaram, bem como os actores, animadores e jornalistas.

Dos programas evocados com mais emoção destacam-se os espectáculos e apresentações de Amália Rodrigues, Vasco Santana, Villaret, Ari dos Santos e a “*Visita da Cornélia*” com Raul Solnado, assim como as séries do *Bonanza* e *Robin Wood*.

<sup>19</sup> Estas pessoas não se vêm “idosos”, sentem-se mais velhos, o tempo passou, mas são os outros, aqueles que conheceram quando eram novos ou que conheceram numa idade avançada, que se tornam idosos. Nesta perspectiva, as respostas não conseguem estar dissociadas do percurso de vida dos participantes das sessões.

Os homens recordam os campeonatos mundiais de futebol, nomeadamente o de 1966, e os jogos em que participou o Eusébio. Por sua vez, entre os jornalistas e apresentadores mais lembrados estão Henrique Mendes, Fialho Gouveia, Manoel Caetano e Carlos Cruz. Em síntese e face ao passado, os programas são percebidos como “... *mais bonitos antigamente. Agora assustam mais*” (Camila, 74 anos, CDO); “*Eram mais genuínos. Antigamente, só em ver os actores já nos ríamos*” (Margarida, 60 anos, CDO); “*Eram mais naturais os actores*” (Maria da Conceição, 79 anos, CDO).

## IMPrensa

### 1. Sondagem Nacional

O primeiro dado a reter é que mais de 50% dos homens e 80% das mulheres, com idades superiores a 64/65 anos não têm acesso a jornais, ou porque não podem, ou porque não lhes interessa. Esta situação contradiz, no entanto, a representação que transmitem sobre a importância dos jornais como meio de adquirir informação. Com efeito, consideram-nos um meio “importante” ou “muito importante” para atingir esse fim 81,8% e 76% dos idosos inquiridos.

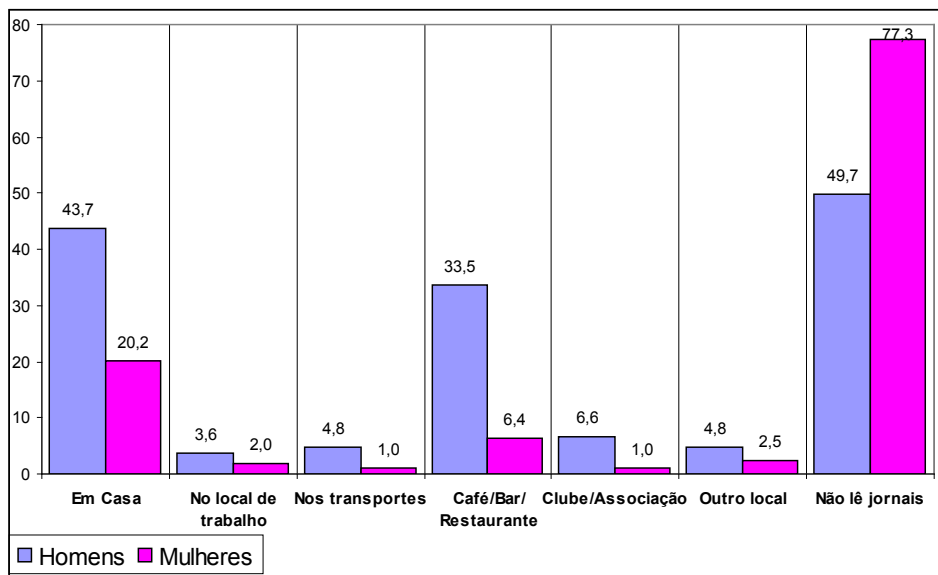
Repete-se a observação feita a propósito da análise das respostas sobre televisão: estes dados deverão ser lidos em função das variáveis escolaridade, situação económica e saúde que condicionam a compra e a leitura.

Comparando com as outras faixas etárias, este grupo é o que tem menor acesso a jornais. Indicadores semelhantes, até um pouco agravados, surgem relativamente ao consumo de revistas e livros (cerca de 80% dos inquiridos não lêem nem compram revistas ou livros), o que condiciona, como é evidente, as respostas ao inquérito sobre a Imprensa: se um inquirido não leu, nos últimos 30 dias, nenhum diário de informação geral, não responderá a mais nenhuma pergunta sobre este meio. Assim sendo, a análise seguinte dirá apenas respeito aos que afirmaram ler ou folhear jornais há menos de 30 dias (47,7% dos homens e 19,3% das mulheres). Destes, a maioria afirma que o faz todos os dias (55,9% dos homens e

60,4% das mulheres) e de preferência pela manhã, apesar de uma percentagem maior de mulheres afirmar que lê pela tarde (45,2% relativamente a 39,4% dos homens), o que está de acordo com rotinas domésticas do quotidiano (arranjar a casa, fazer o almoço).

Quanto aos locais de leitura, é certo que mais de 60% dos idosos, sejam eles homens ou mulheres, declara ler o jornal em casa. Mas, quando se comparam outros locais, constatam-se diferenças entre os dois sexos, reveladoras de estilos de vida que, sobretudo em idades mais avançadas, se encontram perfeitamente demarcados.

GRÁFICO 4  
Locais onde lêem jornais (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Caso notório é o da leitura de jornais em cafés/bares/restaurantes, uma prática essencialmente masculina. De facto, é aí que 33,5% dos homens que dizem ler jornais preferem fazê-lo. Logo após a leitura em casa e a grande distância dos restantes locais: no trabalho, nos transportes ou nos clubes e associações.

Os indicadores relativos aos hábitos de leitura mostram que os leitores com mais de 64/65 anos tendem, sobretudo as mulheres, a dirigir-se imediatamente à secção de seu interesse ou a folhear rapidamente o jornal. Por vezes, e mais as mulheres que os homens, guardam o jornal para o ler no dia seguinte. Poucos prestam atenção à publicidade, escrevem cartas ao director ou recortam um artigo para o arquivar.

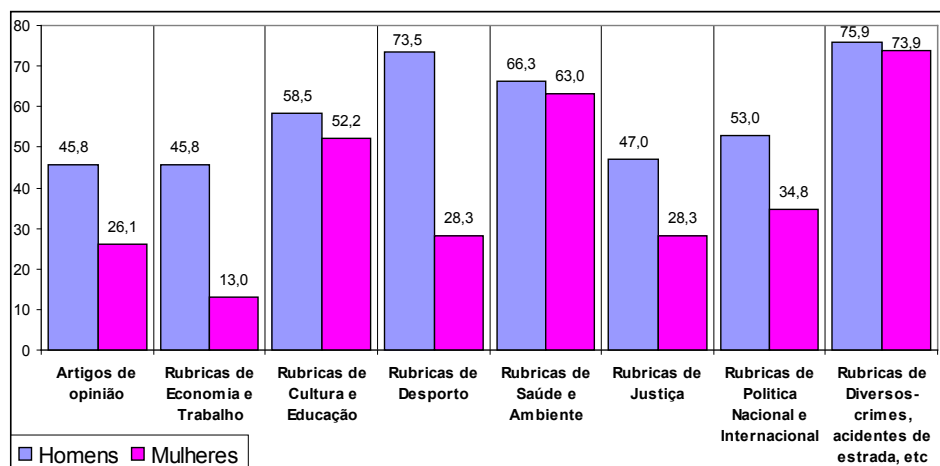
O jornal diário mais lido, por homens e mulheres com mais de 64/65 anos, é o “Correio da Manhã” (respectivamente 44,9% e 44,3%), seguindo-se o “Jornal de Notícias”. Repare-se que este diário tem mais leitores do sexo feminino (49,4%) que masculino (38,1%). A difusão do “Público” e do “Diário de Notícias”, assim como dos jornais regionais e gratuitos, é praticamente irrelevante. Estes leitores não se queixam de falta de tempo para ler jornais diários e manifestam concordância relativamente à concorrência entre jornais que, no seu entender, contribui potencialmente para a liberdade de imprensa (72,6% dos homens e 57,8% das mulheres). Concordam, igualmente, com a ideia de que a imprensa promove o espírito crítico. Aqueles que lêem diários, mais as mulheres (71,4%) que os homens (53,7%), são também da opinião que a imprensa aprofunda mais a informação que a televisão ou a rádio.

A rubrica mais procurada, com percentagens de cerca de 95%, em ambos os sexos, é a que engloba crimes, acidentes de estrada, etc. que constituem as notícias lidas com maior frequência, principalmente pelas mulheres (79,1% contra 75,8% dos homens). Com valores superiores a 81% estão, igualmente as secções relacionadas com saúde e ambiente, embora lidas com menos regularidade. As outras secções acolhem mais interesse entre os leitores que entre as leitoras, nomeadamente o desporto, a “justiça” e as questões de política nacional e internacional. De salientar que o desporto é a segunda secção mais nomeada pelos homens como leitura frequente (74,2%), preferência que nas mulheres vai para a área da saúde e ambiente (75,3%).

No conjunto dos inquiridos na Sondagem Nacional, o grupo dos mais idosos, homens e mulheres conjuntamente, é o que menos contacto tem com a imprensa desportiva. Apenas 24,9% dos homens afirmam ter folheado um jornal desportivo nacional nos últimos 30 dias. As mulheres ficam-se por uns residuais 3,1%. A “Bola” e o “Record” são os jornais desportivos mais nomeados, verificando-se que relativamente ao primeiro, as mulheres (56,5%) o citam mais que os homens (42,4%).

GRÁFICO 5

Costuma ler frequentemente no jornal diário nacional de informação geral (%)<sup>20\*</sup>



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Se a leitura dos diários é reduzida, a dos semanários de informação é-o ainda mais. Só 10,3% dos homens e 4,6% das mulheres, com mais de 64/65 anos, lêem ou folheiam semanários<sup>21</sup>. O semanário mais citado pelas mulheres é o “Expresso”. Citam-no todas as que lêem ou folheiam semanários. Entre os homens o mesmo semanário recolhe 24,7% das preferências, o que o situa em terceiro lugar, depois dos semanários “Sábado” (32,4%) e “Sol” (30,8%).

Extremamente baixo é, igualmente, o consumo de revistas temáticas que suscitem, no entanto, um interesse proporcionalmente maior junto do público idoso feminino (14,1%) que do masculino (4,8%). A diferença percentual explicar-se-á pelo peso, junto destas mulheres, de publicações a que o senso comum atribui a designação de “revistas cor-de-rosa” ou de “notícias de sociedade”, geralmente centradas na programação televisiva, nas carreiras e vidas de actores/atrizes de telenovelas, no mundo da moda e dos espectáculos. Por ordem de importância são as seguintes as revistas temáticas mais citadas pelas consumidoras com mais de 64/65 anos: “Maria”(39,6%), “Gente/Nova Gente” (38,3%), “TV Guia” (32,2%), “TV 7 Dias” (30,6%).

<sup>20</sup> Consideram-se, apenas, os que declaram ler jornais diários de informação geral

<sup>21</sup> Nos inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, estes índices são ainda mais baixos

Tal como na televisão, a imprensa apresenta elevados níveis de credibilidade e, numa escala de 1 a 6, a média menor é 3,9. No conjunto, as respostas das mulheres denotam médias menos elevadas, um indicador de “alguma desconfiança” que já se fizera sentir face à televisão. O “Jornal de Notícias” é o diário que surge mais credível para os homens (82,5%) e para as mulheres (78,8%). Enquanto o semanário “Expresso” é o que obtêm maior percentagem, para homens e mulheres, com respectivamente 74,9% e 69,5%. Observa-se que os jornais diários gratuitos são os que apresentam, a este respeito, valores mais baixos.

A “Visão” é a revista, entre os mais de 64/65 anos, com melhores indicadores de credibilidade (78,3% para os homens e 62,0% para as mulheres). Mais uma vez se verifica que as mulheres acreditam menos ou manifestam “alguma desconfiança” relativamente aos meios de comunicação, facto que se expressa nos valores apurados.

## 2. Grupos de Foco

Os resultados dos dois grupos de foco sobre a Imprensa realizados em Odivelas e na Ameixoeira vêm ao encontro de alguns dos indicadores apurados na Sondagem Nacional. Poucos são os participantes, cuja média etária ronda os 78 anos, que lêem diariamente jornais: porque não sabem ler, porque não têm acesso a eles ou, ainda, porque os consideram uma fonte complementar à televisão, o meio privilegiado de informação. Não ler jornais não significa, contudo, falta de apreço pela leitura (mesmo para os que não sabem ler). Por exemplo, na sequência da conversa no CAJIL, diz M<sup>a</sup> Leopoldina (69 anos): *“Também não leio mas gostava de saber...”*

Saber ler e hábitos de leitura estão associados às trajectórias de vida, que os trouxeram jovens das aldeias para Lisboa. Recordam a inexistência de jornais nas suas terras e os primeiros contactos com os diários na capital: *“Lá onde nasci, na Beira Alta, não havia jornais, era uma aldeia pequenina. Também quando vim para Lisboa não sabia ler. Fiz a 3<sup>a</sup> classe com 35 anos. Lia antes qualquer coisa, agora já não”* (António, 86 anos, CDO); *“No meu tempo, os jornais eram poucos. Sou de Mortágua. Havia o “Século” de que me lembro. Leio qualquer coisa, ainda leio jornais. Tenho 90 anos e já se torna mais difícil”* (Augusto, 90 anos, CDO); *“Gosto de*



*ler os jornais. Antigamente havia pessoas que andavam a vender*" (Lina, anos, 70 CDO); *"Na minha terra não havia jornal, na Portela, no Alentejo"* (Amélia, 78 anos, CAJIL); *"Na minha também não, só quando vim para Lisboa..."* (Leopoldina, 69 anos, CAJIL).

Evocam, também, as dificuldades porque passaram: *"Eu não sei ler. Lembro-me desses jornais, mas como não sei ler... na minha época havia muita fome e muita miséria"* (Maria, 81 anos, CDO); *"Gosto muito de ler. Lembro-me dos jornais, no 25 de Abril, mas naquele tempo não comprávamos, não tínhamos dinheiro. Gosto agora de ler o Jornal de Odivelas, os jornais gratuitos que distribuem no metro. Assim que os apanho, leio"* (Camila, 74 anos, CDO).

As limitações físicas, em particular os problemas de visão, ou ainda a natureza dos temas abordados, são razões para não ler jornais, como se observa na sequência da conversa no CAJIL: *"Sim, leio de vez em quando, às vezes, os títulos com letras gordas, outras vezes leio as magras também. Se a notícia interessa, sim"* (Manuel, 82 anos); *"Não gosto muito de ler. Se me interessa, leio no jornal as gordas, as magras a vista já não ajuda muito"* (Amélia, 78 anos); *"Raramente leio"* (Ludvina, 82 anos); *"Leio, mas há muito que não vejo bem. Há mais de 25 anos que não escrevo uma carta"* (Angelina, 90 anos); *"Leio as gordas mas as magras fazem-me doer a vista. Mas só há desgraças"* (Isabel, 80 anos).

Os jornais mais nomeados, independentemente de continuarem ou não a ser publicados são "O Século", o "Diário de Notícias", o "Crime", o "Diário Popular", os jornais gratuitos e o "Jornal de Odivelas". Muitos lembram que havia edições matutinas e vespertinas e que eram vendidos por ardinhas ou atirados para dentro das casas: *"Comprava-se na rua... ou se atiravam os jornais"* Teresa (73 anos, CAJIL); *"Andavam os jornalistas nas ruas"* Leopoldina (69 anos, CAJIL).

A opinião sobre os conteúdos actuais dos jornais colhe unanimidade nos dois grupos e está sintetizada na afirmação *"hoje só se vêem desgraças. As coisas simples não aparecem, porque as más vendem mais"* (Ludvina, 82 anos, CAJIL). No entanto, as notícias que geram mais interesse são *"notícias de roubo, das crianças desaparecidas, raptos"* (Amélia, 78 anos, CAJIL) ou *"Crimes, ainda agora atingiram um polícia, entraram numa esquadra...um dia destes, entram no tribunal armados... não se via isso antigamente"* (Amélia, 78 anos, CAJIL).

Enfim, já não encontram na leitura ou consulta dos jornais a utilidade que encontravam noutros tempos: “*Eu gostava muito de ler o ‘Diário de Notícias’, mas já não presta. Era bom para encontrar empregos, casas para alugar, antigas...*” (Camila, 74 anos, CDO)

## RADIO

### 1 Sondagem Nacional

Entre as pessoas com mais de 64/65 anos a rádio é o meio de comunicação mais utilizado, a seguir à televisão. Os homens desta faixa etária apresentam maiores índices (61,8%) de consumo que as mulheres (49,8%). No entanto as mulheres escutam rádio mais frequentemente e durante mais tempo, quer durante a semana quer aos fins-de-semana. O período em que mais se escuta é pela manhã, para homens e mulheres, e pelo fim da tarde apenas para as mulheres (38,3%).

É um meio de comunicação especialmente usufruído no espaço doméstico — para 83,7% dos homens e 91,2% das mulheres — algumas vezes na sala ou, no caso das mulheres e em percentagem significativa, na cozinha onde desempenha funções de companhia. O automóvel tem, para esta faixa etária, pouca expressão como local de consumo. No quotidiano, ambos os sexos tendem a ligar o aparelho automaticamente, a não lhe prestar muito atenção enquanto fazem outras coisas e a raramente o ligarem, ou desligarem, com a intenção expressa de seguir um programa ou após o término de alguma rubrica seleccionada. Escutar rádio é uma actividade solitária, para 64,3% dos homens e 69,5% das mulheres e, só ocasionalmente, partilhada com familiares (respectivamente para 33,7% dos homens e 27,8% das mulheres).

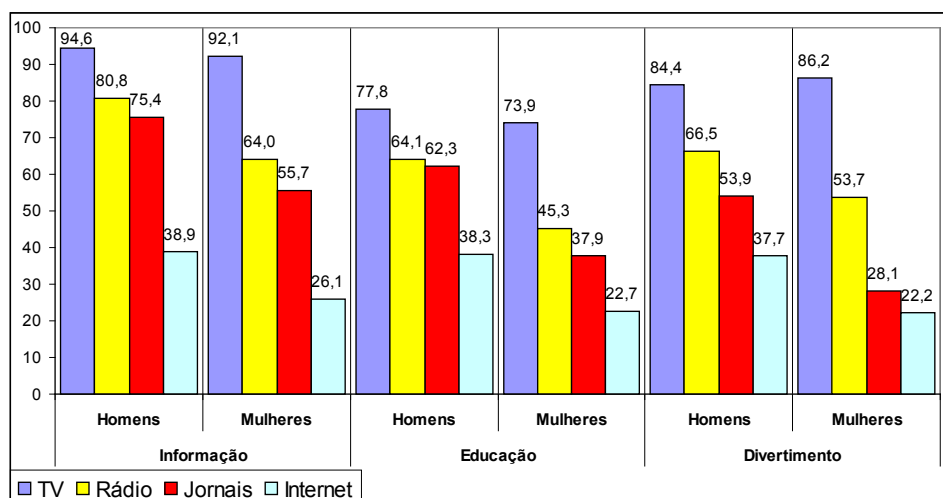
Como fonte de informação, é “muito importante” para 49,7% dos homens e 47,9% das mulheres, colocando-se, assim, logo a seguir à televisão e antes dos jornais e das revistas.

Como instrumento de apoio à educação é “muito importante” para 36,8% dos homens e 33,8% das mulheres. Note-se que, relativamente ao exercício desta

função, o escalonamento, segundo grau de importância, dos diferentes meios de comunicação, e à excepção da televisão que aparece sempre no topo, difere segundo os sexos. Os homens colocam em segundo lugar os jornais e a Internet e, só em quarto lugar, a rádio. As mulheres, por seu turno, dão preferência à rádio que surge, assim, em segundo lugar, à frente dos jornais e da Internet.

GRÁFICO 6

Importância dos media para a Informação, Educação e Divertimento (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Como factor de divertimento a importância da rádio é menor, tanto para homens como para mulheres (desce para, respectivamente, 35,3% e 27,0% a percentagem dos que a consideram “muito importante”).

As estações mais ouvidas são a “Renascença”, com maior audiência junto das mulheres (81,6%) que dos homens (65,0%), seguindo-se a “Antena1” (para 43,3% dos homens e 26,5% das mulheres), o “Rádio Clube Português” para as mulheres (26,3%) e a “TSF” para os homens (22,1%). Os programas mais escutados são os de informação (97,5% dos homens, 88,3% das mulheres) e, em segundo lugar, os de música (mais de 84% para ambos os sexos). O futebol queda-se por um 3º lugar nas preferências dos homens (mais de 72%).

Tal como se verificou relativamente à televisão e à imprensa, a informação veiculada pela rádio é, também, merecedora de elevada credibilidade entre estes públicos. Mas, uma vez mais, as mulheres com idade superior a 64/65 anos manifestam índices menores de credibilidade, relativamente aos homens da mesma faixa etária. E, se exceptuarmos a “Renascença” cuja credibilidade aumenta em função da idade da ouvinte, podemos concluir que o grau de credibilidade das mulheres com mais de 64/65 anos, relativamente à rádio, é inferior ao das mulheres de faixas etárias menos elevadas<sup>22</sup>. Existe, portanto, nas mulheres idosas, como já tínhamos acentuado a propósito dos consumos de televisão e de jornais, uma certa “desconfiança” que não é explicitada mas que decorre, na generalidade, das trajectórias de vida das inquiridas, como parecem mostrar os depoimentos recolhidos nos grupos de foco.

QUADRO IV  
Credibilidade da informação nas estações de rádio (%)

| Estações              | Homens > 64/65 | Mulheres > 64/65 |
|-----------------------|----------------|------------------|
| Antena 1              | 84,7           | 71,4             |
| Rádio Clube Português | 74,0           | 70,6             |
| Rádio Comercial       | 77,2           | 65,7             |
| Rádio Renascença      | 85,1           | 81,2             |
| RFM                   | 80,3           | 69,0             |
| TSF                   | 86,1           | 71,8             |
| Rádio Cidade          | ---            | ---              |

Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Os homens são os que mais concordam quanto ao papel dos canais públicos de rádio como garantes da independência da informação e do respeito pelas minorias (54,3% contra 38,2%). O mesmo se passa quanto à promoção, pela rádio, do espírito crítico (55,4% contra 43,3%). Sempre a “desconfiança”, por parte das mulheres idosas...Mas, de uma maneira geral, as opiniões sobre as funções da rádio parecem carecer de alguma sedimentação: 57,2% das mulheres e 38,7% dos homens não concordam nem discordam quando indagadas sobre o papel dos canais públicos de rádio como garantes da independência da informação e do

<sup>22</sup> No Quadro construído a partir dos dados recolhidos na sondagem, a credibilidade das mulheres com mais de 64/65 anos na Rádio Cidade atinge os 100%. Só que, em termos absolutos, o número de inquiridas, desta faixa etária, que declarou ouvir a referida estação radiofónica é quase nulo.

respeito pelas minorias; 52,1% das mulheres e 37,7% dos homens não concordam nem discordam quanto à promoção, pela rádio, do espírito crítico; 55,3% das mulheres e 51% dos homens não concordam nem discordam quanto ao papel da concorrência quer como factor de especulação quer como promotora da qualidade da programação.

## 2. Grupos de Foco

Os indicadores sobre a Rádio resultantes das sessões dos Grupo de Foco realizados no Centro de Dia de Odiveiras (CDO) e no Centro de Apoio aos Jovens e Idosos do Lumiar (CAJIL) contribuem em parte para a compreensão de alguns resultados apurados na Sondagem Nacional.

Ao contrário do senso comum, que atribui aos mais de 64/65 anos um elevado consumo deste meio, tornou-se de imediato perceptível pelas conversas que o consumo de rádio não é generalizado e muitos participantes, tendo um aparelho em casa, não o ligam. As razões evocadas para não escutar a rádio relacionam-se, sobretudo, com problemas de audição e com a substituição das funções da rádio (informação, música e companhia na solidão) pela televisão. Mas há quem a escute para “*não cansar a vista*” (Ludvina, 82 anos, CAJIL). Notou-se que as pessoas que referiram ter mais televisões em casa foram as que menos afirmaram escutar rádio.

A estação mais citada nos dois grupos, por homens e mulheres, foi a “Rádio Renascença”, apesar de afirmações como “*Eu escuto qualquer coisa. Não sou fiel à RR*” (Lina, 70 anos, CDO). Como alternativa, foi referida a “RFM”: “*Agora ouço mais a Rádio FM*” (Leopoldina, 69 anos, CAJIL). Justificação dada: A RFM proporciona mais programas de música.

Para todos os que ouvem rádio ela desempenha uma função de companhia nas rotinas diárias ou nas noites de solidão: “*...adormeço com rádio na mesa-de-cabeceira*” (Camila, 74 anos, CDO), “*...uma grande companheira das noites e das madrugadas, tem programas muito bons na madrugada, conversas...*” (Ludvina, 82 anos, CAJIL), “*Na rádio também há bons programas, aqueles que falam com as pessoas na RR. É uma companhia, gosto de ouvir...*” (Teresa, 73 anos, CAJIL).

Na abordagem aos temas da Rádio, a construção do passado pela memória impôs-se de forma avassaladora. Todos os participantes das duas sessões de grupo de foco tinham mais presentes os programas, apresentadores, artistas e notícias do passado que os da actualidade. Nas referências a esta, observou-se que alguns programas emitidos na televisão são citados como programas de rádio e a informação é tratada de forma genérica “só *desgraças*”, “*coisas que não se viam antigamente*”, etc.

O processo de construção colectiva da memória sobre a rádio, gerado pelas conversas e as memórias individuais (Namer, 1987), resultou na evocação de alguns programas, factos e acontecimentos, normalmente com grande nostalgia. Há acontecimentos mais lembrados, como a Guerra de Espanha, a 2ª Guerra Mundial - “o *Fernando Peça na BBC*” (Manuel, 82 anos, CAJIL) - e a Guerra do Vietnam. Quanto aos programas, eles surgem como que “pendurados” no tempo e espaço: “as *Lições do Menino Tonecas, Rádio Novela do Tide, os Parodiantes de Lisboa. Antigamente todos tinham rádio e ouviam*” (Manuel, 82 anos, CAJIL). São lembrados grandes momentos dos campeonatos de futebol: “*Lembro-me de ouvir o jogo de Portugal, com o Eusébio, contra a Inglaterra*” (Augusto, 90 anos, CDO). Evocam-se programas humorísticos, sobretudo os “*Companheiros da Alegria*” e os “*Parodiantes de Lisboa*” comparados, estes, aos actuais “*Malucos do Riso*”, considerados muito repetitivos. São ainda recordados os programas da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, do período Salazarista e outras rubricas vocacionadas para os trabalhadores, na antiga Emissora Nacional.

As rádio-novelas tornaram-se também um grande tema de conversa nos dois grupos, principalmente para as mulheres que, tendo sido empregadas domésticas, as escutavam à hora do almoço. Por exemplo na sequência da conversa no CAJIL: “*Havia umas novelas muito bonitas na rádio*”, “*Toda a gente ficava a ouvir as novelas*” (Amélia, 78 anos, CAJIL), “*Muita comida se queimou...*” (Teresa, 73 anos, CAJIL). Ou, ainda, os comentários expressos no CDO: “*‘Simplesmente Maria’. A mulher do Mário Soares fazia a Maria, de Simplesmente Maria. Lembro-me disso tudo*” (Camila, 74 anos, CDO), afirmação que é continuada por outra participante “*Isso era mesmo ao vivo...*” (Margarida, 60 anos, CDO).

As referências a apresentadores e actores que fizeram história na Rádio surgem em catadupa: “*Vasco Santana e as Lavadeiras de Caneças, Maria Papoila, Beatriz Costa.*

*Era maravilhoso...*” (Camila, 74 anos, CDO). Apenas um participante, por ter vivido em Angola, na Baixa de Cassange, se afastou desta discussão “*Nesse tempo, não havia nada disso em Angola, onde estive, não havia nada disso*” (Augusto, 90 anos, CDO).

## INTERNET

Entre os homens e mulheres com mais de 64/65 anos o acesso à Internet é muito baixo, cerca de 6,0% para os primeiros e 2,0% para os segundos não se justificando, por isso, trabalhar através da Sondagem Nacional os usos, consumos, representações e expectativas face a este meio. No entanto como já se viu anteriormente, quando se interpretaram os indicadores sobre a Imprensa e a Rádio, para muitas pessoas desta faixa etária — sobretudo para os homens, pois as mulheres manifestam opiniões muito menos favoráveis — a Internet surge como uma fonte importante de informação (41,3%) de educação (41,2%) e um meio de divertimento (42,2%).

Através das sessões de Grupos de Foco, percebeu-se que, apesar dos Centros de Dia proporcionarem acções de formação com objectivo de promover a inclusão digital, as dificuldades experimentadas pelos mais de 64/65 anos são grandes e derivam do analfabetismo, da baixa escolaridade, bem como de limitações físicas.

Grande parte dos participantes têm contacto com computadores, ou pelo menos estão familiarizados com estes dispositivos através das suas famílias, filhos ou netos “*eles é que percebem dessas coisas...isso já não é para nós*” (Augusto, 90 anos, CDO). Opinião secundada por quase todos os mais de 64/65 anos que exprime incapacidade de aprendizagem e desconhecimento das reais potencialidades das novas tecnologias de informação e comunicação: “*Hoje em dia é uma ferramenta, os miúdos fazem os trabalhos para a escola*” (Margarida, 60 anos, CDO), “*Arranjam namoros e roubos por ali. Gostava de ver como fazem aquilo. As raparigas engravidam e tudo por ali*” (Amélia, 78 anos, CAJIL), “*Não é assim não...não se engravida nada*” (Leopoldina, 69 anos, CAJIL).

# Parte V Imigrantes







Tal como para os públicos com mais de 64/65 anos, o estudo de recepção que incidiu sobre os imigrantes teve como objectivo interpretar dados quantitativos e qualitativos sobre os respectivos consumos dos meios de comunicação social portugueses. A investigação procurou aferir e compreender as representações e as expectativas manifestadas por estas pessoas a partir das informações recolhidas na Sondagem Nacional e dos depoimentos registados nos Grupos de Foco. Insiste-se na precaução já enunciada na Introdução: não se pretendem comparar dados provenientes de metodologias diferentes e, portanto, incomparáveis. Pretende-se, sim, cotejar e aprofundar resultados e representações identificadas quer nas sondagens quer nos Grupos de Foco. Com os Grupos de Foco pretendeu-se, por outro lado, “dar voz a quem não tem voz”, recomendação incluída em documentos da Unesco e da União Europeia<sup>23</sup>, mas também em perspectivas de investigação sobre os meios de comunicação (Fenton, 2007).

À semelhança do processo adoptado no Capítulo anterior, a análise dos consumos de Televisão, Imprensa, Rádio e Internet dividir-se-á em duas partes. Na primeira, enunciam-se, comparam-se e interpretam-se os dados decorrentes da Sondagem Nacional tendo em conta a variável Idade e Sexo. Na segunda, as mesmas operações são aplicadas aos indicadores recolhidos em dez Grupos de Foco, constituídos na região de Lisboa e integrando imigrantes dos PALOP, do Leste da Europa e brasileiros.

## TELEVISÃO

### **1. Sondagem nacional: “Nascidos e Não nascidos em Portugal”**

Apresentam-se em paralelo duas leituras da Sondagem Nacional tendo em conta a variável Local de Nascimento. Na 1ª leitura procura-se cotejar os resultados dos inquéritos dos “nascidos em Portugal” (92,4%) e dos “nascidos Fora de Portugal” (7,6%). É evidente que os “não nascidos em Portugal” não são necessariamente “estrangeiros” ou “imigrantes”. Há muitos cidadãos portugueses nascidos fora de Portugal

---

23 Bruxelas, 16/07/2004 COM (2004) 508 final, Communication from the Commission to the Council, the European Parliament, the Economic and Social Committee and the Committee of the Regions: *First Annual Report on Migration and Integration.; Handbook for Integration for Policy-Makers and Practitioners* (2005), <http://eumc.eu.int/eumc/material/pub/eurobarometer/EB2005/EB2005-summary.pdf>; Eurobarómetro Especial 263, publicado em 2007 sobre a Discriminação na União Europeia

e há, também, hipoteticamente, alguns cidadãos nascidos em Portugal que não são portugueses. Contudo, esta leitura da Sondagem Nacional, constitui uma primeira aproximação aos consumos, representações e expectativas sobre a televisão portuguesa de pessoas que tiveram um percurso de migração. Nesta perspectiva, não só se ressaltam os indicadores que diferenciam os dois grandes grupos como se procura interpretar os mesmos, formulando hipóteses explicativas.

Na 2ª leitura que tem em consideração o local de nascimento de quatro grupos — nascidos no Continente (90,1%); nascidos nos PALOP (3,6%), nascidos noutra País Europeu (1,5%) e nascidos na América Latina (2,4%), quase todos brasileiros — o objectivo é aprofundar as percepções, representações e expectativas dos inquiridos. Como já se referiu, nascer fora de Portugal, não significa ser “estrangeiro” ou “imigrante”. Este facto indicia, contudo, um percurso que tende a coincidir com a imigração ou a emigração. Ressalva-se que, pelos elementos disponíveis, não é possível identificar se os inquiridos nascidos nos PALOP são portugueses que vieram das ex-colónias nos anos 70/80, ou se são imigrantes. De igual modo também não é possível identificar se os nascidos na América Latina (AL) são filhos de portugueses ou, por exemplo, imigrantes brasileiros. Nem, tão pouco, se os nascidos noutra país europeu (OPE) são filhos de emigrantes, imigrantes da Europa de Leste ou residentes estrangeiros de outros países da UE.

Neste sentido, cotejar as duas leituras da Sondagem Nacional, tendo como eixo estruturante o local de nascimento, representa um exercício de interpretação que tem como hipótese subjacente — associada a uma eventual origem cultural e/ou nacional não portuguesa — a construção de um conjunto de percepções, usos e consumos particulares destas audiências.

### 1.1. Práticas

Os “nascidos e não nascidos em Portugal” manifestam, significativamente, os mesmos consumos de televisão, respectivamente 99,6% e 98,2% e afirmam vê-la diariamente (89,3% e 84,2%). Mais de 34% dos nascidos no Continente, nos PALOP, em OPE vêem entre duas a três horas televisão por dia. Os nascidos na AL apresentam comportamentos distintos, na medida em que, ou vêem menos de 2h (45,1%), ou mais de 5h (17,1%), de segunda a sexta-feira. Os “nascidos em Portugal” são aqueles que também afirmam ver mais televisão todo o dia (10,4%, contra 7,2% dos “nascidos

fora de Portugal”), o que pode reflectir práticas de grupos em idade escolar ou da reforma, de domésticas ou desempregados. Salienta-se, também, que os “nascidos fora de Portugal” aumentam ligeiramente o número de horas de consumo ao fim-de-semana, fazendo coincidir o descanso e o lazer com o costume de ver televisão ou tê-la ligada.

QUADRO I

Tempo a ver Televisão durante a semana e fim-de-semana, por local de nascimento (%)

|  |                 | Portugal continental | Açores/Madeira | Palop        | Outro país europeu | América latina | Total        |
|--|-----------------|----------------------|----------------|--------------|--------------------|----------------|--------------|
| <b>Tempo por dia a ver TV de 2ª a 6ª feira</b> | Menos de 1 hora | 3,6                  | 2,8            | 6,2          | 7,8                | 2,3            | 3,7          |
|  | De 1 a 2 horas  | 24,0                 | 33,0           | 27,5         | 24,8               | 42,8           | 24,6         |
|  | De 2 a 3 horas  | 34,2                 | 22,5           | 43,3         | 34,3               | 29,3           | 34,3         |
|  | De 3 a 5 horas  | 19,6                 | 21,3           | 12,8         | 25,1               | 8,5            | 19,3         |
|  | Mais de 5 horas | 8,1                  | 14,2           | 7,1          | 1,1                | 4              | 7,8          |
|  | Todo o dia      | 10,5                 | 6,2            | 3,1          | 6,9                | 16,7           | 10,3         |
|  | <b>Total</b>    | <b>100,0</b>         | <b>100,0</b>   | <b>100,0</b> | <b>100,0</b>       | <b>100,0</b>   | <b>100,0</b> |
| <b>Tempo por dia a ver TV ao fim-de-semana</b> | Menos de 1 hora | 3,9                  | 7,3            |              | 9,3                | 3,4            | 3,9          |
|  | De 1 a 2 horas  | 15,0                 | 25,1           | 13,0         | 4,8                | 20,5           | 15,0         |
|  | De 2 a 3 horas  | 28,0                 | 32,8           | 23,3         | 21,5               | 31,6           | 27,9         |
|  | De 3 a 5 horas  | 27,4                 | 12,1           | 38,5         | 40,4               | 23,0           | 27,7         |
|  | Mais de 5 horas | 14,8                 | 17,2           | 20,8         | 24,0               | 3,8            | 15,0         |
|  | Todo o dia      | 10,9                 | 5,5            | 4,4          |                    | 17,8           | 10,6         |
|  | <b>Total</b>    | <b>100,0</b>         | <b>100,0</b>   | <b>100,0</b> | <b>100,0</b>       | <b>100,0</b>   | <b>100,0</b> |

Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Genericamente, os períodos em que mais se vê televisão situam-se ao fim da tarde, à hora do jantar e depois do jantar. Porém, os “nascidos em Portugal” são os que mais afirmam assistir à televisão à hora do almoço (27,9% contra 13,7%) e à hora de jantar (54,7%, contra 43,4%), enquanto os “nascidos fora de Portugal” vêm-na mais ao fim da tarde (45,2% contra 39,1%) e depois do jantar (80% contra 74,1%). Estes indicadores poderão ser lidos tendo em conta a maior permanência em casa de determinadas categorias de pessoas “nascidas em Portugal”, tal como jovens em idade escolar, mulheres domésticas, reformados ou desempregados, situações menos plausíveis em inquiridos “não nascidos em Portugal” onde se incluem os “imigrantes”.

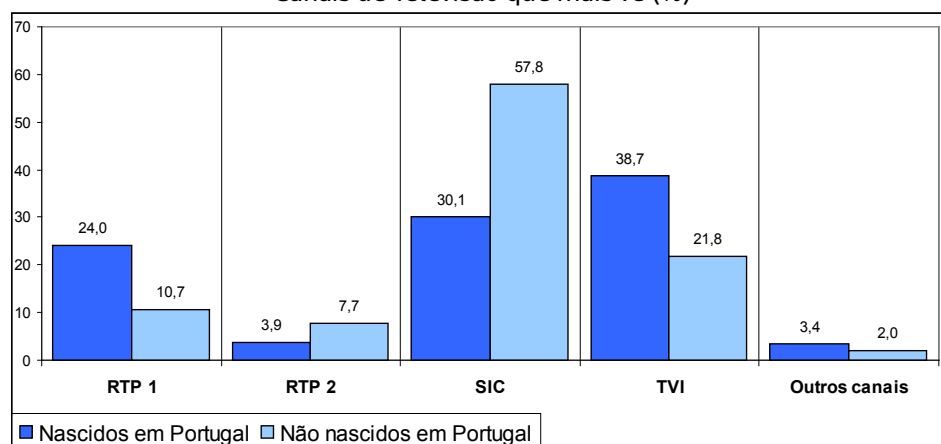
Tanto os nascidos como os não nascidos em Portugal têm o hábito de ligar a televisão quando chegam a casa e ir seguindo a programação durante a realização de outras actividades. Mas raramente ligam o aparelho para assistir a um programa específico

e o desligam quando este acaba. Ao aprofundar este indicador observa-se que os nascidos nos PALOP e na AL são os que declaram adoptar tal atitude com maior frequência. Por outro lado, a prática de gravar programas para a eles assistir mais tarde é rara: apenas no grupo de imigrantes provenientes de outros países europeus ela assume alguma expressão.

Pelas respostas dos inquiridos nota-se que a televisão é uma actividade de lazer, doméstica e familiar, desfrutada como “companhia” em casa – respectivamente por 50% dos nascidos em Portugal e 42,6% dos não nascidos em Portugal – e na sala com familiares, por cerca de 60% de inquiridos de ambos os grupos. Os consumos e as práticas de visualização não parecem ter correspondência directa na socialização, dado que os inquiridos afirmam não conversar frequentemente sobre os programas. No entanto, são os “nascidos fora de Portugal” que, com maior frequência, declaram discuti-los com familiares (35,6%), amigos (27,3%) e colegas de estudo ou trabalho (13,8%).

O canal aberto mais visto por não nascidos em Portugal é a SIC seguido pela TVI (57,8 e 73,8%, respectivamente), o que indicia uma vantagem clara dos operadores privados junto das populações imigrantes.

GRÁFICO 1  
Canais de Televisão que mais vê (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Para ambos os grupos, dos nascidos e dos não nascidos em Portugal, o canal de notícias mais nomeado é a SIC Notícias e depois a RTPN. Embora genericamente com fraca audiência, os canais estrangeiros são relativamente mais vistos pelos não nascidos em Portugal que dão a sua preferência à MTV (19,7%), seguindo-se o AXN (14,8%) e o Hollywood (12,7%). Os nascidos em Portugal colocam o canal AXN no topo das suas opções (12,1%).

Quanto aos graus de aceitação dos diferentes programas televisivos, o género “Informação” ocupa o 1º lugar, com mais de 96%, em ambos os grupos. Ao analisarem-se os restantes indicadores notam-se diferenças no interesse que os respectivos programas suscitam e, por consequência, nas percentagens que obtêm. Assim, em 2º lugar, para nascidos e não nascidos em Portugal, vêm os filmes (74,2% e 95%). Em 3º lugar surgem as novelas/telenovelas para os nascidos em Portugal (72,5%) e as séries para os nascidos fora de Portugal (85,4%). Em 4º lugar figuram os concursos para os nascidos em Portugal (71,8%) e as novelas/telenovelas para os nascidos fora de Portugal (84,1%). O futebol acolhe quase igual interesse (63,6% e 66,3%), enquanto os debates suscitam, em ambos os grupos, um interesse de cerca de 49%, pouco acima do declarado por “Outros Programas Desportivos”.

## QUADRO II

Programas que vê na TV – Nascidos e não nascidos em Portugal (%)

|                              | Portugal | Fora de Portugal |
|------------------------------|----------|------------------|
| Informação                   | 96,2     | 97,0             |
| Debates                      | 48,6     | 59,4             |
| Filmes                       | 74,2     | 95,0             |
| Séries                       | 66,8     | 85,4             |
| Novelas                      | 72,5     | 84,1             |
| Concursos                    | 71,8     | 62,0             |
| Futebol                      | 63,6     | 66,3             |
| Outros programas desportivos | 39,5     | 49,4             |
| Documentários                | 1,1      | 4,3              |
| Outros tipos de programas    | 4,5      | 4,0              |
| Não responde                 | ,4       | 1,8              |

FONTE: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Desagregando os resultados — nascidos em Portugal, nos PALOP, em OPE e na AL — apura-se que os programas de informação, que suscitam o principal interesse junto dos telespectadores nascidos em Portugal, são ultrapassados pelos documentários quando se trata de telespectadores nascidos fora de Portugal: nos PALOP, noutros países europeus ou na América Latina. As novelas/telenovelas gozam de maior popularidade junto dos latino-americanos, situando-se em lugar modesto na escala de preferências dos telespectadores de outros países europeus assim como dos PALOP. São estes últimos, aliás, quem atribui relevo maior ao futebol.

### QUADRO III

Programas mais vistos na Televisão por local de nascimento  
(médias; Escala: 1=nunca; 5=sempre)

| Portugal                      | PALOP                          | Outros países europeus            | América Latina      |
|-------------------------------|--------------------------------|-----------------------------------|---------------------|
| Informação (4,5)              | Documentários (5,0)            | Documentários (4,2)               | Documentários (4,8) |
| Documentários (4,2)           | Informação (4,4)               | Informação (3,9)                  | Telenovelas (4,5)   |
| Telenovelas (4,1)             | Futebol (4,2)                  | Filmes (3,9)                      | Informação (4,4)    |
| Filmes (3,8)<br>Futebol (3,8) | Filmes (3,9) Telenovelas (3,9) | Séries (3,7)<br>Telenovelas (3,2) | Filmes (3,9)        |

*Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE*

O interesse pelo tipo de programas manifestado no quadro anterior, deveria corresponder à frequência com que os mesmos são vistos. Mas esta coincidência só se observa nos programas de informação e nas novelas/telenovelas, tanto nos nascidos como nos não nascidos em Portugal. Em todos os outros tipos de programas nota-se que há discrepâncias entre os dados recolhidos sobre as declarações de apreço e a frequência, substancialmente menor, com que são vistos. Isto é, os inquiridos dizem preferir determinados programas a que nem sempre assistem.

#### 1.2 Satisfação, Credibilidade e Expectativas

Os índices de satisfação com os programas transmitidos no horário nobre (entre as 21h e as 23h) variam muito segundo o lugar de nascimento dos telespectadores.

Se, para os que nasceram em Portugal continental, o grau de satisfação atinge os 62,2%, já para os que nasceram nos PALOP e noutros países europeus ele situa-se, respectivamente, nos 38,2% e 28,4%. É de notar a posição muito crítica assumida pelos telespectadores nascidos noutros países europeus: 27,9% declara-se insatisfeito ou muito insatisfeito e 37,3% não se pronuncia. Efeitos de um nível de escolaridade e, logo, de exigência, superior?

#### QUADRO IV

Grau de satisfação com os programas transmitidos pelas televisões no horário nobre por local de nascimento (%)

|                                 | Portugal continental | Açores/Madeira | Palop        | Outro país europeu | América latina | Total        |
|---------------------------------|----------------------|----------------|--------------|--------------------|----------------|--------------|
| Muito insatisfeito              | 3,2                  | 5,0            | 1,8          | 6,5                | 7,5            | 3,3          |
| Insatisfeito                    | 12,8                 | 9,3            | 10,2         | 21,4               | 5,2            | 12,6         |
| Nem satisfeito nem insatisfeito | 17,6                 | 25,9           | 19,2         | 37,3               | 21,0           | 18,1         |
| Satisfeito                      | 62,2                 | 56,6           | 38,2         | 28,4               | 59,0           | 60,8         |
| Muito satisfeito                | 4,2                  | 3,1            | 30,5         | 6,4                | 7,3            | 5,3          |
| <b>Total</b>                    | <b>100,0</b>         | <b>100,0</b>   | <b>100,0</b> | <b>100,0</b>       | <b>100,0</b>   | <b>100,0</b> |

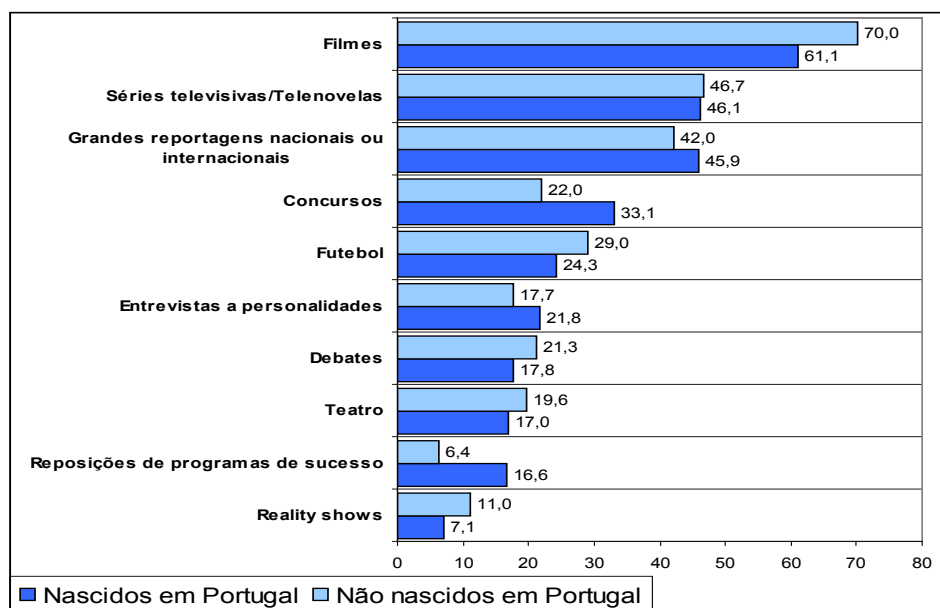
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Importa ainda referir, sobretudo tendo em conta os elementos recolhidos sobre os programas mais vistos e com maior frequência, que os nascidos e não nascidos em Portugal consideram mais adequados ao horário nobre das televisões, os filmes as séries/telenovelas e as grandes reportagens, os concursos e o futebol. Esta opinião não é integralmente coincidente com os programas mais vistos, permitindo inferir que os inquiridos absorveram o discurso “politicamente correcto” do que deveria ser a televisão (informação, formação e entretenimento) mas que tendem a optar preferencialmente pelo entretenimento.

Quer os nascidos, quer os não nascidos em Portugal demonstram um elevado grau de credibilidade na informação emitida pelos canais de televisão generalistas e pelos canais de informação (RTPN e SIC Notícias), sendo que numa escala de 1 a 6, não há indicadores inferiores a 4,9. Mas, aprofundando a análise, verifica-se que mais de 73% dos “nascidos em Portugal” acredita, sem reservas, na informação veiculada pelos quatro canais abertos e pelos dois canais de notícias enquanto que, muitos dos “não nascidos em Portugal”, tendem a modalizar as suas respostas refugiando-se num “acreditam em parte”.



GRÁFICO 2  
Programas mais adequados ao horário nobre da TV  
(nascidos e não nascidos em Portugal %)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

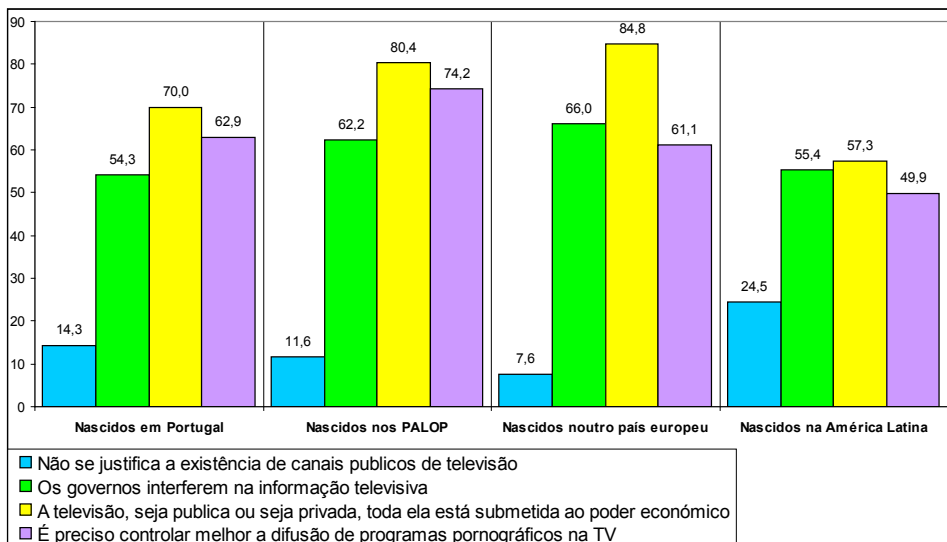
Os dois grupos apresentam opiniões muito semelhantes sobre os contextos e sobre a necessidade de regulamentação, evidenciando o papel económico e político deste meio de comunicação, assim como a responsabilidade social dos operadores. Tanto os nascidos como os não nascidos em Portugal consideram que a defesa da língua e a produção nacional é uma obrigação dos canais públicos e privados. De igual modo, e com a mesma ênfase, referem que é um desrespeito pelos espectadores o incumprimento dos horários. De notar que a difusão de programas pornográficos na televisão, tal como acontece actualmente, não parece incomodar os inquiridos, dado que partem do princípio que já existe um controlo satisfatório.

Os nascidos e não nascidos em Portugal são favoráveis à existência de muitos canais, e poucos — abaixo da média numa escala de 1 a 5 — acham que não se justifica a existência de canais públicos. Esta aposta nos canais públicos de televisão justifica-se pela função que lhes é reconhecida: a de assegurar a pluralidade

da informação e o respeito pelas minorias. Ela varia, no entanto, de intensidade, segundo o lugar de nascimento dos inquiridos: mais forte para os nascidos noutros países europeus e nos PALOP, menos forte para os nascidos na América Latina. Espelho de culturas diferenciadas do audiovisual nos diferentes países e continentes? Com efeito, o serviço público de televisão tem pouca implantação na América Latina, enquanto que, na Europa e nos PALOP, por razões distintas, o peso do sector Estado no sector audiovisual foi, e é, substancial. Relativamente menos sensibilizados quanto à necessidade de canais públicos de televisão, os telespectadores latino-americanos são, no entanto, aqueles que mais denunciam a influência do poder económico sobre a televisão.

Na sondagem, o inquirido é confrontado com um conjunto de afirmações relativamente às quais lhe é pedido para dizer se “Discorda”, se “Nem concorda nem discorda”, ou se “Concorda”. À afirmação “Os governos interferem na informação televisiva”, as respostas dos telespectadores nascidos nos PALOP e noutros países europeus são surpreendentemente afirmativas: “concordam” 62,2% dos primeiros e 66% dos segundos. Note-se que a correspondente percentagem dos telespectadores nascidos em Portugal continental, ronda os 54%.

GRÁFICO 3  
Concordância com (%):



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

## 2 Grupos de Foco

Os resultados dos grupos de foco serão apresentados tendo em conta as práticas e os consumos de televisão, bem como a avaliação que os diferentes grupos fazem da programação televisiva. Para melhor exposição dos dados recolhidos agrupam-se as sessões de foco que decorreram com imigrantes originários das mesmas áreas geográficas. Este princípio já utilizado na leitura das sondagens, pretende identificar e interpretar sensibilidades, opiniões, atitudes e comportamentos particulares a determinados grupos, enquanto portadores de uma hipotética identidade colectiva (Munday, 2006). Ressalva-se que a formação destes grupos é uma hipótese de trabalho que comporta alguns riscos, não só porque agrupa resultados de sessões autónomas, como cidadãos de origens nacionais diferentes e trajectórias particulares distintas. Desta forma, e tendo em conta os constrangimentos anteriormente enunciados, tratam-se em conjunto os indicadores referentes aos imigrantes dos PALOP (cabo-verdianos, guineenses, são-tomenses e angolanos) e seus descendentes, assim como os decorrentes das sessões com cidadãos da Europa de Leste (ucranianos e romenos) e brasileiros. Os indicadores da reunião do grupo que envolveu cidadãos de várias nacionalidades, a que se designou “Grupo Misto”, serão tratados isoladamente.

### 2.1. Cidadãos dos PALOP e seus descendentes

Os Grupos de Foco que envolveram naturais dos PALOP e seus descendentes contaram com trinta e três pessoas. As quatro sessões decorreram no Bairro de Santa Filomena (BSF), Amadora (dia 01 de Dezembro de 2007, estando presentes 11 pessoas, 9H/2M)<sup>24</sup>; nos Terraços do Tejo, Quinta do Mocho (QM) em Loures (a 12 de Dezembro de 2007, com a presença de 6 pessoas, 5H/1M)<sup>25</sup>; na Associação AFRUNIDO

24 “Chegamos por volta das 11 horas ao bairro. O dia estava soalheiro. Algumas pessoas juntavam-se na entrada do bairro, homens e mulheres. Mulheres vendiam peixe em bancas improvisadas. A primeira impressão é a existência de muito lixo e desarrumação. Do lado direito está uma igreja, do outro lado da entrada uma construção, com um pequeno pátio gradeado, que é a creche. Uma rua que sobe leva para o interior do bairro. No centro dessa rua vêem-se muitos carros velhos, outros abandonados, cheios de coisas, lixo, dentro” [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “Imigrantes”].

25 “Na entrada do Prior Velho, estava uma barreira da polícia, dos dois lados da estrada. A polícia estava bastante armada e tinha carros apontados tanto para o sentido Loures (bairros), quer para o sentido aeroporto. Após informações recolhidas num café entramos na urbanização dos Terraços do Tejo, que tem uma avenida central com palmeiras. A urbanização ao anoitecer tem um aspecto urbano e relativamente cuidado. O bairro começa a surpreender pelo número de jovens (rapazes) encostados às paredes, frente aos cafés e bares, conversando e numa postura de desocupação total. A iluminação é relativamente escassa, as casas têm entradas pouco cuidadas mas, no conjunto, o bairro

em Aqualva - Cacém, Mira-Sintra (a 27 de Janeiro de 2007, envolvendo 6 pessoas, 6H)<sup>26</sup> e por último uma sessão que decorreu no bairro de Outurela/Portela (O/P), em Oeiras, a 2 de Março de 2008, com a presença de 6 pessoas(4H/2M).<sup>27</sup>

Os contactos fizeram-se, como já foi referido na Parte I - Metodologias , através da lista de associações registadas no ACIDI e tendo sempre um mediador do bairro ou da associação como interlocutor privilegiado. As reuniões realizaram-se em bairros de auto-construção e realojamento social e os contextos envolventes são na generalidade de grandes carências económicas, desemprego e baixa escolaridade. Em todas as sessões surgiram muitas situações difíceis de contornar e estranhas à investigação, nomeadamente a violência policial que circunda os bairros e os quotidianos dos seus habitantes. Entrecortaram também todas as sessões, as alusões ao desemprego persistente entre os jovens, principalmente rapazes, a falta de formação profissional e o desalento que estas situações trazem, gerando, muitas vezes, saídas para a delinquência. Um outro aspecto que esteve subjacente às sessões foi a relação histórica colonizador/colonizado e os estigmas, preconceitos e estereótipos decorrentes desta vivência.

Os participantes de todos os grupos têm televisão em casa, alguns apenas os canais de sinal aberto, outros acedem aos canais a cabo e a parabólicas. Os locais onde habitam e as infra-estruturas dos bairros condicionam o uso da televisão. Há bairros onde o acesso aos canais de sinal aberto é precário, visto as instalações eléctricas serem provisórias.

---

*é ainda novo e conservado*" [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco "Imigrantes"].

26 "O bairro é de alvenaria, os blocos de apartamentos sociais não se encontram muito degradados, para trás, naquilo que era anteriormente terreno rural e quintas, apercebemo-nos de zonas de barracas e casas de auto-construção. O centro comercial D<sup>o</sup> Inês está pintado de novo e, por baixo do café, tem um restaurante africano e uma galeria onde se situa a associação. Ao lado do centro comercial está a Escola Ferreira Dias, com aspecto um pouco deteriorada e que, segundo os membros da associação, tem uma função de «restaurante» para as crianças e jovens do bairro, evitando comprometer-se com grandes actividades das crianças" [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco "Imigrantes"].

27 "Entramos no bairro pelo lado de Carnaxide, o aspecto geral das habitações e espaços públicos é bastante agradável. Note-se que o bairro tem boas acessibilidades (estradas e autocarros, por exemplo o 714), está rodeado de grandes superfícies comerciais, armazéns e empresas. Quando entramos no bairro, reparei que há muitas casinhas e que elas eram habitadas, indiscriminadamente, por pessoas de origem africana e por portugueses, quase todos idosos, uma consequência dos realojamentos daquela região" [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco "Imigrantes"].

Estes cidadãos acompanham os noticiários em todos os canais mas, quando dispõem da RTP África, preferem assistir aos noticiários neste canal e ao noticiário sobre África. Sobre a informação emitida pela RTP África, as opiniões divergem. Há participantes que consideram que ela é uma forma de *“divulgar a diplomacia portuguesa em África”* (Benvido, 28 anos, BSF), outros pensam que a informação *“não serve os interesses dos africanos que estão em Portugal”* (Chapa, 25 anos, BSF) e que verdadeiramente *“não informa sobre a situação dos países focando apenas os problemas e não os avanços registados”* (Brener, 28 anos, QM). Por outro lado, muitos dos participantes são da opinião que a RTP África *“não informa os cidadãos que vivem em África sobre a situação dos imigrantes desses países em Portugal, dando-lhes uma imagem paradisíaca da realidade vivida em Portugal”* (Hugo, 28 anos, BSF). Mas também há participantes que têm uma outra opinião, reconhecendo aspectos positivos e negativos da programação:

- *“Meus pais gostam muito de alguns programas e das notícias na RTP África. Gosto da forma como tratam as informações, sobre os vários países. Não restringem aos PALOP mas tentam dar uma visão abrangente”* (José, 30 anos, O/P);

- *“Canal muito positivo, mas a programação devia estar mais voltada para a cultura dos países, mostrar como o outro vive e não informar apenas sobre as coisas más. Devia ser um canal aberto, que informasse a realidade de cada povo. Há jovens aqui que querem saber como outros povos vivem, como são as origens de seus pais, familiares. Eu quero conhecer o que há de positivo lá, e não apenas as guerras”* (Vitor, 49 anos, AFRUNIDO).

A opinião sobre a informação emitida pelas estações generalistas está muito vinculada tanto à forma como estes cidadãos se sentem tratados na sociedade como às imagens e notícias divulgadas na comunicação social:

- *“Os africanos já estão cá há muito tempo e somos muitos, devíamos ter algo mais nosso, uma televisão que nos cativasse, algo mais próximo de nós. Deviam ter mais confiança em nós. Puxar mais por nós, sentir nosso valor”* (Márcio, 26 anos, BSF).

Em todos os grupos, independentemente da idade, sexo e condição social, surgem muitas referências a situações de humilhação e maus-tratos, por vezes subtis, identificados com uma sociedade dominante “hipócrita”:

- “A televisão passou a ser um meio de comunicação unilateral, na maior parte das vezes, e popular. A imagem que passa é distorcida. Quando falam de uma notícia, é invertida, distorcida, negativa, em relação ao imigrante, muito focada negativamente. E quando se fala de algo bom relacionado com um imigrante, é muito superficial. Há um sentimento de inferiorização quando um imigrante tem algo que os portugueses não têm. A televisão não trata do esforço dos imigrantes” (Helder, 24 anos, QM).

O acontecimento mais marcante e referido em todos os grupos é o “Arrastão de Carcavelos” (10 de Junho de 2005), que parece ter-se incrustado na memória colectiva e criado uma linha divisória nas relações entre imigrantes dos PALOP e seus descendentes e a sociedade dominante:

- “A SIC e TVI foram as mais agressivas. Depois quem teve de intervir foi o Alto-Comissário para a Imigração e o Diálogo Intercultural. O nome ‘arrastão’ vem do Brasil. Aqui os polícias tentaram passar o que aconteceu como um arrastão, e depois pediram desculpas pelo que fizeram, pois de facto o arrastão não aconteceu (Alcides, 36 anos, BSF);
- “Mas ainda hoje pagamos por isso” (Janilson, 27 anos, BSF).
- “Hoje as pessoas têm medo” (Márcio, 26 anos, BSF).
- “Quando há um assalto, um homicídio, cometido por um ‘preto’, aparece no jornal: ‘um preto matou um taxista’, por exemplo. E quando não foi cometido por um ‘preto’, aparece: ‘taxista é morto’” (Dina (22 anos, BSF).

Mas outros factos, como o assassinato de um polícia na Amadora e situações do dia-a-dia, são constantemente assinaladas, através do comportamento de jornalistas, de dúvidas sobre a idoneidade das fontes utilizadas e a nomeação de estações de televisão:

- “Na última semana, o meu namorado e outros amigos tiveram um incidente com alguns polícias que os trataram de forma violenta. A SIC mostrou o episódio e disse que foram os miúdos a provocar a polícia, quando o que aconteceu não foi isto” (Vera, 19 anos, QM).

Nota-se uma desconfiança sobre a independência da RTP face ao governo. Considera-se que “A RTP é do Estado e não vão mostrar algo que vá contra o próprio governo” (Brenner, 28 anos, QM). Suspeita-se de que “Há uma espécie de “censura disfarçada” (Keidi, 21 anos, QM).

Em todos os grupos, os programas mais referidos, para além da informação, são os desportivos (futebol) e as telenovelas. O documentário *A Guerra*, no momento em exibição na RTP1, também foi referido pelos participantes mais velhos e assinalado como um bom programa “feito com muita coragem, com muita gente a falar e coisas que nunca se tinham ouvido...” (Djarta, 49 anos, AFRUNIDOS).

O debate em torno das telenovelas, um produto de ficção de grande audiência, suscita nos participantes, homens e mulheres, grande animação. Observou-se que as telenovelas, referidas em toda a literatura académica (Morley, 1986; Livingstone, 1988; Buonanno, 2007) como um produto direccionado para as mulheres, têm neste público masculino grande aceitação, constituindo um tema de conversa com as famílias e os amigos. No período em que se realizaram os Grupos de Foco, as telenovelas que estavam em exibição no horário nobre eram *Ilha dos Amores* e *Fascinios* na TVI e *Duas Caras* na SIC. A preferência masculina situou-se, claramente, na telenovela brasileira, enquanto as mulheres afirmaram, na maior parte dos casos, verem as duas quando tinham disponibilidade para isso.

Os comentários sobre as telenovelas, quer portuguesas quer brasileiras, tornam perceptíveis as sensibilidades face à sociedade portuguesa e, em geral, à programação nacional. Como se constatou, a telenovela funciona para estes cidadãos como um espelho da sociedade onde vivem e onde gostariam de ter mais participação. O produto telenovela também é entendido por alguns deles como um potencial instrumento de educação, promovendo novos comportamentos e atitudes nas pessoas com dificuldade em aceder a outras fontes de informação:

- “Há um público, com baixa escolaridade, e para quem a novela representa uma oportunidade de acesso a informações. E não se aproveitou bem essa oportunidade, por exemplo, na transmissão de informação sobre questões como, por exemplo, o realojamento das pessoas que viviam em barracas, no sentido da integração social. A novela convoca para uma atitude nova, para que as pessoas assumam novas atitudes, por exemplo,

*na decoração da casa, da moda, etc. E nesta questão da integração social, não tem sido bem utilizada”* (Rui, 46 anos, AFRUNIDOS).

O facto de, no momento, a telenovela brasileira *Duas Caras* abordar o racismo e as favelas — habitações e bairros degradados e populações com carências de natureza vária — tornou-a muito próxima dos quotidianos vividos por todos os participantes dos Grupos de Foco. Apesar destes intervenientes reconhecerem que as telenovelas portuguesas estão mais interessantes, surgiram críticas centradas no facto delas se basearem exclusivamente numa “classe média” e não serem verosímeis nos enredos e nas personagens”: *Na hora do almoço, é a Alexandra Lencastre a principal actriz, à noite, também”* (Chapa, 25 anos, BSF). No entanto, há participantes que nomeiam a série *Morangos com Açúcar*, como um exemplo na abordagem de pessoas diferentes:

- *“A telenovela portuguesa não aborda certos temas, como o racismo, porque não aceita ainda a figura do negro. Não reflecte a diversidade, ‘os portugueses são os brancos’, não reflecte o que é a sociedade portuguesa, que também é negra. Sei que com o tempo isso vai mudar, porque a sociedade está a mudar”* (Helder, 24anos, QM);

- *“A televisão portuguesa faz telenovelas sobre a classe média, pequenas histórias, mas não sobre um bairro, a raça negra, não há a integração desta, na telenovela. Há um ou outro actor negro, mas raros”* (Benvindo, 28 anos, BSF);

- *“Estou a gostar das portuguesas, já interessa mais que antes. As brasileiras também gosto, falam muito da favela, do brasileiro mais rústico, abordam o problema do racismo, por exemplo, de uma forma diferente das telenovelas portuguesas. Mostram muito a realidade daquele país. Com relação às telenovelas portuguesas, há muita ficção e pouca realidade...As pessoas não se identificam tanto com as portuguesas”* (Keidi, 21 anos, QM);

- *“... as portuguesas também retratam a realidade, a questão do racismo. Nos Morangos com Açúcar, por exemplo tem-se falado do racismo, das pessoas que se vestem de forma diferente”* (Vera, 19 anos, QM)

O consumo destes cidadãos passa também pelo programa *Nós*, patrocinado pelo ACIDI e vocacionado para imigrantes e minorias. As opiniões, mais uma vez divergem, embora haja unanimidade sobre a incompatibilidade dos horários de



emissão deste programa com a vida dos imigrantes e seus descendentes. Muitos consideram que a exibição, nos actuais horários, de programas como o *Etnias* “*torna-se uma tremenda falta de respeito para com os imigrantes. Como uma pessoa que trabalha todo o dia pode se levantar às 5 da manhã para ver o programa?!*” (Chapa, 25 anos, BSF). Para outros, este tipo de programa deveria estar num horário adequado, não só à vida de trabalho dos imigrantes e seus descendentes, como da população em geral:

- “*Colocava o Programa Nós no canal 1, em horário de destaque. Gostaria de retratar a vinda dos imigrantes para Portugal, porque estamos aqui, os motivos que nos trouxeram até aqui. Como nasceram as barracas, como fomos descarregados aqui. Porque os meninos negros cresceram na rua, a falta de apoio, integração, inclusive inicialmente pela falta de creches para os negros*” (Mário, 40 anos, O/P).

As críticas incidem mais nos horários de transmissão do que nos conteúdos que até são valorizados: “[Nós e *Etnias*] *Falam sobre os aspectos positivos dos imigrantes, um pouco diferente do que vemos no nosso dia-a-dia*” (Oswaldo, 32 anos, QM). Embora se considere que “*As notícias do Nós são desfasadas, já foram gravados há muito tempo. Já não há o impacto do momento*” (Alcides, 36 anos, BSF). A proposta que surge mais frequentemente é que estes programas deveriam incitar à autoestima dos imigrantes e seus descendentes, mostrando, por exemplo “*Os grandes nomes africanos do século, não apenas os restritos aos PALOP nem apenas os que estão relacionados com a música...mas aqueles que contribuíram para África e o Mundo*” (Ana, 29 anos, O/P). Outras opiniões vão no sentido de dar oportunidade aos imigrantes, e seus descendentes, de retratar de forma “realista” as suas trajectórias de vida, mostrando que são capazes de produzir conteúdos sobre elas.

Associado ao consumo da televisão estão os vídeos e os filmes. Um número significativo de participantes diz possuir filmes em casa, nomeadamente de origem brasileira. Como os obtêm? “*alguém faz download*” e distribui, ou são trazidos do Brasil ou de algum país africano, é a resposta imediata. Filmes portugueses ou de origem africana não foram referidos. O consumo da música também está associado à televisão, através da MTV (a que poucos têm acesso), cujas músicas são “tiradas” pressupõe-se que dos computadores - só disponíveis para a maior parte destes públicos nos centros de inclusão digital - e posteriormente gravadas em

CD/DVD e trocadas ou compradas. Recolhem maior preferência os ritmos africanos, ou de origem africana (Kizomba, Funaná, Reggae, Hip-Hop, e etc.), bem como músicas brasileiras e portuguesas (por exemplo, Da Weasel, João Pedro Pais, Rui Veloso, Dulce Pontes e Mariza).

## 2.2. Cidadãos de Países do Leste da Europa

As sessões em que participaram os cidadãos de Países do Leste Europeu realizaram-se em locais onde normalmente se reúnem: a sede de uma associação, LusoDomu, a 02 de Dezembro de 2007, onde participaram 2 homens e 2 mulheres<sup>28</sup>; na Escola Pêro da Covilhã (EPC), a 8 de Dezembro de 2007, com a presença de 4 mulheres<sup>29</sup>; na Igreja da Madalena (IM), em Lisboa, frequentada pelos cidadãos romenos, a 9 de Dezembro de 2007, com cinco homens e duas mulheres<sup>30</sup>. Estes encontros tiveram, igualmente, como ponto de contacto associações registadas no ACIDI e relações pessoais das investigadoras. Destaca-se que, em virtude de alguns dos participantes terem dificuldades em expressar-se em português, surgiram, por vezes, equívocos logo esclarecidos. Por outro lado, notou-se que os cidadãos ucranianos procuraram demarcar-se da antiga União Soviética: *“Há mais destaque para as notícias sobre a Rússia, e o destaque é positivo. Não houve nada divulgado sobre a passeata que realizámos pelos milhões que morreram com a fome com a revolução Bolchevique”* (Maria, 44 anos, LusoDomu). Idêntica preocupação de demarcação existe nos romenos relativamente aos ciganos *“Confundem os romenos com os ciganos. Os romenos são romenos e os ciganos são ciganos”* (Rodica, 36 anos, IM).

28 *“Trata-se de um prédio da CNAF... Fomos recebidas por uma senhora brasileira de ascendência ucraniana...que se apresentou como presidente da LusoDomu (associação dos ucranianos em Lisboa). Levou-nos para dentro e mostrou-nos o palácio”* [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “Imigrantes”].

29 *“Entramos na Escola, o pátio estava vazio e só tinha algumas crianças ucranianas brincando no exterior. Uma das crianças indicou-nos a porta e subimos. No terceiro andar funcionava uma sala de aulas, como secretaria e biblioteca. Muitas senhoras ucranianas arrumavam livros e atendiam crianças e jovens falando, aparentemente, sobre os estudos”* [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “Imigrantes”].

30 *“Chegamos à Igreja por volta das 12h45m. A Igreja estava cheia e tinha pessoas, homens, jovens, mulheres e crianças na calçada frente à porta da Igreja. Entramos acotovelando as pessoas. Dentro da nave percebemos que estávamos do lado dos homens, pois homens e mulheres estavam separados dentro da Igreja. Ficamos do lado masculino mas também, perto da porta de uma dependência que serve de livraria”* [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “Imigrantes”].

Os imigrantes, ucranianos e romenos, têm, quase todos, acesso aos quatro canais generalistas de televisão e apenas um aparelho receptor. Alguns também possuem parabólica que lhes permite aceder aos canais dos seus países de origem ou da região (por exemplo, russos). Poucos participantes afirmaram assinar a televisão por cabo portuguesa que, na altura, tinha passado a incluir canais direccionados para estas comunidades.

A maioria dos que têm parabólica dá preferência ao visionamento de programas dos seus países de origem: *“Temos 7 canais ucranianos. Depende da idade e das necessidades. As crianças querem os filmes animados. Nós já preferimos os programas para matar saudades”* (Vitali, 31 anos, LusoDomu). Na falta de meios técnicos, limitam-se a canais portugueses *“Não tenho parabólica, então vejo mais os programas portugueses”* (Svitlara, 33 anos, EPC).

Ao longo das sessões notou-se que estas comunidades encaram as televisões dos seus países como uma fonte de informação mas também de educação, nomeadamente para as crianças, através de desenhos animados e outros programas. Alguns dos participantes, sobretudo as mulheres, sublinham que ver e ouvir os noticiários das televisões portuguesas *“ajuda a aprender a língua”* (Natália, 37 anos, LusoDomu). Nas três sessões realizadas, duas com cidadãos ucranianos e uma com cidadãos romenos, os integrantes afirmaram não ter muito tempo para ver televisão - quer dos seus países, quer portuguesa - e preferir que os filhos vissem menos televisão:

- *“Não tenho muito tempo para ver os canais ucranianos, e prefiro que o meu filho não veja tanta televisão”* (Natália, 37 anos, LusoDomu);
- *“Depende do tempo livre. Na hora do almoço, vejo notícias na TVI. Depois do trabalho, tenho de ir à escola”* (Vitali, anos, LusoDomu);
- *“A maior parte dos romenos tem parabólica em casa e vê mais que os programas portugueses”* (Jorge, 27 anos, IM).

Evocam com facilidade todos os canais abertos portugueses e aqueles que possuem televisão a cabo citam a SIC Notícias. A impressão sobre a qualidade de informação emitida sobre as suas comunidades é, de uma forma geral, negativa. Referem que há pouco conhecimento da realidade dos seus países e dão exemplos de reportagens e notícias onde se teriam cometido erros grosseiros e distorcido

as realidades. Há um certo consenso de que “*se estuda pouco, antes de fazerem as reportagens*” (Vitali, 31 anos, LusoDomu).

Um dos participantes relata uma reportagem sobre a Ucrânia que viu num canal generalista:

- “*Lembro-me de um canal português que foi à Ucrânia e mostrou uma família sem casa, de drogados, sem dinheiro. E durante uma semana mostraram este filme, e não mostraram mais nada. E não mostraram, por exemplo, a cidade, o país, a cultura, etc.*” (Maria, 44 anos, LusoDomu).

Já um imigrante romeno descreve da seguinte maneira a atitude dos meios de comunicação portugueses face à entrada do seu país na União Europeia:

- “*Antes da entrada da Roménia na UE, acho que havia uma campanha anti-romenos. Quando se mostrava o nosso país, eram as coisas mais negativas. Parecia que o centro do mal do mundo era lá. Foi realmente terrível*” (Vladimir, 38 anos, IM).

No entanto, e na sequência das intervenções neste último grupo, também surgiram elogios:

- “*Há algumas semanas, apanhámos com grande surpresa, na SIC, um programa sobre a Roménia. Tratava-se de uma viagem pela Europa, e parte dela na Roménia. Foi uma maneira muito positiva e realista de mostrar o nosso país, nem o extremo positivo, nem o extremo negativo. Geralmente, ou são as crianças doentes de SIDA, ou os ciganos, geralmente são os aspectos negativos*” (Adriana, 40 anos, IM).

A forma como os imigrantes ucranianos e romenos são tratados nas televisões portuguesas merece, igualmente, reparos. Em primeiro lugar consideram que é um desrespeito às suas origens nacionais a designação colectiva “*imigrantes de Leste*” O “*ucraniano*” é qualquer indivíduo de leste. Há uma generalização, misturam tudo...” (Natália, 37 anos, LusoDomu). Embora admitam que as televisões nem sempre falam mal dos imigrantes, e que até têm vindo a melhorar, tendem a enfatizar os aspectos negativos.

- *“Já há menos notícias negativas. Mas quando falam, a maior parte das notícias são más. O criminoso, por exemplo. Não falam sobre a cultura, a economia, sobre os aspectos positivos. Há muito pouca informação sobre os ucranianos aqui em Portugal”* (Diana, 27 anos, EPC);
- *“Acho que não falam mal, mas lembro-me de uma notícia sobre um ucraniano que comeu a sogra. E as pessoas tendem a generalizar e nos diziam: “Então, os ucranianos estão a comer gente?!”. Penso que depende do nível das pessoas, para criarem juízos de valor como este”* (Svitlara, 33 anos, EPC).

Multiplicam-se as sugestões sobre como diversificar a informação e conferir-lhe mais rigor e pluralidade, a que não será estranha a elevada escolaridade que muitos possuem. Aconselham a que *“se estude”*, primeiro, que se ouçam mais os intervenientes, em seguida, e, por último, que se mostre a vida dos imigrantes ucranianos e romenos em Portugal, o seu quotidiano de trabalho, as suas preocupações em organizar escolas para os seus filhos e o contributo que trazem ao desenvolvimento do país que os acolheu.

- *“A vida que temos aqui, a dupla jornada que temos, em dois empregos”* (Ok-sana, 47 anos, EPC);
- *“Mostrar a diferença com os outros imigrantes, a nossa vida de imigrante. Mostrar que o que fazemos aqui muitos portugueses o fazem lá fora”* (Svitlara, 33 anos, EPC);
- *“Podiam mostrar a nossa Escola, para que os portugueses soubessem e mesmo os romenos que vivem em outros sítios e ainda não tem conhecimento disso”* (Adriana, 40 anos, IM);
- *“Há falta de médicos em Portugal, e seria interessante mostrar que há bons profissionais ucranianos que podem ocupar esses lugares”* (Vitali, 31 anos, LusoDomu).

O Programa Nós é conhecido por todos mas, apesar de recolher comentários positivos, é pouco visto, por ser emitido em horários pouco compatíveis com os seus afazeres, como demonstram os testemunhos que se transcrevem:

- *“O programa Nós mostra aspectos positivos da imigração, mas o horário é ruim. Não é adequado. O programa Etnias também não, o horário também é desagradável”* (Vitali, 31 anos, LusoDomu);

- “Não [vejo] por causa do horário. Os programas sobre a imigração parecem ser para os miúdos, tão cedo...” (Oksana, 47 anos, EPC);
- “O problema do programa Nós é que é transmitido aos domingos pela manhã. E estamos na igreja. A maioria dos imigrantes romenos está na igreja” (Vladimir, 38 anos, IM).

Nas sessões de Grupos de Foco ainda foram assinalados os consumos de telenovela, bem como de filmes e música. Algumas mulheres referem que assistem às novelas portuguesas com o objectivo não só de aprender a língua mas, também, a cultura e os costumes. Lembram que “*Morangos com Açúcar já passa na Roménia*” (Adriana, 40 anos, IM), mas que “...as telenovelas não nos ajudam a crescer, vejo tudo muito primitivo, tanto as portuguesas como as brasileiras” (Oksana, 47 anos, EPC).

Estes cidadãos têm por hábito trazer filmes, vídeos/DVD, dos seus países de origem e fazerem *downloads*, que depois trocam entre amigos e familiares. Muitos destes filmes são direccionados para as crianças e revestem-se de um carácter pedagógico e educativo. A música mais ouvida é também dos países de origem, captada através de *downloads*, trazida pelos próprios quando vêm de férias, ou enviados por familiares e amigos. Foram citados alguns músicos portugueses, nomeadamente as fadistas Amália e Mariza, mas também Quim Barreiros, Toy e Xutos e Pontapés.

### 2. 3. Cidadãos brasileiros

Os dois encontros com cidadãos brasileiros decorreram no centro de Lisboa. O primeiro no Cinema São Jorge (CSJ), um espaço aberto ao público, a 4 de Dezembro de 2007 e contou com 2 homens e 3 mulheres<sup>31</sup>. O segundo na Casa do Brasil (CB), também em Lisboa, no dia 11 de Dezembro de 2007, este com a participação de 3 homens e 2 mulheres<sup>32</sup>. Os contactos com os integrantes da primeira sessão

---

31 “*Entrei no cinema São Jorge por volta das 18h30m, no 2º andar junto do bar ainda não estava ninguém. Pouco depois entrou uma rapariga que começou a arrumar o bar e em seguida uma senhora brasileira. Era a primeira convidada para o grupo que chegava... Pouco depois, por volta das 19h chegou uma outra rapariga e foi-se sentar nas mesas de café... Era mais uma das participantes da sessão*”. [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “Imigrantes”].

32 “*Chegamos à casa do Brasil, na Rua D. Pedro V, em Lisboa às 18h 45. Estava pouca gente. Uma secretária e uma senhora já com uma certa idade e algumas pessoas circulavam nas salas do interior... A secretária disse que tinha contactado cerca de 8 pessoas mas duas já tinham referido que não estariam presentes*” [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “Imigrantes”].

foram feitos de modo informal entre pessoas com alguma actividade associativa, o mesmo acontecendo com a organização do grupo na Casa do Brasil, onde a referência foi o seu presidente.

Todos têm acesso à televisão generalista e à televisão por cabo, sendo que alguns acedem a esta última nos seus locais de trabalho. Conhecem de forma pormenorizada a programação dos canais generalistas portugueses, bem como da TV Record e de muitos canais por cabo, sobretudo aqueles que emitem séries norte-americanas, como *Dr. House*, *Anatomia de Grey* e séries policiais. Os intervenientes nomearam várias vezes a Globo Internacional e o canal GNT, lamentando a saída deste último do pacote geral. Ao compararem o canal GNT com a TV Record, consideram que houve uma grande perda na qualidade da informação disponibilizada:

- *“Tenho a Record, mas vejo pouco. Quando havia GNT, via muito mais”* (Adriana, 57 anos, CB);
- *“Vejo pouco também, a Record. Não tenho como pagar o novo canal Globo”* (Bia, 45 anos, CB);
- *“Vejo a Record, sobretudo os telejornais, e mais à noite por causa do trabalho. Quando havia a GNT, os programas eram mais vistos, também pela qualidade e vinha no pacote. Há programas bons, os telejornais são bons, mas a parte religiosa ocupa muito espaço neste canal* (António, 40 anos, CB).

Os noticiários das televisões portuguesas são acompanhados normalmente. Mais citados os da RTP1 e RTP2 assim como os da SIC e da RTP África, considerada por dois dos participantes uma *“televisão muito boa”* e onde se *“vê negros a apresentar telejornais”* (Bia, 45 anos; António, 40 anos, CB). A preferência vai para os canais que emitem telejornais mais curtos porque *“Não tenho paciência para jornais que se arrastam mais de uma hora e para notícias que não dão nenhuma notícia...”* (Karina, 32 anos, CSJ). Sublinha-se que nos telejornais *“A qualidade é boa, apesar da lentidão na transmissão das notícias pelos repórteres.”* (António, 40 anos, CB). Nomeiam-se, ainda, programas de informação e debates, bem como programas com a participação de brasileiros ou de formatos brasileiros, exemplo: *“João Kleber, na TVI”* (Cláudio, 30 anos, CSJ). Os programas portugueses mais distinguidos, para além dos jornais noticiosos, são: *“José Hermano Saraiva”*, *“Gatos Fedorentos”* e as telenovelas, brasileiras e portuguesas.

Os comentários sobre a televisão e a programação portuguesa centram-se, sobretudo, no tempo dispendido com publicidade - *“Há muita publicidade. A média de intervalo para publicidade no Brasil é de 3 a 5 minutos. Aqui já cheguei a contar 18 minutos de publicidade”* (António, 40 anos, CB) - e o não cumprimento dos horários - *“Há uma mudança repentina no horário e na programação dos canais, há muitas variações no horário, e não avisam o telespectador. Não há respeito pelo telespectador”* (Bia, 45 anos, CB). Alguns avaliam a programação de forma globalmente negativa: *“Vejo todos os programas, pois no meu trabalho a TV está sempre ligada. Acho muito fraca a programação. Conteúdo, muito fraco”* (Deli, 38 anos, CB).

A informação emitida pelos canais generalistas sobre os imigrantes brasileiros, não escapa à crítica. Ela constituiria um dos principais factores da degradação da imagem do brasileiro, na sociedade portuguesa, a que se assistiria desde há algum tempo. Um imigrante mais antigo lembra a esse propósito: *“Há 8 anos, todos queriam falar comigo, me ouvir. Sinto que hoje as pessoas têm raiva em ouvir falar dos brasileiros”* (Cristiano, 29 anos, CSJ); *“Agora sinto que a imagem do brasileiro está se deteriorando”* (Karina, 32 anos, CSJ).

Os acontecimentos mais marcantes, pelo aspecto negativo, estão associados às “Mães de Bragança”, ao “Arrastão de Carcavelos” e ao assassinato na Amadora de dois polícias por um luso-brasileiro:

- *“O brasileiro é visto quando acontece alguma coisa. Por exemplo, com o incidente em Carcavelos, “os pretos”, “os brasileiros”, “as brasileiras de Bragança”. Quando há um roubo, por exemplo, quando há um incidente, quando o Lula vem ou para falar de imigração, aí sim, falam bem do brasileiro. Embora sejamos 100 mil legais. Adoro os Gatos Fedorentos, o Ricardo Araújo, porque fala deste tipo de coisas, por exemplo, o cartaz a defender os imigrantes como resposta ao cartaz dos nacionalistas”* (Karina, 32 anos, CSJ).

- *“A TV divulga os acordos entre os países, a Cimeira quando o Lula esteve cá, os avanços e conquistas da lei dos imigrantes, entrevistas apenas a actores que vem apresentar peças, e todas as catástrofes que há no Brasil. As coisas positivas e a alegria dos brasileiros, as competências, não são expostas. Não é visto o lado positivo da imigração”* (Denivalda, 52 anos, CSJ)



No entanto, perante outros imigrantes que vivem em Portugal, os brasileiros sentem-se objecto de um tratamento privilegiado, sobretudo face aos imigrantes africanos:

*“Enquanto brasileiros, penso que temos uma vantagem com relação a outros imigrantes, como os africanos, que não tem ninguém a representá-los na TV portuguesa. Não se vê negros na TV portuguesa, apenas na RPT África”* (Cristiano, 29 anos, CSJ).

Para estes cidadãos, alguns filhos e netos de portugueses, verifica-se uma separação nítida entre portugueses que discriminam e portugueses que não discriminam. Entre os primeiros estão os que nunca saíram de Portugal - *“O português que discrimina é o português mais ignorante, que nunca saiu de Portugal”* (Lisi, 33 anos, CSJ); entre os segundos aqueles que andaram por outros países - *“O emigrante português é ótimo”* (Cristiano, 29 anos, CSJ).

Todos conhecem o programa *Nós*, embora nem todos tenham disponibilidade para a ele assistir. Para uns, *“a ideia é realçar os aspectos mais positivos”* (Gustavo, 31 anos, CB), mostrando trajectórias interessantes: *“Penso que ajuda bastante na integração das pessoas. Dão espaço ao pintor ao engenheiro. O Programa dá uma directiva, informações, sobre a questão da imigração”* (Bia, 45 anos, CB). Mas há quem ponha em dúvida que o programa reflecta a *“realidade da imigração”* (António, 40 anos, CB) e quem o acuse de ser demasiado institucional: *“Dizem que é um programa sobre os imigrantes, mas para mim é um programa que fala das instituições do próprio Estado, como o Escolhas, ACIME, etc.”* (Cristiano, 29 anos, CSJ)

Tema popular, que desencadeia comentários sem fim, é o das telenovelas. Sejam brasileiras, sejam portuguesas. As telenovelas brasileiras seguidas em Portugal funcionam como uma *“forma de estar ligada a situações do Brasil. Como esta Duas Caras, mais recente, por exemplo, ao referir a situação da favelas...”* (Denivalda, 52 anos, CSJ), ou *“...para ver o que está na moda lá”* (Lisi, 33 anos, CSJ). Servem, também, para recordar paisagens, espaços urbanos e quotidianos: *“Gosto de ver o Rio de Janeiro, como sou de lá, dá uma certa nostalgia, ver o Cristo, o Pão de Açúcar. O chop na praia, e outras coisas mais”* (António, 40 anos, CB). Mas podem acentuar a distância, após muitos anos de imigração: *“Acho que estão longe da minha*

*realidade aqui em Portugal, a realidade apresentada na telenovela brasileira, pois já estou aqui há muito tempo e já não me identifico mais*" (Karina, 32 anos, CSJ).

As telenovelas e séries portuguesas mais citadas foram: *Vingança* e *Jura* (SIC), *Ilha dos Amores* (TVI); *Conta-me como foi* (RTP1). Esta última recebeu grandes elogios. Sobre os respectivos conteúdos, as opiniões vão no sentido de enfatizar que *"não retratam tanto a realidade do país, como a situação da imigração por exemplo. Cai sempre na briga de poderes e na riqueza. Dificuldade em olhar de frente como as coisas acontecem, estão sempre a olhar para o passado"* (Denivalda, 52 anos, CSJ). Aspectos das telenovelas que não fariam mais do que dar visibilidade a *"...um problema do povo português que é a hipocrisia. E isto está reflectido na TV, na telenovela, ao tratar de certos temas, questões, como a sexualidade, por exemplo"* (Cristiano, 29 anos, CSJ).

Sexualidade e telenovelas portuguesas suscitam comentários particularmente animados. Para muitos dos participantes, as telenovelas ajudaram a transformar os hábitos em Portugal. Através delas, por exemplo da telenovela *Jura*, *"Os portugueses descobriram a sua sexualidade [embora] de uma forma distorcida, exagerada"* (Karina, 32 anos, CSJ). Para estas mulheres brasileiras que chegaram a Portugal há já alguns anos *"As mulheres portuguesas mudaram muito, estão mais femininas, e penso que isto está relacionado com a imigração brasileira (manicures brasileiras e depilação como no Brasil) e com a imagem das mulheres brasileiras na TV. A forma de se vestir, por exemplo, mudou, e outras mudanças estão relacionadas com as imagens da telenovela, que provocou de certa forma esta mudança"* (Lisi, 33 anos, CSJ).

Sugerem-se programas que poderiam facilitar a integração e o convívio entre as comunidades a viver em Portugal e dá-se como exemplo o filme *Lisboetas*. Para os que se pronunciaram sobre este tema, urge promover a *"auto-estima do imigrante"* (Denivalda, 52, CSJ) e abordar *"os aspectos positivos e os aspectos negativos da imigração, pois ambos existem"* (António, 40 anos, CB).

A forma mais comum de acesso a filmes e à música é a compra (no Brasil e em Portugal) mas, também, os *downloads* que, depois, são copiados e trocados entre amigos. Filmes brasileiros mais referidos: *Central do Brasil*, *Carandiru*, *Cidade de Deus*, *Cidade dos Homens* e *Tropa de Elite*. Quanto à cinematografia portuguesa e

para além do filme *Lisboetas*, cita-se *Noite Escura*. A música mais apreciada é a brasileira e os músicos e cantores portugueses mais referidos são: Amália, Mariza, Dulce Pontes, Rui Veloso, Pedro Abrunhosa, Mário Laginha e Maria João, João Pedro Pais e *Buraca Som Sistema*.

#### 2. 4. Grupo de Foco “Misto”

A sessão que envolveu cidadãos de diferentes nacionalidades e que designámos por “Grupo Misto”, contou com a presença de 3 homens e 4 mulheres. Realizou-se no centro de Lisboa, na pastelaria Veneza, visto o Cinema São Jorge, primeiro lugar escolhido para o encontro, estar ocupado (02 de Fevereiro de 2008).<sup>33</sup> Esta sessão foi a mais difícil de organizar por ter que reunir pessoas com actividades muito diversas e responsabilidades associativas. Os contactos foram pessoais e a participação deu-se a título individual.

Observou-se, desde o início, que havia uma grande cumplicidade entre os cidadãos brasileiros e os dos PALOP ou seus descendentes. Se, por um lado, eram muito críticos relativamente aos meios de comunicação e, sobretudo, à televisão, por outro, conheciam bem a sociedade portuguesa, manifestando o desejo de aqui permanecer. Quanto à cidadã russa que integrou o grupo, notou-se que tinha uma postura mais distanciada, embora falasse e compreendesse bem a língua portuguesa.

Brasileiros e cidadãos dos PALOP, e seus descendentes, acedem à televisão generalista e alguns possuem mais de um aparelho. Aqueles que vivem em casas “comunitárias” (casas com quartos alugados a diferentes pessoas) vêem televisão na sala ou têm-na no quarto. Os programas mais apreciados são os de índole informativa. Participantes, principalmente de origem brasileira, nomearam canais por cabo onde assistem a séries policiais ou outras (*Anatomia de Grey*, *Donas de Casa Desesperadas*, etc.). A cidadã russa afirmou não possuir parabólica nem ter acesso à televisão por cabo, assistindo regularmente aos noticiários das televisões portuguesas.

---

<sup>33</sup>“A reunião estava marcada para as 17h. Quando cheguei ao cinema São Jorge já estavam 6 participantes à espera (2 brasileiras, 1 russa, 2 de origem cabo-verdiana e 1 rapaz angolano. Mais tarde chegou um rapaz natural da Guiné-Bissau). Comunicaram-me que infelizmente não deveríamos ficar naquele espaço dado que se iria realizar uma festa de aniversário de crianças” [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “Imigrantes”].

Percebeu-se, pelos comentários e conhecimentos demonstrados, que os participantes brasileiros, dos PALOP e seus descendentes se sentiam em casa, não só porque são “lusófonos”, mas porque partilham um passado comum, muitas vezes evocado sobre a forma de estereótipos mútuos. Uma das participantes declara que *“Há uma distinção entre dois grupos de imigrantes. Há aqueles que vêm de países ricos e são chamados de ‘estrangeiros’ e têm uma boa imagem, e os que chegam de países pobres e são chamados de ‘imigrantes’.* E a imagem neste caso é sempre má, vêm roubar e trazer problemas” (Sónia, 27 anos, MG). Na sequência deste raciocínio, corroborado pelos presentes, identificam-se como sendo originários de “países pobres” e por isso tendencialmente “discriminados”. Neste sentido, ressaltam que *“A lusofonia é uma construção, e tenta-se explorar alguns aspectos e não outros”* (Helena, 33 anos, GM) para, logo em seguida, enunciarem os problemas de que são vítimas, contextualizando-os em análises mais amplas sobre a sociedade:

*- “Fala-se em “brasileiros”, “imigrantes de leste” ou “africanos” como se estivessem muito bem organizados. ...É um retrato mal feito e grosseiro...E isso se passa com todos os temas, os media deixaram de ter um compromisso com a ética e com a verdade, e isso pelo menos desde os anos 60. Institucionalizou-se a questão da imigração, que é um grande tema”* (Liliana, 29 anos, GM).

A participante russa demonstrou uma compreensão diferente da sociedade portuguesa. Considerou, antes de mais, que os portugueses não assumem a sua cidadania e estão sempre a referir-se à sua terra como *“este país”*. Para ela isto significa que os portugueses se excluem da cidadania e não assumem responsabilidades pelos rumos do seu país: *“há sempre alguém que tem culpa, não está presente e não se pode pedir responsabilidades”* (Natália, 32 anos, GM). Algo de semelhante aconteceria na informação: *“Primeiro culpam e depois tenta-se provar a verdade ou não destes factos. No caso do desaparecimento de Maddie, falou-se em um “suspeito russo”, ou seja, a pessoa não foi identificada por nome ou outro elemento, mas pela nacionalidade: russo, imigrante e por isso culpado.”* (Natália, 32 anos, GM)

Tanto as brasileiras como os cidadãos dos PALOP e seus descendentes vêm com regularidade a RTP África, na qual procuram informação sobre o continente mas, também, músicas e ritmos dos seus países. Segundo os comentários emitidos, esta estação tem pouca produção “africana”, muita informação oficial de Portugal

e dos PALOP, e escassas notícias sobre outros países africanos. Lamenta-se também que, existindo um canal com estas características, ele não seja utilizado para promover a integração dos africanos que vivem em Portugal:

– “70% ou 80% da produção é portuguesa. Quem está cá, não tem muito para ver. Há pouquíssima produção africana mesmo. Manter o nome RTP África para mim é quase um engano, porque há muitos locais na África que são ignorados, não há conteúdos sobre essas outras “Áfricas”, o que seria mais interessante para os imigrantes que estão cá. Há notícias muito oficiosas, mas com pouca profundidade e não ligados a essas várias ‘Áfricas’” (Eduardo, 36 anos, GM);

– “É uma televisão com o objectivo principal de passar a imagem de Portugal. Parece-me que querem vender uma imagem do Portugal para fora. A notícia é muito superficial e reduzida sobre África. A RPTP África podia ter outro papel no que se refere à imigração africana em Portugal, o que não acontece” (Abraão, 33 anos, GM);

– “A RTP África é uma tentativa de vender Portugal para África” (Sónia, 27 anos, GM).

Independentemente das suas origens, todos conhecem o programa Nós, mesmo que considerem o horário “ruim”. Manifestam uma opinião positiva sobre este programa: “O Nós procura veicular uma imagem positiva da imigração. Mas é um espaço restrito e transmitido numa hora pouco acessível a todos” (Eduardo, 36 anos, GM); “...mostra a integração dos imigrantes. Pessoas que tiveram e têm percursos positivos em Portugal” (Natália, 32 GM). Deviam ser notícia, a incluir no programa, as dificuldades por que passam os imigrantes em Portugal, bem como os lucros e os benefícios que trazem os imigrantes.

Insistem em que a maioria dos portugueses “...não faz ideia das burocracias e dos trâmites que os imigrantes enfrentam para se legalizar no país...” (Cris, 36 anos, MG) e que, falar positivamente da imigração, não “... deve significar apenas falar da folclorização das culturas, mas da origem, da história dos vários países e nacionalidades” (Helena, 33 anos, GM).

As telenovelas não têm, neste grupo, grande acolhimento porque quase todos os participantes constituem elementos activos de associações com pouco tempo para assistir e seguir esse tipo de programas. Afirmam, no entanto, que

poderiam ter um aspecto formativo mais vincado: *“As telenovelas são o imaginário, muito consumido pelos jovens actualmente. Devia haver personagens mais próximas dos imigrantes, dos bairros. Não há personagens vindos dessas minorias”* (Eduardo, 36 anos, GM).

Diferente é a opinião da cidadã russa sobre o papel das telenovelas na integração dos imigrantes: *“Gosto de ver a TVI e as telenovelas portuguesas. Aprendo muito português assim. Também passo a conhecer os hábitos do país. Convidaram imigrantes para participar na Morangos com Açúcar, para mostrar como os imigrantes estão integrados na sociedade”* (Natália, 32 anos, GM). Há quem afirme que as telenovelas brasileiras *“...contribuíram muito para que o sotaque do português do Brasil passasse a ser reconhecido em Portugal. Tenho amigos portugueses que dizem que não percebiam palavras do português do Brasil e, com a telenovela, não há mais esse estranhamento com o sotaque”* (Cris, 36 anos, GM).

Sobre os consumos de filmes e música, grande parte dos participantes deste grupo diz que faz *download*, compra ou troca. Afirmam gostar de *“todo o tipo de música”* e seguir as novidades editadas nos países de origem. Alguns, como viveram no estrangeiro - Cuba (Abraão, 33 anos, GM), ou França (Eduardo, 36 anos, GM) - criaram gostos associados aos consumos desses países.

## IMPrensa

### 1. Sondagem nacional: Nascidos e não nascidos em Portugal

Em termos de importância para a aquisição de informação, os jornais aparecem, na Sondagem Nacional, em 3º lugar, quer para os nascidos quer para os não nascidos em Portugal. Já as revistas especializadas ocupam o 5º lugar. Como se viu no capítulo anterior, em que se abordou a recepção da televisão pelas populações imigrantes, esse meio ocupa, incontestavelmente, a 1ª posição enquanto fonte de informação. Depois vem a Internet e só em seguida os jornais. A necessidade de obter informação constitui um argumento secundário para o consumo de revistas que, a esse propósito, são relegadas para o fim da tabela.

Menos relevante ainda é o papel da imprensa como instrumento de aprendizagem ou de divertimento: a percentagem dos que lhe reconhecem esse atributo é relativamente baixa, tanto para os nascidos como para os não nascidos em Portugal.

Os não “nascidos em Portugal” declaram ler mais jornais (69,2%) que os “nascidos em Portugal” (56,5%). Utilizam-nos mais para “passar o tempo” (29,8% contra 14,9%). Em contrapartida, os “não nascido em Portugal” consideram, em maior percentagem (61,9% contra 53,5%), que os utilizam como fonte de informação. Valores semelhantes se encontram nos usos das revistas que apenas recolhem maiores valores na rubrica “passar o tempo”, declarada por 22% nos “nascidos em Portugal” e por 30,6% dos “não nascidos em Portugal”.

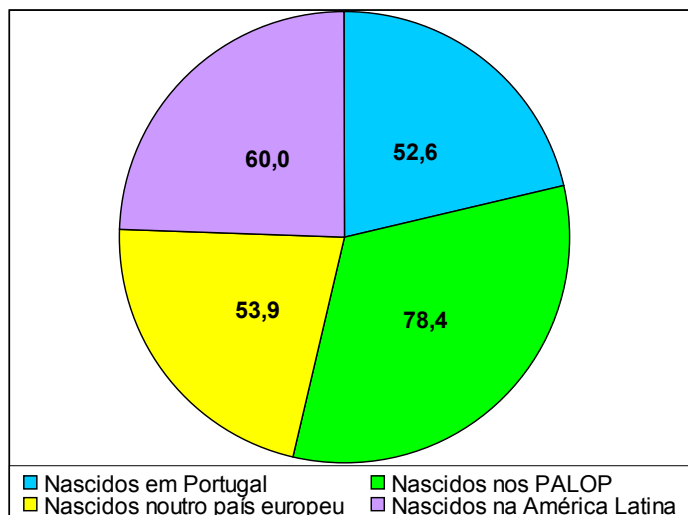
QUADRO V  
Usos dos Jornais (%)

| Jornais                 | Portugal | Fora de Portugal |
|-------------------------|----------|------------------|
| Não usa/utiliza/não tem | 43,5     | 30,8             |
| Passar tempo            | 14,9     | 29,8             |
| Aprender                | 5,2      | 4,5              |
| Informar-se             | 53,5     | 61,9             |
| Distrair-se/Divertir-se | 5,4      | 1,0              |

Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Nos últimos 30 dias, anteriores à realização da Sondagem Nacional, 52,6% dos inquiridos “nascidos em Portugal” e 69,0% dos “nascidos fora de Portugal” responderam ter lido ou folheado jornais diários. No entanto e apesar de não lerem ou folhearem tanto os jornais, os “nascidos em Portugal”, quando os lêem ou folheiam, fazem-no com maior frequência (48,3%) que os “não nascidos em Portugal” (37,8%).

**GRÁFICO 4**  
 Nos últimos 30 dias leram ou folhearam algum diário nacional de informação geral (%)



*Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE*

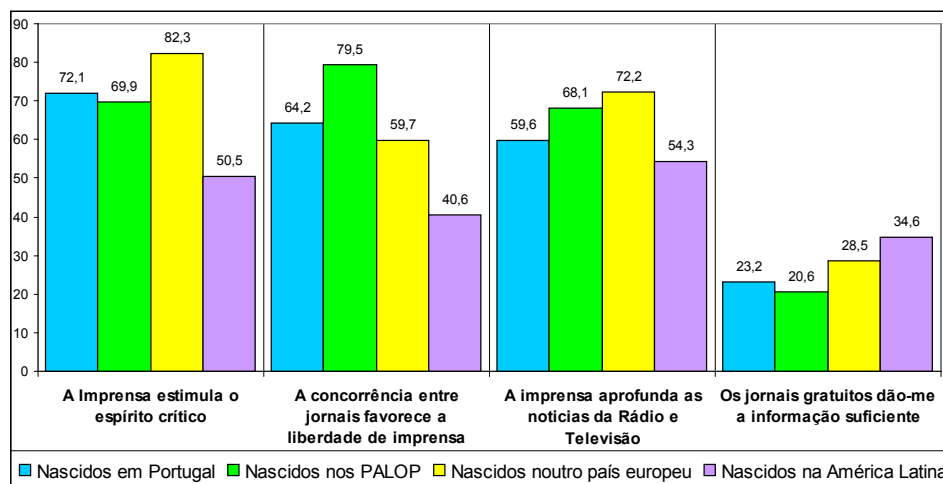
Tanto os nascidos como os não nascidos em Portugal que lêem um jornal fazem-no, sobretudo, pela manhã e ao almoço. Só uma percentagem muito baixa indica que o faz à tarde ou depois do jantar. Os jornais são lidos preferencialmente em casa ou no café, tanto pelos “nascidos em Portugal” como pelos “não nascidos Portugal”. Nestes últimos, verifica-se uma maior percentagem de indivíduos que afirma ler nos transportes públicos. Desagregando pelos cinco grupos, confirmam-se os mesmos hábitos.

Em ambos os grupos, nascidos e não nascidos em Portugal, que leram jornais nos últimos 30 dias antes da realização da Sondagem Nacional, há uma percentagem elevada que concorda em que a imprensa é um instrumento de aprofundamento das notícias transmitidas pela televisão (59,8% dos “nascidos em Portugal” e 63,4% dos “não nascidos Portugal”) e que promove o espírito crítico (72,0% e 67,1%). Os dois grupos afirmam que, cada vez menos, têm tempo para ler o jornal. Mas são os “não nascidos em Portugal” que manifestam estar mais abertos ao tipo de informação veiculada pelos jornais gratuitos.



A imprensa estimula o espírito crítico? A pergunta tem uma maior percentagem de respostas positivas entre os “nascidos em Portugal” e noutros países europeus. A concorrência favorece a liberdade de imprensa? Este aspecto parece sensibilizar mais os imigrantes nascidos nos PALOP e muito menos os latino-americanos, o que contraria impressões por eles deixadas a propósito da televisão. A imprensa aprofunda as notícias da Rádio e da Televisão? São, justamente, os que mais tinham salientado a capacidade da imprensa para estimular o espírito crítico, isto é, os imigrantes nascidos noutros países europeus, que mais abertamente aderem à pergunta assim formulada. Constata-se, significativamente, alguma distanciação relativamente à informação fornecida pelos jornais gratuitos que apenas uma minoria dos inquiridos (20,6% a 34,6%) considera suficiente.

GRÁFICO 5  
Concordância (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Os “nascidos em Portugal” costumam folhear rapidamente o jornal, da primeira à última página (50,6% contra 45,6% dos “não nascidos em Portugal”) e ir directamente à secção do seu agrado (50,5% e 45%). Frequentemente, os “não nascidos em Portugal” lêem, apenas, os títulos (44,8% face a 28,2% dos “nascidos em Portugal”). Os dois grupos lêem ainda, com muita frequência a primeira e última página e guardam o jornal para tentar ler no dia seguinte. Raros têm o hábito de escrever cartas ao director ou recortar artigos.

Os jornais diários preferidos pelos nascidos e pelos não nascidos em Portugal são o “Correio da Manhã” e o “Jornal de Notícias”. O primeiro recolhe 42,3% das preferências dos “nascidos em Portugal” e 49,5% dos “não nascidos em Portugal”. O segundo, respectivamente, 39,6% e 15,3%. Todos os outros diários, de âmbito nacional, regionais e gratuitos, surgem com valores inferiores a 5%, mesmo os desportivos.

As rubricas mais lidas, tanto para os nascidos como para os não nascidos em Portugal, são os *fait divers*: crimes, acidentes, etc., (93,8% e 90,4%). Seguem-se as dedicadas à saúde e ambiente, cultura e educação e desporto. Curiosamente, os “não nascidos em Portugal” demonstram, relativamente aos “nascidos em Portugal” maior interesse pelos temas de economia e trabalho (88,9% contra 71,6%) e justiça (86,7%, contra 73,6%).

QUADRO VI  
Preferências em Jornais diários de informação geral (%)

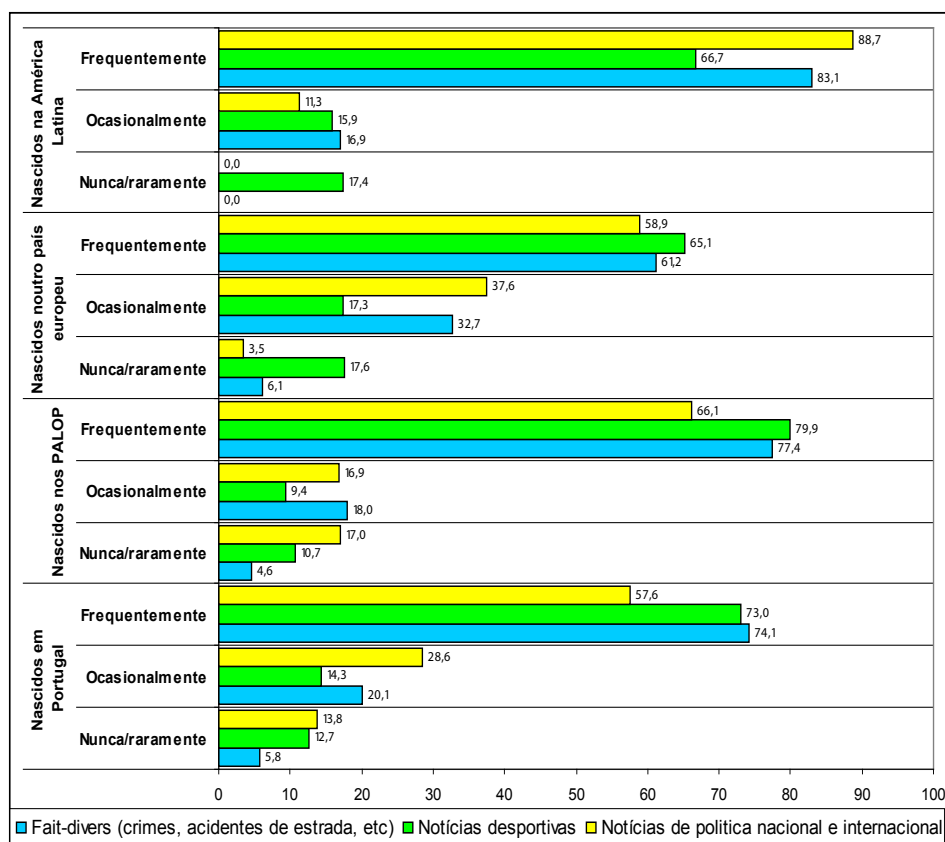
|   | Portugal | Fora de Portugal |
|---|----------|------------------|
| Artigos de opinião                          | 71,2     | 83,0             |
| Economia e Trabalho                         | 71,6     | 88,9             |
| Cultura e Educação                          | 82,7     | 88,5             |
| Desporto                                    | 75,1     | 76,8             |
| Saúde e Ambiente                            | 83,8     | 88,5             |
| Justiça                                     | 73,6     | 86,7             |
| Política Nacional e Internacional           | 74,3     | 84,3             |
| Diversos: crimes, acidentes de estrada, etc | 93,8     | 90,4             |
| Necrologia                                  | 2,9      | 1,1              |
| Classificados                               | 2,8      | 2,0              |
| Cine cartaz (programações)                  | 1,1      |                  |
| Outras rubricas                             | 4,1      | 6,7              |
| Não responde                                |          | ,3               |

Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Desagregando pelos quatro grupos - nascidos em Portugal, nos PALOP, na AL e OPE - a leitura dos crimes, acidentes de estrada etc. ocupa sempre um lugar

relativamente preponderante: 1º lugar, para os nascidos em Portugal; 2º lugar, para os nascidos nos PALOP, noutros países europeus e na América Latina. A leitura das notícias desportivas é assinalada em 1º lugar para os nascidos nos PALOP e noutros países europeus, embora, destes últimos, haja 17,65 que nunca, ou raramente, as lê. Os latino-americanos são os que mais interesse evidenciam por notícias de política nacional ou internacional, colocando-as no topo das suas preferências. Os nascidos em Portugal colocam este tema na 5ª posição, os nascidos noutros países europeus na 6ª, os nascidos nos PALOP na 7ª.

GRÁFICO 6  
O que lêem e não lêem na Imprensa (%)



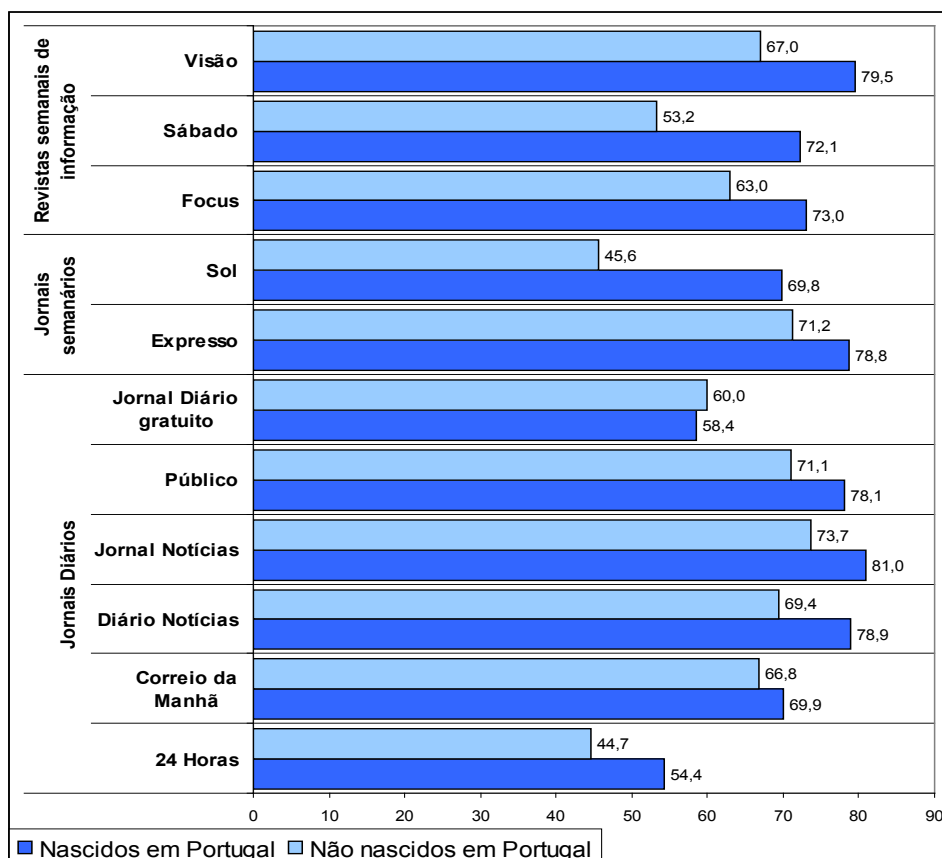
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Dos jornais diários desportivos, o mais citado por nascidos e não nascidos em Portugal é a “Bola” seguido do “Record”.

Os semanários têm pouco impacto: apenas 12,1% dos “nascidos em Portugal” e 13,8% dos “não nascidos em Portugal” afirmam ter lido ou folheado um, nos últimos 30 dias. O mais citado é o “Expresso”, sobretudo pelos “não nascidos em Portugal”. Segue-se, a grande distância, a “Visão”. Menor, ainda, é a leitura ou a consulta de jornais e revistas estrangeiras.

As revistas nacionais especializadas têm mais aceitação junto dos “nascidos fora de Portugal” que dos “nascidos em Portugal” (34,9% contra 22,6%). De entre os que leram ou folhearam alguma destas revistas especializadas a preferência vai para: “Maria”, “TV7 Dias” e “TV Guia”.

GRÁFICO 7  
Acreditam na informação difundida pela Imprensa (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Todos os órgãos de informação escrita, jornais, semanários e revistas, registam elevada credibilidade, superior a 4,2, de média, numa escala de 1 a 6. A credibilidade dos “nascidos em Portugal” é superior à dos “não nascidos em Portugal”. Para uns e para outros, o diário mais credível é o “Jornal de Notícias” e o menos credível é o “24 Horas” que, a este respeito, se aproxima dos gratuitos. Nos semanários, o “Expresso é mais credível que o “Sol”. A percentagem dos “nascidos fora de Portugal” que afirma, relativamente a todos os títulos, diários, semanários e revistas, “acreditar em parte” é consideravelmente maior à dos “nascidos em Portugal”. Sinal de alguma prudência?

## 2. Grupos de Foco

Os resultados dos grupos de foco relativos à imprensa serão apresentados, tal como se fez relativamente à televisão, tendo em conta os grupos de imigrantes originários das mesmas áreas geográficas. Tomou-se esta opção na leitura das sondagens e com ela pretende-se identificar e interpretar “sensibilidades”, “opiniões”, “atitudes” e comportamentos particulares a determinados grupos. Como já foi referido anteriormente, esta metodologia comporta alguns riscos, porque agrupa resultados de sessões autónomas realizadas com cidadãos de origens nacionais diferentes e trajetórias particulares distintas. Assim, como foi feito para os indicadores referentes à Televisão, tratam-se em conjunto os indicadores relativos aos imigrantes dos PALOP (cabo-verdianos, guineenses, são-tomenses e angolanos) e seus descendentes, assim como os decorrentes das sessões com cidadãos da Europa de Leste (ucranianos e romenos) e brasileiros. Por fim, serão analisados os indicadores do “Grupo Misto”, constituído por cidadãos de várias nacionalidades. Ressalte-se que a imprensa tem, neste grupo de cidadãos, menor impacto que a televisão, o que se reflecte nos resultados apresentados.

### 2.1. Cidadãos dos PALOP e seus descendentes

Os jornais mais citados foram o “Correio da Manhã”, o “Diário de Notícias” e o “Público”, os desportivos “Record” e a “Bola” e, ainda, os gratuitos “Destak”, “Metro” e “Sexta-Feira”. Grande parte diz que não compra jornais todos os dias e que os lê nos cafés, nos empregos, nas associações e nos transportes públicos.

A compra dos jornais depende, também, do interesse da primeira página: “*Gosto de ler, os gratuitos, mas sobretudo consoante a notícia que se vê na primeira página*” (Adélio, 31 anos, AFRUNIDO). Referem ainda que, por vezes, lhes falta o tempo - “*O Destak, Metro, Sexta-Feira, e não há tempo para muito mais. Não tenho tempo para ler*” (Sandra, 22 anos, O/P) - ou o hábito de ler os jornais: “*...não tenho este costume*” (Luís, 20 anos, O/P).

Há ainda quem consulte jornais *on-line* nos espaços de inclusão digital - “*...no trabalho tenho acesso à Internet, onde posso consultar jornais como o Diário de Notícias e o Correio da Manhã e, por isso não os compro*” (José, 30 anos, O/P) - e quem substitua a sua leitura directa pela referências que lhes são feitas na rádio e na televisão: “*Acompanho os jornais através da rádio, Rádio Renascença, ou RDP África*” (Oswaldo, 32 anos, QM).

Consideram que as notícias que lêem nos jornais (gratuitos e outros) são quase todas negativas sobre os imigrantes (crimes e “coisas más”). Lamentam que não se fale do contributo dos imigrantes para o desenvolvimento do país. Notam, ainda, que são mais discriminados que todos os outros grupos quando se trata de crimes. Embora, no momento em que os cidadãos dos PALOP se tornam famosos e com dinheiro, como os jogadores e cantores, sejam tratados como portugueses: “*Só quando se destacam, é que são tidos como portugueses*” (Igor, 23 anos, BSF).

## 2.2. Cidadãos de Países do Leste da Europa

Os jornais mais lidos por estes cidadãos, independentemente da sua nacionalidade, são os gratuitos - “Destak”, “Metro”, “Sexta-feira” e “Meia-Hora”. Raros são os que compram mas, quando tal acontece, a preferência vai para o “Correio da Manhã”. Anotaram-se algumas citações relativas ao “Diário de Notícias” e à “Bola”. A leitura dos jornais pode funcionar como meio de “*... aprender a língua. Quem não anda nos cursos é assim*” (Miguel, 41 anos, IM). Constitui, também, uma fonte privilegiada de informação sobre a sociedade de acolhimento “*...leio os jornais para acompanhar a actualidade portuguesa*” (Adriana, 40 anos, IM).

À semelhança do grupo de imigrantes dos PALOP, também neste se ouviram queixas sobre a forma como os jornais tratam as questões das comunidades: “*Jornais*

*não dão uma imagem objectiva. A informação é rara, e quando é dada mostra mais o lado negativo. Há muitos eventos que a associação, por exemplo, desenvolve, e os meios de comunicação não aparecem. Se é algo negativo, logo aparece*" (Vitali, 31 anos, LusoDomu).

Sublinham, no entanto, que os conteúdos têm vindo a melhorar e há momentos em que surgem "coisas boas" sobre "*a nossa Páscoa e o nosso Natal, os jornais falam mas também a televisão*" (Maria, 44 anos, LusoDomu). Os participantes romenos são mais contundentes sobretudo pelo facto da imprensa, e os meios de comunicação em geral, confundirem "*os romenos com os ciganos*" e, por essa razão, "*nos jornais portugueses, nos gratuitos, havia opinião das pessoas, e questionavam a entrada da Roménia na União Europeia, mostrada como um país de terceiro mundo que não valia a pena entrar. São os jornais que criam o caso*" (Vladimir, 38 anos, IM).

Os cidadãos ucranianos têm acesso a cerca de 5 jornais do seu país, vendidos nalguns supermercados. Mas chegam atrasados e carecem de actualidade: "*Os jornais chegam atrasados, e não há tanto interesse assim. Notícias já atrasadas, não actuais. Acabamos por ler mais os jornais que temos aqui em Portugal*" (Vitali, 31 anos, LusoDomus). Destes, um dos mais importantes é o jornal "Ucranianos em Portugal", mensal, produzido pela Associação dos Ucranianos em Portugal. Igor (32 anos, LusoDomus), membro do corpo redactorial do jornal, explica: "*É gratuito, está nas lojas de produtos típicos da Ucrânia. Agora tem já 16 páginas e conseguimos assim dar mais informação sobre a comunidade. Não estamos a pensar cobrar, pois é da Associação e temos apoio do ACIDI. Os conteúdos são sobre os ucranianos aqui, sobre a escola, sobre Portugal, a economia portuguesa, a segurança social, sobre o SEF, eventos da associação, etc. É uma edição mensal. As notícias sobre a Ucrânia, vemos nos canais ucranianos, na televisão. O jornal da nossa associação já atingiu os 7500 exemplares*" (Igor, 32 anos). O "Slovo", publicado em russo, foi igualmente citado pela elevada difusão que terá já atingido.

Jornais romenos não existem em Portugal. Resta, para saber notícias da terra, a consulta de edições *on-line* ou um jornal em romeno que é editado "*...em Espanha, para a península ibérica*" (Jorge, 27 anos, IM) e distribuído nos lugares mais frequentados pelos romenos, nomeadamente na Igreja.

### 2. 3. Cidadãos brasileiros

Pelo domínio da língua, grau de escolaridade e hábitos adquiridos no seu país, os brasileiros são os que mais lêem jornais. São, também, os que manifestam conhecer e ter acesso a um maior número de títulos, não só do seu país como portugueses. De entre estes últimos os mais nomeados foram os gratuitos “Metro” e “Destak”, lidos a caminho do emprego, o “Correio da Manhã”, o “Jogo”, o “Diário de Notícias”, o “Público”, o semanário “Expresso” e a revista “Visão”, frequentemente consultados nos locais de trabalho.

Quase todos os participantes nos Grupos de Foco costumam, periodicamente, comprar ou consultar edições *on-line* dos jornais editados no Brasil, de circulação nacional, como o “Estado de São Paulo” ou o “Globo” e, também, os editados nas regiões de onde são naturais como o “Zero Hora” (de Porto Alegre, Rio Grande do Sul). A revista brasileira “Veja” é muito procurada: *“Quando a encontro num quiosque leio”* (Bia, 45 anos, CB). Mas quem está há mais tempo em Portugal vai mudando de hábitos de leitura: *“Já não leio mais jornais do Brasil”* (Karina, 32 anos, CSJ).

As notícias sobre os cidadãos brasileiros não são avaliadas apenas pelo lado negativo, apesar de ser unânime a ideia de que há um certo tratamento discriminatório: *“Quando é famoso, jogador de futebol, por exemplo, é muito bem tratado. Notícias positivas são raras.”* (António, 40 anos, CB). As mulheres salientam que já houve mais discriminação, principalmente na altura das “Meninas de Bragança”, e que as *“...brasileiras também não facilitam, vejam-se os anúncios...”* (Karina, 32 anos, CSJ). Apontam-se nomes: *“O Correio da Manhã, por exemplo, é discriminatório com relação aos imigrantes. Quando há alguma notícia, é no sentido de penalizá-los”* (Gustavo, 31 anos, CB). Há, contudo, uma tendência para relativizar a situação: *“no Brasil os portugueses nem sempre são bem tratados...”* (Cláudio, 30 anos, CSJ)

### 2. 4. Grupo de Foco “Misto”

Composto por pessoas de várias nacionalidades e com responsabilidades associativas, nota-se, neste grupo, um grande conhecimento dos títulos editados em Portugal. A maior parte dos participantes declara, contudo, ler mais os jornais gratuitos, o “Metro”, o “Destak” e o “Global”. O “Correio da Manhã” é, dos



jornais vendidos, o mais citado. Seguem-se o “Diário de Notícias”, “Público”, “Expresso”, “Sol” e “Visão”. Todos estes jornais, semanários ou revistas são lidos pela maioria dos participantes “às vezes”, quando há tempo e oportunidade: “... Normalmente não compro, leio os gratuitos, como o Metro ou o Global. Às vezes, leio o Público, o Correio da Manhã ou o Expresso. Gosto de ler sobre imigração, e sobre a política portuguesa” (Natália, 32 anos, GM). Duas participantes brasileiras afirmaram ser assinantes, uma do “Público” e outra da “Visão”. A prática de consultar edições *on-line* está generalizada. Sobretudo para os jornais editados nos respectivos países. Por vezes, e em função das trajectórias de vida, consultam-se edições *on-line* de jornais de países onde se viveu anteriormente.

Como já se disse, este grupo misto é constituído por imigrantes particularmente envolvidos em actividades associativas. Nota-se, por isso, uma avidez na procura de informação que se traduz na consulta de vários títulos - portugueses, dos países de origem e internacionais - e uma utilização intensa da Internet:

- “Leio o Público, a edição *on-line*. Leio outros jornais na Internet. Quanto à imprensa angolana, leio alguns semanários, sempre através da Internet. Acompanho também sites de notícias angolanas e francesas” (Eduardo, 36 anos, GM);

- “Não consumo muito jornal, nem revista, nem televisão. Utilizo sobretudo a Internet, e leio os jornais que chegam de forma gratuita nos transportes ou em casa. Recebo em casa o *Le Monde Diplomatique*” (Liliana, 29 anos, GM).

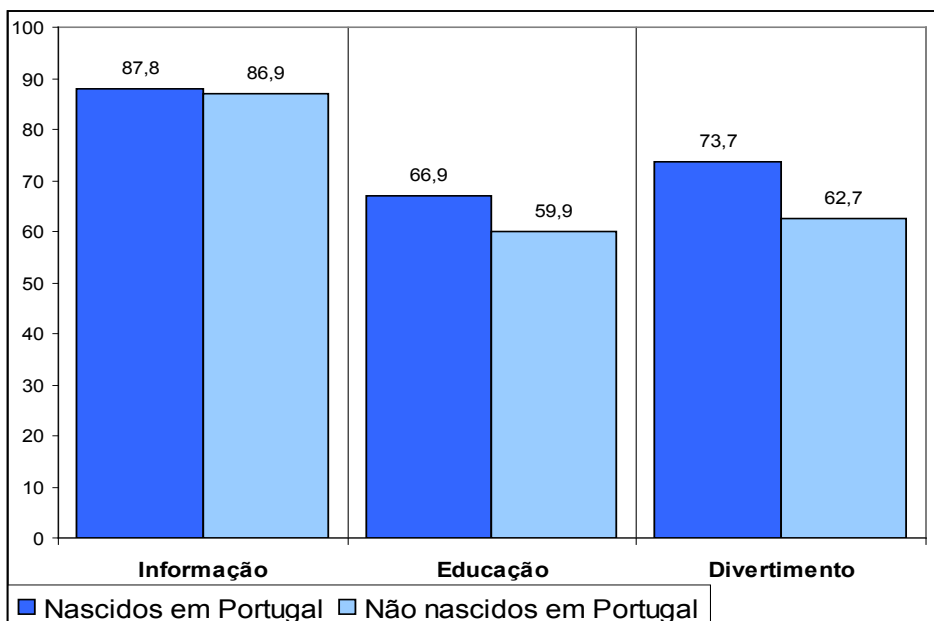
Todos concordam em que as “Notícias negativas sobre imigrantes vêm muitas vezes em capa. A disposição e o destaque das notícias são intencionais. Uma notícia positiva não tem tanto destaque.” (Abraão, 33 anos, GM). Mas tendem a atribuir esta situação à passividade dos imigrantes que “têm de fazer mais” (Abraão, 33 anos, GM), não só denunciando os abusos da imprensa mas participando activamente na sociedade portuguesa.

## RADIO

### 1. Sondagem nacional: Nascidos e não nascidos em Portugal

A Rádio situa-se em 4º lugar, nas preferências de nascidos e não nascidos em Portugal, quanto à obtenção de informação, após a televisão, a Internet e os jornais. Os “nascidos em Portugal” atribuem à rádio uma ligeira primazia neste aspecto, sendo que, no que toca à Educação, os valores baixam nos dois grupos e distanciam-se. Com valores um pouco superiores, surge a função divertimento.

GRÁFICO 8  
 Importância da Rádio como meio de informação, de educação,  
 de entretenimento (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Para mais de 40% dos inquiridos, nascidos ou não nascidos em Portugal, a rádio é sobretudo utilizada para passar o tempo. Dos “nascidos em Portugal”, 29% declara não a ter. Significativamente, esta percentagem é menor nos “não nascidos em Portugal” – 20%.

QUADRO VII  
Usos da Rádio (%)

| <b>Rádio</b>            | Portugal | Fora de Portugal |
|-------------------------|----------|------------------|
| Não usa/utiliza/não tem | 29,0     | 19,9             |
| Passar tempo            | 42,9     | 43,2             |
| Procurar companhia      | 11,5     | 10,3             |
| Descansar               | 3,4      | 8,9              |
| Aprender                | 2,8      | 4,3              |
| Informar-se             | 38,6     | 47,3             |
| Distrair-se/Divertir-se | 33,5     | 41,1             |

*Fonte: Sondagem nacional: ERC/ISCTE*

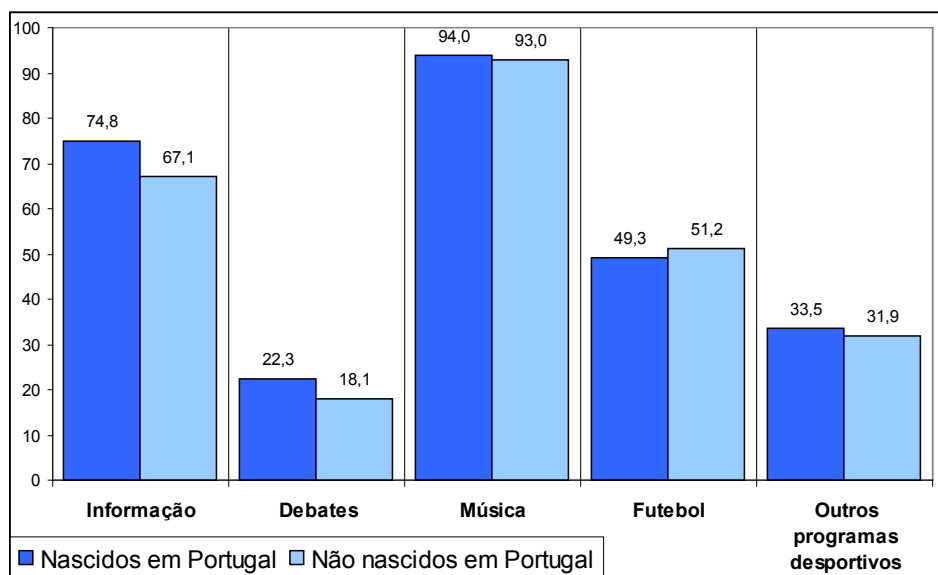
Os “não nascidos em Portugal” (80,1%) declaram ouvir mais rádio que os “nascidos em Portugal” (71,5%), diariamente, e de 1 a 2 horas, tanto durante a semana como aos fins-de-semana. Ela é mais ouvida ao início da manhã, não só pelos “nascidos em Portugal” (47,2%) como pelos “não nascidos em Portugal” (41,3%) e, depois, ao fim de tarde, entre as 18h e as 19h30m. Tanto os “nascidos em Portugal” (36,6%) como os “nascidos fora de Portugal” (45,1%) declaram ouvir rádio, em 1º lugar em casa e só depois no automóvel (24% dos “nascidos em Portugal” e 18% “ não nascidos em Portugal”).

Nascidos ou não nascidos em Portugal afirmam, ainda, que o mais frequente é ouvirem rádio enquanto fazem outra coisa. Habitualmente, ligam a rádio automaticamente e mantêm-na ligada sem lhe prestar atenção. Poucos são os que afirmam ouvir um programa sem fazer mais nada ou ligar a rádio expressamente para ouvir determinado programa. Os “não nascidos em Portugal” manifestam mais este hábito (27,3% contra 17,5%). E, por isso, também são eles quem mais desliga a rádio quando o programa termina (14,1% contra 12,3%). Sobretudo os “nascidos em Portugal” dizem desfrutar a rádio solitariamente (71,4%). Para os “nascidos fora de Portugal”, a percentagem é bem menor (55,2%).

A música é o programa mais apreciado por nascidos e não nascidos em Portugal. Segue-se a informação. O futebol vem em terceiro lugar e, dos quatro géneros considerados, é o único em que os que os “não nascidos em Portugal”

ultrapassam os “nascidos em Portugal”. Sendo a Rádio um meio de comunicação social em que prevalece a palavra, suporte interactivo por excelência e o mais adequado a géneros de natureza dialógica, estranha a fraca percentagem dos, nascidos ou não nascidos em Portugal, que a sintonizam para ouvir debates. Existe, no entanto, uma clara aproximação entre as diferentes escolhas tal como são declaradas por cada um dos dois grupos.

GRÁFICO 9  
O que ouvem na Rádio (%)



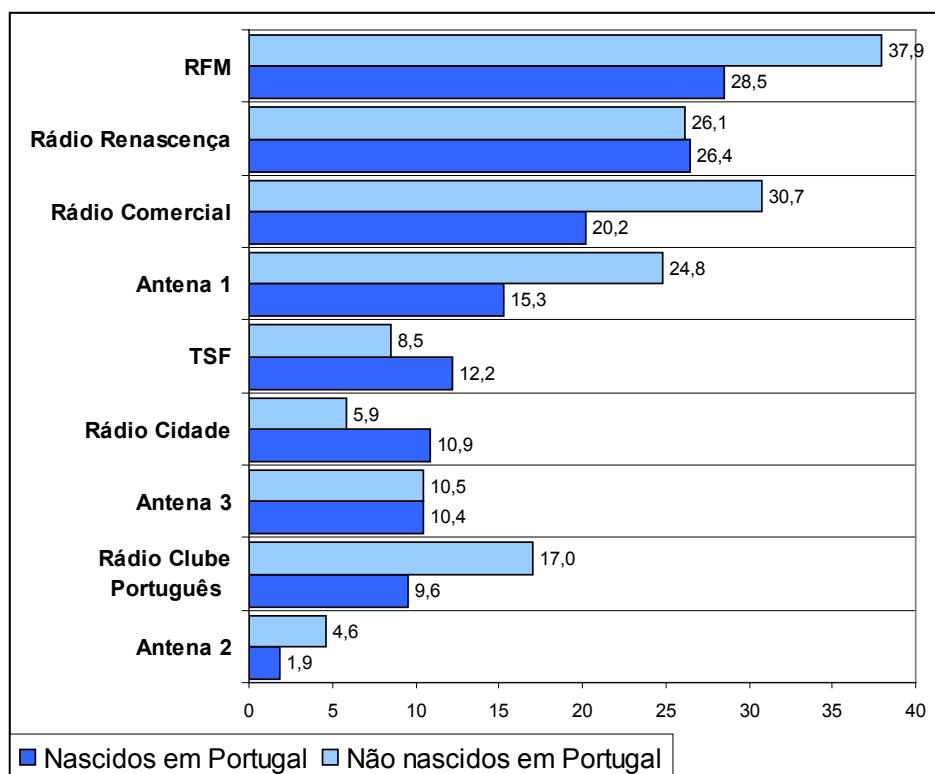
Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Desagregando estes dados pelos quatro grupos analisados – Portugal, PALOP, Outros países europeus e América Latina -, constata-se que a escala de preferências é, em todos eles, semelhante: 1º a música, 2º a informação e em 3º o futebol. Os nascidos noutros países europeus são quem apresenta índices mais elevados de preferência pela música. Os programas de informação têm mais aceitação junto dos nascidos em Portugal e nos PALOP e o futebol nos nascidos na América Latina.

Quanto às audiências. À cabeça está a RFM que é a mais citada para 37,9% dos “nascidos em Portugal” e 28,5% dos “não nascidos em Portugal”. Em seguida

vêm a Rádio Comercial e a Renascença. A primeira proporcionalmente mais ouvida pelos “nascidos em Portugal” e a segunda pelos “não nascidos em Portugal”. Em 4ª posição surge a estação pública Antena1. A audiência da Antena 2, em ambos os grupos, é praticamente residual.

GRÁFICO 10  
Estações de Rádio mais ouvidas (resposta espontânea - %)

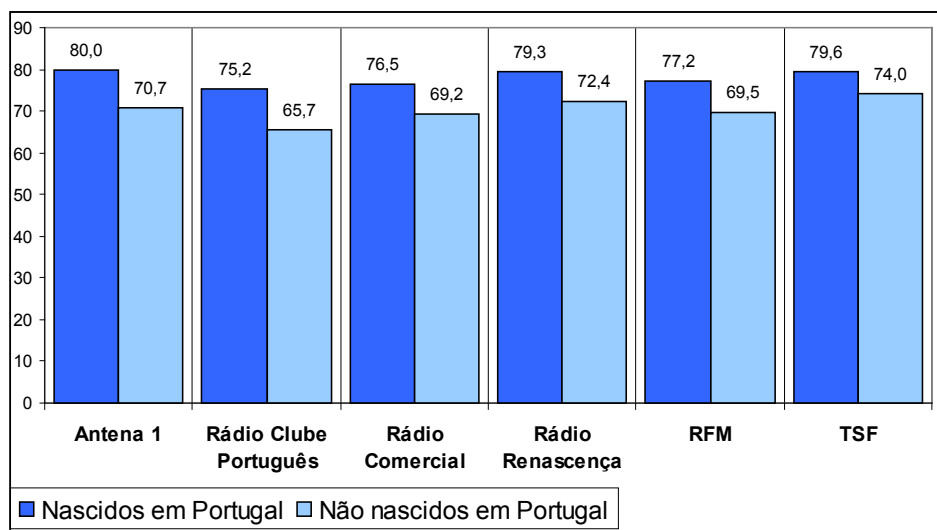


Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Como já se referiu, os meios de comunicação social apresentam um elevado grau de credibilidade e a rádio surge, em média, com valores superiores a 4,7 numa escala de 1 a 6. Calculada em percentagem, a credibilidade das diferentes estações radiofónicas ordena-se da forma seguinte:

GRÁFICO 11

Acreditam na informação difundida pelas estações de Rádio (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Embora os valores sejam muito próximos, a Antena 1 é, de todas as estações radiofónicas, a mais credível para os “nascidos em Portugal”. Seguem-se: TSF, Rádio Renascença e a RFM. Para os “não nascidos em Portugal”, invertem-se as posições relativas da Antena 1, que passa para o 3º lugar, e da TSF que passa a ocupar o 1º. Repare-se na diferença entre audiências e credibilidade. As estações de maior audiência não são as que merecem maior credibilidade. E as mais credíveis não são necessariamente as mais ouvidas. A contradição é particularmente visível na Antena 1 e na TSF, embora, para esta última, se possa explicar a menor audiência pelas características da sua difusão, mais acentuadamente regional.

Os “nascidos fora de Portugal” são mais determinados, mais convictos quanto às funções que a rádio deve exercer, às capacidades que é suposta desenvolver e aos riscos em que ela pode incorrer. Aham que a multiplicação das estações favorece a diversidade de opiniões (80% contra 66% dos “nascidos em Portugal”). Que a rádio contribui decisivamente para a formação de um espírito crítico (66,1% contra 57,3%). Que o serviço público de rádio é uma garantia da independência da informação e do respeito pelas minorias (53,9% contra 45,1%). Temem que a concorrência entre estações possa trazer especulação e menor qualidade da programação (54,1% contra 39,2%).

Desagregando as avaliações para cada um dos quatro grupos, verifica-se uma quase unanimidade em torno das afirmações: “A multiplicação de estações favorece a

diversidade de opiniões” e “A rádio estimula o espírito crítico”. Já no que toca à existência de estações públicas de rádio, e à semelhança do que se tinha observado para a televisão, os imigrantes latino-americanos não escondem alguma reticência.

## 2 Grupos de Foco

A rádio não suscitou, entre os participantes nos Grupos de Foco, muita discussão. Enquanto meio de comunicação social, surge sempre associado a outros, como a televisão e a Internet. Ligam-na ao uso de DVD/CD, do MP3, etc.

Ucranianos e romenos afirmam que só escutam rádio portuguesa em espaços públicos e que raramente o fazem em casa, onde consomem música dos países de origem.

Os brasileiros, têm o hábito de ouvir rádio muitas vezes nos locais de trabalho, qualquer rádio, mas nomearam a RFM, a Rádio Cidade e a Rádio Comercial, como suas preferidas. A TSF foi também citada a propósito de um programa dedicado aos imigrantes: “*Na TSF, há um programa sobre imigração chamado ‘Gente como Nós’*” (Gustavo, 31 anos, CB). Em casa, optam pelos CD/DVD ou pela Internet.

São os nascidos nos PALOP e seus descendentes que mais demonstram consumir Rádio: “*Na Rádio, há coisas boas, falam de África. Normalmente, a RDP África. Nas outras, é mais difícil*” (Brener, 28 anos, QM). Para estes ouvintes, a RDP África constitui uma referência e os programas mais apreciados são os que promovem a divulgação de ritmos e correntes de música popular, a *world music*, bem como autores, cantores e bandas de países africanos de expressão portuguesa, ou afro-americana. São, igualmente, nomeados os programas informativos da RDP África, pelo facto de ser a única estação a disponibilizar informação sobre os PALOP e sobre as comunidades africanas que vivem em Portugal.

À RDP África é atribuído um papel importante na divulgação de informação sobre África e sobre a cultura africana:

- “*Há ganhos significativos, sobretudo quanto às comunidades de imigrantes que não tinham informação de África aqui. Pode-se reviver a cultura africana, houve uma dinamização. Nas discotecas, por exemplo, quando cheguei aqui, não se ouvia música africana, hoje isso mudou e penso que a RTP África e a RDP África contribuíram para isso*” (Rui, 46 anos, AFRUNIDOS).

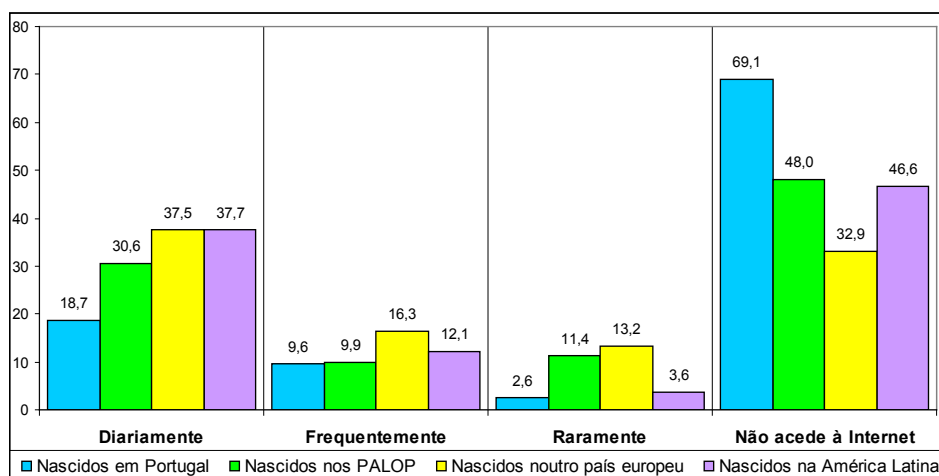
Crítica-se o facto de existirem programas direccionados para portugueses que viveram nos PALOP, antes da independência e de se falar pouco da realidade dos imigrantes desses países em Portugal. Mas também há quem pense que a RDP África poderia ir mais longe na informação se deixasse de estar centrada nos interesses portugueses e nas fontes oficiais dos PALOP disponibilizando mais informação sobre as populações, os seus quotidianos e as grandes transformações que estão a ocorrer em muitos países, como por exemplo: *“Estão a esquecer a parte boa, e isso desmoraliza os imigrantes que cá estão”* (Brener, 28 anos, QM).

## INTERNET

### 1. Sondagem nacional: Nascidos e não nascidos em Portugal

A percentagem dos “não nascidos em Portugal” que declara ter acesso à Internet (54,4%) é superior à dos “nascidos em Portugal” (30,9%).

GRÁFICO 12  
Acesso à Internet (%)



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Dos que acedem à Internet, cerca de um terço dos nascidos em Portugal ou fora de Portugal afirma fazê-lo entre uma e duas horas diárias, de segunda a sexta-feira.



Aos fins-de-semana o mesmo espaço de tempo – entre uma e duas horas – é dispendido por uma percentagem de internautas acentuadamente menor. Em contrapartida sobem as consultas rápidas – menos de uma hora (de 5,7% para 13,5% no caso dos “nascidos em Portugal”; de 8,7% para 10,6% no caso dos “não nascidos em Portugal”). Em ambos os grupos, a consulta tem lugar, preferencialmente, depois do jantar (60,6% dos “nascidos em Portugal” e 63,9% dos “não nascidos em Portugal”) ou à tarde (47,2% dos “nascidos em Portugal” e 37,9% dos “não nascidos em Portugal”), usos que deverão ser determinados pela idade, escolaridade e ocupação dos inquiridos.

QUADRO VIII

Tempo diário de acesso à Internet (%)

[Só para os inquiridos que declaram aceder - N=802]

|   |                 | Portugal | Fora de Portugal |
|---|-----------------|----------|------------------|
| Tempo por dia para acesso à Internet de 2 <sup>a</sup> a 6 <sup>a</sup> feira | Menos de 1 hora | 5,7      | 8,7              |
|   | De 1 a 2 horas  | 34,1     | 30,5             |
|   | De 2 a 3 horas  | 18,5     | 20,0             |
|   | De 3 a 5 horas  | 21,6     | 19,1             |
|   | Mais de 5 horas | 9,3      | 12,5             |
|   | Todo o dia      | 10,8     | 9,2              |
|   | Total           | 100,0    | 100,0            |
| Tempo por dia para acesso à Internet ao fim-de-semana                         | Menos de 1 hora | 13,5     | 10,6             |
|   | De 1 a 2 horas  | 26,1     | 19,4             |
|   | De 2 a 3 horas  | 20,6     | 25,0             |
|   | De 3 a 5 horas  | 20,1     | 17,4             |
|   | Mais de 5 horas | 11,8     | 25,2             |
|   | Todo o dia      | 7,8      | 2,4              |
|   | Total           | 100,0    | 100,0            |

Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Sobre as funções da Internet, nascidos e não nascidos em Portugal exprimem, sensivelmente, a mesma opinião: primeiro para se informarem, depois para se divertirem e, finalmente, para se educarem. Às funções de informação e de distração, os dois grupos atribuem percentagens muito próximas (respectivamente, cerca de 60% e de 53%). Já a função educativa é mais valorizada pelos “nascidos em Portugal” (49,7% contra 39,4%).

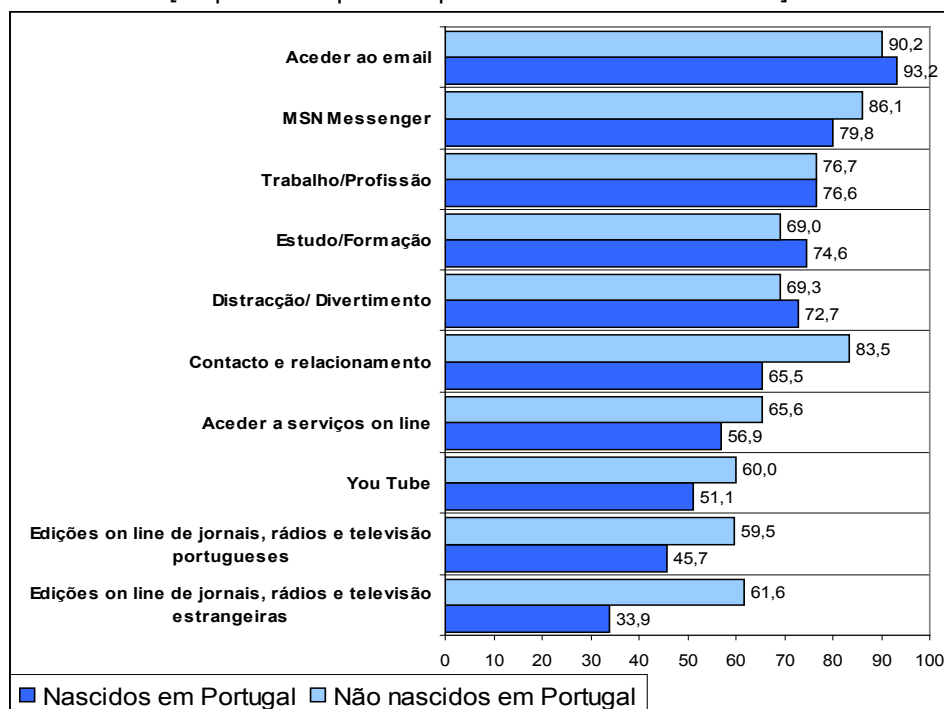
Mais de 90% dos inquiridos, nascidos ou não nascidos em Portugal, com acesso à Internet, não possui uma página própria nem intervêm em *blogs*. Cerca de 65% consulta a Internet em casa, sendo escassos os que declaram fazê-lo no local de trabalho (24,2% dos “nascidos em Portugal” e 16,1% dos “não nascidos em Portugal”)

Para que se usa a Internet? O e-mail constitui o principal motivo invocado. Segue-se o contacto, o relacionamento, a conversa nomeadamente através do MSN. Comparando os usos dos “nascidos em Portugal” e dos “não nascidos em Portugal”, vê-se que os primeiros utilizam mais a Internet no âmbito da formação profissional e para entrarem no You Tube. Os segundos superiorizam-se no acesso a serviços *on-line*, a edições de jornais, rádios e televisões estrangeiras e em contactos e relacionamentos.

GRÁFICO 13

Usos da Internet (%)

[Só para os inquiridos que declaram aceder - N=802]



Fonte: Sondagem nacional, ERC/ISCTE

Os conteúdos da Internet não constituem grande objecto de discussão. Mas, quando tal sucede, os inquiridos, nascidos ou não nascidos em Portugal, optam por familiares (61,3% e 64,3%, respectivamente) e, só muito ocasionalmente, por amigos ou colegas de estudo ou de trabalho.

Uma clara maioria de nascidos ou não nascidos em Portugal (mais de 63%) não julga que a Internet venha substituir a televisão. Quanto a uma eventual substituição dos jornais, as opiniões dividem-se. E dividem-se também, de forma algo contraditória, a propósito da influência que a Internet pode exercer nas relações entre as pessoas: concordam em que ela pode afectar a relação directa entre as pessoas (50,8% dos “nascidos em Portugal” e 45,4% dos “nascidos fora de Portugal”) e concordam em que pode estreitar laços de amizade e solidariedade (46,7% dos “nascidos em Portugal” e 55,3% dos “não nascidos em Portugal”). Não receiam que a Internet possa provocar um aumento do desemprego (56,4% dos “nascidos em Portugal” e 51,3% dos “não nascidos em Portugal”). Pensam, antes, que ela é um factor de promoção do emprego (64,7% dos “nascidos em Portugal” e 72,3% dos “não nascidos em Portugal”).

### 1.5.2 Grupos de Foco

Nem todos os participantes nos Grupos de Foco têm a mesma facilidade de acesso a computadores e à Internet. Para muitos dos que não possuem computador em casa, a alternativa está nos *cybercafés*, nas associações, no trabalho ou em centros de inclusão digital.

Todos descrevem, como usos mais correntes, os contactos, através do MSN, e-mail ou *chats* e os *downloads* de músicas, filmes e materiais educativos para crianças. Utilizam, ainda, a Internet para ver televisão, séries, filmes e jogos de futebol, e para procurar emprego.

Os imigrantes dos PALOP e seus descendentes consultam a Internet (alguns, mais velhos, consideram já não estar em idade para aprender o seu funcionamento) sobretudo nos espaços de inclusão digital, situados juntos das associações<sup>34</sup>

<sup>34</sup>“O centro (da Quinta do Mochó) era uma sala dividida em dois espaços principais, sendo um para brincadeiras de crianças e outro para convívio ou reuniões. No subsolo estavam os computadores e a sala onde se fazia o acesso à informática”; “[Os dirigentes da Associação AFRUNIDO] mostram-nos os computadores, todos avariados e já muito antiquados...”; “Quando estacionámos, estava a chegar a encarregada do espaço comunitário da câmara de Oeiras (do Bairro da Outorela/Portela). Entramos com ela e, dado que estávamos adiantadas conversamos um pouco. Ela falou-nos das rotinas do espaço que é simultaneamente um espaço de inclusão digital aberto a jovens com mais de 12 anos. Expôs-nos que o espaço é utilizado pelos alunos das escolas que vêm fazer trabalhos mas também para a realização de currículos e consulta de jornais ou informação pública” [Ferin, I. (2007) *Diário de Campo Imigrantes*, Projecto Estudos de Recepção dos Meios de Comunicação Social Portugueses, Grupos de Foco “Imigrantes”]. .

e conferem-lhes grande importância no seu quotidiano. Exceptuando os poucos que têm computador em casa, a maioria, só tem acesso à Internet nestes centros e consideram-na, uma ferramenta muito útil para manterem contactos exteriores ao bairro, candidatarem-se a empregos, elaborarem currículos e, para quem estuda, reunirem informação e escreverem os seus trabalhos:

- *“Para fazer contactos, divulgar os trabalhos e talentos aqui do bairro, para divulgar meu trabalho (poesias que escrevo), buscar apoios”* (Oswaldo, 32 anos, QM);
- *“... para ir ao MSN, jogar jogos, ver futebol, etc.”* (Wilson, 20 anos, QM);
- *“Fazer trabalhos, manter contactos com as pessoas, para saber das novidades em termos de músicas e coisas que acontecem no mundo e no meu país de origem. Hoje em dia não vivo sem Internet”* (Keidi, 21 anos, QM).

Nos Grupos de Foco com imigrantes dos países do Leste da Europa, observou-se que a maioria tem acesso à Internet, ou porque possuem computadores em casa, ou na associação, ou ainda através de amigos. Os usos da Internet estão muito associados aos contactos com os familiares e amigos nos países de origem mas, também, à busca de informação. A maior procura vai para os *sites* noticiosos e para a informação com fins educativos e culturais. As mulheres que participaram nestes grupos, a maioria mães de família ou professoras (mesmo que em Portugal tenham outra ocupação) vêem na Internet uma forma de suprir as lacunas de educação dos seus filhos, ou proverem a sua actualização como profissionais:

- *“Utilizo para obter notícias, fazer downloads. Gosto principalmente de ler as notícias através de várias fontes para comparar e ter uma imagem objectiva dos factos”* (Vitali, 31 anos, LusoDomus).
- *“Pesquisar materiais para as crianças, buscar notícias, informação sobre literatura ucraniana, etc.”* (Natália, 37 anos, LusoDomus)
- *“Falar com a família e os amigos na Ucrânia”* (Maria, 44 anos, LusoDomus).

Há também, entre os cidadãos ucranianos, aqueles que declaram não utilizar a Internet por estarem pouco familiarizados com ela; não terem condições económicas para comprar um computador; não dominarem suficientemente a língua

portuguesa; terem “*vergonha em ir a um cyber café para usar, pois não sei como me explicar, e como usar um computador*” (Oksana, 47 anos, EPC).

Os usos e consumos dos cidadãos romenos são muito semelhantes aos dos ucranianos e nota-se neles, igualmente, uma grande preocupação pela utilização da Internet como forma de educação das crianças.

- “*Falar com os familiares na Roménia, buscar informação e emprego*” (Jorge, 22 anos, IM);
- “*Procurar informação para os miúdos na escola*” (Iosife, 43 anos, IM);
- “*Às vezes para fazer downloads de filmes e música*” (Cornel, 32 anos, IM)
- “*Não costumo ficar muito na Internet, meus filhos utilizam mais para os trabalhos da escola*” (Vladimir, 38 anos, IM)

Nos Grupos de Focos com imigrantes brasileiros constatou-se que quase todos têm acesso ao computador e à Internet ou em casa, ou no trabalho ou ainda nas associações. Há quem refira ainda a consulta em *cybercafés* e em universidades. Os usos mais frequentes são: consultar o MSN ou o e-mail, participar em *chats* como o “Orkut” e fazer *downloads* de música, filmes, etc. São os que mais referem a Internet como fonte de informação e ferramenta de trabalho. São também, em concordância com muitos dos participantes do Grupo Misto, os que dizem valorizar mais a Internet que a Televisão, prescindindo desta em favor da utilização daquela.



Parte VI  
Resumos  
e Comentários finais



## ANÁLISE GERAL DOS DADOS

A primeira impressão que ressalta, de uma leitura panorâmica do campo dos media em Portugal, é a dominação da televisão. Não é nada que surpreenda. Nem é nada de genuinamente nacional. Mas é sempre de assinalar. Todos vêem televisão, independentemente do grau de escolaridade, da idade e do género. Quando se pergunta qual o meio de comunicação social mais adequado ao exercício das funções de informação, educação e distração, a televisão vem sempre à cabeça. Em termos relativos, a televisão será menos vocacionada para educar, a imprensa para distrair e a rádio para informar.

Comparando duas faixas etárias – com menos de 31 anos e com mais de 64 – verifica-se que os jovens lêem mais jornais e revistas, ouvem mais rádio, vão mais ao cinema, navegam mais na Internet. Apenas no que respeita à televisão, os consumos se aproximam, situando-se as dissemelhanças nos programas susceptíveis de merecer a preferência de uns e outros assim como no grau de estabilidade, ou mobilidade, que revelam: os jovens munem-se, com muito mais frequência, do comando à distância.

Mas o facto de os jovens aparentarem uma mais estreita ligação ao mundo e às coisas não significa que envelhecimento implique diminuição da curiosidade, isolamento, refúgio em si. Mais do que traços inerentes a determinadas idades, postulamos, sim, tratar-se de um confronto entre duas gerações que se desenvolveram em contextos políticos, económicos, culturais e sociais extremamente diferentes.

Quanto ao modo de apropriação dos media, verificam-se diferenças notórias. A televisão e a rádio tendem a preencher o nosso espaço. Muitos são os que, automaticamente, ligam a televisão ou a rádio mal chegam a casa. Poucos são os que sintonizam um canal televisivo ou uma estação radiofónica para ver ou ouvir determinado programa e desligam, a televisão ou a rádio, mal esse programa termina. Em contrapartida, é elevada a percentagem dos que declaram dirigir-se, de imediato, à sua rubrica preferida assim que abrem o jornal. Selectividade na apropriação que explica, talvez, o maior papel conferido aos jornais como factor estimulante do sentido crítico.



O enorme impacto da televisão na estruturação do espaço público justifica as maiores apreensões que este meio de comunicação social desperta quanto a eventuais interferências dos poderes político e económico e quanto aos efeitos da concorrência. Justifica, igualmente, a necessidade, afirmada por uma percentagem significativa de inquiridos, de preservação e reforço do serviço público.

Conceptualmente, importa distinguir entre “audiência”, “credibilidade” e “preferência”. Maior credibilidade não quer dizer, necessariamente, maior audiência. A rádio, por exemplo, é considerada menos importante que os jornais como fonte de informação e, no entanto, beneficia de maior credibilidade. Por outro lado, enquanto a audiência exprime um acto efectivamente praticado – vê-se um canal de televisão, ouve-se uma estação de rádio, lê-se um jornal, consulta-se um sítio da Internet – já a preferência releva de uma declaração de intenção, seguida ou não dos efeitos correspondentes. Frequentemente, aliás, a preferência é produto de representações sociais: diz-se que se prefere o que se julga dever dizer-se, numa estratégia que consiste em colar ao que, real ou supostamente, caracteriza o grupo de referência. É o chamado “efeito de desejabilidade social”.

Com esta ressalva, sublinhe-se que gozam de maior preferência, pela ordem indicada, a TVI, a SIC e a RTP; a Rádio Renascença e a RFM; o Correio da Manhã e o Jornal de Notícias; O Expresso e a Visão; A Bola, Record e O Jogo. O escalonamento é o habitualmente divulgado. São, no entanto, muito baixas as percentagens registadas por órgãos de comunicação social como o Público e o Diário de Notícias (cerca de oito vezes inferiores às dos jornais liderantes). Mas, insiste-se, trata-se de preferências declaradas e não de audiências ou de vendas verificadas. Sublinhe-se, também, que as resposta contabilizadas remetem para quem “leu o folheou” o que, automaticamente, favorece aqueles títulos colocados à disposição de clientelas em espaços públicos como cafés, restaurantes, consultórios médicos, barbeiros/cabeleireiros, etc.

Quanto ao perfil dos públicos televisivos. O público da RTP1 é menos escolarizado, mais velho e predominantemente masculino. O da SIC é mais escolarizado, mais jovem e mais equilibrado em termos de género. O da TVI é mais feminino, mais intergeracional (menores diferenças entre as diferentes faixas etárias que o compõem) e, de todos, é o que inclui menor proporção de indivíduos com formação superior (mais de 12 anos de escolaridade).

Para além dos informativos, os programas que maior preferência suscitam são: o futebol, os concursos e as telenovelas, na RTP1; as telenovelas, os filmes e as séries, tanto na SIC como na TVI. A diferença entre estes dois últimos canais está no relevo, ainda maior, que o público da TVI dá às telenovelas.

Em todos os grupos considerados – escolaridade, faixa etária, género – verificam-se elevados índices de satisfação, nomeadamente com a programação em horário nobre. Satisfação mais acentuada nos telespectadores mais velhos e modalizada nos que possuem escolaridade superior. Estes últimos porém, na aparência mais críticos, revelam-se estranhamente discretos quando convidados a responder a uma pergunta aberta sobre o que fazer para melhorar os conteúdos televisivos. Poucos são os que aceitam responder. Como se a questão não lhes dissesse respeito.

Das respostas à pergunta aberta, destaque para opiniões frequentemente a contra-corrente: excesso de telenovelas, de *reality shows*, de futebol e de concursos; informação teatralizada e imprecisa; demasiada publicidade; incumprimento de horários; intervalos muito longos; escassa produção nacional; poucos programas pedagógicos, educativos e culturais; horário nobre de baixa qualidade...

Faltam elementos que permitam determinar, com rigor, se é satisfação ou aceitação o que reina na esfera de recepção. A satisfação remete para uma atitude activa e a aceitação para uma atitude passiva. Seja como for, não está generalizado o hábito de discutir o que se vê na televisão. Nem em família, nem no trabalho, nem na escola.

Aprofundando, agora, dados recolhidos sobre os públicos da rádio e respectivos gostos, constata-se a importância aqui assumida pelos debates: sejam entrevistas, discussões ou conversações. Tudo variantes do género dialógico que encontra, justamente, na rádio, as melhores condições para se realizar.

Quanto aos jornais, são vítimas da crise de leitura que grassa em Portugal. Em Portugal, de facto, pouco se lê. Cerca de 40% dos inquiridos com mais de 30 anos e 70% com mais de 64 confessam nunca lerem um jornal. Declaração idêntica é feita por 20% dos inquiridos com formação superior.

E a questão não é económica: segundo os elementos recolhidos na Sondagem, os jornais gratuitos, apesar de se multiplicarem, sentem dificuldade em descolar.

Em contrapartida, o país está bem servido no capítulo da imprensa desportiva: três diários da especialidade com difusão apreciável. Como está bem servido no capítulo das “revistas cor-de-rosa”, das “revistos people” e das revistas especializadas no acompanhamento das transmissões televisivas, algumas das quais com elevadas audiências graças à procura de um público maioritariamente feminino, jovem e de fracas habilitações literárias.

À margem da dicotomia que opõe adeptos fervorosos e detractores irredutíveis da Internet, os residentes em Portugal manifestam, a este propósito, uma posição pautada pela moderação, pelo equilíbrio. Concordam em que a Internet “afecta a relação directa entre as pessoas” ficando, no entanto, por perceber que entendimento têm do termo “afectar”. Mas discordam de que a Internet possa causar prejuízos no plano do emprego.

São, sobretudo, os mais jovens que se equipam com computadores portáteis. Utilizam-nos, claro está, predominantemente em casa. Mas um terço declara utilizá-los em “outro lugar” que não a casa, nem o local de trabalho, nem a escola. Sinal de mobilidade, de errância ou, para alguns autores, sinal de um “nomadismo” que marcaria os tempos modernos.

## CRIANÇAS E JOVENS

As crianças e os jovens em Portugal, como noutras partes do mundo, crescem hoje em ambientes de ecrãs e numa profusão de acessos e usos a tecnologias que não tem comparação com os ambientes em que cresceram os seus pais e não terá sentido pensar, hoje, a sua relação com os meios clássicos da comunicação social (televisão, rádio, imprensa) sem considerar os meios digitais, de entre os quais a Internet. Isto é tanto mais relevante quanto, em Portugal e ao contrário do que acontece na maioria dos países da União Europeia (Hasebrink et al., 2008: 63) são as crianças que lideram nos usos dos novos media e que se constituem como os elementos mais avançados e conhecedores nas famílias, a este respeito. Outro resultado que este estudo comparado sobre os acessos

e usos da Internet por parte de crianças de 21 países europeus, do Projecto EU Kids Online<sup>35</sup>, é que os pais portugueses parecem menos preocupados com as crianças mais novas do que com as mais velhas e mais com as filhas do que os filhos, em contraste com padrões encontrados na maioria dos países – aspectos que os resultados deste inquérito confirmam.

Há indicadores claros de mudança de paradigmas nas relações com os media, entre os mais novos e os mais velhos, nomeadamente nas considerações sobre o saber em casa. Actualmente, as crianças e jovens crescem em famílias mais democráticas nas suas relações e estão no centro das decisões quanto à aquisição de equipamentos, independentemente do nível da escolaridade dos pais.

As actividades das crianças, os usos que fazem de meios de comunicação, os equipamentos dos seus quartos e as formas de regulação parental são diferentemente percebidas por pais e filhos. Na impossibilidade de saber, pela via de questionários extensivos, onde está a verdade destes números, eles sugerem contudo que a relação das crianças e dos jovens com os media tem múltiplas dimensões e contradições e que não se reduz a uma visão linear, de efeitos directos dos media sobre as crianças. Os próprios pais recusam ver esses efeitos nos seus filhos, salientando a sua própria intervenção mediadora enquanto pais. Essa mediação não pode deixar de ser considerada no contexto social, nas condições de vida das famílias e nos seus recursos, não só de tempo e financeiros mas também culturais. Como vimos, as próprias decisões quanto ao equipamento a colocar no quarto dos filhos e em casa configuram diferentes considerações sobre a importância dos media. Sobressai a fortíssima presença do televisor no quarto da criança, rodeado de uma panóplia de novos ecrãs onde, à programação dos canais abertos, se juntam os canais por cabo, temáticos, e as produções de uma indústria videográfica e informática imparável.

Se as famílias se constituem como um dos territórios fundamentais da socialização das crianças, um outro território aqui considerado de forma periférica é a Escola. De um modo geral, em Portugal, a Escola tende a ignorar os meios de comunicação social, que ficam à sua porta, e a actualidade dos media (nomeadamente dos audiovisuais) fica também fora da sala de aula, apenas “rompendo” quando ocorre algum acontecimento traumático. Mas a vivência das crianças na escola é também multifacetada. Vimos como os professores se constituem como

---

35 Vide mais informação em [www.fcsh.unl.pt/eukidsonline](http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline)

parceiros quase ausentes na discussão das notícias, muito menos do que os pares e do que as famílias, e como a Escola se constitui como o principal local onde crianças referem encontrar informação sobre segurança na Internet.

Nestes contextos dinâmicos das famílias e nas formas de regulação que adoptam, por um lado, e nesta profusão de meios, formatos e conteúdos, por outro, que sentido(s) poderá ter a intervenção pública a diversos níveis, da regulação do estado às iniciativas de responsabilidade social das empresas de comunicação, passando pelas escolas e pelos movimentos sociais organizados?

Acreditamos que o principal desafio e responsabilidade, nas circunstâncias actuais e com algum atraso em relação a outros países desenvolvidos, é a promoção de ambientes de literacia mediática.

A Carta Europeia sobre Literacia dos Media, um documento de 2006 proveniente da Comissão Europeia, identifica a necessidade de promover essas capacidades em “cidadãos de todas as idades”, tanto na análise crítica dos media como “no seu uso como meio de expressão, comunicação e participação no debate público”. Mais recentemente, em Dezembro de 2007, a Comissão endereçou uma comunicação ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social e ao Comité das Regiões, onde começa precisamente por afirmar que a literacia mediática se está a tornar “gradualmente uma componente importante das agendas políticas europeias e nacionais nos sectores dos media e das comunicações”, e refere a obrigatoriedade de “relatórios que quantifiquem o nível de literacia mediática em todos os Estados-membros”.

Em Portugal, parece reinar o silêncio asfíxiante sobre esta agenda, enquanto predomina um discurso optimista centrado no “choque tecnológico” e no seu determinismo. Não é fácil encontrar indicadores dos impactos dos investimentos financeiros em educação e noutros sectores de acesso e uso nas populações, numa continuidade de um certo ambiente de secretismo que caracteriza (ainda) a informação oficial. Os números apresentados carecem de ser contextualizados e o tema continua fora da agenda jornalística, um ano depois das entregas de equipamentos e quadros digitais em escolas ter sido alvo de notícia mais pela forma do lançamento do que pelo conteúdo dessa iniciativa.

Contudo, este já é em si um programa desafiante para Portugal, país com uma população adulta com baixa literacia em geral e onde vemos crianças e jovens a liderarem nos acessos e nos usos mais expressivos e produtivos dos media, como a sondagem nacional e os questionários distribuídos em escolas da Grande Lisboa mostraram.

A literacia dos media deve ter lugar na escola e logo nos primeiros anos (incluindo os jardins de infância), adaptada às idades e interesses das crianças. Indo além das suas características técnicas, pode proporcionar ambientes de conversação e de produção de mensagens – do jornal e da rádio escolar aos pequenos filmes - que contribuam para um conhecimento mais informado e crítico sobre os conteúdos e os seus processos de selecção e de construção. Queremos com isto sublinhar que os sentidos experimentados nestes meios ultrapassam as dimensões cognitivas em sentido restrito e que devem ser também consideradas as dimensões lúdicas, estéticas e sociais, incluindo uma indispensável dimensão ética, relacionada com o respeito pela imagem dos outros.

Esta actividade pressupõe a existência, no contexto escolar, de profissionais preparados e de um currículo que dê visibilidade e sentido a esta área. Mais do que uma linha proibicionista na relação das crianças com os meios de comunicação social, há que desenvolver a perspectiva da participação responsável e informada e da inclusão das crianças na vida comunitária.

Os meios de comunicação são muitas vezes mais considerados como ameaças do que como recursos e esta visão não é de hoje. Como diz Jenkins (2006), o foco incide mais nos perigos da manipulação do que nas possibilidades de participação, mais na restrição dos acessos do que no desenvolvimento de capacidades e propósitos pessoais.

Como decorre do Art. 17º da Convenção sobre Direitos da Criança, os meios de comunicação social – e, acrescentamos, as indústrias de conteúdos e os fornecedores de acesso aos novos media – têm uma responsabilidade social na produção e difusão de materiais que promovam o bem-estar das crianças e que a protejam relativamente a informação e materiais lesivos e ilegais. A auto-regulação dos meios de comunicação social já deu alguns tímidos passos neste sentido mas ainda há certamente muito a fazer. Este estudo revela bem a importância dessa

intervenção, nos contextos económicos, sociais e culturais em que vivem as crianças e as suas famílias, muitas vezes marcadas por contradições entre o desejo de proporcionar “os melhores meios” aos filhos e os receios dos usos decorrentes.

A atenção e sensibilidade públicas que um estudo como este pode estimular junto da população e das suas vozes organizadas, será certamente um bom motor para dar eco e espaço a estas temáticas, envolvendo neste esforço toda a comunidade. Como dizia João dos Santos, que sabia ouvir as crianças, “a educação de uma criança é obra de toda a comunidade”.

Se o inquérito por questionário auto-administrado se revelou uma metodologia globalmente adaptada à idade das crianças e à auscultação dos seus pais, ficaram por explorar algumas questões de natureza qualitativa difíceis de exprimir por este meio. A combinação desta ferramenta com outras metodologias qualitativas (entrevistas, conversas, observação etnográfica de ambientes familiares, outras...) proporcionaria certamente informação mais detalhada sobre acessos, processos e usos/apropriações dos media por parte das crianças e a mediação familiar.

Por outro lado, ficaram por inquirir as crianças com idade inferior a 9 anos e, como este estudo indica, elas já têm uma vivência dos meios de comunicação social que importa também ter em conta.

Neste sentido, aponta-se a necessidade de prosseguir o caminho agora iniciado, de prestar atenção às crianças enquanto público com características especiais.

## IDOSOS

A televisão é o meio com mais impacto junto deste público, seguido da rádio, da imprensa e por último, quase sem expressão, da Internet. É, sobretudo, através da televisão que os públicos desta faixa etária acedem à informação, percebida como muito credível. Neste aspecto salienta-se que as mulheres, não só face à informação televisiva mas também face à informação veiculada por outros meios de comunicação, manifestam menos credibilidade. Em termos de

audiência televisiva, este público privilegia a RTP1 (homens) e a TVI (mulheres). Para todos os inquiridos na Sondagem nacional, os canais públicos de televisão, assim como as rádios públicas, devem existir e desempenham uma função social na garantia da independência da informação e no respeito pelas minorias. Mesmo se muitos são os que não emitem opinião a esse respeito. As mulheres manifestam especial preocupação com a difusão televisiva de programas pornográficos e parecem mais predispostas à adopção de medidas de controlo desta situação. Os programas de televisão mais apreciados são os de informação, os concursos (para homens e mulheres), as telenovelas (para as mulheres) e o futebol (para os homens). Entre os programas que gostariam mais de ver no horário nobre estão os concursos e “coisas bonitas sobre Portugal”. Há um desejo expresso de que, aos fins-de-semana, a programação seja mais direccionada para quem não sabe ler.

A Imprensa (jornais diários, semanários e revistas), bem como a rádio não têm a mesma expressão junto destes públicos. Verifica-se uma percentagem elevada de inquiridos na Sondagem nacional que não lê jornais. Os mais lidos são o “Jornal de Notícias” e o “Correio da Manhã”. O semanário com maior difusão é o “Expresso”, notando-se uma boa aceitação dos semanários “Sol”, “Sábado” e “Visão”. Todos estes órgãos de comunicação, tal como se referiu anteriormente, apresentam elevados índices de credibilidade, mesmo tendo em conta “alguma desconfiança” das mulheres. Sobre os conteúdos veiculados prevalece a ideia de que são “só desgraças” e que “antigamente não era assim”. No entanto, as notícias mais procuradas referem-se a crimes, acidentes, etc. De entre as revistas direccionadas para públicos femininos salientam-se as vocacionadas para a programação de televisão (“Maria”, “TV 7 Dias”) e as ditas “cor-de-rosa” (“Gente/Nova Gente”). Os jornais desportivos mais procurados são a “Bola” e o “Record” e não há leitores de revistas estrangeiras. Saliente-se que os baixos índices de leitura estão associados à fraca escolaridade, bem como a limitações de ordem económica e física.

A Rádio é o 2º meio mais difundido, mas não tanto, como se esperava. Os públicos com mais de 64/65 anos, sobretudo as mulheres, têm uma preferência muito nítida pela RR, e esta estação oferece-lhes a companhia que procuram. Os programas mais apreciados nesta rádio são os da manhã e os do final da tarde sendo que, nos Grupos de Foco, há muitas referências às “conversas da



madrugada”. Na generalidade das estações os programas que recolhem mais interesse são os de informação, de música e de futebol. De todos os meios de comunicação a Rádio é aquele que apresenta maiores índices de credibilidade quanto à informação produzida. A Rádio surge como um complemento à Televisão, sendo que a atenção dispendida à Rádio é inversamente proporcional ao número de aparelhos de televisão existentes no lar.

A Internet é um dispositivo longínquo para esta faixa etária. Grande número de pessoas com mais de 64/65 anos tem contacto com computadores em casa de familiares, Estão, na generalidade, conscientes, mais os homens do que as mulheres, da sua importância para a informação, para a educação e para o divertimento. Nota-se que existem desconhecimentos e equívocos sobre o papel do computador e as funcionalidades da Internet, considerado um meio reservado aos mais jovens.

## IMIGRANTES

Tal como para os idosos, a televisão é o meio com mais impacto junto dos imigrantes sendo que quase 100% tem um aparelho receptor e mais de 85% o hábito de assistir diariamente à programação. Os períodos em que mais se vê televisão situam-se ao fim da tarde, à hora do jantar e depois do jantar. Os “nascidos em Portugal” são os que mais afirmam assistir à televisão à hora do almoço e à hora de jantar, enquanto que os nascidos fora de Portugal apresentam uma maior percentagem ao fim da tarde e depois do jantar. Reflexo, provavelmente, de um maior número de estudantes, idosos e domésticas no primeiro dos dois grupos considerados.

Das respostas dos inquiridos deduz-se que a televisão é uma actividade de lazer, doméstica e familiar, desfrutada como “companhia” em casa e na sala com familiares. Os consumos e as práticas de visualização não parecem ter correspondência directa na socialização dado que, apesar de telespectadores extremamente assíduos, os inquiridos afirmam não conversar frequentemente sobre os programas. No entanto, são os “nascidos fora de Portugal” que, com mais frequência, declaram discuti-los com familiares (35,6%), amigos (27,3%) e colegas de estudo ou trabalho (13,8%).

O canal aberto mais visto por “nascidos e não nascidos em Portugal” é a SIC, seguido da RTP1 e da TVI. Para ambos os grupos, o canal de notícias mais nomeado é a SIC Notícias e depois a RTPN.

Os programas mais apreciados, por todos os grupos, são a Informação, os filmes, as séries novelas/telenovelas, os concursos e o futebol. Na generalidade, tanto os nascidos como os não nascidos em Portugal estão satisfeitos com a programação transmitida no horário nobre das televisões, embora o grau de satisfação seja maior nos primeiros que nos segundos. Todos os grupos demonstram grande contrariedade relativamente ao incumprimento de horários.

Os resultados dos grupos de foco confirmam o grande consumo de televisão, considerada a principal fonte de informação. Todos têm televisão e, quando as condições de habitação e a situação económica o permitem, possuem televisão por cabo ou parabólica.

Independentemente da sua origem – PALOP, outros países europeus e América Latina (Brasil) - todos consideram que não há um tratamento positivo da imigração apesar de, nos últimos tempos, se verificar, a este nível, alguma melhoria. Consideram que só são tratados aspectos negativos, nomeadamente, crimes e desastres e, raramente, os aspectos positivos da imigração e as vicissitudes dos imigrantes em Portugal. Sugerem que os media se ocupem de temas como: “burocracia na obtenção de vistos”, “crédito à habitação”, “discriminação e abuso do patronato”, “escolas de imigrantes”, “qualificações dos imigrantes”, “contribuições da imigração para a sociedade portuguesa”. Lamentam, na generalidade, que as “notícias positivas” estejam apenas vinculadas à folclorização da imigração.

Os imigrantes dos PALOP são os que se sentem mais discriminados na televisão, tanto na informação como na programação em geral. Afirmam que, quando algum membro da sua comunidade se destaca, se torna automaticamente português. Valorizam a RTP África. Mas consideram-na demasiado centrada na programação portuguesa, não constituindo um espaço de partilha com os PALOP e as comunidades desses países imigradas em Portugal.

Os imigrantes brasileiros são os que demonstram maior integração e muitos acham-se “em casa” por ouvirem, abundantemente, música brasileira e verem numerosas

telenovelas do seu país. Referem, no entanto, que a situação no plano da informação é mais complexa, com muitos sinais de discriminação, sobretudo face às mulheres. Acrescentam que o Brasil só surge nos noticiários pelas piores razões e que os portugueses guardam do país uma imagem estereotipada, construída a partir do universo ficcional das telenovelas e da dramatização noticiosa operada pelo jornalismo.

Os imigrantes do Leste da Europa têm maiores dificuldades em aceder aos media por não dominarem a língua. A televisão é utilizada como fonte de informação sobre Portugal, mas também como instrumento de aprendizagem do português. Há uma grande preocupação com a educação e os programas educativos, nomeadamente para os filhos. O que os impele a trazer CD/DVD dos respectivos países.

A Imprensa é o 3º meio mais consumido, a seguir à Televisão e à Internet. Os “nascidos em Portugal” lêem mais jornais que os “não nascidos”, sendo que, estes últimos, os utilizam mais para “passar o tempo” e como fonte de informação. O “Correio da Manhã” é o diário mais lido por todos os grupos, seguindo-se o “Jornal de Notícias”. De entre os semanários sobressai o “Expresso”, seguido da revista “Visão”. Nos jornais desportivos, a primazia vai para a “Bola” e para o “Record”. É grande a aceitação de gratuitos nomeadamente do “Metro” e do “Destak”.

Todos os órgãos de comunicação social são merecedores de elevada credibilidade e as rubricas que suscitam mais interesse são os *fait-divers* como crimes, acidentes, etc..

Os brasileiros são os que manifestam consumos mais diversificados, não só relativamente aos media portugueses como aos do seu próprio país. Para ucranianos e romenos é difícil o acesso a jornais nacionais que chegam a Portugal com grandes atrasos e, portanto, desactualizados. Limitam-se, assim, a jornais editados na sua língua, em Portugal ou em Espanha. E, depois, há as edições *on-line* cuja consulta se começa a expandir graças a computadores pessoais ou a equipamentos instalados em centros de inclusão digital.

A Rádio é o órgão de comunicação social de menor impacto junto destas populações, embora seja relativamente mais ouvida junto dos imigrantes do que junto dos cidadãos “nascidos em Portugal”. Os imigrantes que a utilizam, fazem-no, principalmente, para “passar o tempo”. Em segundo lugar, para se informarem.

Estações mais citadas: RFM, Rádio Renascença, Rádio Comercial, Antena1. Programas mais apreciados: música, informação, futebol. De notar que, embora de menor impacto, a Rádio, enquanto fonte noticiosa, goza de maior credibilidade que a Imprensa e a Televisão. Uma aparente contradição. A RDP África é muito captada pelos imigrantes provenientes dos PALOP. Razões invocadas: divulga ritmos africanos e permite às comunidades acompanhar o que se passa nos seus países

A Internet vem em segundo lugar, logo após a televisão, como meio de informação e de educação. Apesar dos progressos registados neste domínio, ela resta, ainda, inacessível para grande número de imigrantes. Os outros, usam-na para trocar mensagens - por *e-mail*, por *MSN*, por *chats* - ou como divertimento.

Nos Grupos de Foco, os participantes dos PALOP, e seus descendentes, declararam, maioritariamente, consultar a Internet em centros de inclusão digital, a que atribuem grande importância e onde fazem trabalhos escolares, contactam amigos e obtêm informação. Os dos países do Leste da Europa, recorrem à Internet principalmente com fins educativos e de actualização mas, também, para se relacionarem com familiares. Os brasileiros têm, quase todos, acesso à Internet em casa ou no local de trabalho. Em todos os grupos é comum a prática do *download* de música, filmes etc.





# Bibliografia



GERAL

BOURDIEU, Pierre (1996), *Sur la télévision*, Paris: Liber (ed. portuguesa *Sobre a Televisão*, Oeiras: Celta Editora).

BRETON, Philippe (2000), *La Culture de l' Internet – une menace pour le lien social*, Paris: La Découverte.

CANTOR, M. (1986), *Media Audience and Social Structure*, London: Sage.

CEFAÏ, D. e PASQUIER, D. (2003) (coord.), *Les sens du public. Publics politiques, publics médiatiques*, Paris: PUF.

CERTEAU, Michel de (1990), *L'Invention du Quotidien. 1. Arts de faire*, Paris: Gallimard.

CUNHA, Manuel Antunes da (2006), *Télévision, migrations et enjeux identitaires: l'exemple de RTPi (La réception d'une chaîne de souveraineté par les Portugais d'Ile de France)*, Doutoramento em Ciências da Informação e da Comunicação, Universidade de Paris II (Panthéon-Assas), exemplar policopiado.

DAHLGREN, Peter (1995), *Television and the Public Sphere*, London: Sage.

DAYAN, Daniel (1992), «Les mystères de la réception», In *Le Débat*, N°71, pp. 146-162.

DAYAN, Daniel (2000), «Le presque-public», In *Réseaux*, N° 100, pp. 427-456.

DAYAN, Daniel e KATZ, Elihu, *La télévision cérémonielle*, Paris: PUF (ed. portuguesa *A história em directo – os acontecimentos mediáticos na televisão*, Coimbra: MinervaCoimbra).

DONNAT, O. (1998), *Les pratiques culturelles des français. Enquête 1997*, Paris: La Documentation Française.

ESQUENAZI, Jean-Pierre (2003), «Eléments de sociologie sémiotique de la télévision», In *Quaderni*, N° 50-51, pp. 89-115.



ESQUENAZI, J-P (2002), «Les non-publics de la télévision», In *Réseaux*, N° 112-113, pp. 315-344.

ESQUENAZI, J-P (2003), *Sociologie des publics*, Paris: La Découverte.

GOFFMAN, Erving (1991), *Les cadres de l'expérience*, Paris: Éditions de Minuit.

GRIPSRUD, Jostein (1995), *The Dynasty Years. Hollywood Television and Critical Media Studies*, London: Routledge.

GUINSBERG, E. (1991), «Recuperar el estudio del receptor», In *Telos*, N° 25, Madrid: Fundesco.

MAFFESOLI, Michel (1997), *Du nomadisme – vagabondages initiatiques*, Paris: Le Livre de Poche.

QUÉRÉ, Louis (1992), «L'espace public: de la théorie politique à la métathéorie sociologique», In *Quaderni*, N° 18, pp. 75-92.

QUÉRÉ, Louis (1996), «Faut-il abandonner l'étude de la réception?», In *Réseaux*, N° 79, pp. 31-37.

QUÉRÉ, Louis (2003), «Le public comme forme et comme modalité d'expérience», In CEFAÏ D. e PASQUIER, D. *Les sens du public, Publics politiques et publics médiatiques*, PP. 113-134, Paris: PUF.

REBELO, José (2003), *A Comunicação – Temas e Argumentos*, Coimbra: Minerva-Coimbra, 200 páginas.

REBELO, José (2002, 2ª edição), *O Discurso do Jornal*, Lisboa: Notícias Editorial, 169 páginas.

SILVERSTONE, Roger (1994), *Television and Everyday Life*, London: Routledge.

SORLIN, Pierre (1992), «Le mirage du public», In *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, N° 39 pp. 91-93.

VIRÍLIO, Paul (1998), *La Bombe Informatique*, Paris: Galilée.

## PÚBLICOS SENSÍVEIS

### **1. Crianças e Jovens: o «lar» como unidade de análise**

ALMEIDA, A. N. d., & ANDRÉ, I. M. (2004), “O país e a família através das crianças. Ensaio exploratório”, In *Revista de Estudos Demográficos*, N° 34, pp. 5-35.

BARNHURST, Kevin e WARTELLA, Ellen, (1991), “Newspapers and Citizenship: Young Adult’s Subjective Experience of Newspapers”, In *Critical Studies in Mass Communication*, N° 8, pp. 195-209.

CARDOSO, G., ESPANHA, R., & LAPA, T. (2007), *E-Generation: os usos de media pelas crianças e jovens em Portugal*, Lisboa: CIES/ISCTE.

CARTER, C., & MESSENGER-DAVIES, M. (2005), “‘A Fresh Peach is Easier to Bruise’: Children, Young People and the News”, In S. Allan (Ed.), *Journalism: Critical Issues*, pp. 224-238, Maidenhead and New York: Open University Press.

GOMES-PEDRO, J. (1999), *A criança e nova pediatria*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

HASEBRINK, U., LIVINGSTONE, S. e HADDON, L., (2008). “Comparing children’s online opportunities and risks across Europe”, Relatório do Projecto *EU KIDS ONLINE*, financiado pelo Programa Safer Internet Plus, disponível em [www.eukidsonline.net](http://www.eukidsonline.net)

JENKINS, Henry (2006), *Convergence Culture – Where old and new media collide*, New York: New York University Press.

LEMISH, D. (2007), *Children and Television, A global perspective*, London: Blackwell.

LIVINGSTONE, S. (2002), *Young People and New Media: Childhood and the Changing Media Environment*, London: Sage.

LIVINGSTONE, S. (2005), "Mediating the public/private boundary at home: children's use of the Internet for privacy and participation", In *Journal of Media Practice*, N° 6.

LIVINGSTONE, S. (2007). "Strategies of parental regulation in the media-rich home", In *Computers in Human Behaviour*, 23, pp. 920-941, disponível em <http://eprints.lse.ac.uk/1019/1/STRATEGIESFORPARENTALREG.pdf>, consultado em 15 Maio 2008.

LIVINGSTONE, S. & M. Bovill (Eds.) (2001), *Children and their changing media environment*, London: Lawrence Erlbaum.

MACHADO, F. L., & COSTA, A. F. (1998), "Processos de uma Modernidade Inacabada", In J. M. L. Viegas & A. F. d. Costa (Eds.), *Portugal: que Modernidade?*, pp. 17-44, Oeiras: Celta.

MALHO, M. J., PATO, I., & TOMÉ, V. (2007). "Uma escola foi visitar um hospital...? O lugar das notícias na vida das crianças", In *Media & Jornalismo*, N° 11, pp. 73-90.

MINDICH, David, T. Z. (2005), *Tuned Out, Why Americans under 40 don't follow the News*, New York: Oxford University Press

PONTE, C. (2005), *Crianças em notícia. A construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000)*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

PONTE, C., & AFONSO, B. (2008), "Crianças e Jovens em Notícia - Análise da cobertura jornalística em 2005", In C. Ponte (Ed.), *Crianças e Jovens em Notícia. Actas do I Seminário Internacional Infância, Cidadania e Jornalismo*, Lisboa: Livros Horizonte.

QVORTRUP, J. (2000), "Generation – an important category in sociological childhood", In Eduarda Coquet (Ed.), *Congresso Internacional Os Mundos Sociais e Culturais da Infância*, II Volume, pp. 102-113, Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho

SPIGEL, L. (2001), "Media Homes: then and now", In *International Journal of Cultural Studies*, N° 4, pp. 385-411.

## **2. Idosos e imigrantes: Grupos de Foco**

BARBOUR, R. e KITZINGER, J (eds.) (1999), *Developing Focus Group Research: Politics, Theory and Practice*, London: Sage.

BARREIROS, L. (1996), *Pobreza e Desigualdade em Portugal num Contexto Comparativo Europeu*, Fátima, Seminário sobre a Pobreza e Grupos Desfavorecidos em Portugal.

BUONANNO, M. (2007), *The Age of Television: Experiences and Theories*. Translated by Jennifer Radice, London: Distributed for Intellect Ltd.

CABECINHAS, R. (2007) *Preto e Branco: a naturalização da discriminação racial*. Porto: Campo das Letras.

CARRILHO, M<sup>a</sup> J. e GONÇALVES, C. (2005), "Dinâmicas Territoriais do Envelhecimento: análise exploratória dos censos de 90 e 2001", In *Revista de Estudos Demográficos*, N°36, Lisboa: INE

COULDRY, N. (2006), "Culture and citizenship: the missing link?", In *European Journal of Cultural Studies*, 9 (3), pp. 321-339.

FEATHERSTONE, M. e WERNICK, A. (eds.) (1995), *Images of ageing: Cultural representations of later life*, London: Routledge.

FENTON, N. (2007), "Bridging the Mythical Divide: Political Economy and Cultural Studies Approaches to the Analysis of the media", In: Devereux, E. (org.), *Media Studies: Key Issues & Debates*, pp. 7-31, London: Sage.

FERIN, I. (coord.) (2006), *A Televisão das Mulheres: ensaios sobre a recepção*, Lisboa: Quimera/Bond.

GOFFMAN, E. (1975), *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GOFFMAN, E. (1993), *A apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa: Relógio d'Água.

GONÇALVES, C. e SILVA, C. (2003), "Pobreza e Exclusão Social nas Famílias com Idosos em Portugal", In *Revista de Estudos Demográficos*, 2º Semestre, Lisboa: INE

GREEN, B. S. (1993), *Gerontology and the construction of old age: A study in discourse analysis*, New York: Aldine De Gruyter.

HALBWACHS, M. (1990), *A memória colectiva*, São Paulo: Vértice.

HALL, S. (1996), "Introduction: Who needs 'Identity'", In Stuart Hall and Paul du Gay (org), *Questions of cultural identity*, pp. 1-17, London: Sage Publication.

HALL, S. (2002, 7ª Edição), *A identidade cultural na pós-modernidade*, tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro, São Paulo: Editora DP&A.

HARPER, S. (2006), "Addressing the implications of Global Ageing", In *Journal of Population Research*, 23(2), pp. 205-223.

HAZAN, H., (1994), *Old age. Constructions and deconstructions*, Cambridge: Cambridge University Press.

HEALEY, T. e ROSS, K. (2002), "Growing old invisibly: older viewers talk television", In *Media, Culture & Society*, Vol. 24, pp. 105-120.

LASLETT, P. (1989), *A fresh map of life: The emergence of the third age*, London: Weidenfeld and Nicolson.

LIVINGSTONE, S. (1988), "Why People Watch Soap Opera: An Analysis of the Explanations of British Viewers", In *European Journal of Communication*, 3 (1), pp. 55-80.

MACHADO, F. L. (1992), *Contrastes e Continuidades*, Oeiras: Celta Editora.

MORLEY, D. (1986), *Family Television: Cultural Power and Domestic Leisure*, London: Comedia.

MUNDAY, J. (2006), "Identity in Focus: The Use of Focus Groups to Study the Construction of Collective Identity", In *Sociology*, 40 (1), pp. 89-105.

NAMER, G. (1989), *Mémoire et Société*, Paris: Méridiens Klincksieck.

VIEGAS, J.M. L. e COSTA, A.F.da (Org.), (1998), *Portugal que Modernidade?* Oeiras: Celta Editora.

### **Publicações de instituições**

Instituto Nacional de Estatística (2002), *O Envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas*, Estudo elaborado pelo Serviço de Estudos sobre a População do Departamento de Estatísticas Censitárias e da População, no âmbito da II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, Madrid 2002, e divulgado em 8 de Abril de 2002 em [www.ine.pt](http://www.ine.pt)

ONU (2002), II Conferência Mundial sobre o Envelhecimento, realizada em Madrid em 2002 ([www.un.org/french/ageing/press.kit/html](http://www.un.org/french/ageing/press.kit/html)).

Presidência da República (2006), *Roteiro para a Inclusão: regiões periféricas, envelhecimento e exclusão*, Lisboa, Presidência da República.



Anexos







## A EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO



## **JOSÉ REBELO**

Doutorado e Agregado em Sociologia (área da Comunicação e Cultura) pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - ISCTE

Professor Associado do ISCTE

Coordenador do Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias, ISCTE, Departamento de Sociologia

Coordenador do projecto de investigação “Perfil sociológico do jornalista português”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (POCTI/COM/58978/2004) e apoiado pelo Sindicato dos Jornalistas e pela Comissão da Carteira Profissional dos Jornalistas

Presidente da Comissão Instaladora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura – CESC/ISCTE

Director da TRAJECTOS, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, editada pela FIM DE SÉCULO

Membro da Comissão Permanente do Conselho de Opinião da RTP (eleito pela Assembleia da República)

Comendador da Ordem da Liberdade

### *LIVROS PUBLICADOS*

- (2003), *A Comunicação: temas e argumentos*, Coimbra: MinervaCoimbra, Col. Ciências da Comunicação, 200 pp.
- (2003), *Novas Formas de Mobilização Popular*, (Coord.), Porto: Campo das Letras, Col. Campo de Actualidade, 301 pp.
- (1ª Edição 2000; 2ª Edição 2002), *O Discurso do Jornal*, Lisboa: Notícias Editorial, Col. Media & Sociedade, 169 pp.
- (1999), *Ecologia e Ideologia*, (Coord.), Lisboa: Livros & Leituras, Col. «Mesa Redonda», 159 pp.
- (1998), *O Regresso do Sagrado*, (Coord.), Lisboa: Livros & Leituras, Col. «Mesa Redonda», 158 pp.

- (1998), *O Saber e o Poder*, (Coord.), Lisboa: Livros & Leituras, Col. «Mesa Redonda», 159 pp.
- (1998), *Formas de Legitimação do Poder no Salazarismo*, Lisboa: Livros & Leituras, 384 pp.
- (1994), *O 25 de Abril nos media internacionais* (Coord., com Mário Mesquita), Porto: Afrontamento, 309 pp.

### **CRISTINA PONTE**

Doutorada em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Professora Auxiliar no Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Coordenadora da equipa portuguesa no Projecto EUKIDSONLINE, financiado pela União Europeia e dirigido por Sonia Livingstone e Leslie Haddon, da LSE (Reino Unido)

Coordenadora do Projecto Crianças e Jovens em Notícia, financiado pela FCT POCI/COM/60020/2004 (2005-2007)

Membro do Centro de Investigação media e Jornalismo - CIMJ

Co-editora da revista *Media e Jornalismo*, do CIMJ

#### *LIVROS PUBLICADOS*

- (2006), *Moeda e Comunicação. A construção mediática do euro*, (Coord. com Maria João Silveirinha), Lisboa: Livros Horizonte, 223 pp.
- (2005), *Crianças em notícia. A construção da infância pelo discurso jornalístico – 1970/2000*, Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais, 300 pp.
- (2004), *Notícias e Silêncios. A cobertura da Sida no Diário de Notícias e Correio da Manhã – 1981/2000*, Porto: Porto Editora, 110 pp.
- (2004), *Leituras das Notícias. Contributos para uma análise do discurso jornalístico*, Lisboa, Livros Horizonte, 143 pp. (editado no Brasil (2005) com o título *Para*

*entender as Notícias. Linhas de análise do discurso jornalístico*, Florianópolis: Editora Insular).

## ISABEL FÉRIN

Doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil

Professora Associada no Instituto de Estudos Jornalísticos, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Membro do Centro de Investigação Media e Jornalismo

Coordenadora do Projecto «Representação na imprensa e na televisão da Imigração e da diversidade étnica, linguística, religiosa e cultural» (ERC/ACIDI/FLUC)

Coordenadora da secção portuguesa do Observatório de Ficção Ibero-americano

### LIVROS PUBLICADOS

- (2008), *Media, Imigração e Minorias Étnicas: 2005-2006*, Lisboa: OI/ACIDI, (em parceria com Clara Almeida Santos).
- (2007), *Jornalismo e Democracia*, (Coord.), Lisboa: Paulus.
- (2006), *A Televisão das Mulheres: Ensaio sobre a Recepção*, (Coord.), Lisboa: Quimera/Bond.
- (2006), *Media, Imigração e Minorias Étnicas II* (Coord.), Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, Presidência do Conselho de Ministros, 2006, 201 páginas.
  - (2004), *Media, Imigração e Minorias Étnicas I* (Coord.), Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, Presidência do Conselho de Ministros, 2004.
- (2002), *Comunicação e Culturas do Quotidiano*, Lisboa: Quimera, 167 páginas.
- (1996), *Os Africanos na Imprensa portuguesa: 1993-1995*, (Coord.), Lisboa: Câmara da Amadora/ CIDAC, 164 páginas.
- (1990), *Do mito à Análise Documentária: a Luso-assimilação*, São Paulo: EDUSP, 163 páginas.

– (1989) *Análise Documentária: considerações teóricas e experimentações* (Coord.)  
São Paulo: FEBAB, 191 páginas.

### **MARIA JOÃO MALHO**

Mestre em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Doutoranda em Estudos da Criança, vertente Sociologia da Infância, no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho

Técnica superior do Instituto de Apoio à Criança - IAC

Coordenadora do Projecto de Investigação “Análise dos Níveis de Bem-Estar das Crianças” em parceria IAC, ISEG, FMH e DREL.

### **RUI BRITES**

Mestre em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - ISCTE

Professor Auxiliar Convidado do ISCTE

Coordenador científico do Curso de Especialização em *Análise de Conteúdo Assistida por Computador*, ISCTE, Departamentos de Sociologia e Métodos Quantitativos

Membro do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE

### **LIVROS PUBLICADOS**

- (2007), (com Anália Torres, Barbara Haas e Nadia Steiber), *First European Quality of Life Survey: Time Use, Work Life Options and Preferences Over the Life Course*, Luxemburgo: Foundation for the improvement of the living and working conditions.

- (2004), (com Rui Moura, Karla Moura, Vítor Coelho), *Responsabilidade Social das Empresas: Emprego e Formação Profissional*. Lisboa: Mundiserviços.

### **VIDAL DE OLIVEIRA**

Licenciado em Engenharia Mecânica pelo IST;

Professor Coordenador da Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa;

Presidente do Conselho Pedagógico e membro da Assembleia de Representantes da Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa;

Director do Departamento de Publicidade e Marketing da Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa;

Membro fundador do Centro de Investigação Gest-in (ICSTE);

Membro da European Society for Opinion and Marketing Research – ESOMAR;

Membro da Sociedade Portuguesa de Marketing;

Membro da CLAD – Associação de Classificação e Análise de Dados;

Membro convidado da Asociacion Española de Estudios de Mercado y Opinion;

*Cargos anteriormente exercidos:*

Presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Marketing;

Representante português na GALLUP, International Research Institutes;

Rresponsável técnico, em Portugal, do Eurobarómetro;

Presidente do Conselho de Administração da TNS - Euroteste , S.A..





## QUESTIONÁRIOS



ESTUDO DE RECEÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL PORTUGUESES

Questionário Crianças e Adolescentes

Nota: Não deves escrever o teu nome e/ou morada em nenhuma das páginas deste questionário.

Código

|  |  |  |  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|--|--|--|
|  |  |  |  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|--|--|--|

TU E A TUA FAMÍLIA

1 Que idade tens?

|         |   |
|---------|---|
| 9 anos  | 1 |
| 10 anos | 2 |
| 11 anos | 3 |
| 12 anos | 4 |
| 13 anos | 5 |
| 14 anos | 6 |

2 És

Rapaz  
Rapariga

1

3 Tu, o teu pai e a tua mãe nasceram em Portugal?

- a) Tu  
b) Pai  
c) Mãe

1 2  
Sim Não

4 Se não, em que país nasceram?

- a) Tu  
b) Pai  
c) Mãe

País

5 Contando contigo, quantas pessoas vivem na tua casa?

|           |   |
|-----------|---|
| 2 pessoas | 1 |
| 3 pessoas | 2 |
| 4 pessoas | 3 |
| 5 pessoas | 4 |
| 6 pessoas | 5 |
| 7 ou mais | 6 |

6 Com quem vives?

|                          |   |
|--------------------------|---|
| a) Pai                   | 1 |
| b) Mãe                   | 2 |
| c) Irmão/s mais novos    | 3 |
| d) Irmão/s mais velhos   | 4 |
| e) Outro familiar. Quem? | 5 |

7 Normalmente quando chegas da escola...

|                            |   |
|----------------------------|---|
| Não está ninguém em casa   | 1 |
| Está alguém em casa, Quem? | 2 |

## TU, AS TUAS ACTIVIDADES E OS TEUS OBJECTOS

8 Com que frequência fazes estas actividades por semana?

| ACTIVIDADES                 | 1             | 2          | 3          | 4     |
|-----------------------------|---------------|------------|------------|-------|
|                             | Todos os dias | 4 a 6 dias | 1 a 3 dias | Nunca |
| a) Ir ao cinema/teatro      |               |            |            |       |
| b) Ouvir rádio              |               |            |            |       |
| c) Ler banda desenhada      |               |            |            |       |
| d) Ver vídeo/DVD            |               |            |            |       |
| e) Brincar na rua           |               |            |            |       |
| f) Ver televisão            |               |            |            |       |
| g) Ouvir música             |               |            |            |       |
| h) Ler livros não escolares |               |            |            |       |
| i) Brincar em casa          |               |            |            |       |
| j) Praticar desporto        |               |            |            |       |
| k) Aprender música/dança    |               |            |            |       |
| l) Passear                  |               |            |            |       |
| m) Jogar computador         |               |            |            |       |
| n) Conversas MSN            |               |            |            |       |
| o) Consultar Sites          |               |            |            |       |
| p) Ler revistas/jornais     |               |            |            |       |
| q) Enviar SMS/MMS           |               |            |            |       |
| r) Chat (MIRC, etc.)        |               |            |            |       |



1ª \_\_\_\_\_

2ª \_\_\_\_\_

3ª \_\_\_\_\_

10 De que actividades mais conversas com os teus amigos?



|    |                          |    |
|----|--------------------------|----|
| a) | Ir ao cinema/teatro      | 1  |
| b) | Ouvir rádio              | 2  |
| c) | Ler banda desenhada      | 3  |
| d) | Ver vídeo/DVD            | 4  |
| e) | Brincar na rua           | 5  |
| f) | Ver televisão            | 6  |
| g) | Ouvir música             | 7  |
| h) | Ler livros não escolares | 8  |
| i) | Brincar em casa          | 9  |
| j) | Praticar desporto        | 10 |
| k) | Aprender música/dança    | 11 |
| l) | Passar                   | 12 |
| m) | Jogar computador         | 13 |
| n) | Conversar MSN            | 14 |
| o) | Consultar Sites          | 15 |
| p) | Ler revistas/jornais     | 16 |
| q) | Enviar SMS/MMS           | 17 |
| r) | Chat, MIRC, etc.)        | 18 |

11 Quando te sentes só, que actividade gostas mais de fazer?

12 Desta lista de objectos marca os que existem na tua casa e no teu quarto.



LISTA DE OBJECTOS

|    | 1                               | 2         |
|----|---------------------------------|-----------|
|    | Em Casa                         | No Quarto |
| a) | Televisor                       |           |
| b) | Video                           |           |
| c) | Leitor/gravador CD-DVD          |           |
| d) | Aparelhagem                     |           |
| e) | Rádio                           |           |
| f) | Consola de Jogos                |           |
| g) | Computador de mesa              |           |
| h) | Acesso à Internet               |           |
| i) | Telefone fixo                   |           |
| j) | Estante de livros não escolares |           |
| k) | Telemóvel sem acesso à Internet |           |
| l) | Telemóvel com acesso à Internet |           |
| m) | PDA                             |           |
| n) | Computador portátil             |           |
| o) | Walkman/ Discman/ Ipod          |           |
| p) | MP3                             |           |
| q) | MP4                             |           |
| r) | Webcam e microfone              |           |
| s) | Máquina fotográfica             |           |

13 De todos os objectos que tens no teu quarto, de qual sentirias mais falta?

14 Que objectos gostarias de receber como prenda?



15 Qual é o teu interesse pelos temas desta lista?

|  | 1               | 2         | 3                             | 4               | 5                |
|--|-----------------|-----------|-------------------------------|-----------------|------------------|
| TEMAS                                  | Muito interesse | Interesse | Nem muito nem pouco interesse | Pouco interesse | Nenhum interesse |
| a) Guerra                              |                 |           |                               |                 |                  |
| b) Crimes                              |                 |           |                               |                 |                  |
| c) Comédia                             |                 |           |                               |                 |                  |
| d) Terror                              |                 |           |                               |                 |                  |
| e) Animais e natureza                  |                 |           |                               |                 |                  |
| f) Aventura e acção                    |                 |           |                               |                 |                  |
| g) Romance                             |                 |           |                               |                 |                  |
| h) Notícias                            |                 |           |                               |                 |                  |
| i) Ficção científica                   |                 |           |                               |                 |                  |
| j) Música                              |                 |           |                               |                 |                  |
| k) Desporto                            |                 |           |                               |                 |                  |
| l) Estrelas de cinema/música/televisão |                 |           |                               |                 |                  |
| m) Arte e teatro                       |                 |           |                               |                 |                  |
| n) Viagens                             |                 |           |                               |                 |                  |

## TU E A TELEVISÃO

16 Gostas ou não de ver televisão?

|                |   |
|----------------|---|
| Gosto muito    | 1 |
| Gosto          | 2 |
| Gosto pouco    | 3 |
| Não gosto nada | 4 |

17 Com que frequência vês televisão?

|               |   |
|---------------|---|
| Todos os dias | 1 |
| 4 a 6 dias    | 2 |
| 1 a 3 dias    | 3 |
| Nunca         | 4 |

18 Em que altura do dia costumavas ver mais televisão, nos dias de semana e ao fim-de-semana?

|                                | 1              |  | 2             |  |
|--------------------------------|----------------|--|---------------|--|
|                                | Dias de semana |  | Fim-de-semana |  |
| a) Início da manhã             |                |  |               |  |
| b) Manhã                       |                |  |               |  |
| c) Ao almoço                   |                |  |               |  |
| d) Tarde                       |                |  |               |  |
| e) Fim de tarde (18h às 19h30) |                |  |               |  |
| f) Depois de jantar            |                |  |               |  |
| g) Todo o dia                  |                |  |               |  |



19 Com que frequência vês estes programas de televisão desta lista?

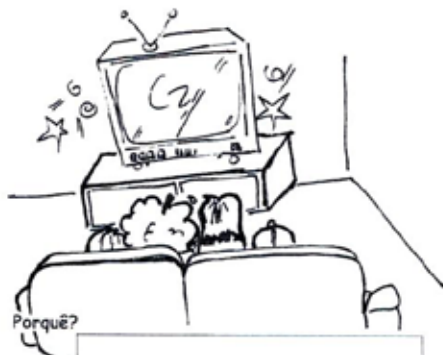
| PROGRAMAS                  | 1             |  |  |  | 2          |  |  |  | 3          |  |  |  | 4     |  |  |  |  |  |  |  |
|----------------------------|---------------|--|--|--|------------|--|--|--|------------|--|--|--|-------|--|--|--|--|--|--|--|
|                            | Todos os dias |  |  |  | 4 a 6 dias |  |  |  | 1 a 3 dias |  |  |  | Nunca |  |  |  |  |  |  |  |
| a) Filmes de terror        |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| b) Filmes de aventura      |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| c) Filmes de amor/romances |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| d) Filmes cómicos          |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| e) Desenhos animados       |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| f) Noticiários             |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| g) Telenovelas             |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| h) Documentários           |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| i) Séries televisivas      |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| j) Desporto                |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| k) Musicais                |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |
| l) Concursos               |               |  |  |  |            |  |  |  |            |  |  |  |       |  |  |  |  |  |  |  |

20 Gostas ou não destes programas?

|                            | 1           | 2     | 3                         | 4           | 5              |
|----------------------------|-------------|-------|---------------------------|-------------|----------------|
|                            | Gosto muito | Gosto | Não gosto muito nem pouco | Gosto pouco | Não gosto nada |
| a) Filmes de terror        |             |       |                           |             |                |
| b) Filmes de aventura      |             |       |                           |             |                |
| c) Filmes de amor/romances |             |       |                           |             |                |
| d) Filmes cómicos          |             |       |                           |             |                |
| e) Desenhos animados       |             |       |                           |             |                |
| f) Noticiários             |             |       |                           |             |                |
| g) Telenovelas             |             |       |                           |             |                |
| h) Documentários           |             |       |                           |             |                |
| i) Séries televisivas      |             |       |                           |             |                |
| j) Desporto                |             |       |                           |             |                |
| k) Musicais                |             |       |                           |             |                |
| l) Concursos               |             |       |                           |             |                |

21 Com quem costumavas ver televisão?

|                       |   |
|-----------------------|---|
| Pai                   | 1 |
| Mãe                   | 2 |
| Irmãos                | 3 |
| Amigos                | 4 |
| Sozinho/a             | 5 |
| Outras pessoas. Quem? | 6 |



22 Os teus pais gostam que vejas televisão?

|                 |   |
|-----------------|---|
| Gostam muito    | 1 |
| Gostam          | 2 |
| Gostam pouco    | 3 |
| Não gostam nada | 4 |

Porquê?

23 Vês televisão sempre que queres?

|     |   |
|-----|---|
| Sim | 1 |
| Não | 2 |

Porquê?

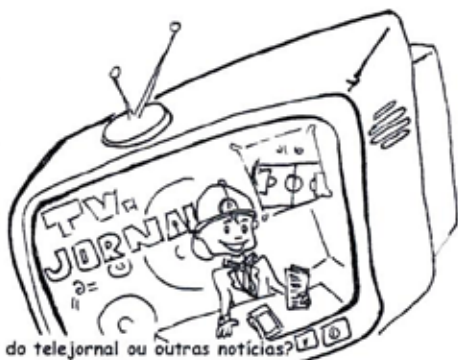


24 Nos dias de semana os teus pais deixam-te ver televisão até que horas?



25 Vês o telejornal com...

|                       |   |
|-----------------------|---|
| Pais (os dois juntos) | 1 |
| Pai                   | 2 |
| Mãe                   | 3 |
| Irmãos                | 4 |
| Sozinho               | 5 |
| Outra pessoa. Quem?   | 6 |
| Não vejo              | 7 |



26 Costumas falar com alguém sobre as notícias do telejornal ou outras notícias?

|     |   |
|-----|---|
| Sim | 1 |
| Não | 2 |

Com quem?

### TU E A INTERNET

27 Usas computador?

|     |   |
|-----|---|
| Sim | 1 |
| Não | 2 |

28 Usas a Internet?

|     |   |
|-----|---|
| Sim | 1 |
| Não | 2 |

29 Com que frequência usas o computador para estas actividades?

| ACTIVIDADES                  | 1             | 2          | 3          | 4     |
|------------------------------|---------------|------------|------------|-------|
|                              | Todos os dias | 4 a 6 dias | 1 a 3 dias | Nunca |
| a) Jogar computador          |               |            |            |       |
| b) Fazer trabalhos           |               |            |            |       |
| c) Desenhar e tratar imagens |               |            |            |       |
| d) Fazer contas              |               |            |            |       |
| e) Ver filmes                |               |            |            |       |
| f) Internet                  |               |            |            |       |

30 Quem sabe mais de computadores em tua casa?

|                      |   |
|----------------------|---|
| Tu                   | 1 |
| Pai                  | 2 |
| Mãe                  | 3 |
| Irmão/s              | 4 |
| Ninguém percebe nada | 5 |
| Não sei              | 6 |



31 Com que frequência usas a Internet em cada um destes lugares, durante a semana ?

| LUGARES                       | 1<br>Todos os dias | 2<br>4 a 6 dias | 3<br>1 a 3 dias | 4<br>Nunca |
|-------------------------------|--------------------|-----------------|-----------------|------------|
| a) Casa                       |                    |                 |                 |            |
| b) Escola                     |                    |                 |                 |            |
| c) Casa de amigos             |                    |                 |                 |            |
| d) Bibliotecas                |                    |                 |                 |            |
| e) <i>Cyber café/ Hotspot</i> |                    |                 |                 |            |

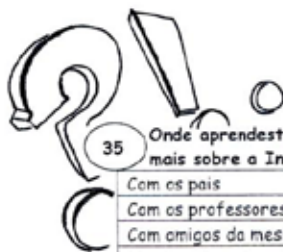
32 O que fazes quando estás na Internet?

|  |    |
|--|----|
| Conversas no Chat                                | 1  |
| Conservas no MSN                                 | 2  |
| Envias e recebes e-mail                          | 3  |
| Trabalhos de casa                                | 4  |
| Procuras informação                              | 5  |
| Jogos On-line                                    | 6  |
| Fazes compras                                    | 7  |
| Fazes Download (copiar) de músicas               | 8  |
| Fazes Download (copiar) de software              | 9  |
| Crias sites ou blogs                             | 10 |
| Publicas fotografias ou informação (ex. Hi5)     | 11 |
| Visitas sites pornográficos                      | 12 |
| Visitas sites para rir                           | 13 |
| Visitas sites sobre actividades de tempos livres | 14 |
| Visitas sites de jornais e revistas              | 15 |



33 Quando fazes pesquisas na Internet, por exemplo no Google, Sapó, Yahoo, etc, acreditas ou não na informação que encontras?

|                   |   |
|-------------------|---|
| Acredito em toda  | 1 |
| Acredito          | 2 |
| Acredito em parte | 3 |
| Não acredito      | 4 |
| Não acredito nada | 5 |



34 Os teus pais sabem utilizar a Internet?

|                    |   |
|--------------------|---|
| Sabem muito        | 1 |
| Sabem o suficiente | 2 |
| Sabem pouco        | 3 |
| Não sabem nada     | 4 |
| Não sei            | 5 |

35 Onde aprendeste ou aprendes mais sobre a Internet?

|                             |   |
|-----------------------------|---|
| Com os pais                 | 1 |
| Com os professores          | 2 |
| Com amigos da mesma idade   | 3 |
| Com irmãos mais velhos      | 4 |
| Na biblioteca               | 5 |
| Em revistas                 | 6 |
| Com amigos virtuais do chat | 7 |
| Nos sites                   | 8 |
| Por conta própria           | 9 |

36 Na tua opinião quais das seguintes actividades da Internet são ilegais?

|   |    |
|---|----|
| Ler sobre construção de bombas            | 1  |
| Fazer <i>download</i> (copiar) de jogos   | 2  |
| Fazer <i>download</i> (copiar) de músicas | 3  |
| Fazer torça das pessoas                   | 4  |
| Publicar fotografias de amigos            | 5  |
| Fazer-se passar por outra pessoa          | 6  |
| Mentir sobre outras pessoas               | 7  |
| Ver <i>sites</i> pornográficos            | 8  |
| Ver <i>sites</i> de terror                | 9  |
| Comprar produtos ou serviços              | 10 |
| Copiar publicações                        | 11 |
| Nenhuma destas actividades                | 12 |

37 Onde encontras informação segura sobre a Internet?

|                      |    |
|----------------------|----|
| Escola               | 1  |
| Mãe                  | 2  |
| Pai                  | 3  |
| Amigos               | 4  |
| Internet             | 5  |
| Televisão            | 6  |
| Revistas             | 7  |
| Rádio                | 8  |
| Autoridades          | 9  |
| Lojas de informática | 10 |
| Em nenhum sítio      | 11 |



**ESTUDO DE RECEPÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL PORTUGUESES  
(ISCTE/ERC)**

Questionário Pai / Mãe / Encarregado/a de Educação

Nota: Não deve escrever o nome e/ou morada em nenhuma das páginas deste questionário

Código     /

**A CRIANÇA/ADOLESCENTE DO ESTUDO E A FAMÍLIA**

**1. Qual a idade da criança/adolescente que está a participar no estudo?**

|         |  |   |
|---------|--|---|
| 9 anos  |  | 1 |
| 10 anos |  | 2 |
| 11 anos |  | 3 |
| 12 anos |  | 4 |
| 13 anos |  | 5 |
| 14 anos |  | 6 |

**2. A criança/adolescente que está a participar no estudo é...**

|          |  |   |
|----------|--|---|
| Rapaz    |  | 1 |
| Rapariga |  | 2 |

**3. A criança/adolescente do estudo...**

|   |  |   |
|---|--|---|
| Tem quarto próprio                            |  | 1 |
| Partilha quarto com irmão /s                  |  | 2 |
| Partilha quarto com outra pessoa. Quem? _____ |  | 3 |
| Não tem quarto                                |  | 4 |

**4. Por semana, com que frequência a criança/adolescente do estudo faz as seguintes actividades?**

| ACTIVIDADES                 | 1             | 2                     | 3                     | 4     |
|-----------------------------|---------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|                             | Todos os dias | 4 a 6 dias por semana | 1 a 3 dias por semana | Nunca |
| a) Ir ao cinema/teatro      |               |                       |                       |       |
| b) Ouvir rádio              |               |                       |                       |       |
| c) Ler banda desenhada      |               |                       |                       |       |
| d) Ver vídeo/DVD            |               |                       |                       |       |
| e) Brincar na rua           |               |                       |                       |       |
| f) Ver televisão            |               |                       |                       |       |
| g) Ouvir música             |               |                       |                       |       |
| h) Ler livros não escolares |               |                       |                       |       |
| i) Brincar em casa          |               |                       |                       |       |
| j) Praticar desporto        |               |                       |                       |       |
| k) Aprender música/dança    |               |                       |                       |       |
| l) Passear                  |               |                       |                       |       |
| m) Jogar computador         |               |                       |                       |       |
| n) Conversas MSN            |               |                       |                       |       |
| o) Consultar Sites          |               |                       |                       |       |
| p) Ler revistas/jornais     |               |                       |                       |       |
| q) Enviar SMS/MMS           |               |                       |                       |       |
| r) Chat (MIRC, etc.)        |               |                       |                       |       |

5. Que objectos existem em sua casa e no quarto da criança/adolescente que está a participar no estudo?

| LISTA DE OBJECTOS |                                 | 1    | 2                             |
|-------------------|---------------------------------|------|-------------------------------|
|                   |                                 | Casa | Quarto da Criança/adolescente |
| a)                | Televisor                       |      |                               |
| b)                | Vídeo                           |      |                               |
| c)                | Leitor/gravador CD-DVD          |      |                               |
| d)                | Aparelhagem                     |      |                               |
| e)                | Rádio                           |      |                               |
| f)                | Consola de Jogos                |      |                               |
| g)                | Computador de mesa              |      |                               |
| h)                | Acesso à Internet               |      |                               |
| i)                | Telefone fixo                   |      |                               |
| j)                | Estante de livros não escolares |      |                               |
| k)                | Telemóvel sem acesso à Internet |      |                               |
| l)                | Telemóvel com acesso à Internet |      |                               |
| m)                | PDA                             |      |                               |
| n)                | Computador portátil             |      |                               |
| o)                | Walkman/ Discman/ Ipod          |      |                               |
| p)                | MP3                             |      |                               |
| q)                | MP4                             |      |                               |
| r)                | Webcam e microfone              |      |                               |
| s)                | Máquina fotográfica             |      |                               |

**A CRIANÇA/ADOLESCENTE E A TELEVISÃO**

6. No caso da criança/adolescente do estudo não ter televisor no quarto, diga porquê.

|   |   |
|---|---|
| Porque ela não quer                         | 1 |
| Porque o Sr. /a não quer                    | 2 |
| Porque não existem mais televisores em casa | 3 |

7. Gosta que a criança/adolescente que está a participar no estudo veja televisão?

|                |   |
|----------------|---|
| Gosto muito    | 1 |
| Gosto          | 2 |
| Gosto pouco    | 3 |
| Não gosto nada | 4 |

Porquê?

|  |
|--|
|  |
|--|

8. A criança/adolescente do estudo vê televisão sempre que ela quer?

|     |   |
|-----|---|
| Sim | 1 |
| Não | 2 |

Porquê?

|  |
|--|
|  |
|--|

**9. Com quem a criança/adolescente do estudo costuma ver televisão?**

|                |  |   |
|----------------|--|---|
| Pai            |  | 1 |
| Mãe            |  | 2 |
| Irmão /s       |  | 3 |
| Amigos         |  | 4 |
| Sozinho/a      |  | 5 |
| Outras pessoas |  | 6 |
| Não sei        |  | 7 |

**A CRIANÇA/ADOLESCENTE E A INTERNET**

**10. A criança/adolescente do estudo costuma aceder à Internet?**

|         |  |   |
|---------|--|---|
| Sim     |  | 1 |
| Não     |  | 2 |
| Não sei |  | 3 |

**11. Qual ou quais os locais onde a criança/adolescente acede à Internet?**

|                           |  |   |
|---------------------------|--|---|
| Casa                      |  | 1 |
| Escola                    |  | 2 |
| Casa de amigos            |  | 3 |
| Bibliotecas               |  | 4 |
| <i>Cyber café/Hotspot</i> |  | 5 |
| Não sei                   |  | 6 |

**12. Que usos a criança/adolescente do estudo faz da Internet?**

|   |  |    |
|---|--|----|
| Conversar no <i>Chat</i>                                |  | 1  |
| Conservar no MSN  |  | 2  |
| Enviar e receber correio electrónico                    |  | 3  |
| Trabalhos de casa                                       |  | 4  |
| Procurar informação                                     |  | 5  |
| Jogar <i>On-line</i>                                    |  | 6  |
| Fazer compras   |  | 7  |
| Fazer <i>Download</i> (copiar) de músicas               |  | 8  |
| Fazer <i>Download</i> (copiar) de <i>software</i>       |  | 9  |
| Criar <i>sites</i> ou blogs                             |  | 10 |
| Publicar fotografias ou informação (ex. Hi5)            |  | 11 |
| Visitar <i>sites</i> pornográficos                      |  | 12 |
| Visitar <i>sites</i> para rir                           |  | 13 |
| Visitar <i>sites</i> sobre actividades de tempos livres |  | 14 |
| Não sei   |  | 15 |

**AS PRÓXIMAS QUESTÕES DIZEM RESPEITO À SUA PRÓPRIA OPINIÃO  
PAI / MÃE / ENCARGADO/A DE EDUCAÇÃO**

13. Marque as suas preocupações quando pensa no mundo actual e na criança/adolescente que está a participar no estudo.

|  | 1              | 2        | 3                                | 4              | 5               |
|--|----------------|----------|----------------------------------|----------------|-----------------|
|  | Preocupa muito | Preocupa | Não preocupa nem muito nem pouco | Preocupa pouco | Não me preocupo |
| <b>PREOCUPAÇÕES</b>                                    |                |          |                                  |                |                 |
| a) Modelos educacionais na escola                      |                |          |                                  |                |                 |
| b) Transmissão de valores para o crescimento           |                |          |                                  |                |                 |
| c) Perspectivas profissionais                          |                |          |                                  |                |                 |
| d) Violência na televisão                              |                |          |                                  |                |                 |
| e) Sexo na televisão                                   |                |          |                                  |                |                 |
| f) Linguagem agressiva na televisão                    |                |          |                                  |                |                 |
| g) Aumento do tempo de uso de jogos de computador      |                |          |                                  |                |                 |
| h) Falta de tempo para estar com a criança/adolescente |                |          |                                  |                |                 |
| i) Espaços de apoio para actividades de tempos livres  |                |          |                                  |                |                 |
| j) Segurança nas ruas                                  |                |          |                                  |                |                 |
| k) A criança/adolescente ser vítima de um crime        |                |          |                                  |                |                 |
| l) Acesso a drogas                                     |                |          |                                  |                |                 |
| m) Não tenho preocupações com o meu filho              |                |          |                                  |                |                 |

14. Com que frequência o Sr./a costuma ver televisão?

|                       |   |
|-----------------------|---|
| Todos os dias         | 1 |
| 4 a 6 dias por semana | 2 |
| 1 a 3 dias por semana | 3 |
| Nunca vejo            | 4 |

15. Em que momento do dia o Sr./a vê mais televisão?

|                             |   |
|-----------------------------|---|
| Início da manhã             | 1 |
| Manhã                       | 2 |
| Ao almoço                   | 3 |
| Tarde                       | 4 |
| Fim de tarde (18h às 19h30) | 5 |
| Depois de jantar            | 6 |
| Todo o dia                  | 7 |

16. Com que frequência o Sr./a vê telejornais com a criança do estudo?

|                       |   |
|-----------------------|---|
| Todos os dias         | 1 |
| 4 a 6 dias por semana | 2 |
| 1 a 3 dias por semana | 3 |
| Nunca vejo            | 4 |

17. Costuma falar com a criança/adolescente do estudo sobre as notícias do telejornal ou outras notícias?

|              |   |
|--------------|---|
| Sempre       | 1 |
| Muitas vezes | 2 |
| Por vezes    | 3 |
| Poucas vezes | 4 |
| Nunca        | 5 |

18. Por semana, com que frequência o Sr./a costuma ver estes programas?

| PROGRAMAS                  | 1             | 2                     | 3                     | 4     |
|----------------------------|---------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|                            | Todos os dias | 4 a 6 dias por semana | 1 a 3 dias por semana | Nunca |
| a) Filmes de terror        |               |                       |                       |       |
| b) Filmes de aventura      |               |                       |                       |       |
| c) Filmes de amor/romances |               |                       |                       |       |
| d) Filmes cómicos          |               |                       |                       |       |
| e) Desenhos animados       |               |                       |                       |       |
| f) Notícias                |               |                       |                       |       |
| g) Telenovelas             |               |                       |                       |       |
| h) Documentários           |               |                       |                       |       |
| i) Séries televisivas      |               |                       |                       |       |
| j) Desporto                |               |                       |                       |       |
| k) Musicais                |               |                       |                       |       |
| l) Concursos               |               |                       |                       |       |

19. Em que medida está satisfeito/a com os programas dirigidos para a criança/adolescente do estudo?

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| Muito satisfeito                | 1 |
| Satisfeito                      | 2 |
| Nem satisfeito nem insatisfeito | 3 |
| Insatisfeito                    | 4 |
| Muito insatisfeito              | 5 |

20. Qual a sua opinião sobre cada uma das seguintes afirmações?

| AFIRMAÇÕES  | 1                   | 2        | 3                         | 4        | 5                   |
|---|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|
|   | Concordo totalmente | Concordo | Nem concordo nem discordo | Discordo | Discordo totalmente |
| a) As crianças/adolescentes aprendem muito com a televisão  |                     |          |                           |          |                     |
| b) Ver televisão motiva as crianças/adolescentes à preguiça                                       |                     |          |                           |          |                     |
| c) As crianças/adolescentes poderia ler mais se vissem menos televisão                            |                     |          |                           |          |                     |
| d) As crianças/adolescentes percebem a diferença entre personagens e pessoas reais                |                     |          |                           |          |                     |
| e) Frequentemente as crianças/adolescentes querem comprar coisas que vêem na televisão            |                     |          |                           |          |                     |
| f) Ver televisão tem feito as crianças/adolescentes crescerem mais depressa                       |                     |          |                           |          |                     |
| g) Ver televisão tem feito com que as crianças considerem a violência como normal no dia a dia    |                     |          |                           |          |                     |
| h) Frequentemente as crianças/adolescentes ficam aborrecidos com notícias que envolvam violência  |                     |          |                           |          |                     |
| i) Frequentemente as crianças/adolescentes ficam aborrecidos com programas que envolvam violência |                     |          |                           |          |                     |
| j) Por vezes, as crianças/adolescentes imitam comportamentos que viram na televisão               |                     |          |                           |          |                     |



**21. Utiliza computador?**

|                  |   |
|------------------|---|
| Sim, em casa     | 1 |
| Sim, no trabalho | 2 |
| Não              | 3 |

**22. Que usos o Sr./a faz do computador?**

|                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| Entretenimento (jogos por exemplo)    | 1 |
| Processamento de texto                | 2 |
| Programação/gráficos/análise de dados | 3 |
| Informação                            | 4 |
| Correio electrónico                   | 5 |
| Internet                              | 6 |

**23. Como se sente no uso do computador?**

|                     |   |
|---------------------|---|
| Muito à vontade     | 1 |
| À vontade           | 2 |
| Não muito à vontade | 3 |
| Nada à vontade      | 4 |

**24. Em sua casa quem entende mais de computadores?**

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| Sr/a                           | 1 |
| Marido/Mulher                  | 2 |
| Criança/adolescente do estudo  | 3 |
| Irmão/s da criança/adolescente | 4 |
| Não existem diferenças         | 5 |

**25. Por semana, com que frequência, o Sr./a usa a Internet em cada um destes lugares?**

|                               | 1             | 2                     | 3                     | 4     |
|-------------------------------|---------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|                               | Todos os dias | 4 a 6 dias por semana | 1 a 3 dias por semana | Nunca |
| a) Casa                       |               |                       |                       |       |
| b) Escola                     |               |                       |                       |       |
| c) Casa de amigos             |               |                       |                       |       |
| d) Bibliotecas                |               |                       |                       |       |
| e) <i>Cyber café/ Hotspot</i> |               |                       |                       |       |

**26. Para que actividade o Sr./a costuma usar a Internet?**

|   |    |
|---|----|
| Trabalho / Profissão                                | 1  |
| Estudo / Formação                                   | 2  |
| Distracção / Divertimento                           | 3  |
| Contacto e relacionamentos                          | 4  |
| Aceder a serviços <i>On-line</i>                    | 5  |
| Compras <i>On-line</i>                              | 6  |
| Edições <i>On-line</i> (jornais, rádio e televisão) | 7  |
| <i>MSN Messenger</i>                                | 8  |
| You Tube  | 9  |
| Visionamento de programas de televisão              | 10 |
| Aceder ao correio electrónico                       | 11 |
| Fazer <i>Download</i> (copiar) de <i>software</i>   | 12 |
| Fazer <i>Download</i> (copiar) de músicas/filmes    | 13 |
| Visitar sites pornográficos                         | 14 |

27. Com que frequência o Sr./a costuma discutir a segurança de informação dos conteúdos que se obtêm através da Internet?

|              |  |   |
|--------------|--|---|
| Muitas vezes |  | 1 |
| Por vezes    |  | 2 |
| Raramente    |  | 3 |
| Nunca        |  | 4 |

28. Que mais preocupa o Sr./a quando a criança/adolescente do estudo usa a Internet?

|  |  |    |
|--|--|----|
| Conhecer estranhos                                   |  | 1  |
| Receber correio electrónico ofensivo                 |  | 2  |
| Comprar a crédito                                    |  | 3  |
| Visitar <i>sites</i> pornográficos                   |  | 4  |
| Visitar <i>sites</i> racistas                        |  | 5  |
| Fazer <i>Downloads</i> (copiar) de conteúdos ilegais |  | 6  |
| Jogos com violência                                  |  | 7  |
| O tempo que está na Internet                         |  | 8  |
| Acreditar em conteúdos falsos                        |  | 9  |
| Dar informações sobre dados pessoais                 |  | 10 |
| Receber vírus no computador                          |  | 11 |
| Tornar-se uma criança sem actividade física          |  | 12 |

29. Em que medida o Sr./a concorda que os benefícios da Internet são superiores aos aspectos negativos?

|                           |  |   |
|---------------------------|--|---|
| Concordo totalmente       |  | 1 |
| Concordo                  |  | 2 |
| Nem concordo nem discordo |  | 3 |
| Discordo totalmente       |  | 4 |

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

30. Qual é a sua idade?

31. Sexo

|           |  |   |
|-----------|--|---|
| Masculino |  | 1 |
| Feminino  |  | 2 |

32. Qual é o seu grau de parentesco com a criança / adolescente do estudo?

|                             |  |   |
|-----------------------------|--|---|
| Pai                         |  | 1 |
| Mãe                         |  | 2 |
| Outro familiar. Quem? _____ |  | 3 |
| Outra pessoa. Quem? _____   |  | 4 |

**33. Nasceu em Portugal?**

|     |   |
|-----|---|
| Sim | 1 |
| Não | 2 |

**34. Se não nasceu em Portugal, diga em que País nasceu**

|  |
|--|
|  |
|--|

**35. Em que localidade vive?**

|  |
|--|
|  |
|--|

**36. Qual é a sua ocupação?**

|  |
|--|
|  |
|--|

**37. Qual é a situação na sua ocupação?**

|   |   |
|---|---|
| A trabalhar por conta própria           | 1 |
| A trabalhar por conta de outrem         | 2 |
| Desempregado/a à procura de emprego     | 3 |
| Desempregado/a não à procura de emprego | 4 |
| Doméstica (dona de casa)                | 5 |
| Reformado /a                            | 6 |
| Estudante                               | 7 |
| Serviço Militar                         | 8 |
| Baixa por invalidez                     | 9 |

**38. Qual é a sua profissão?**

|  |
|--|
|  |
|--|

**39. Qual é a situação na sua profissão?**

|   |   |
|---|---|
| Quadros técnicos superiores ou profissões liberais  | 1 |
| Quadros administrativos ou exercendo profissões de chefia   | 2 |
| Escriturários ou empregados da administração pública, da indústria e do comércio sem posições de chefia | 3 |
| Pequenos agricultores ou assalariados agrícolas   | 4 |
| Operários   | 5 |

**40. Qual é o seu grau de escolaridade?**

|                  |   |
|------------------|---|
| Sem escolaridade | 1 |
| Básico           | 2 |
| Secundário       | 3 |
| Superior         | 4 |

Data: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Obrigado pela sua colaboração.

|  |      |      |      |      |              |      |      |      |        |      |
|--|------|------|------|------|--------------|------|------|------|--------|------|
| INTERCAMPUS<br>Av António Augusto Aguiar , nº 106 6º<br>Lisboa | JOB  |      |      |      | QUESTIONÁRIO |      |      |      | CARTÃO |      |
|  | X    | X    | X    | X    |              |      |      |      | 0      | 1    |
|  | (01) | (02) | (03) | (04) | (05)         | (06) | (07) | (08) | (09)   | (10) |

Bom dia /Boa tarde/Boa noite, chamo-me....., **(MOSTRAR CARTÃO DE IDENTIFICAÇÃO DE INTERCAMPUS)** e sou entrevistador da Intercampus. A Intercampus é um instituto que realiza estudos de mercado e opinião e está neste momento a fazer um estudo dos públicos dos meios de comunicação social portugueses e gostaria de contar com a colaboração de uma pessoa deste lar para responder a algumas questões de cujas respostas garantimos, desde já, total confidencialidade. Elas destinam-se a ser tratadas por computador com milhares de outras, sem qualquer identificação de nome ou morada.

|   |
|---|
| <b>SCREENING</b>  |
| Gostaria que me dissesse quantas pessoas residem no seu lar começando pelo indivíduo mais velho e indo até ao mais novo <b>(INCLUIR TODAS AS PESSOAS QUE DORMEM NO LAR)</b> , referindo para cada uma a sua idade e sexo. |

|  |
|--|
| <b>IDENTIFICAÇÃO DO IND. SELECIONADO</b> |
|--|

Q.2 Ano de nascimento: 

|   |   |  |  |
|---|---|--|--|
| 1 | 9 |  |  |
|---|---|--|--|

 (11) (12)

Q.3 Idade: (13)

|            |   |              |   |            |   |
|------------|---|--------------|---|------------|---|
| 15-17..... | 1 | 18-24.....   | 2 | 25-34..... | 3 |
| 35-44..... | 4 | 45-54.....   | 5 | 55-64..... | 6 |
| 65-74..... | 7 | Mais 74..... | 8 |            |   |

Q.4 Sexo: (14)

|                |   |               |   |
|----------------|---|---------------|---|
| Masculino..... | 1 | Feminino..... | 2 |
|----------------|---|---------------|---|

**ENTREVISTADOR: A PESSOA QUE VAI RESPONDER AO QUESTIONÁRIO TEM QUE TER >= 15 ANOS E, NO AGREGADO FAMILIAR, DEVE SER A ÚLTIMA PESSOA QUE FEZ ANOS (a partir da data em que está a ser feita a selecção do indivíduo a entrevistar). (Registe todos os indivíduos no quadro seguinte com as respectivas idades e considere os com >= 15 anos ordenados em cada um dos sexos do mais velho para o mais novo)**

Q.5- Situação na profissão \*Qual a sua situação na profissão ? ( Preenchimento obrigatório )

|   |      |
|---|------|
| ACTIVOS   | (15) |
| * Empresários e dirigentes  | 1    |
| * Profissionais liberais  | 2    |
| * Profissionais técnicos e de enquadramento   | 3    |
| * Trabalhadores independentes   | 4    |
| * Agricultores independentes  | 5    |
| * Empregados executantes  | 6    |
| * Operários   | 7    |
| * Assalariados agrícolas  | 8    |
| * Outros activos  | 9    |
| NÃO ACTIVOS   | (16) |
| * Estudante   | 0    |
| * Doméstica( responsável compras e tarefas domésticas ,sem actividade profissional) | 1    |
| * Desempregado à procura emprego  | 2    |
| * Desempregado não à procura emprego  | 3    |
| * Invalidez   | 4    |
| * Reformado   | 5    |
| * Serviço militar   | 6    |
| * Outros não activos  | 7    |

| SEXO      | IDADE      | ORDEM >=15 ANOS | SELECÇÃO |
|-----------|------------|-----------------|----------|
| MASCULINO | _____ anos |                 | X        |
|           | _____ anos |                 | X        |
|           | _____ anos |                 | X        |
|           | _____ anos |                 | X        |
|           | _____ anos |                 | X        |
| FEMININO  | _____ anos |                 | X        |
|           | _____ anos |                 | X        |
|           | _____ anos |                 | X        |
|           | _____ anos |                 | X        |
|           | _____ anos |                 | X        |

Q.1- Qual destas pessoas (com 15 ou mais anos) foi a última a fazer anos?

**(A ÚLTIMA PESSOA QUE FEZ ANOS É SELECIONADA PARA RESPONDER À ENTREVISTA. ASSINALAR NO QUADRO ACIMA)**

**ASSINALAR A HORA E DIA DA DUAS VISITAS OBRIGATORIAS PARA CONTACTAR A PESSOA SELECIONADA. SÓ APÓS ESTA TENTATIVA PODERÁ PASSAR À SUBSTITUIÇÃO.**

|            | dia | mês | ano | hora | minutos |
|------------|-----|-----|-----|------|---------|
| Entrevista |     | 0   | 0 7 | H    | M       |
| 1ª visita  |     | 0   | 0 7 | H    | M       |

**SUBSTITUIÇÃO : NO CASO DO INDIVÍDUO SELECIONADO ESTAR AUSENTE NA SEGUNDA VISITA OU NO CASO DE RECUSA, DEVERÁ SUBSTITUI-LO POR OUTRO INDIVÍDUO DO MESMO SEXO, FAIXA ETÁRIA E IGUAL SITUAÇÃO NA PROFISSÃO. ASSINALE SEMPRE TODOS OS CASOS EM QUE A ENTREVISTA É SUBSTITUÍDA.**

Q.7- Entrevista substituída.....1 (17)

**1. CONSUMO DOS MEDIA E PRÁTICAS CULTURAIS**

1.1- Neste cartão estão variados meios tecnológicos fixos e móveis . Gostaria que me dissesse qual ou quais pode utilizar se quiser ( ou seja , estão à sua disposição ) e onde – em casa , no trabalho , na Escola/Universidade ou noutro local ( *MOSTRAR CARTÃO 1* )

[ LER - VARIAS RESPOSTAS POSSÍVEIS]

|                               | Dispõe | LOCAL |          |                     |             |
|-------------------------------|--------|-------|----------|---------------------|-------------|
|                               |        | Casa  | Trabalho | Escola/Universidade | Outro local |
| <b>FIXOS</b>                  |        |       |          |                     |             |
|                               | (18)   | (19)  | (20)     | (21)                | (22)        |
| Televisor                     | 0      | 0     | 0        | 0                   | 0           |
| Vídeo                         | 1      | 1     | 1        | 1                   | 1           |
| Leitor/gravador CD-DVD        | 2      | 2     | 2        | 2                   | 2           |
| Sistema Hi-Fi                 | 3      | 3     | 3        | 3                   | 3           |
| Rádio                         | 4      | 4     | 4        | 4                   | 4           |
| Consola de Jogos              | 5      | 5     | 5        | 5                   | 5           |
| Computador de mesa            | 6      | 6     | 6        | 6                   | 6           |
| Acesso Internet               | 7      | 7     | 7        | 7                   | 7           |
| Telefone fixo                 | 8      | 8     | 8        | 8                   | 8           |
| Outro (qual?)                 |        | 9     | 9        | 9                   | 9           |
| _____                         |        |       |          |                     |             |
| <b>MÓVEIS</b>                 |        |       |          |                     |             |
|                               | (23)   | (24)  | (25)     | (26)                | (27)        |
| Telemóvel sem acesso Internet | 0      | 0     | 0        | 0                   | 0           |
| Telemóvel com acesso Internet | 1      | 1     | 1        | 1                   | 1           |
| PDA                           | 2      | 2     | 2        | 2                   | 2           |
| Computador portátil           | 3      | 3     | 3        | 3                   | 3           |
| Walkman                       | 4      | 4     | 4        | 4                   | 4           |
| AutoRádio                     | 5      | 5     | 5        | 5                   | 5           |
| Outro (qual ?)                |        | 6     | 6        | 6                   | 6           |
| _____                         |        |       |          |                     |             |
| Outro (qual?)                 |        | 7     | 7        | 7                   | 7           |
| _____                         |        |       |          |                     |             |

Anexos

1.2- E quais deles o Sr/ Srª utiliza pessoalmente ? Onde ?- em casa , no trabalho , na Escola/Universidade ou noutra local ( *MOSTRAR CARTÃO 1* )

[ LER - VARIAS RESPOSTAS POSSÍVEIS]

|                               | Utiliza | LOCAL |          |                     |             |
|-------------------------------|---------|-------|----------|---------------------|-------------|
|                               |         | Casa  | Trabalho | Escola/Universidade | Outro local |
| <b>FIXOS</b>                  |         |       |          |                     |             |
|                               | (28)    | (29)  | (30)     | (31)                | (32)        |
| Televisor                     | 0       | 0     | 0        | 0                   | 0           |
| Video                         | 1       | 1     | 1        | 1                   | 1           |
| Leitor/gravador CD-DVD        | 2       | 2     | 2        | 2                   | 2           |
| Sistema Hi-Fi                 | 3       | 3     | 3        | 3                   | 3           |
| Rádio                         | 4       | 4     | 4        | 4                   | 4           |
| Consola de Jogos              | 5       | 5     | 5        | 5                   | 5           |
| Computador de mesa            | 6       | 6     | 6        | 6                   | 6           |
| Acesso Internet               | 7       | 7     | 7        | 7                   | 7           |
| Telefone fixo                 | 8       | 8     | 8        | 8                   | 8           |
| Outro (qual?)                 |         | 9     | 9        | 9                   | 9           |
| _____                         |         |       |          |                     |             |
| <b>MÓVEIS</b>                 |         |       |          |                     |             |
|                               | (33)    | (34)  | (35)     | (36)                | (37)        |
| Telemóvel sem acesso Internet | 0       | 0     | 0        | 0                   | 0           |
| Telemóvel com acesso Internet | 1       | 1     | 1        | 1                   | 1           |
| PDA                           | 2       | 2     | 2        | 2                   | 2           |
| Computador portátil           | 3       | 3     | 3        | 3                   | 3           |
| Walkman                       | 4       | 4     | 4        | 4                   | 4           |
| AutoRádio                     | 5       | 5     | 5        | 5                   | 5           |
| Outro (qual ?)                |         | 6     | 6        | 6                   | 6           |
| _____                         |         |       |          |                     |             |
| Outro (qual?)                 |         | 7     | 7        | 7                   | 7           |
| _____                         |         |       |          |                     |             |

## Anexos

1.3- Utilizando a escala de 1 a 4, em que 1= nada importante ; 2= pouco importante ; 3=importante; 4= muito importante ) (MOSTRAR CARTÃO 2) , qual o grau de importância que atribui a cada um dos meios que lhe vou referir quanto a satisfação de cada um dos seguintes objectivos:

a)- INFORMAÇÃO ?

b)- EDUCAÇÃO ?

c)- DIVERTIMENTO ?

[LER – UMA SÓ RESPOSTA PARA CADA OBJECTIVO/MEIO ]

RESPOSTA NO QUADRO ( Não sabe = 0)

|           | Informação | Educação | Divertimento |
|-----------|------------|----------|--------------|
| Televisão | (38)       | (39)     | (40)         |
| Rádio     | (41)       | (42)     | (43)         |
| Jornais   | (44)       | (45)     | (46)         |
| Revistas  | (47)       | (48)     | (49)         |
| Internet  | (50)       | (51)     | (52)         |

1.4- No cartão seguinte ( MOSTRAR CARTAO 3) figuram vários motivos de uso dos diferentes media/equipamento , no dia a dia .Gostaria de saber para que utiliza .....?

[ LER UM A UM - VARIAS RESPOSTAS POSSIVEIS - pode escolher mais do que um uso para cada meio/equipamento]

|                  | Não Usa | Passar tempo | Procurar com parnhia | Descansar | Conversar | Aprender | Trabalhar | Informar-se | Distrair/se Divertir/se | Outro QUAL? | Especificação de Qual |
|------------------|---------|--------------|----------------------|-----------|-----------|----------|-----------|-------------|-------------------------|-------------|-----------------------|
| Televisão        | (53) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| Rádio            | (54) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| Internet         | (55) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| Jornais          | (56) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| Revistas         | (57) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| Livros           | (58) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| Cinema           | (59) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| CD/DVD           | (60) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| Computador       | (61) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| Consola de jogos | (62) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| Telefone         | (63) 0  | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |
| Outro (Qual?)    | -       | 1            | 2                    | 3         | 4         | 5        | 6         | 7           | 8                       | 9           |                       |

1.5- No seu dia a dia , quando .....[ LER UM A UM ] , quais destas actividades ( MOSTRAR CARTÃO 4) costuma realizar simultaneamente ( ao mesmo tempo ) ?

|                       |      | NÃO VELE/ USA... | Vê TV | Ouve Rádio | Está na Internet | Lê jornais/ Revistas | Lê livros | Telefona | Ouve música | Joga | Trabalha/ Estuda |
|-----------------------|------|------------------|-------|------------|------------------|----------------------|-----------|----------|-------------|------|------------------|
| Vê TV                 | (66) | 0                | -     | 2          | 3                | 4                    | 5         | 6        | 7           | 8    | 9                |
| Ouve Rádio            | (67) | 0                | 1     | -          | 3                | 4                    | 5         | 6        | 7           | 8    | 9                |
| Está na Internet      | (68) | 0                | 1     | 2          | -                | 4                    | 5         | 6        | 7           | 8    | 9                |
| Lê jornais e Revistas | (69) | 0                | 1     | 2          | 3                | -                    | 5         | 6        | 7           | 8    | 9                |
| Lê livros             | (70) | 0                | 1     | 2          | 3                | 4                    | -         | 6        | 7           | 8    | 9                |
| Telefona              | (71) | 0                | 1     | 2          | 3                | 4                    | 5         | -        | 7           | 8    | 9                |
| Ouve música           | (72) | 0                | 1     | 2          | 3                | 4                    | 5         | 6        | -           | 8    | 9                |
| Joga                  | (73) | 0                | 1     | 2          | 3                | 4                    | 5         | 6        | 7           | -    | 9                |
| Trabalha/Estuda       | (74) | 0                | 1     | 2          | 3                | 4                    | 5         | 6        | 7           | 8    | -                |

## 2. TELEVISÃO

VER NA P. 1.2 e P.1.4 SE VÊ TELEVISÃO E CONFIRMAR :

2.1- Costuma ver TV?

|     |      |
|-----|------|
|     | (75) |
| Sim | 1    |
| Não | 0    |

SE COSTUMA VER TELEVISÃO----- Fazer P.2.2 e seguintes

SE NÃO COSTUMA VER -----Passar à P.2.16

2.2- Com que frequência costuma ver Televisão ? Diariamente , frequentemente ou raramente ?

|                |      |
|----------------|------|
|                | (76) |
| Diariamente    | 1    |
| Frequentemente | 2    |
| Raramente      | 3    |
| Não responde   | 4    |



## Anexos

SE VÊ DIARIAMENTE -----Fazer P.2.2.1 e seguintes

SE NÃO VÊ DIARIAMENTE ----Passar a P.2.3

2.2.1.-Quanto tempo costuma ver Televisão por dia de 2ª a 6ª feira ?

2.2.2.-E quanto tempo costuma ver Televisão por dia ao fim de semana ?

[RESPOSTA NO QUADRO ]

|                             | 2ª a 6ª<br>feira | Fim<br>Semana |
|-----------------------------|------------------|---------------|
|                             | (77)             | (78)          |
| <b>Menos de 1 hora</b>      | 1                | 1             |
| <b>De 1 a 2 horas</b>       | 2                | 2             |
| <b>De 2 a 3 horas</b>       | 3                | 3             |
| <b>De 3 a 5 horas</b>       | 4                | 4             |
| <b>De 5 a 8 horas</b>       | 5                | 5             |
| <b>Mais de 8 horas</b>      | 6                | 6             |
| <b>Vê <i>todo o dia</i></b> | 7                | 7             |
| <b>Não responde</b>         | 8                | 8             |

GRAVAÇÃO :(79) (80)  
(01) a (08) – repetir (09) = 0 (10)= 2

2.3- (MOSTRAR CARTÃO 4) -Em que momento do dia vê mais TV? E a seguir ? E a seguir ?

|  | 1º lugar | 2º lugar | 3º lugar |
|--|----------|----------|----------|
|  | (11)     | (12)     | (13)     |
| <b>Início da manhã</b>                         | 1        | 1        | 1        |
| <b>Manhã</b>                                   | 2        | 2        | 2        |
| <b>Ao almoço</b>                               | 3        | 3        | 3        |
| <b>Tarde</b>                                   | 4        | 4        | 4        |
| <b>Fim de tarde (<i>entre 18 e 19,30h</i>)</b> | 5        | 5        | 5        |
| <b>Ao jantar</b>                               | 6        | 6        | 6        |
| <b>Depois do jantar</b>                        | 7        | 7        | 7        |
| <b>Todo o dia</b>                              | 8        | 8        | 8        |
| <b>Não responde</b>                            | 9        | 9        | 9        |

## Anexos

**2.4- Com que frequência acontecem consigo as seguintes situações? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?**

**LER AS SITUAÇÕES UMA A UMA E RECOLHER A FREQUENCIA**

|  | Sempre | Frequente<br>mente | Por vezes | Raramente | Nunca |
|--|--------|--------------------|-----------|-----------|-------|
|  | (14)   | (15)               | (16)      | (17)      | (18)  |
| Ligar a TV assim que chega a casa                    | 1      | 1                  | 1         | 1         | 1     |
| Manter a TV ligada sem lhe prestar atenção           | 2      | 2                  | 2         | 2         | 2     |
| Ir seguindo a TV enquanto faz outras coisas          | 3      | 3                  | 3         | 3         | 3     |
| Ver um programa da TV sem fazer mais nada            | 4      | 4                  | 4         | 4         | 4     |
| Ligar a TV para ver determinado programa             | 5      | 5                  | 5         | 5         | 5     |
| Desligar a TV quando acaba o programa que está a ver | 6      | 6                  | 6         | 6         | 6     |
| Gravar programas para os ver mais tarde              | 7      | 7                  | 7         | 7         | 7     |

**2.5-Onde é que vê mais TV?**

|                              |                                   | (19) |
|------------------------------|-----------------------------------|------|
| Em Casa                      |                                   | 0    |
| Onde? Em que divisões / ões? | Sala                              | 1    |
|                              | Quarto casal                      | 2    |
|                              | Quarto filho(s)                   | 3    |
|                              | Escritório                        | 4    |
|                              | Cozinha                           | 5    |
|                              | Outro local da casa (Qual?) _____ |      |
| Café/Bar/Restaurante         |                                   | 8    |
| Clube/Associação             |                                   | 9    |
| Outro local                  |                                   | X    |

2.6-Com que frequência costuma ver TV sozinho ? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?

E com familiares?

E com amigos ?

E com colegas ( de estudo ou de trabalho ) ?

LER AS SITUAÇÕES – sozinho , etc – UMA A UMA

|  | Sempre | Frequente mente | Por vezes | Raramente | Nunca |
|--|--------|-----------------|-----------|-----------|-------|
|  | (20)   | (21)            | (22)      | (23)      | (24)  |
| Sozinho                                | 1      | 1               | 1         | 1         | 1     |
| Com familiares                         | 2      | 2               | 2         | 2         | 2     |
| Com amigos                             | 3      | 3               | 3         | 3         | 3     |
| Com colegas (de estudo ou de trabalho) | 4      | 4               | 4         | 4         | 4     |

2.7- Com frequência costuma discutir programas de TV com familiares ? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?

E com amigos ?

E com colegas (de estudo ou trabalho ) ?

|  | Sempre | Frequente mente | Por vezes | Raramente | Nunca |
|--|--------|-----------------|-----------|-----------|-------|
|  | (25)   | (26)            | (27)      | (28)      | (29)  |
| Com familiares                         | 1      | 1               | 1         | 1         | 1     |
| Com amigos                             | 2      | 2               | 2         | 2         | 2     |
| Com colegas (de estudo ou de trabalho) | 3      | 3               | 3         | 3         | 3     |

2.8-Que tipo/s de programas costuma ver na TV ?

PARA CADA UM : Com que frequência vê ? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?

ANOTAR TODOS OS TIPOS DE PROGRAMAS REFERIDOS

A n e x o s

|   | <b>COSTUMA<br/>VER</b> | <b>Sempre</b> | <b>Frequente<br/>mente</b> | <b>Por vezes</b> | <b>Raramente</b> | <b>Nunca</b> |
|---|------------------------|---------------|----------------------------|------------------|------------------|--------------|
|   | (30)                   | (31)          | (32)                       | (33)             | (34)             | (35)         |
| <b>Informação</b>   | 1                      | 1             | 1                          | 1                | 1                | 1            |
| <b>Debates</b>  | 2                      | 2             | 2                          | 2                | 2                | 2            |
| <b>Filmes</b>   | 3                      | 3             | 3                          | 3                | 3                | 3            |
| <b>Séries</b>   | 4                      | 4             | 4                          | 4                | 4                | 4            |
| <b>Novelas</b>  | 5                      | 5             | 5                          | 5                | 5                | 5            |
| <b>Concursos</b>  | 6                      | 6             | 6                          | 6                | 6                | 6            |
| <b>Futebol</b>  | 7                      | 7             | 7                          | 7                | 7                | 7            |
| <b>Outros programas<br/>desportivos</b>                                 | 8                      | 8             | 8                          | 8                | 8                | 8            |
| <b>Outros programas :Quais ?<br/>ANOTAR TODOS OS REFERIDOS A SEGUIR</b> |                        | (37)          | (38)                       | (39)             | (40)             | (41)         |
|   | (36)___                | 1             | 1                          | 1                | 1                | 1            |
|   | (36)___                | 2             | 2                          | 2                | 2                | 2            |
|   | (36)___                | 3             | 3                          | 3                | 3                | 3            |
|   | (36)___                | 4             | 4                          | 4                | 4                | 4            |
|   | (36)___                | 5             | 5                          | 5                | 5                | 5            |
|   | (36)___                | 6             | 6                          | 6                | 6                | 6            |
|   | (36)___                | 7             | 7                          | 7                | 7                | 7            |
|   | (36)___                | 8             | 8                          | 8                | 8                | 8            |
|   | (36)___                | 9             | 9                          | 9                | 9                | 9            |
|   | (36)___                | 0             | 0                          | 0                | 0                | 0            |

**2.9- Quais são os três programas de TV que mais vê ?**

**CODIFICAÇÃO:**

(42)

(43)

2.10- Pessoalmente , está muito satisfeito , satisfeito , insatisfeito ou muito insatisfeito com os programas transmitidos pelas televisões no horário nobre ( entre as 21h e 23 h ) ?

|                                 |      |
|---------------------------------|------|
|                                 | (44) |
| Muito satisfeito                | 5    |
| Satisfeito                      | 4    |
| Nem satisfeito nem insatisfeito | 3    |
| Insatisfeito                    | 2    |
| Muito insatisfeito              | 1    |
| Não responde                    | 0    |

SE MUITO SATISFEITO OU SATISFEITO -----Passar à P. 2.11

Restantes-----Fazer P.2.10.1 e seguintes

2.10.1- Em sua opinião , quais destes géneros de programas é o mais adequado ao horário nobre das televisões (*MOSTRAR CARTÃO 5*)?

E a seguir , em segundo lugar ?

E a seguir , em terceiro lugar ?

|   | 1º lugar | 2º lugar | 3º lugar |
|---|----------|----------|----------|
|   | (45)     | (46)     | (47)     |
| Concursos   | 1        | 1        | 1        |
| Filmes de qualidade   | 2        | 2        | 2        |
| Séries televisivas  | 3        | 3        | 3        |
| Reality shows   | 4        | 4        | 4        |
| Futebol   | 5        | 5        | 5        |
| Teatro  | 6        | 6        | 6        |
| Debates   | 7        | 7        | 7        |
| Entrevistas a personalidades da política , da economia , da cultura | 8        | 8        | 8        |
| Grandes reportagens sobre temas nacionais ou internacionais         | 9        | 9        | 9        |
| Reposições de programas de sucesso                                  | 0        | 0        | 0        |

## A n e x o s

**2.11- Com que frequência usa o comando à distância ? Constantemente , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?**

|                       |      |
|-----------------------|------|
|                       | (42) |
| <b>Constantemente</b> | 1    |
| <b>Frequentemente</b> | 2    |
| <b>Por vezes</b>      | 3    |
| <b>Raramente</b>      | 4    |
| <b>Nunca</b>          | 5    |
| <b>Não responde</b>   | 6    |

**2.12- O comando à distância é usado também frequentemente por outro membro do seu agregado familiar ?**

|            |      |
|------------|------|
|            | (43) |
| <b>Sim</b> | 1    |
| <b>Não</b> | 0    |

SE SIM -----Fazer P.2.12.1 e seguintes

SE NÃO -----Passar para P.2.13

**2.12.1-Por quem ? Com que frequência ? Constantemente , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?**

|                               | USAM | Constante<br>mente | Frequente<br>Mente | Por vezes | Raramente | Não sabe |
|-------------------------------|------|--------------------|--------------------|-----------|-----------|----------|
|                               | (44) | (45)               | (46)               | (47)      | (48)      | (49)     |
| <b>Cônjuge</b>                | 1    | 1                  | 1                  | 1         | 1         | 1        |
| <b>Filho(s)</b>               | 2    | 2                  | 2                  | 2         | 2         | 2        |
| <b>Pai</b>                    | 3    | 3                  | 3                  | 3         | 3         | 3        |
| <b>Mãe</b>                    | 4    | 4                  | 4                  | 4         | 4         | 4        |
| <b>Irmão(s)</b>               | 5    | 5                  | 5                  | 5         | 5         | 5        |
| <b>Outros . Quais ? _____</b> |      |                    |                    |           |           |          |
| _____                         | *    | *                  | *                  | *         | *         | *        |
| _____                         |      |                    |                    |           |           |          |

## Anexos

**2.13- Qual é o canal de TV nacional que mais vê ? E a seguir , em segundo lugar ? E a seguir , em terceiro lugar?**

|                                  | 1º lugar | 2º lugar | 3º lugar |
|----------------------------------|----------|----------|----------|
|                                  | (50)     | (51)     | (52)     |
| RTP 1                            | 1        | 1        | 1        |
| RTP 2                            | 2        | 2        | 2        |
| SIC                              | 3        | 3        | 3        |
| TVI                              | 4        | 4        | 4        |
| RTPN                             | 5        | 5        | 5        |
| SIC Notícias                     | 6        | 6        | 6        |
| Outro por cabo. QUAL ?<br>ANOTAR | 7        | 7        | 7        |
|                                  | *        | *        | *        |
|                                  | *        | *        | *        |
|                                  | *        | *        | *        |

**2.14- Vê canais de TV estrangeiros?**

|     |      |
|-----|------|
|     | (53) |
| Sim | 1    |
| Não | 0    |

SE SIM -----Fazer P2.14.1. e seguintes

SE NÃO -----Passar a P.2.15

**P.2.14.1- Quais?**

**CODIFICAÇÃO :**

(54) \_\_\_\_\_ (55) \_\_\_\_\_

2.15- Quais são os três programas de TV que mais vê?

**CODIFICAÇÃO:**  
 (56) \_\_\_\_\_ (57) \_\_\_\_\_

2.16-Para si , qual é o grau de credibilidade da informação que a ..... transmite ? Acredita totalmente , acredita , acredita em parte , não acredita em parte , não acredita ou não acredita nada ?  
 ( MOSTRAR CARTÃO 6 )  
**REPETIR A PERGUNTA PARA CADA CANAL.**

|                                     | Acredita totalmente | Acredita | Acredita em parte | Não acredita em parte | Não acredita | Não acredita nada | Não responde |
|-------------------------------------|---------------------|----------|-------------------|-----------------------|--------------|-------------------|--------------|
|                                     | (58)                | (59)     | (60)              | (61)                  | (62)         | (63)              | (64)         |
| RTP1                                | 1                   | 1        | 1                 | 1                     | 1            | 1                 | 1            |
| RTP2                                | 2                   | 2        | 2                 | 2                     | 2            | 2                 | 2            |
| SIC                                 | 3                   | 3        | 3                 | 3                     | 3            | 3                 | 3            |
| TVI                                 | 4                   | 4        | 4                 | 4                     | 4            | 4                 | 4            |
| RTPN                                | 5                   | 5        | 5                 | 5                     | 5            | 5                 | 5            |
| SIC Noticias                        | 6                   | 6        | 6                 | 6                     | 6            | 6                 | 6            |
| Outro (REFERIDO EM P.2.11) . ANOTAR | 7                   | 7        | 7                 | 7                     | 7            | 7                 | 7            |
|                                     | *                   | *        | *                 | *                     | *            | *                 | *            |
|                                     | *                   | *        | *                 | *                     | *            | *                 | *            |
|                                     | *                   | *        | *                 | *                     | *            | *                 | *            |



Anexos

2.17- Gostaria agora de saber se concorda totalmente , concorda , discorda ou discorda totalmente com cada uma das seguintes afirmações ( *MOSTRAR CARTÃO 7* )

|   | Concor da total mente | Concor da | Não concorda nem discorda | Discorda | Discorda totalmen te | Não responde |
|---|-----------------------|-----------|---------------------------|----------|----------------------|--------------|
|   | (65)                  | (66)      | (67)                      | (68)     | (69)                 | (70)         |
| A formação de grandes grupos multimédia põe em causa a pluralidade de informação e de programas | 1                     | 1         | 1                         | 1        | 1                    | 1            |
| Há demasiada publicidade na TV  | 2                     | 2         | 2                         | 2        | 2                    | 2            |
| Os governos interferem na informação televisiva   | 3                     | 3         | 3                         | 3        | 3                    | 3            |
| A multiplicação de canais favorece a diversidade de opiniões                                    | 4                     | 4         | 4                         | 4        | 4                    | 4            |
| A TV , sem ser por cabo , nunca deveria passar programas pornográficos                          | 5                     | 5         | 5                         | 5        | 5                    | 5            |
| A TV estimula o espírito crítico  | 6                     | 6         | 6                         | 6        | 6                    | 6            |
| A difusão de programas pornográficos na TV , tal como acontece actualmente , não me incomoda    | 7                     | 7         | 7                         | 7        | 7                    | 7            |
| A concorrência entre canais favorece a especulação em prejuizo da qualidade dos programas       | 8                     | 8         | 8                         | 8        | 8                    | 8            |
| É preciso controlar melhor a difusão de programas pornográficos na TV                           | 9                     | 9         | 9                         | 9        | 9                    | 9            |
| Não se justifica a existência de canais publicos de televisão                                   | 0                     | 0         | 0                         | 0        | 0                    | 0            |

2.18- E com as seguintes afirmações ? Concorde totalmente , concorde , discorde ou discorde totalmente com cada uma das seguintes afirmações ( **MOSTRAR CARTÃO 7** )

|   | Concorde totalmente | Concorde | Não concorda nem discorda | Discorda | Discorda totalmente | Não responde |
|---|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|--------------|
|   | (71)                | (72)     | (73)                      | (74)     | (75)                | (76)         |
| Os canais públicos de televisão ( RTP1 ,RTP2 e RTPN ) são o garante da pluralidade da informação e do respeito pelas minorias | 1                   | 1        | 1                         | 1        | 1                   | 1            |
| Não há diferença entre canais públicos e canais privados , no que respeita às relações com o Governo                          | 2                   | 2        | 2                         | 2        | 2                   | 2            |
| A defesa da língua portuguesa e da produção nacional é uma obrigação tanto dos canais públicos como dos privados              | 3                   | 3        | 3                         | 3        | 3                   | 3            |
| Habitualmente , os canais de TV cumprem os horários dos seus programas  |                     |          |                           |          |                     |              |
| A formação de grandes grupos multimédia é inevitável nos dias de hoje   | 4                   | 4        | 4                         | 4        | 4                   | 4            |
| Não há diferença entre canais públicos e privados , no que respeita às relações com o poder económico                         | 5                   | 5        | 5                         | 5        | 5                   | 5            |
| O actual incumprimento dos horários dos programas de TV é uma falta de respeito pelos telespectadores                         | 6                   | 6        | 6                         | 6        | 6                   | 6            |
| A evolução da televisão torna cada vez mais necessária a existência de canais públicos  | 7                   | 7        | 7                         | 7        | 7                   | 7            |
| O Governo tem mais possibilidades de controlar os canais públicos de televisão que os canais privados                         | 8                   | 8        | 8                         | 8        | 8                   | 8            |
| Só os canais públicos de televisão escapam ao poder económico   | 9                   | 9        | 9                         | 9        | 9                   | 9            |
| Tanto os canais públicos como os canais privados de televisão garantem a pluralidade e o respeito pelas minorias              | 0                   | 0        | 0                         | 0        | 0                   | 0            |
| A televisão , seja pública ou seja privada , toda ela está submetida ao poder económico                                       | Y                   | Y        | Y                         | Y        | Y                   | Y            |
| Só os canais privados escapam à influência do Governo   | X                   | X        | X                         | X        | X                   | X            |

2.19- Considera a cobertura televisiva do desaparecimento na Praia da Luz no Algarve da menina chamada Madeleine McCann excessiva , adequada ou insuficiente ?

|              | (77) |
|--------------|------|
| Excessiva    | 1    |
| Adequada     | 2    |
| Insuficiente | 3    |
| Não responde | 4    |

2.20- Em sua opinião , o que seria preciso para melhorar a TV ?

**CODIFICAÇÃO:**

(78) \_\_\_\_\_ (79) \_\_\_\_\_

(80) \_\_\_\_\_

**GRAVAÇÃO :**

(01) a (08) – repetir      (09) = 0      (10)= 3

**3. RÁDIO**

VER NA P. 1.2 e P.1.4 SE OUVIR RÁDIO E CONFIRMAR :

3.1- Costuma ouvir Rádio ?

|     |      |
|-----|------|
|     | (11) |
| Sim | 1    |
| Não | 0    |

SE COSTUMA OUVIR RÁDIO ----- Fazer P.3.2 e seguintes

SE NÃO COSTUMA OUVIR -----Passar à P.3.12

3.2- Com que frequência costuma ouvir Rádio ? Diariamente , frequentemente ou raramente ?

|                |      |
|----------------|------|
|                | (12) |
| Diariamente    | 1    |
| Frequentemente | 2    |
| Raramente      | 3    |
| Não responde   | 4    |

## A n e x o s

SE OUVES DIARIAMENTE -----Fazer P.3.2.1 e seguintes

SE NÃO OUVES DIARIAMENTE ----Passar a P.3.3

3.2.1.-Quanto tempo costuma ouvir Rádio por dia de 2ª a 6ª feira ?

3.2.2.-E quanto tempo costuma ouvir Rádio por dia ao fim de semana ?

[RESPOSTA NO QUADRO ]

|                 | 2ª a 6ª<br>feira | Fim<br>Semana |
|-----------------|------------------|---------------|
|                 | (13)             | (14)          |
| Menos de 1 hora | 1                | 1             |
| De 1 a 2 horas  | 2                | 2             |
| De 2 a 3 horas  | 3                | 3             |
| De 3 a 5 horas  | 4                | 4             |
| De 5 a 8 horas  | 5                | 5             |
| Mais de 8 horas | 6                | 6             |
| Vê todo o dia   | 7                | 7             |
| Não responde    | 8                | 8             |

3.3- (MOSTRAR CARTÃO 4) -Em que momento do dia ouve mais Rádio ? E a seguir ? E a seguir ?

|                                  | 1º lugar<br>(15) | 2º lugar<br>(16) | 3º lugar<br>(17) |
|----------------------------------|------------------|------------------|------------------|
| Início da manhã                  | 1                | 1                | 1                |
| Manhã                            | 2                | 2                | 2                |
| Ao almoço                        | 3                | 3                | 3                |
| Tarde                            | 4                | 4                | 4                |
| Fim de tarde (entre 18 e 19,30h) | 5                | 5                | 5                |
| Ao jantar                        | 6                | 6                | 6                |
| Depois do jantar                 | 7                | 7                | 7                |
| Todo o dia                       | 8                | 8                | 8                |
| Não responde                     | 9                | 9                | 9                |

## Anexos

**3.4- Com que frequência acontecem consigo as seguintes situações? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?**

**LER AS SITUAÇÕES UMA A UMA E RECOLHER A FREQUENCIA**

|   | Sempre | Frequente<br>mente | Por vezes | Raramente | Nunca |
|---|--------|--------------------|-----------|-----------|-------|
|   | (18)   | (19)               | (20)      | (21)      | (22)  |
| Ligar a Rádio automaticamente                             | 1      | 1                  | 1         | 1         | 1     |
| Manter a Rádio ligada sem lhe prestar atenção             | 2      | 2                  | 2         | 2         | 2     |
| Seguir o que dá na Rádio enquanto faz outras coisas       | 3      | 3                  | 3         | 3         | 3     |
| Ouvir um programa da Rádio sem fazer mais nada            | 4      | 4                  | 4         | 4         | 4     |
| Ligar a Rádio para ouvir determinado programa             | 5      | 5                  | 5         | 5         | 5     |
| Desligar a Rádio quando acaba o programa que está a ouvir | 6      | 6                  | 6         | 6         | 6     |

**3.5-Onde é que ouve mais Rádio? E a seguir , em segundo lugar ? E a seguir , em terceiro lugar ?**

|                                 |                                | 1º<br>lugar | 2º<br>lugar | 3º<br>lugar |
|---------------------------------|--------------------------------|-------------|-------------|-------------|
|                                 |                                | (23)        | (24)        | (25)        |
| Em Casa                         |                                | 0           | 0           | 0           |
| Onde? Em que divi<br>são / ões? | Sala                           | 1           | 1           | 1           |
|                                 | Quarto                         | 2           | 2           | 2           |
|                                 | Escritório                     | 3           | 3           | 3           |
|                                 | Cozinha                        | 4           | 4           | 4           |
|                                 | Outro local da casa<br>(Qual?) |             |             |             |
| No automóvel                    |                                | 8           | 8           | 8           |
| No local de trabalho            |                                | 9           | 9           | 9           |
| Outro local                     |                                | X           | X           | X           |

## A n e x o s

**3.6-Com que frequência costuma ouvir Rádio sozinho ? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?**  
**E com familiares?**  
**E com amigos ?**  
**E com colegas ( de estudo ou de trabalho) ?**

**LER AS SITUAÇÕES – sozinho , etc – UMA A UMA**

|   | Sempre | Frequente<br>mente | Por vezes | Raramente | Nunca |
|---|--------|--------------------|-----------|-----------|-------|
|   | (26)   | (27)               | (28)      | (29)      | (30)  |
| <b>Sozinho</b>                                | 1      | 1                  | 1         | 1         | 1     |
| <b>Com familiares</b>                         | 2      | 2                  | 2         | 2         | 2     |
| <b>Com amigos</b>                             | 3      | 3                  | 3         | 3         | 3     |
| <b>Com colegas (de estudo ou de trabalho)</b> | 4      | 4                  | 4         | 4         | 4     |

**3.7-Que tipo/s de programas costuma ouvir na Rádio ?**  
**PARA CADA UM : Com que frequência ouve ? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?**

**ANOTAR TODOS OS TIPOS DE PROGRAMAS REFERIDOS**

|  | COSTUMA<br>OUVIR | Sempre | Frequente<br>mente | Por vezes | Raramente | Nunca |
|--|------------------|--------|--------------------|-----------|-----------|-------|
|  | (31)             | (32)   | (33)               | (34)      | (35)      | (36)  |
| <b>Informação</b>  | 1                | 1      | 1                  | 1         | 1         | 1     |
| <b>Debates</b>   | 2                | 2      | 2                  | 2         | 2         | 2     |
| <b>Música</b>  | 3                | 3      | 3                  | 3         | 3         | 3     |
| <b>Futebol</b>   | 4                | 4      | 4                  | 4         | 4         | 4     |
| <b>Outros programas<br/>desportivos</b>                                      | 5                | 5      | 5                  | 5         | 5         | 5     |
| <b>Outros programas :Quais ?<br/>ANOTAR TODOS OS REFE<br/>RIDOS A SEGUIR</b> |                  | (38)   | (39)               | (40)      | (41)      | (42)  |
|  | (37)____         | 1      | 1                  | 1         | 1         | 1     |
|  | (37)____         | 2      | 2                  | 2         | 2         | 2     |
|  | (37)____         | 3      | 3                  | 3         | 3         | 3     |
|  | (37)____         | 4      | 4                  | 4         | 4         | 4     |
|  | (37)____         | 5      | 5                  | 5         | 5         | 5     |
|  | (37)____         | 6      | 6                  | 6         | 6         | 6     |

Anexos

3.8- Com que frequência muda de estação ? Constantemente , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?

|                |      |
|----------------|------|
|                | (43) |
| Constantemente | 1    |
| Frequentemente | 2    |
| Por vezes      | 3    |
| Raramente      | 4    |
| Nunca          | 5    |
| Não responde   | 6    |

3.9- Qual é a estação de Rádio nacional que mais ouve ? E a seguir , em segundo lugar ? E a seguir , em terceiro lugar?

|                       | 1º lugar | 2º lugar | 3º lugar |
|-----------------------|----------|----------|----------|
|                       | (44)     | (45)     | (46)     |
| ANTENA1               | 1        | 1        | 1        |
| ANTENA 2              | 2        | 2        | 2        |
| ANTENA 3              | 3        | 3        | 3        |
| RADIO CLUB PORTUGUÊS  | 4        | 4        | 4        |
| RÁDIO COMERCIAL       | 5        | 5        | 5        |
| RÁDIO RENASCENÇA      | 6        | 6        | 6        |
| RFM                   | 7        | 7        | 7        |
| TSF                   | 8        | 8        | 8        |
| Outra . QUAL ? ANOTAR | 9        | 9        | 9        |
|                       | *        | *        | *        |
|                       | *        | *        | *        |
|                       | *        | *        | *        |
|                       | *        | *        | *        |

3.10- Ouve estações de Rádio estrangeiras?

|     |      |
|-----|------|
|     | (47) |
| Sim | 1    |
| Não | 0    |

SE SIM -----Fazer P3.10.1. e seguintes  
SE NÃO -----Passar a P.3.11

P.3.10.1- Quais?

**CODIFICAÇÃO :**

(48)

(49)

3.11- Quais são os três programas de Rádio que mais ouve ?

**CODIFICAÇÃO:**

(50)

(51)

3.12-Para si , qual é o grau de credibilidade da informação que a ..... transmite ? Acredita totalmente , acredita , acredita em parte, não acredita em parte , não acredita ou não acredita nada ?

( MOSTRAR CARTÃO 6)

REPETIR A PERGUNTA PARA CADA ESTAÇÃO.

|                                    | Acredita totalmente | Acredita | Acredita em parte | Não acredita em parte | Não acredita | Não acredita nada | Não responde |
|------------------------------------|---------------------|----------|-------------------|-----------------------|--------------|-------------------|--------------|
|                                    | (52)                | (53)     | (54)              | (55)                  | (56)         | (57)              | (58)         |
| ANTENA 1                           | 1                   | 1        | 1                 | 1                     | 1            | 1                 | 1            |
| ANTENA 2                           | 2                   | 2        | 2                 | 2                     | 2            | 2                 | 2            |
| ANTENA 3                           | 3                   | 3        | 3                 | 3                     | 3            | 3                 | 3            |
| RÁDIO CLUB PORTUGUÊS               | 4                   | 4        | 4                 | 4                     | 4            | 4                 | 4            |
| RÁDIO COMERCIAL                    | 5                   | 5        | 5                 | 5                     | 5            | 5                 | 5            |
| RÁDIO RENASCENÇA                   | 6                   | 6        | 6                 | 6                     | 6            | 6                 | 6            |
| RFM                                | 7                   | 7        | 7                 | 7                     | 7            | 7                 | 7            |
| TSF                                | 8                   | 8        | 8                 | 8                     | 8            | 8                 | 8            |
| Outra (REFERIDO EM P.3.9) . ANOTAR | 9                   | 9        | 9                 | 9                     | 9            | 9                 | 9            |
|                                    | *                   | *        | *                 | *                     | *            | *                 | *            |
|                                    |                     |          |                   |                       |              |                   |              |



3.13-Gostaria agora de saber se concorda totalmente , concorda , discorda ou discorda totalmente com cada uma das seguintes afirmações ( *MOSTRAR CARTÃO 7* )

|  | Concor da total mente | Concor da | Não concorda nem discorda | Discorda | Discorda totalmen te | Não responde |
|--|-----------------------|-----------|---------------------------|----------|----------------------|--------------|
|  | (59)                  | (60)      | (61)                      | (62)     | (63)                 | (64)         |
| O serviço publico de Rádio é garante da independência da informação e do respeito pelas minorias     | 1                     | 1         | 1                         | 1        | 1                    | 1            |
| A multiplicação de estações favorece a diversidade de opiniões                                       | 2                     | 2         | 2                         | 2        | 2                    | 2            |
| A Rádio incentiva a produção musical portuguesa  | 3                     | 3         | 3                         | 3        | 3                    | 3            |
| Os governos interferem na informação radiofónica   | 4                     | 4         | 4                         | 4        | 4                    | 4            |
| Não se justifica a existência de estações publicas de Rádio  | 5                     | 5         | 5                         | 5        | 5                    | 5            |
| A concorrência entre estações de Rádio favorece a especulação em prejuizo da qualidade dos programas | 6                     | 6         | 6                         | 6        | 6                    | 6            |
| A Rádio estimula o espirito crítico  | 7                     | 7         | 7                         | 7        | 7                    | 7            |

3.14- Em sua opinião , o que seria preciso para melhorar a Rádio?

**CODIFICAÇÃO:**

(65) \_\_\_\_\_ (66) \_\_\_\_\_

(67) \_\_\_\_\_

**4. IMPRENSA**

VER NA P. SE LÊ JORNAIS E CONFIRMAR :

**4.1- Nos últimos 30 dias leu ou folheu algum jornal diário nacional de informação geral ?**

|     |      |
|-----|------|
|     | (68) |
| Sim | 1    |
| Não | 0    |

SE LEU JORNAIS DIARIOS ----- Fazer P.4.2 e seguintes

SE NÃO LEU-----Passar à P.4.9

**4.2- Com que frequência costuma ler ou folhear jornais diários nacionais de informação geral ? Todos os dias , cinco ou seis dias por semana , três ou quatro dias por semana , um ou dois dias por semana ou com menor frequência ?**

|                        |      |
|------------------------|------|
|                        | (69) |
| Todos os dias          | 1    |
| 5 ou 6 dias por semana | 2    |
| 3 ou 4 dias por semana | 3    |
| 1 ou 2 dias por semana | 4    |
| Menor frequência       | 5    |
| Não responde           | 6    |

**4.3- (MOSTRAR CARTÃO 4) -Em que momento do dia lê mais o se jornal diário nacional de informação geral ? E a seguir ? E a seguir ?**

|                                  | 1º lugar | 2º lugar | 3º lugar |
|----------------------------------|----------|----------|----------|
|                                  | (70)     | (71)     | (72)     |
| Início da manhã                  | 1        | 1        | 1        |
| Manhã                            | 2        | 2        | 2        |
| Ao almoço                        | 3        | 3        | 3        |
| Tarde                            | 4        | 4        | 4        |
| Fim de tarde (entre 18 e 19,30h) | 5        | 5        | 5        |
| Ao jantar                        | 6        | 6        | 6        |
| Depois do jantar                 | 7        | 7        | 7        |
| Todo o dia                       | 8        | 8        | 8        |
| Não responde                     | 9        | 9        | 9        |

## Anexos

4.4- Com que frequência acontecem consigo as seguintes situações? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?

LER AS SITUAÇÕES UMA A UMA E RECOLHER A FREQUENCIA

|  | Sempre | Frequente mente | Por vezes | Raramente | Nunca |
|--|--------|-----------------|-----------|-----------|-------|
|  | (73)   | (74)            | (75)      | (76)      | (77)  |
| Ler/ ver apenas a primeira página  | 1      | 1               | 1         | 1         | 1     |
| Ler apenas os títulos  | 2      | 2               | 2         | 2         | 2     |
| Folhear rapidamente da primeira à última página                                | 3      | 3               | 3         | 3         | 3     |
| Dirigir-se imediatamente à secção do seu agrado                                | 4      | 4               | 4         | 4         | 4     |
| Ler atentamente da primeira à última página                                    | 5      | 5               | 5         | 5         | 5     |
| Retirar imediatamente os suplementos e conservar , apenas , o corpo do jornal  | 6      | 6               | 6         | 6         | 6     |
| Dar atenção à informação publicitária  | 7      | 7               | 7         | 7         | 7     |
| Guardar o jornal de um dia para o outro na esperança de o poder ler mais tarde | 8      | 8               | 8         | 8         | 8     |
| Escrever uma carta ao Director   | 9      | 9               | 9         | 9         | 9     |
| Recortar um arquivo para o arquivar  | 0      | 0               | 0         | 0         | 0     |

4.5-Onde é que costuma ler mais o seu jornal diário nacional de informação geral ? E a seguir , em segundo lugar ? E a seguir , em terceiro lugar ?

|                         | 1º lugar | 2º lugar | 3º lugar |
|-------------------------|----------|----------|----------|
|                         | (78)     | (79)     | (80)     |
| Em Casa                 | 1        | 1        | 1        |
| No local de trabalho    | 2        | 2        | 2        |
| Nos transportes         | 3        | 3        | 3        |
| Café / Bar/ Restaurante | 4        | 4        | 4        |
| Clube/Associação        | 5        | 5        | 5        |
| Outro local. Qual ?     | 6        | 6        | 6        |
|                         |          |          |          |

**GRAVAÇÃO :**  
(01) a (08) – repetir                      (09) = 0                      (10)= 3

## A n e x o s

### 4.6- Qual /is dos jornais diários nacionais de informação geral lê mais frequentemente ?

|  |      |
|--|------|
|  | (11) |
| <b>24 Horas</b>                            | 1    |
| <b>Correio da Manhã</b>                    | 2    |
| <b>Diário de Notícias</b>                  | 3    |
| <b>Jornal de Notícias</b>                  | 4    |
| <b>Publico</b>                             | 5    |
| <b>Primeiro de Janeiro</b>                 | 6    |
| <b>Outro não gratuito. Qual ?</b><br>_____ |      |
| <b>Jornal Gratuito . Qual ?</b><br>_____   |      |

### 4.7-Que rubricas costuma ler no seu jornal diário nacional de informação geral ?

**PARA CADA UMA : Com que frequência lê ? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?**

### ANOTAR TODAS AS RUBRICAS REFERIDAS

|  | COSTUMA LER | Sempre | Frequente mente | Por vezes | Raramente | Nunca |
|--|-------------|--------|-----------------|-----------|-----------|-------|
|  | (12)        | (13)   | (14)            | (15)      | (16)      | (17)  |
| <b>Artigos de opinião</b>                            | 1           | 1      | 1               | 1         | 1         | 1     |
| <b>Economia e Trabalho</b>                           | 2           | 2      | 2               | 2         | 2         | 2     |
| <b>Cultura e Educação</b>                            | 3           | 3      | 3               | 3         | 3         | 3     |
| <b>Desporto</b>                                      | 4           | 4      | 4               | 4         | 4         | 4     |
| <b>Saúde e Ambiente</b>                              | 5           | 5      | 5               | 5         | 5         | 5     |
| <b>Justiça</b>                                       | 6           | 6      | 6               | 6         | 6         | 6     |
| <b>Política Nacional e Internacional</b>             | 7           | 7      | 7               | 7         | 7         | 7     |
| <b>Diversos- crimes , acidentes de estrada , etc</b> | 8           | 8      | 8               | 8         | 8         | 8     |
| <b>Outras rubricas :Quais ?</b>                      |             | (19)   | (20)            | (21)      | (22)      | (23)  |
| <b>ANOTAR TODOS AS REFERIDAS A SEGUIR</b>            |             |        |                 |           |           |       |
|  | (18)____    | 1      | 1               | 1         | 1         | 1     |
|  | (18)____    | 2      | 2               | 2         | 2         | 2     |
|  | (18)____    | 3      | 3               | 3         | 3         | 3     |
|  | (18)____    | 4      | 4               | 4         | 4         | 4     |
|  | (18)____    | 5      | 5               | 5         | 5         | 5     |

4.8-Gostaria agora de saber se concorda totalmente , concorda , discorda ou discorda totalmente com cada uma das seguintes afirmações ( **MOSTRAR CARTÃO 7** )

|   | Concor da total mente | Concor da | Não concorda nem discorda | Discorda | Discorda totalmen te | Não responde |
|---|-----------------------|-----------|---------------------------|----------|----------------------|--------------|
|   | (24)                  | (25)      | (26)                      | (27)     | (28)                 | (29)         |
| Tenho cada vez menos tempo para ler jornais diários                                     | 1                     | 1         | 1                         | 1        | 1                    | 1            |
| Os jornais gratuitos dão-me a informação suficiente                                     | 2                     | 2         | 2                         | 2        | 2                    | 2            |
| Os governos interferem no conteúdo dos jornais  | 3                     | 3         | 3                         | 3        | 3                    | 3            |
| A imprensa aprofunda as notícias da Rádio e Televisão                                   | 4                     | 4         | 4                         | 4        | 4                    | 4            |
| A concorrência entre jornais favorece a especulação em prejuízo da qualidade dos textos | 5                     | 5         | 5                         | 5        | 5                    | 5            |
| A Imprensa estimula o espírito crítico  | 6                     | 6         | 6                         | 6        | 6                    | 6            |
| A concorrência entre jornais favorece a liberdade de imprensa                           | 7                     | 7         | 7                         | 7        | 7                    | 7            |

4.9- Nos últimos 30 dias leu ou folheou algum jornal diário desportivo nacional ?

|     | (30) |
|-----|------|
| Sim | 1    |
| Não | 0    |

SE LEU JORNAIS DIARIOS DESPORTIVOS----- Fazer P.4.10 e seguintes

SE NÃO LEU--- -----Passar à P.4.12

4.10- Com que frequência costuma ler ou folhear jornais diários nacionais desportivos ? Todos os dias , cinco ou seis dias por semana , três ou quatro dias por semana , um ou dois dias por semana ou com menor frequência ?

|                        | (31) |
|------------------------|------|
| Todos os dias          | 1    |
| 5 ou 6 dias por semana | 2    |
| 3 ou 4 dias por semana | 3    |
| 1 ou 2 dias por semana | 4    |
| Menor frequência       | 5    |
| Não responde           | 6    |

## A n e x o s

**4.11- Qual/ís dos jornais diários nacionais desportivos costuma ler ou folhear?**

|                                      |      |
|--------------------------------------|------|
|                                      | (32) |
| <b>A Bola</b>                        | 1    |
| <b>O Jogo</b>                        | 2    |
| <b>Record</b>                        | 3    |
| <b>Diário desportivo ( Gratuito)</b> | 4    |
| <b>Outro. Qual ?</b><br>_____        | 5    |

**4.12- Nos últimos 30 dias leu ou folheu algum semanário nacional de informação geral ?**

|            |      |
|------------|------|
|            | (32) |
| <b>Sim</b> | 1    |
| <b>Não</b> | 0    |

**SE LEU SEMANARIOS DE INFORMAÇÃO GERAL----- Fazer P.4.13 e seguintes**

**SE NÃO LEU--- -----Passar à P.4.15**

**4.13- Com que frequência costuma ler ou folhear semanários de informação geral ? Todas as semanas , duas ou três semanas por mês , uma semana por mês ou menor frequência?**

|                               |      |
|-------------------------------|------|
|                               | (33) |
| <b>Todos as semanas</b>       | 1    |
| <b>2 ou 3 semanas por mês</b> | 2    |
| <b>1 semana por mês</b>       | 3    |
| <b>Menor frequência</b>       | 4    |
| <b>Não responde</b>           | 5    |

**4.14- Qual/ís dos jornais semanários nacionais de informação geral costuma ler ou folhear?**

|                               |      |
|-------------------------------|------|
|                               | (32) |
| <b>Expresso</b>               | 1    |
| <b>Focus</b>                  | 2    |
| <b>Sábado</b>                 | 3    |
| <b>Sol</b>                    | 4    |
| <b>Visão</b>                  | 5    |
| <b>Outro. Qual ?</b><br>_____ | 6    |

4.15-Para si , qual é o grau de credibilidade da informação que ..... transmite ? Acredita totalmente , acredita , acredita em parte, não acredita em parte , não acredita ou não acredita nada ?  
 ( MOSTRAR CARTÃO 6)  
 REPETIR A PERGUNTA PARA CADA TITULO.

|                        | Acredita totalmente | Acredita | Acredita em parte | Não acredita em parte | Não acredita | Não acredita nada | Não responde |
|------------------------|---------------------|----------|-------------------|-----------------------|--------------|-------------------|--------------|
|                        | (33)                | (34)     | (35)              | (36)                  | (37)         | (38)              | (39)         |
| 24 HORAS               | 1                   | 1        | 1                 | 1                     | 1            | 1                 | 1            |
| CORREIO DA MANHÃ       | 2                   | 2        | 2                 | 2                     | 2            | 2                 | 2            |
| DIÁRIO NOTÍCIAS        | 3                   | 3        | 3                 | 3                     | 3            | 3                 | 3            |
| JORNAL NOTÍCIAS        | 4                   | 4        | 4                 | 4                     | 4            | 4                 | 4            |
| PUBLICO                | 5                   | 5        | 5                 | 5                     | 5            | 5                 | 5            |
| PRIMEIRO DE JANEIRO    | 6                   | 6        | 6                 | 6                     | 6            | 6                 | 6            |
| EXPRESSO               | 7                   | 7        | 7                 | 7                     | 7            | 7                 | 7            |
| FOCUS                  | 8                   | 8        | 8                 | 8                     | 8            | 8                 | 8            |
| SABADO                 | 9                   | 9        | 9                 | 9                     | 9            | 9                 | 9            |
| SOL                    | *                   | *        | *                 | *                     | *            | *                 | *            |
| VISÃO                  |                     |          |                   |                       |              |                   |              |
| JORNAL DIÁRIO GRATUITO |                     |          |                   |                       |              |                   |              |

4.16- Nos últimos 30 dias leu ou folheou alguma revista semanal nacional especializada ?

|     |      |
|-----|------|
|     | (40) |
| Sim | 1    |
| Não | 0    |

SE LEU REVISTAS ESPECIALIZADAS----- Fazer P.4.17 e seguintes  
 SE NÃO LEU-----Passar à P.4.19

4.17- Qual ou quais ?

Anexos

**CODIFICAÇÃO:**  
 (41) \_\_\_\_\_ (42) \_\_\_\_\_

**4.18- De que especialidades/s?**

|                           |      |
|---------------------------|------|
|                           | (43) |
| <b>Artigos para o lar</b> | 1    |
| <b>Moda</b>               | 2    |
| <b>Sociedade</b>          | 3    |
| <b>Feminina</b>           | 4    |
| <b>Masculina</b>          | 5    |
| <b>Para jovens</b>        | 6    |
| <b>Automóveis</b>         | 7    |
| <b>Bricolage</b>          | 8    |
| <b>Viagens, Turismo</b>   | 9    |
| <b>Outras:</b>            | (44) |
| <b>QUAIS ?</b>            |      |
| _____                     |      |
| _____                     |      |
| _____                     |      |

**4.19- Lê jornais ou revistas estrangeiras ?**

|            |      |
|------------|------|
|            | (45) |
| <b>Sim</b> | 1    |
| <b>Não</b> | 0    |

SE LEU ----- Fazer P.4.20 e seguintes  
 SE NÃO LEU--- -----Passar à P.22

**4.20- Qual ou quais ?**

**CODIFICAÇÃO:**  
 (46) \_\_\_\_\_ (47) \_\_\_\_\_



## Anexos

**4.21- Com que frequência ?Mais que uma vez por semana , uma vez por semana , uma vez por mês ou mais raramente ?**

|                       |      |
|-----------------------|------|
|                       | (48) |
| Mais que 1 vez semana | 1    |
| Uma vez semana        | 2    |
| 1 vez por mês         | 3    |
| Mais raramente        | 4    |
| Não responde          | 5    |

**4.22- Com frequência costuma discutir artigos ou notícias de jornais ou revistas nacionais ou estrangeiras com familiares ? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?**

**E com amigos ?**

**E com colegas (de estudo ou trabalho) ?**

|   | Sempre | Frequente<br>mente | Por vezes | Raramente | Nunca |
|---|--------|--------------------|-----------|-----------|-------|
|   | (49)   | (50)               | (51)      | (52)      | (53)  |
| <b>Com familiares</b>                         | 1      | 1                  | 1         | 1         | 1     |
| <b>Com amigos</b>                             | 2      | 2                  | 2         | 2         | 2     |
| <b>Com colegas (de estudo ou de trabalho)</b> | 3      | 3                  | 3         | 3         | 3     |

**4.23- Em sua opinião , o que seria preciso para melhorar a Imprensa Escrita?**

**CODIFICAÇÃO:**

(54) \_\_\_\_\_ (55) \_\_\_\_\_

(56) \_\_\_\_\_

**5. INTERNET**

VER NA P. 1.2 e P.1.4 SE ACEDE A INTERNET E CONFIRMAR :

**5.1- Costuma aceder à Internet ?**

|            |      |
|------------|------|
|            | (57) |
| <b>Sim</b> | 1    |
| <b>Não</b> | 0    |

SE COSTUMA ACEDER À INTERNET----- Fazer P.5.2 e seguintes

SE NÃO COSTUMA ACEDER-----Passar à P.6.1

**5.2- Com que frequência costuma aceder à Internet ? Diariamente , frequentemente ou raramente ?**

|                       |      |
|-----------------------|------|
|                       | (58) |
| <b>Diariamente</b>    | 1    |
| <b>Frequentemente</b> | 2    |
| <b>Raramente</b>      | 3    |
| <b>Não responde</b>   | 4    |

SE ACEDE DIARIAMENTE -----Fazer P.5.2.1 e seguintes

SE NÃO ACEDE DIARIAMENTE ----Passar a P.5.3

**5.2.1.-Quanto tempo costuma aceder à Internet por dia de 2ª a 6ª feira ?**

**5.2.2.-E quanto tempo costuma aceder à Internet por dia ao fim de semana ?**

[RESPOSTA NO QUADRO ]

|                        | <b>2ª a 6ª<br/>feira</b> | <b>Fim<br/>Semana</b> |
|------------------------|--------------------------|-----------------------|
|                        | (59)                     | (60)                  |
| <b>Menos de 1 hora</b> | 1                        | 1                     |
| <b>De 1 a 2 horas</b>  | 2                        | 2                     |
| <b>De 2 a 3 horas</b>  | 3                        | 3                     |
| <b>De 3 a 5 horas</b>  | 4                        | 4                     |
| <b>De 5 a 8 horas</b>  | 5                        | 5                     |
| <b>Mais de 8 horas</b> | 6                        | 6                     |
| <b>Vê todo o dia</b>   | 7                        | 7                     |
| <b>Não responde</b>    | 8                        | 8                     |

## Anexos

**5.3- (MOSTRAR CARTÃO 4) -Em que momento do dia mais consulta a Internet ? E a seguir ? E a seguir ?**

|   | <b>1º lugar</b> | <b>2º lugar</b> | <b>3º lugar</b> |
|---|-----------------|-----------------|-----------------|
|   | (61)            | (62)            | (63)            |
| <b>Início da manhã</b>                  | 1               | 1               | 1               |
| <b>Manhã</b>                            | 2               | 2               | 2               |
| <b>Ao almoço</b>                        | 3               | 3               | 3               |
| <b>Tarde</b>                            | 4               | 4               | 4               |
| <b>Fim de tarde (entre 18 e 19,30h)</b> | 5               | 5               | 5               |
| <b>Ao jantar</b>                        | 6               | 6               | 6               |
| <b>Depois do jantar</b>                 | 7               | 7               | 7               |
| <b>Todo o dia</b>                       | 8               | 8               | 8               |
| <b>Não responde</b>                     | 9               | 9               | 9               |

**5.4- Tem uma página na Internet? E um blog ?**

[RESPOSTA NO QUADRO ]

|            | <b>Página</b> | <b>Blogue</b> |
|------------|---------------|---------------|
|            | (64)          | (65)          |
| <b>Sim</b> | 1             | 1             |
| <b>Não</b> | 2             | 2             |

## A n e x o s

### 5.4-Para que actividades costuma usar a Internet ?

**PARA CADA UMA : Com que frequência lê ? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?**

#### ANOTAR TODAS AS ACTIVIDADES REFERIDAS

|  | <b>COSTUMA UTILIZAR</b> | <b>Sempre</b> | <b>Frequente mente</b> | <b>Por vezes</b> | <b>Raramente</b> | <b>Nunca</b> |
|--|-------------------------|---------------|------------------------|------------------|------------------|--------------|
|  | (66)                    | (67)          | (68)                   | (69)             | (70)             | (71)         |
| <b>Trabalho / Profissão</b>  | 1                       | 1             | 1                      | 1                | 1                | 1            |
| <b>Estudo / Formação</b>   | 2                       | 2             | 2                      | 2                | 2                | 2            |
| <b>Distracção/ Divertimento</b>                                      | 3                       | 3             | 3                      | 3                | 3                | 3            |
| <b>Contacto e relacionamento</b>                                     | 4                       | 4             | 4                      | 4                | 4                | 4            |
| <b>Aceder a serviços on line</b>                                     | 5                       | 5             | 5                      | 5                | 5                | 5            |
| <b>Efectuar compras on line</b>                                      | 6                       | 6             | 6                      | 6                | 6                | 6            |
| <b>Edições on line de jornais , rádios e televisão portugueses</b>   | 7                       | 7             | 7                      | 7                | 7                | 7            |
| <b>Edições on line de jornais , rádios e televisões estrangeiras</b> | 8                       | 8             | 8                      | 8                | 8                | 8            |
| <b>MSN Messenger</b>   | 9                       | 9             | 9                      | 9                | 9                | 9            |
| <b>You Tube</b>  | 0                       | 0             | 0                      | 0                | 0                | 0            |
| <b>Visionamento de programas de TV</b>                               | X                       | X             | X                      | X                | X                | X            |
| <b>Aceder ao email</b>   | Y                       | Y             | Y                      | Y                | Y                | Y            |
|  | (72)                    | (73)          | (74)                   | (75)             | (76)             | (77)         |
| <b>Participação em blogs</b>   | 1                       | 1             | 1                      | 1                | 1                | 1            |
| <b>Outras. QUAIS?</b>  |                         |               |                        |                  |                  |              |
|  | (78)_____               | 4             | 4                      | 4                | 4                | 4            |
|  | (78)_____               | 5             | 5                      | 5                | 5                | 5            |

### 5.5-Onde é que costuma consultar mais a Internet ? E a seguir , em segundo lugar ? E a seguir , em terceiro

## Anexos

lugar ?

|                                | 1º lugar | 2º lugar | 3º lugar |
|--------------------------------|----------|----------|----------|
|                                | (79)     | (80)     | (11)     |
| <b>Em Casa</b>                 | 1        | 1        | 1        |
| <b>No local de trabalho</b>    | 2        | 2        | 2        |
| <b>Nos transportes</b>         | 3        | 3        | 3        |
| <b>Café / Bar/ Restaurante</b> | 4        | 4        | 4        |
| <b>Clube/Associação</b>        | 5        | 5        | 5        |
| <b>Cibercafé</b>               | 6        | 6        | 6        |
| <b>Outro local. Qual ?</b>     | 7        | 7        | 7        |
|                                | *        | *        | *        |
|                                | *        | *        | *        |
|                                | *        | *        | *        |

**GRAVAÇÃO :**

(01) a (08) – repetir

(09) = 0

(10)= 4

5.6- Com frequência costuma discutir conteúdos que encontra na Internet com familiares ? Sempre , frequentemente , por vezes , raramente ou nunca ?

E com amigos ?

E com colegas (de estudo ou trabalho) ?

|   | Sempre | Frequente mente | Por vezes | Raramente | Nunca |
|---|--------|-----------------|-----------|-----------|-------|
|   | (12)   | (13)            | (14)      | (15)      | (16)  |
| <b>Com familiares</b>                         | 1      | 1               | 1         | 1         | 1     |
| <b>Com amigos</b>                             | 2      | 2               | 2         | 2         | 2     |
| <b>Com colegas (de estudo ou de trabalho)</b> | 3      | 3               | 3         | 3         | 3     |

5.7-Gostaria agora de saber se concorda totalmente , concorda , discorda ou discorda totalmente com cada

uma das seguintes afirmações (MOSTRAR CARTÃO 7)

|  | Concor da total mente | Concor da | Não concorda nem discorda | Discorda | Discorda totalmen te | Não responde |
|--|-----------------------|-----------|---------------------------|----------|----------------------|--------------|
|  | (17)                  | (18)      | (19)                      | (20)     | (21)                 | (22)         |
| A internet substitui a leitura de jornais              | 1                     | 1         | 1                         | 1        | 1                    | 1            |
| A internet substitui a TV                              | 2                     | 2         | 2                         | 2        | 2                    | 2            |
| A internet afecta a relação directa entre as pessoas   | 3                     | 3         | 3                         | 3        | 3                    | 3            |
| A internet reforça laços de amizade e de solidariedade | 4                     | 4         | 4                         | 4        | 4                    | 4            |
| A internet provoca desemprego                          | 5                     | 5         | 5                         | 5        | 5                    | 5            |
| A internet oferece novas oportunidades de trabalho     | 6                     | 6         | 6                         | 6        | 6                    | 6            |

5.8- Como avalia a sua capacidade de navegação na internet ?

**CODIFICAÇÃO:**

(23) \_\_\_\_\_ (24) \_\_\_\_\_

(25) \_\_\_\_\_

**6. SÓ PARA INQUIRIDOS COM FILHOS VIVENDO NO LAR**

6.1- Tem filhos até 15 anos a viver neste lar ?

|     |      |
|-----|------|
|     | (26) |
| Sim | 1    |
| Não | 0    |

SE SIM ----- Fazer a P.6.2 e seguintes

SE NÃO-----Passar à P. 7.1

6.2- Que idade/s tem/têm ?

VÁRIAS RESPOSTAS POSSÍVEIS

|                     |      |
|---------------------|------|
|                     | (27) |
| <b>Até 5 anos</b>   | 1    |
| <b>6 a 10 anos</b>  | 2    |
| <b>10 a 14 anos</b> | 3    |

6.3- Qual ou quais destes equipamentos estão instalados no quarto dos seus filhos ?

6.4- Quais pretende comprar-lhe ?

|  | <b>Instalados</b> | <b>Pretende comprar</b> |
|--|-------------------|-------------------------|
|  | (28)              | (29)                    |
| <b>Televisão</b>                         | 1                 | 1                       |
| <b>TV Cab0/TV digital</b>                | 2                 | 2                       |
| <b>Teletexto</b>                         | 3                 | 3                       |
| <b>Video gravador</b>                    | 4                 | 4                       |
| <b>DVD</b>                               | 5                 | 5                       |
| <b>Rádio</b>                             | 6                 | 6                       |
| <b>Aparelhagem CD/ gravador cassetes</b> | 7                 | 7                       |
| <b>MP3/MP4</b>                           | 8                 | 8                       |
| <b>IPOD</b>                              | 9                 | 9                       |
| <b>PDA</b>                               | 0                 | 0                       |
| <b>Consolas de jogo ligadas à TV</b>     | X                 | X                       |
| <b>Consolas de jogos ( Gameboy)</b>      | Y                 | Y                       |
|  | (30)              | (31)                    |
| <b>PC/Computador com DVD</b>             | 1                 | 1                       |
| <b>PC/Computador sem DVD</b>             | 2                 | 2                       |
| <b>Internet</b>                          | 3                 | 3                       |
| <b>Telemovel</b>                         | 4                 | 4                       |
| <b>Livros não escolares</b>              | 5                 | 5                       |
| <b>Camara de video</b>                   | 6                 | 6                       |
| <b>Máquina fotográfica</b>               | 7                 | 7                       |

SE TEM TV NO QUARTO ----- Fazer a P.6.5 e seguintes

SE NÃO TEM -----Passar à P.6.6

**6.5- Porque é que os seus filhos não têm TV no quarto ?**

|                                       | (32) |
|---------------------------------------|------|
| Porque ele/s não querem               | 1    |
| Porque os pais não querem             | 2    |
| Porque não nenhum aparelho disponível | 3    |
| Outras razões. QUAIS ?                | 4    |
|                                       | *    |
|                                       | *    |
|                                       | *    |

**6.6 – Esta muito satisfeito , satisfeito , insatisfeito ou muito insatisfeito com os programas de TV para crianças ?**

|                                 | (33) |
|---------------------------------|------|
| Muito satisfeito                | 5    |
| Satisfeito                      | 4    |
| Nem satisfeito nem insatisfeito | 3    |
| Insatisfeito                    | 2    |
| Muito insatisfeito              | 1    |
| Não responde                    | 0    |



6.7-Gostaria agora de saber se concorda totalmente , concorda , discorda ou discorda totalmente com cada uma das seguintes afirmações ( *MOSTRAR CARTÃO 7* )

|  | Concor<br>da total<br>mente | Concor<br>da | Não<br>concorda<br>nem<br>discorda | Discorda | Discorda<br>totalmen<br>te | Não<br>responde |
|--|-----------------------------|--------------|------------------------------------|----------|----------------------------|-----------------|
|  | (34)                        | (35)         | (36)                               | (37)     | (38)                       | (39)            |
| O meu filho aprende muito com a TV   | 1                           | 1            | 1                                  | 1        | 1                          | 1               |
| Ver TV motiva o meu filho à preguiça   | 2                           | 2            | 2                                  | 2        | 2                          | 2               |
| Ver TV motiva o meu filho a ler bons livros  | 3                           | 3            | 3                                  | 3        | 3                          | 3               |
| O meu filho poderia ler mais se visse menos TV   | 4                           | 4            | 4                                  | 4        | 4                          | 4               |
| O meu filho percebe a diferença entre personagens e pessoas reais                              | 5                           | 5            | 5                                  | 5        | 5                          | 5               |
| Frequentemente o meu filho quer comprar coisas que viu na TV                                   | 6                           | 6            | 6                                  | 6        | 6                          | 6               |
| O meu filho já é demasiado crescido para eu lhe dizer o que pode ver na TV                     | 7                           | 7            | 7                                  | 7        | 7                          | 7               |
| Ver TV tem feito o meu filho crescer mais depressa   | 8                           | 8            | 8                                  | 8        | 8                          | 8               |
| Ver TV tem feito com que o meu filho considere a violência como normal no dia a dia            | 9                           | 9            | 9                                  | 9        | 9                          | 9               |
| Frequentemente , o meu filho fica aborrecido com as notícias sobre violência                   | 0                           | 0            | 0                                  | 0        | 0                          | 0               |
| Frequentemente , o meu filho fica aborrecido com os programas de ficção que envolvam violência | X                           | X            | X                                  | X        | X                          | X               |
| Por vezes , o meu filho imita comportamentos que viu na TV                                     | Y                           | Y            | Y                                  | Y        | Y                          | Y               |

6.8- Em sua opinião , o que seria preciso para melhorar a programação infantil da TV ?

**CODIFICAÇÃO:**

(40) \_\_\_\_\_ (41) \_\_\_\_\_

(42) \_\_\_\_\_

**7. ERC**

**7.1- Conhece a existência da Entidade Reguladora para a Comunicação Social – ERC ?**

|     |      |
|-----|------|
|     | (43) |
| Sim | 1    |
| Não | 0    |

SE CONHECE ----- Fazer a P.7.2 e seguintes

SE NÃO CONHECE-----Passar a DADOS DE CLASSIFICAÇÃO

**7.2-Gostaria agora de saber se concorda totalmente , concorda , discorda ou discorda totalmente com cada uma das seguintes afirmações ( MOSTRAR CARTÃO 7)**

|  | Concor da total mente | Concor da da | Não concorda nem discorda | Discorda | Discorda totalmen te | Não responde |
|--|-----------------------|--------------|---------------------------|----------|----------------------|--------------|
| <b>A ERC SERVE PARA .....</b>                    | (44)                  | (45)         | (46)                      | (47)     | (48)                 | (49)         |
| Assegurar o direito a informar e a ser informado | 1                     | 1            | 1                         | 1        | 1                    | 1            |
| Garantir os interesses do Governo                | 2                     | 2            | 2                         | 2        | 2                    | 2            |
| Impedir a pornografia e a difamação              | 3                     | 3            | 3                         | 3        | 3                    | 3            |
| Limitar a iniciativa privada                     | 4                     | 4            | 4                         | 4        | 4                    | 4            |
| Fiscalizar a actividade dos jornalistas          | 5                     | 5            | 5                         | 5        | 5                    | 5            |
| Salvaguardar a identidade nacional               | 6                     | 6            | 6                         | 6        | 6                    | 6            |

**DADOS DE CLASSIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

**ENTREVISTADOR: Preenchimento de todos os dados**

**8.1-SITUAÇÃO CONJUGAL** (50)

|                 |   |
|-----------------|---|
| *Solteiro/a     | 1 |
| *Casado/a       | 2 |
| *União de facto | 3 |
| *Divorciado     | 4 |
| *Separado/a     | 5 |
| *Viuvo          | 6 |
| *Não responde   | 7 |

**8.2-NATURALIDADE** (51)

|                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| * A-Do concelho em que vive           | 1 |
| * B-De outro concelho ( em Portugal ) | 2 |
| * C-De outro País                     | 3 |

**SE A-**

**Naturalidade dos Pais**

|                                      |            |
|--------------------------------------|------------|
|                                      | <b>PAI</b> |
| Do mesmo Concelho                    | 4          |
| De outro Concelho em Portugal-Qual ? | 5          |
| De outro País- Qual ?                | 6          |

**MAE**

|                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| Do mesmo Concelho                    | 7 |
| De outro Concelho em Portugal-Qual ? | 8 |
| De outro País- Qual ?                | 9 |

**SE B ou C -**

**\* De que Concelho ou País é natural ?**

|  |      |
|--|------|
|  | (52) |
|  | (53) |

**\*Onde vivem os seus familiares mais próximos ?**

**CONJUGE** (54)

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| *No Concelho em que reside     | 1 |
| *No Concelho de onde é natural | 2 |
| *Noutro Concelho. Qual ?       | 3 |
| *No País donde é natural       | 4 |
| * Noutro País. Qual ?          | 5 |

**FILHOS**

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| *No Concelho em que reside     | 6 |
| *No Concelho de onde é natural | 7 |
| *Noutro Concelho. Qual ?       | 8 |
| *No País donde é natural       | 9 |
| * Noutro País. Qual ?          | 0 |

**PAI**

|                                |      |
|--------------------------------|------|
|                                | (55) |
| *No Concelho em que reside     | 1    |
| *No Concelho de onde é natural | 2    |
| *Noutro Concelho. Qual ?       | 3    |
| *No País donde é natural       | 4    |
| * Noutro País. Qual ?          | 5    |

**MAE**

(56)

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| *No Concelho em que reside     | 1 |
| *No Concelho de onde é natural | 2 |
| *Noutro Concelho. Qual ?       | 3 |
| *No País donde é natural       | 4 |
| * Noutro País. Qual ?          | 5 |

**IRMÃOS**

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| *No Concelho em que reside     | 6 |
| *No Concelho de onde é natural | 7 |
| *Noutro Concelho. Qual ?       | 8 |
| *No País donde é natural       | 9 |
| * Noutro País. Qual ?          | 0 |

**8.3-Pensa regressar ao Concelho em que nasceu ( em Portugal ) ou ao País da sua naturalidade?**

(57)

|               |   |
|---------------|---|
| *Sim          | 1 |
| *Não          | 2 |
| *Talvez       | 3 |
| *Não responde | 4 |

**8.3.1-SE SIM : \*Quando ?**

|                        |   |
|------------------------|---|
| *Na idade activa       | 5 |
| * Na reforma           | 6 |
| *Não responde/Não sabe | 7 |

**8.4-Ajuda financeiramente familiares que vivem noutro Concelho ( em Portugal ) ou noutro País ?**

|               |   |
|---------------|---|
| *Sim          | 8 |
| *Não          | 9 |
| *Não responde | 0 |

**8.5- Qual é a sua profissão ?**

DETALHAR:

(58) (59) (60)

**8.6-Exerce mais alguma actividade profissional ?**

|      |   |
|------|---|
| *Sim | Y |
| *Não | X |

**SE SIM : Qual ?Actividade em em detalhe:**

(61) (62) (63)

**8.7- Em média , considerando todas as suas actividades profissionais , quantas horas trabalha por dia ?**

|      |          |           |
|------|----------|-----------|
|      | <b>h</b> | <b>m</b>  |
| (64) | (65)     | (66) (67) |

**8.8- Rendimento médio do agregado familiar (Em euros )** (68)

|                |   |
|----------------|---|
| Menos de 1.000 | 1 |
| 1.000 a 2.000  | 2 |
| 2.001 a 3.000  | 3 |
| 3.001 a 5.000  | 4 |
| Mais de 5.000  | 5 |
| Não responde   | 6 |

**8.9-Anos de escolaridade concluídos com sucesso**

|            |      |
|------------|------|
| _____ anos | (69) |
| _____ anos | (70) |

**8.9- Grau de escolaridade atingida** (71)

|                  |   |
|------------------|---|
| Sem escolaridade | 1 |
| Básico           | 2 |
| Secundário       | 3 |
| Superior         | 4 |
| Não responde     | 5 |

**8.10-Em quem votou nas últimas eleições legislativas ?** (72)

|               |   |
|---------------|---|
| Não votou     | 1 |
| CDS-PP        | 2 |
| PSPSD         | 3 |
| PCP/CDU       | 4 |
| BE            | 5 |
| Outro         | 6 |
| Não se lembra | 7 |
| Não responde  | 8 |

**8.11-Em quem votou nas ultimas eleições presidenciais ?** (73)

|               |   |
|---------------|---|
| Não votou     | 1 |
| Cavaco Silva  | 2 |
| Manuel Alegre | 3 |
| Não se lembra | 4 |
| Não responde  | 5 |

**8.12- Qual o grau de interesse que lhe despertam as seguintes áreas? Muito , algum ,pouco ou nenhum ?**

|                                 | Muito | Algum | Pouco | Nenhum |
|---------------------------------|-------|-------|-------|--------|
|                                 | (74)  | (75)  | (76)  | (77)   |
| <b>Política nacional</b>        | 1     | 1     | 1     | 1      |
| <b>Política internacional</b>   | 2     | 2     | 2     | 2      |
| <b>Assuntos europeus</b>        | 3     | 3     | 3     | 3      |
| <b>Informação local</b>         | 4     | 4     | 4     | 4      |
| <b>Sociedade</b>                | 5     | 5     | 5     | 5      |
| <b>Economia</b>                 | 6     | 6     | 6     | 6      |
| <b>Saude,Educação, Justiça</b>  | 7     | 7     | 7     | 7      |
| <b>Ciencia e Tecnologia</b>     | 8     | 8     | 8     | 8      |
| <b>Ambiente</b>                 | 9     | 9     | 9     | 9      |
| <b>Desporto</b>                 | 0     | 0     | 0     | 0      |
| <b>Crítica</b>                  | X     | X     | X     | X      |
| <b>Cinema,Teatro,Literatura</b> | Y     | Y     | Y     | Y      |

**CONTEXTO DA ENTREVISTA ( descrição do espaço, comportamento do entrevistado , relação estabelecida , presença e eventual intervenção de terceiros )**

**D.1 DISTRITOS** (78)

|                           |      |
|---------------------------|------|
| Aveiro / Viseu            | Y    |
| Beja /Evora               | X    |
| Braga                     | 0    |
| Bragança/Guarda/Vila Real | 1    |
| Castelo Branco            | 2    |
| Coimbra /Leiria           | 3    |
| Faro                      | 4    |
| Lisboa                    | 5    |
| Portalegre /Santarem      | 6    |
| Porto                     | 7    |
| Setubal                   | 8    |
| Viana do Castelo          | 9    |
|                           | (79) |
| R.A.Açores                | 1    |
| R.A.Madeira               | 2    |

**D.2 HABITAT** (80)

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| *Até 500 habitantes             | 1 |
| *De 500 a 1.000 habitantes      | 2 |
| *De 1.000 a 2.000 habitantes    | 3 |
| *De 2.000 a 5.000 habitantes    | 4 |
| *De 5.000 a 10.000 habitantes   | 5 |
| *De 10.000 a 20.000 habitantes  | 6 |
| *De 20.000 a 50.000 habitantes  | 7 |
| *De 50.000 a 100.000 habitantes | 8 |
| *Mais de 100.000 habitantes     | 9 |

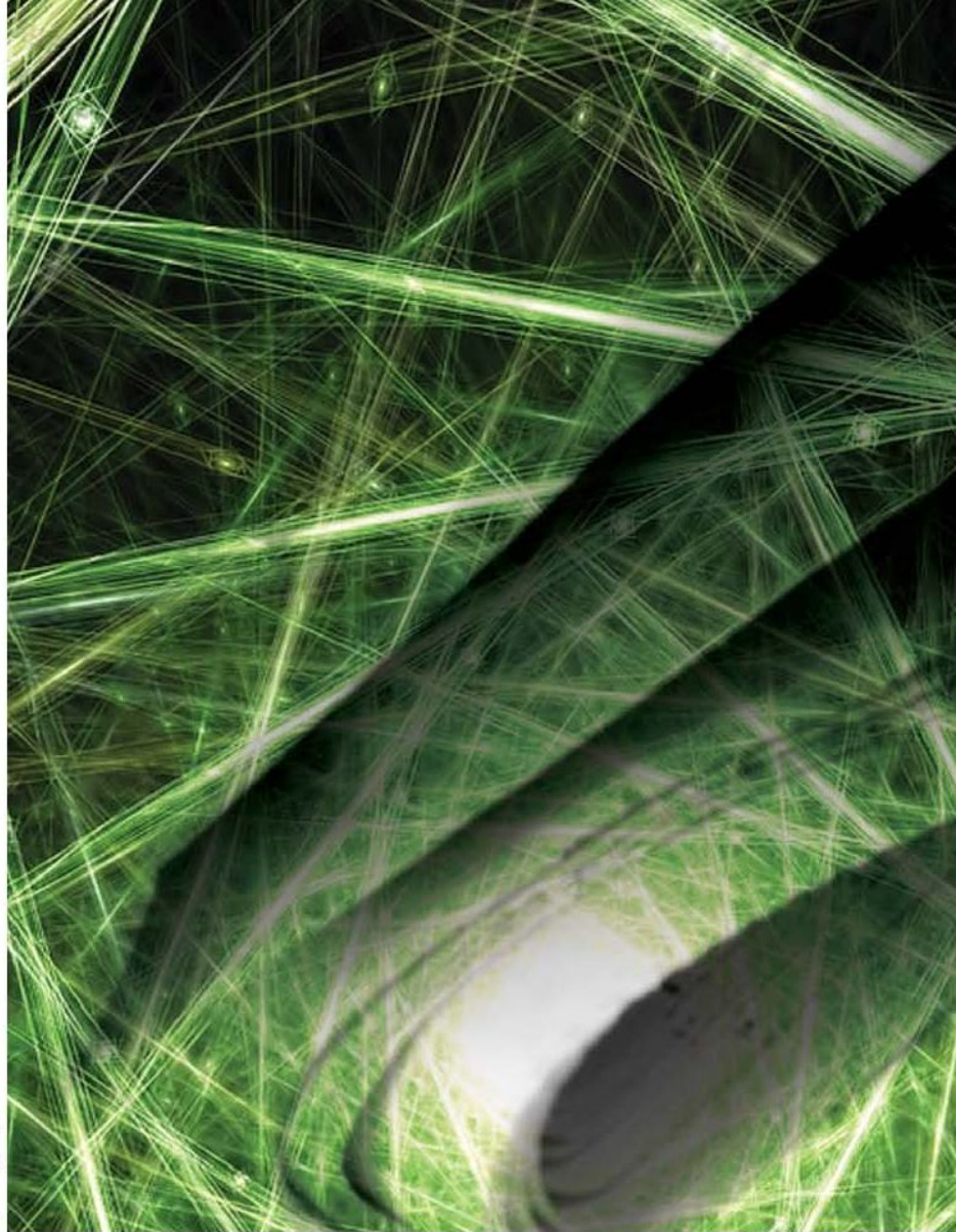
**AGRADECER E TERMINAR**

DATA |\_\_\_\_\_|/|\_\_\_\_\_|/|\_\_\_\_\_|  
(Dia) (Mês)

"Realizado de acordo com as normas do Código Deontológico ESOMAR e instruções do briefing"

(Assinatura do entrevistador)





Copyright © 2008, All Rights Reserved

ERC

2008